

UNIVERSIDADE DO ALGARVE
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO

“MENINOS ESPECIAIS, PAIS DIFERENTES”

Educação de Adultos e Cidadania

Dora de Jesus Graça Barradas

Dissertação para Mestrado em Educação Social

Dissertação Orientada Por: Prof^a Doutora Helena Luísa Martins Quintas

ANO 2013



UNIVERSIDADE DO ALGARVE
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO

“MENINOS ESPECIAIS, PAIS DIFERENTES”

Educação de Adultos e Cidadania

Dora de Jesus Graça Barradas

Dissertação para Mestrado em Educação Social

Dissertação Orientada Por: Prof^a Doutora Helena Luísa Martins Quintas

ANO 2013

Declaração de Autoria de Trabalho

“MENINOS ESPECIAIS, PAIS DIFERENTES”

Educação de Adultos e Cidadania

“Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referência incluída”

Dora de Jesus Graça Barradas

“Copyright” em nome da aluna, Dora de Jesus Graça Barradas da Universidade do Algarve – Escola Superior de Educação e Comunicação.

“A Universidade do Algarve tem o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicitar este trabalho através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, de o divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objetivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor.”

AGRADECIMENTOS

Embora este seja um trabalho individual ele resulta de muitas interações e de muita energia e apoio recolhido de muitas pessoas diferentes que, de forma direta ou indireta conviveram comigo contribuindo para que se tornasse realidade.

Assim, será necessário que faça alguns agradecimentos sabendo que poderei correr o risco de não mencionar da melhor forma todos os que me acompanharam nesta jornada.

Em primeiro lugar um agradecimento de profundo reconhecimento à minha orientadora a professora Helena Quintas, pela amizade, pelos conhecimentos e pelas pertinentes críticas e sugestões que sempre manifestou, também pela disponibilidade que sempre demonstrou num acompanhamento que respeitou o meu próprio ritmo de execução do trabalho. Agradeço ter partilhado comigo a sua visão positiva do mundo com todas as complexidades do mesmo, dando-me a oportunidade de reflexão acerca da sua sabedoria sobre as pessoas e os processos, que em muito me ajudou a pensar sobre os aspetos com que estava a trabalhar.

Aos meus professores e colegas, quer de licenciatura, quer de mestrado, pelo que foram capazes de transmitir e partilhar, num processo de aprendizagem e conhecimento que eu julgava já não ser capaz de fazer.

Um obrigado especial ao professor António Fragoso pela sua orientação de trabalhos e coordenação de mestrado, que com motivação, especial dinâmica e incentivo, nos levou a um nível de conhecimento maior. Pelo seu trabalho de qualidades humanas e técnicas, quer com alunos quer com docentes, haverá que lhe deixar agradecimento por ser um professor de excepcional qualidade na Universidade do Algarve.

Aos meus amigos e amigas, os de mais perto ou de mais longe, que de uma maneira ou de outra estiveram presentes para me dar apoio, porque a amizade é sempre um bom local de encontro, não importa onde nem quando. Mesmo não se dando conta, uma palavra, um momento de saber ouvir, ajuda em todos os aspetos.

A algumas dessas minhas maravilhosas amigas, mulheres especiais, com quem trabalho diariamente e que sempre me apoiaram e incentivaram, deram motivação e também emprestaram alguma da sua inspiração para os textos deste trabalho.

Ao grupo de mães e auxiliares que pronta e voluntariamente se dispuseram a ser o meu grupo de investigação, quero deixar um agradecimento especial e profundo, pela sua partilha emotiva, pela sua vontade e entrega, pela coragem que têm em cada dia, pelos momentos de reflexão conjunta e pela vontade de continuidade que expressaram.

Foi gratificante poder trabalhar com pessoas que tão bem souberam corresponder aos objetivos pretendidos.

Aos “meninos especiais” que fui conhecendo e que sempre me inundaram de inspiração, um agradecimento por tudo o que a vida nos oferece.

Um agradecimento à minha família, à minha mãe e irmão, por bons momentos de partilha e incentivo, e muito em particular aos meus filhos que, desde o primeiro minuto, quando lhes perguntei o que achavam de poder entrar neste desafio que lhes ia retirar muito do meu tempo e atenção, sempre me disseram que seguisse em frente. Todos os dias, a energia dos seus sorrisos, as palavras de carinho que me dizem ao deitar - aquele, amo-te muito! - foram a minha força viva para conseguir aceitar esta tarefa e poder terminá-la.

O meu agradecimento Senhor, pela inspiração e pela vida!

RESUMO

Este trabalho foi desenvolvido com base numa investigação participativa junto de um grupo de pais de crianças com necessidades educativas especiais no agrupamento de escolas de S. Brás de Alportel. Procurámos investigar a participação parental dos encarregados de educação destas crianças e, tratando-se de uma investigação participativa, pretendemos que encontrassem respostas para um apoio mais efetivo na escola e para o exercício de uma cidadania mais ativa na respetiva comunidade.

Através de uma metodologia de investigação-ação que assentou em sessões com pais, mas também apoiados em entrevistas realizadas a diferentes elementos da comunidade educativa, tais como professores, técnicos de educação especial e auxiliares de ação educativa, refletimos e analisámos no sentido de averiguar em como é que a parentalidade positiva se traduz em participação cidadã. Pelo exposto, quer nas sessões de Investigação Participativa, quer nos seus depoimentos avaliativos, os resultados apontam para uma possibilidade de participação cidadã mais ativa por parte destas famílias e auxiliares educativas nas escolas

Pretendem iniciar atividades concretas na comunidade escolar; pretendem poder continuar a refletir em grupo, alargado a mais famílias; desejam dinamizar ações específicas com as professoras das turmas de seus educandos; desejam poder criar ações de sensibilização na comunidade local. Finalmente, gostariam de poder ser iniciadoras de um projeto de atividades ocupacionais para jovens com e sem necessidades educativas especiais, um projeto de ocupação de tempos livres pela inclusão.

Palavras-chave: Parentalidade Positiva, Necessidades Educativas Especiais (NEE), Investigação Participativa, Cidadania Participativa

ABSTRACT

This work was developed based on participatory research with a group of parents of children with special educational needs in school cluster S. Brás de Alportel. We sought to investigate the role of parental caregivers of these children and, in the case of a participatory research, we want to find answers to more effective support in school and to pursue a more active citizenship in the respective community.

Through an action research methodology that sat in sessions with parents, but also supported by interviews with different elements of the educational community, such as teachers, coaches and special education assistants educational activity, reflected and analyzed in order to ascertain to how the positive parenting translates into citizen participation. Expressed by both sessions of Participatory Research, both in their evaluative statements, the results point to a possibility of more active citizen participation by these families and educational assistants in schools

They want to initiate concrete activities in the school community; want to continue to reflect on group, extended to more families; want specific actions to streamline the teachers of the classes of their students; want to be able to create awareness actions in the local community. Finally, we would like to be starting a project of occupational activities for youth with and without special needs, a project of leisure for inclusion.

Keywords: Positive Parenting, Special Educational Needs (SEN), Participatory Research, Participatory Citizenship

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	iv
RESUMO	vi
ABSTRACT	vii
Índice de Figuras	xi
Índice de Tabelas	xii
Lista de siglas	xiii
INTRODUÇÃO.....	1
PARTE I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO	3
Capítulo I – A parentalidade Positiva.....	4
1 - Parentalidade Positiva ... o desafio de sermos pais	4
2 - A parentalidade para os pais das crianças com NEE.....	9
3 - A Parentalidade positiva na defesa dos direitos das crianças e jovens.....	16
Capítulo II – As crianças e a escola.....	20
1-As crianças com NEE e a escola	20
2- Participação dos Pais na Escola: uma realidade a crescer	25
3- Educação: um conceito para ser partilhado por pais e escola.....	29
3.1 - A perspetiva sociológica	30
3.2 - A influência da família.....	33
Capítulo III – Educação de Adultos	35
1-Educação e Formação de Adultos	35
2 - Educação Permanente e Aprendizagem ao Longo da Vida.....	38
3 - Educação de adultos e cidadania nas competências parentais.....	40
3.1 - Cidadania participativa	43
3.2 - Os espaços escolares e a construção da cidadania participativa	46
PARTE II - ESTUDO EMPIRICO.....	50
CAPITULO IV – Opções metodológicas.....	51
1 - Problema da investigação	51
2 - Questões de investigação.....	54
3 - Objetivos da investigação.....	55
4 - Paradigma da Investigação	56

5 - Investigação Ação e Investigação Participativa	59
6 - Modelo de Análise.....	62
7- Contexto da investigação e protagonistas do estudo	64
7.1. Caracterização do contexto da investigação.....	66
7.2- Caracterização do agrupamento de escolas de S. Brás de Alportel	68
7.3- Caracterização dos protagonistas do estudo	71
8 - Técnicas e Instrumentos de recolha de dados.....	73
8.1 – Entrevistas	73
8.2- Realização das entrevistas e procedimento de análise dos dados recolhidos ..	76
8.3 -Observação Direta e Grelhas de Observação.....	77
8.4 - Aplicação das grelhas de observação e procedimento de análise dos dados recolhidos	79
9- Relação entre os objetivos do estudo e as técnicas e instrumentos de recolha de dados	80
PARTE III - RESULTADOS	82
CAPITULO V- Apresentação e discussão de Resultados	83
1 - Introdução.....	83
2 - Apresentação de dados da sessão “Meninos especiais, Pais diferentes”	83
3 - Apresentação dos resultados das entrevistas	89
3.1 - Análise global sobre todos os respondentes.....	98
4– Apresentação de resultados dos registos das grelhas de observação das sessões de IP.....	103
5 - Apresentação de resultados do grupo de Investigação Participativa.....	105
5.1 - Resultados das fichas individuais de avaliação	108
6 - Resultado Global do grupo de IP.....	115
7 – Potencialidades e limitações da investigação	117
CONCLUSÕES	118
REFERÊNCIAS	121
ANEXOS	125
ANEXO 1 – Documentos de entrevista.....	126
1.1 – Guião de entrevista (s)	126
1.2 - Transcrição de Entrevistas.....	129
1.3 - Análise de Entrevistas	147
ANEXO 2 – Documentos de registo	186

2.1 – Modelo de fichas de avaliação das sessões.....	186
2.2 – Modelo de ficha de avaliação da sessão final de IP.....	187
2.3 – Tabela de transcrição de perguntas abertas – ficha avaliação da sessão final .	189
2.4 – Tabela de transcrição de perguntas abertas – ficha de avaliação final	194
2.5 – Fichas de organização de sessões de IP	198
2.6 – Modelo de grelha de observação das sessões de IP	203
2.7 – Modelo de grelha de observação registos / tipologia de intervenções.....	204
2.8 - Transcrição dos registos das grelhas de observação por sessão de grupo de IP208	
ANEXO 3 – Documentos de apoio	210
3.1 - Convite	210
3.2 - Apresentação Power Point do trabalho de investigação	211
3.3 – Ficha de avaliação de sessão pública	215
3.4 – Carta para o órgão de gestão do agrupamento escolar.....	216
3.5 – Cronograma de atividades do trabalho de investigação.....	217
3.6 – Texto da Associação “Pais em rede”	218

Índice de Figuras

Figura 4.1 - Dos conceitos à participação.....	64
Figura 4.2 - Estruturação do processo metodológico	66
Figura 4.3 - Mapa do Algarve	67
Figura 4.4 - Mapa de Vias - S. Brás de Alportel	67
Figura 5.5 - Resultados sobre interesse do trabalho da “ Pais em Rede”	86
Figura 5.6 - Resultados do entendimento da proposta de trabalho da investigação	87
Figura 5.7 - Resultados de voluntários para o grupo de IP.....	88
Figura 5.8 - Interações relacionais de apoio entre sujeitos.....	100
Figura 5.9 - Necessidades mais mencionadas pelos sujeitos entrevistados.....	102
Figura 5.10 - Participação no grupo de IP	106
Figura 5.11 - Relacionamento Intergrupual.....	107
Figura 5.12 - Resultados sobre interesse das sessões de IP	109
Figura 5.13 - Resultados de satisfação sobre metodologia e conteúdos do grupo de IP	110
Figura 5.14 - Resultados de participação dos elementos do grupo de IP	110
Figura 5.15 - Resultados de participação individual no grupo de IP.....	111
Figura 5.16 - Resultados da mediação e participação da investigadora no grupo de IP	111
Figura 5.17 - Resumo de relações de Investigação Participação.....	118

Índice de Tabelas

Tabela 4.1 - Caraterização dos protagonistas do estudo sua motivação para participação no grupo.....	72
Tabela 4.2 Guião de Entrevista.....	74
Tabela 4.3 Grelha de Observação para sessões de IP.....	79
Tabela 4.4 - Tipologia das intervenções das protagonistas	80
Tabela 4.5 Relações entre objetivos e fontes de recolha de dados	81
Tabela 5.6 - Respondentes Professoras - Resumo Categoria (C).....	95
Tabela 5.7 - Respondentes auxiliares - Resumo Categoria (A).....	96
Tabela 5.8 - Respondentes auxiliares - Resumo Categoria (B).....	97
Tabela 5.9 - Respondentes Auxiliares - Resumo Categoria (C).....	97
Tabela 5.10 - Critérios de Avaliação/Fichas individuais de sessão.....	109
Tabela 5.11 - Resultados quantitativos sobre participação e satisfação no grupo de IP	113

Lista de siglas

- ALV – Aprendizagem ao Longo da Vida
ANEFA – Associação Nacional de Educação e Formação de Adultos
EP – Educação Permanente
IA – Investigação Ação
IP – Investigação Participativa
NEE – Necessidades Educativas Especiais
NNE – Novas Necessidades Emergentes
PEI – Programa de Educação Individual
PIIP- Plano Individual de Intervenção Precoce
SNIP – Sistema Nacional de Intervenção Precoce
TIC – Tecnologias da Informação e Comunicação
UNESCO- Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura
OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico
UE – União Europeia

INTRODUÇÃO

Ao pensar na realização deste trabalho tive por base o conhecimento da realidade educativa do concelho de S. Brás de Alportel, local onde trabalho e vivo há cerca de 23 anos. Também a minha experiência pessoal enquanto mãe envolvida no movimento associativo de pais e como técnica da autarquia com funções de apoio ao pelouro da educação. Ainda as atividades e a dinamização da participação dos munícipes que diariamente acompanho em projetos diversificados no município, me motivou para o tema que escolhi.

De que forma as questões da parentalidade se poderiam articular com uma participação cidadã efetiva?

Ao participar na vida associativa da escola nunca vi que pais de crianças com necessidades educativas especiais (NEE) participassem nesse movimento.

Observando a realidade escolar deste concelho nos diferentes níveis de ensino já há cerca de duas décadas, dei-me conta de necessidades de maior inclusão das crianças com NEE no ensino regular.

Senti-me motivada para procurar uma questão de investigação que pudesse incluir a parentalidade, vivenciada por pais de crianças com NEE, e ser, em simultâneo, um instrumento/ferramenta de apoio para as famílias e comunidade escolar num auxílio para uma maior cidadania, mais ativa e participada.

Esta investigação contou com a presença efetiva de pais e auxiliares da comunidade educativa local. Numa intervenção de investigação participativa fez-se reflexão sobre dificuldades e necessidades identificadas, quer por pais, auxiliares e professoras; debateram-se dúvidas, equacionaram-se respostas, enquanto promotores de parentalidade positiva com as suas crianças. Partilharam-se experiências pessoais e familiares distintas mas com aspetos comuns, apoiaram-se ideias de mudança e inovação para o contexto das escolas no concelho, interiorizaram-se de maneira mais clara e consistente os conceitos de parentalidade positiva e de cidadania participativa.

A ideia da mudança através de um posicionamento mais pró-ativo e participativo; ficou mais clara na vivência do grupo de protagonistas que integraram a investigação.

Este trabalho foi estruturado em 3 partes em que a primeira integra a fundamentação teórica ; por sua vez dividida em três capítulos (Capítulo I A Parentalidade Positiva;

Capítulo II As crianças e a Escola, Capítulo III Educação de Adultos) que nos pareceram ser na revisão de literatura as temáticas relacionadas com o tema em análise.

A parte dois apresenta o Estudo empírico onde são apresentadas as opções metodológicas e o modelo de análise, o contexto da investigação e os protagonistas do estudo, ainda as técnicas e instrumentos de recolha de dados e a relação entre os objetivos do estudo, as técnica e instrumentos de recolha de dados.

Na Terceira e ultima parte, apresentam – se os resultados, as potencialidades e limitações da investigação e as conclusões. Finalizando a estrutura ainda se encontram as referências e 3 anexos (Anexo 1; Anexo 2 e Anexo 3)

PARTE I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

“... A Educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate, a análise da realidade. “

Paulo Freire – Educação como prática da Liberdade -

Capítulo I – A parentalidade Positiva

1 - Parentalidade Positiva ... o desafio de sermos pais

A parentalidade vem naturalmente ou devemos aprender a ser pais? Colocado de forma sucinta aos pais, o que é parentalidade? É criar pessoas.

Parentalidade “é a tarefa confiada e permanente dos pais para preparar seus filhos para as condições físicas, psicossociais e económicas em que eles acabarão por ter como tarefa ‘crescer’, é a esperança de florescerem como indivíduos.” (Bornstein 2002, xi)

A parentalidade é, porventura, uma das tarefas mais desafiantes da vida adulta, e os pais constituem uma das influências cruciais nas vidas dos filhos, estando os seus elementos familiares (pais, avós, tios, irmãos...) as cognições e os afetos filiais, intrinsecamente ligados entre si. Os relacionamentos familiares contribuem para o modelo de parentalidade que a família estabelece no seu funcionamento.

A parentalidade é um trabalho cujo principal objeto de atenção e ação é a criança. Mas a parentalidade tem consequências para os pais; é dar a exclusiva responsabilidade aos pais sobre a sua criança. No entanto, a parentalidade, tem os seus próprios prazeres intrínsecos, privilégios e lucros, bem como as frustrações, medos e fracassos. “Parentalidade é, talvez, antes de tudo um estado funcional no ciclo de vida”. (Bornstein, 2002, xii)

As famílias continuam a ser a instituição com o papel de transmitir valores e comportamentos, espaço de segurança e proteção para os seus elementos.

Falar de parentalidade é, sem dúvida, falar de educação, provavelmente a função mais importante dada às famílias e aos pais. “A parentalidade não é uniforme em todas as comunidades, grupos ou culturas, por sua vez ‘os pais’ estão sujeitos a serem variados e distintos” (Bronstein, 2002, xiii).

A parentalidade positiva confere uma enorme responsabilidade no respeito pela dignidade e direitos das crianças, cabendo aos pais assegurar um ambiente familiar acolhedor, seguro, de responsabilidade e empenho mútuo por parte de todos os membros da família, bem como de aprendizagem positiva e de disponibilidade para com a criança, utilizando uma disciplina assertiva (Conselho da Europa, 2006). Segundo a recomendação do Conselho da Europa (2006), no seu ponto 1

“a parentalidade positiva refere-se ao comportamento dos pais com base no melhor interesse da criança, fortalecendo, sendo não-violenta e fornecendo orientações de reconhecimento que envolvem a definição das fronteiras, para permitir o desenvolvimento integral da criança” (p.3).

A parentalidade positiva deve ser orientada para um desenvolvimento integral e equilibrado das crianças, proporcionando-lhes todos os instrumentos necessários, no sentido de que estas se venham a tornar adultos socialmente integrados e responsáveis.

Os pais são responsáveis por contribuir substancialmente para o desenvolvimento do caráter ético e competências dos seus filhos através dos seus esforços de socialização. A socialização é um processo iniciado pelo adulto para as crianças e jovens através de educação, imitação, treino e aprendizagem, para adquirirem a “sua cultura“, os hábitos e valores congruentes com a adaptação a essa cultura (Baumrind & Thompson, 2002). Devem, pois, todos os pais, procurar garantir as condições necessárias ao exercício da sua missão enquanto progenitores, na educação e no desenvolvimento das crianças.

Tal como está consagrado na Convenção dos Direitos das Crianças das Nações Unidas, a criança tem direito ao bem-estar, à proteção, à segurança e a uma educação que respeite a sua individualidade. Tudo isso tendo em conta a presença dos pais e da família, como é mencionado no artigo 5º:

“Os Estados Partes respeitam as responsabilidades, direitos e deveres dos pais e, sendo caso disso, dos membros da família alargada ou da comunidade nos termos dos costumes locais, dos representantes legais ou de outras pessoas que tenham a criança legalmente a seu cargo, de assegurar à criança, de forma compatível com o desenvolvimento das suas capacidades, a orientação e os conselhos adequados ao exercício dos direitos que lhe são reconhecidos pela presente Convenção” (p.7).

É, pois, necessária, uma atitude de relacionamento dos pais com os filhos, com novas exigências no exercício das responsabilidades parentais. Atitudes que reconheçam a criança como pessoa que tem necessidades e opiniões, que a estruturam e a responsabilizem, e que a valorizem, ajudando-a a adquirir autoestima, promovendo o seu bem-estar.

Para além das obrigações que esta declaração impõe aos pais, também estabelece os deveres por parte dos poderes públicos e da comunidade no apoio às famílias. Nomeadamente no referido no artigo 18º no seu ponto 2:

“Para garantir e promover os direitos enunciados na presente Convenção, os Estados Partes asseguram uma assistência adequada aos pais e representantes legais da criança no exercício da responsabilidade que lhes cabe de educar a criança e garantem o estabelecimento de instituições, instalações e serviços de assistência à infância”. (p.13)

Perseguindo objetivos tais como a promoção do desenvolvimento da parentalidade positiva, ou seja, o desenvolvimento de relações positivas entre pais e filhos, a fim de otimizar todo o potencial de crescimento de uma criança, na conferência “*Changes in Parenting: Children Today, Parents Tomorrow*” (2006), emergiu a ideia de promover uma “Europa amiga das famílias” e orientada para as crianças.

Cabe-nos a todos nós, pais ou não, incorporar esta ideia de otimização do desenvolvimento das relações, de forma a proporcionar um crescimento equilibrado a todas as crianças.

Para qualquer criança, independentemente da sua condição, assiste-lhe o direito de ter pais e família que a acompanhem no seu percurso escolar.

Hoje em dia, cada vez mais cedo, a creche e o infantário são solução para muitas famílias, fazendo com que a “educação” seja uma função partilhada e não somente um papel dos membros familiares.

O apoio parental positivo é fundamental para o seu crescimento e para todas as aprendizagens que venha a fazer. É aconselhável que estas aprendizagens sejam feitas o mais cedo possível, o que atribui à educação pré-escolar um importante papel. Como refere Cavaco (2009),

“A educação pré-escolar é sem dúvida, a base de todo o desenvolvimento da criança, interagindo com o meio e com as famílias, torna-se em algo extremamente importante, favorecendo aquisições pela criança a todos os níveis. A cooperação dos pais, famílias e parceiros educativos é igualmente fundamental para a construção do processo educativo (...) as primeiras vivências da criança atuarão sobre a sua curiosidade, sobre como considera as suas

capacidades e a estima sobre si mesma, o que, no futuro, fará com que se sinta mais capaz de enfrentar adequadamente as aprendizagens escolares. (p.116)

As interações que se observam no relacionamento humano, nomeadamente entre as crianças e respetivas famílias, mas também com o meio envolvente, são, para vários investigadores (Papalia, *et al.*, 2001.), cruciais para um desenvolvimento dos indivíduos, inclusivamente quando nos dizem que para perceber o desenvolvimento humano devemos estudar a criança no contexto dos múltiplos ambientes ou sistemas ecológicos nos quais ela se desenvolve. O que começa com o enquadramento íntimo do lar, desloca-se, de seguida, para fora, para as instituições mais alargadas, tais como o sistema escolar e, finalmente, abrange os padrões e condições culturais e sócio históricas que afetam a família, a escola e, virtualmente, a totalidade da criança (Brofenbrenner, 1979).

Esta abordagem ecológica, ao olhar para os sistemas que afetam os indivíduos na família e fora dela, mostra a variedade de influências inter-relacionadas no desenvolvimento da criança. A atenção ao contexto pode também alertar-nos para as diferenças no modo de uma criança agir em contextos diferentes (Papalia *et al.*, 2001).

A transição do meio familiar para o meio escolar em idade inicial (3anos), obriga os pais a desenvolverem uma complementaridade de “reforço positivo,” da ação educativa da escola. Em circunstâncias destas, a parentalidade positiva pode surgir como uma resposta mais eficaz no aparecimento de bons resultados educacionais e de desenvolvimento do indivíduo. É importante um olhar atento das famílias sobre o meio escolar e ambiente envolvente em que as suas crianças aprendem e crescem. “O modo de estar dos professores e dos educadores faz toda a diferença na forma como os alunos se envolvem e encantam pela escola. É sem duvida o professore/educador que faz a diferença” (Paiva, 2012, p.29).

É de uma colaboração intensa, clara e esclarecedora do acompanhamento das crianças desde a idade pré-escolar, que aos pais é permitida a construção dessa parentalidade positiva que irá “guiar” o crescimento integrado das suas crianças na sociedade atual. E disso são exemplo as palavras de Sampaio (2011), referindo-se às atuais alterações da família,

“A organização familiar entretanto mudou. Os filhos aprendem na internet e são peritos (...) em muitos casos, as famílias sentem a mudança, mas perdem-se na

tentativa da descoberta do caminho. A verdade é que os pais são cada vez mais importantes para os filhos, por isso precisam de refletir, de modo a organizarem uma família aberta, baseada na comunicação multidimensional e na confiança recíproca”. (p. 15)

É, pois, no relacionamento interpessoal e na comunicação familiar entre pais e filhos que assenta muita da ação de parentalidade positiva, a qual se estrutura em torno dos valores e crenças dos pais para o que vão poder e querer proporcionar às suas crianças. Segundo a definição de crença no dicionário da língua portuguesa podemos verificar que a mesma diz respeito à “atitude de espírito que admite, em grau variável (certeza, convicção opinião) uma coisa como verdadeira; confiança; opinião adotada com fé e convicção”. No dicionário de sociologia a expressão crença aparece-nos como a “aceitação como verdadeira de determinada proposição, que pode ou não ser comprovada. Tem a possibilidade de ser tanto intelectual (crença científica) como emocional, falsa ou verdadeira. A realidade da crença independe da verdade intrínseca e objetiva de dada proposição (ou a ausência dela) “.

William James e Charles Sanders Pierce, autores do final do século XIX e citados por Furtado (2011), apresentam a noção de crença intimamente ligada à noção de ação. Defendem, genericamente, que quando se acredita que determinada proposição é verdadeira, quando se age de acordo com ela”, a crença será, então, uma espécie de norma que rege as ações e os hábitos de uma pessoa”. (p13)

Ainda são as palavras de Sampaio (2011) que nos ajudam nesta ideia ao dizer:

“As crenças dos pais determinam como devem interagir com os filhos e o modo como os mais novos se devem comportar. Definem as modalidades de relacionamento, os valores morais, a atitude face ao amor e à sexualidade, os princípios éticos e às vezes as escolhas profissionais. O sistema parental de crenças não é inventado por ‘aqueles’ pais, antes se sedimenta num conjunto de sentimentos, interações e comportamentos que tiveram origem nas gerações anteriores. As crenças atuais dependem do modo de transmissão transgeracional e da maneira como as novas gerações foram capazes de se diferenciar dos seus antepassados”. (p.19)

A parentalidade positiva é, pois, desenvolvida num estilo parental que engloba uma relação de proximidade e respeito pela criança, pela sua integridade e individualidade,

sem esquecer que esta estará sempre integrada num sistema social com o qual tem de aprender a agir e a relacionar-se.

É neste sentido que falamos de estilo parental, que não é mais do que “o conjunto de atitudes, valores, formas de lidar com o seu filho na árdua tarefa de o criar de uma forma educada” (Darling & Steinberg 1993, citados por Maia, 2011, p. 54). É ainda este autor que nos relembra que foi Baumrind em 1966 e 1967 que apresentou as principais características dos três grandes estilos parentais tal como originalmente descritos: i) o estilo permissivo; ii) estilo autoritário; iii) e estilo autoritativo ou democrático, claramente aquele que mais funciona na fundamentação da parentalidade positiva. O estilo autoritativo/democrático procura,

“orientar a criança e educá-la de uma forma racional e direcionada para um conjunto de estilos adequados e a desenvolver ao longo da vida. (...) Procura-se valorizar a vontade própria da criança, bem como adaptar as ordens em função daquilo que a criança está mesmo capaz de alcançar. (...) Em suma, os pais autoritativos/democráticos realçam as qualidades e vontades da criança, mantendo, contudo, um padrão regulador de uma forma educada e segura para toda a vida futura da criança. (Maia, p. 58)

Pelo atrás evidenciado ficamos com o desafio, efetivamente lançado, de irmos a ser, em cada nova geração, pais que saibam construir parentalidade positiva que providencie às crianças futuras o desenvolvimento e crescimento adequados à nova realidade social em construção no século XXI.

2 - A parentalidade para os pais das crianças com NEE

A função da parentalidade é globalmente complexa e nada fácil de exercer para a maioria dos pais, e essa complexidade toma outros contornos quando a mesma se manifesta face ao nascimento / “descoberta” de que a criança tem Necessidades educativas especiais - NEE.

Como nos refere Coutinho (2005), “a família em termos gerais, e especialmente os pais que têm sido, tradicionalmente, os primeiros prestadores de cuidados, os organizadores, os modelos de comportamento, os disciplinadores e agentes de socialização, num papel evidente de educadores dos seus filhos” (p.4).

Desta forma se entende que ninguém se encontra “automaticamente “ preparado para ser “educador”, e mais difícil se torna essa função quando a criança em causa é portadora de uma deficiência anunciada na família logo após o seu nascimento. Como sublinha Baker (citado por Coutinho, 2004), “ninguém se encontra preparado para ser pai (e portanto educador) de uma criança com problemas no seu desenvolvimento. (...) a condição de vulnerabilidade da criança (com deficiência ou em risco de desenvolvimento atípico) poderá potenciar um aumento dos níveis de *stress* parentais e familiares” (p.55).

Quando acontecem estes casos, a função da parentalidade é afetada e torna-se ainda mais desafiante em si mesma. Os pais e família de uma criança “atípica” vão enfrentar desafios mais exigentes e diferentes em comparação com as famílias ditas normais”

Para Fewel (citado por Coutinho, 2004) “a existência de uma criança com necessidades educativas especiais no seio de uma família, coloca exigências que podem dificultar a capacidade da mesma para funcionar eficazmente e torná-la mais vulnerável a influências, situações e transações com o envolvimento” (p.55).

Iniciar-se como família de uma criança com NEE é deveras difícil de aceitar e torna-se uma nova e diferente exigência na vida dos pais.

O conceito de “Necessidades Educativas Especiais” (NEE)¹ evoluiu e passou a fazer parte do léxico comum de programas e legislação educativa.

Atualmente figura na compilação de palavras-chave do *European Center for the Development of Vocational Training* – CEDEFOP – como:

“NEE – Educação e apoio educativo destinado a responder às necessidades específicas de crianças portadoras de deficiência, bem como de crianças com insucesso escolar qualquer que seja o motivo desse insucesso, mas que constitui facto impeditivo de uma progressão escolar normal”. (p.137)

¹ A expressão NEE é atualmente utilizada em substituição da expressão ‘educação especial’. Esta última expressão foi essencialmente interpretada como designando o ensino de crianças deficientes em escolas ou instituições especiais, distintas dos estabelecimentos de ensino regular. Hoje em dia, em inúmeros países, uma percentagem significativa de crianças deficientes frequenta de facto os estabelecimentos do sistema de ensino comum.

Segundo Barnett *et. al* (2003),

“ter um filho com anomalia define o número e a condição de *stress* agudo e crónico que diminui o bem-estar e qualidade de comportamento dos pais e das relações familiares. No entanto, recursos psicossociais, como a habilidade, a perceção de controlo, o apoio social e a forma de lidar com o *stress* aparecem para ajudar os pais a fornecerem importantes formas de relacionamento nos comportamentos parentais que irão apoiar o desenvolvimento saudável dos seus filhos”. (p.185)

Estes mesmos autores dão-nos conta dessas dificuldades, mas também salientam a capacidade que pais e família mostram para agir, de forma adequada, nessas circunstâncias. Embora com o aumento do *stress* e sintomas de ansiedade entre estes pais, verifica-se que a maioria parece lidar bem com essas exigências e mantêm-se relativamente resiliente. “O conhecimento dos fatores associados com os resultados da resiliência, permitiu informação em programas de intervenção com famílias onde a adaptação pode ser encorajada para um largo número destas mesmas famílias” (p.185).

Para Gilgum (1999, citado por Martins, 2005), “a presença de pais sensíveis às necessidades da criança ou jovem, capazes de estabelecer um ajustamento adequado às suas características, parecem também desempenhar um papel importante como fator protetor. As pesquisas indicam ainda que as famílias que estabelecem expectativas elevadas para o comportamento das crianças desde tenra idade desempenham um papel fundamental no desenvolvimento da resiliência. (p.140)

A competência da resiliência consiste na capacidade de operacionalizar conhecimentos, atitudes e habilidades no sentido de prevenir, minimizar ou superar os efeitos nocivos de crises e de adversidades. Uma pessoa resiliente é aquela que tendo que enfrentar uma situação adversa é capaz de utilizar os seus recursos intra e interpessoais de maneira a desenvolver as competências de que precisa para ser bem-sucedida na vida pessoal, social e profissional (Jardim & Pereira, 2006). Segundo Cavaco (2009), esta noção refere-se a “uma capacidade que não é inata mas que o indivíduo, no seu percurso de vida, consegue progressivamente construir e integrar. É uma forma de autocorreção que pode ser colocada em prática quando o ser humano é confrontado com situações adversas, nefastas e negativas”. (p.84)

Para Martins (2005), o conceito de resiliência pode assumir duas formas:

“a resiliência como uma capacidade global da pessoa para manter um funcionamento efetivo face às adversidades do meio envolvente ou para recuperar nessas condições. (...) a resiliência como uma boa adaptação nas tarefas do desenvolvimento de uma pessoa, como resultado da interação entre o sujeito e a adversidade do meio ou um envolvimento de risco contante. (p.90)

Rutter (1991), um dos autores que mais estudou a resiliência, afirma que ela se caracteriza por um conjunto de processos sociais e intrapsíquicos que possibilitam ter uma vida saudável num meio adverso. Esses processos desenvolvem-se através do tempo e resultam da influência da família, dos suportes sociais e da educação.

Os especialistas afirmam que a resiliência está vinculada com a autoestima, pelo que é importante trabalhar com as crianças, desde a sua mais tenra idade, para que possam desenvolver saudavelmente esta capacidade.

Kotliarenco *et al.* (1997, citados por Martins, 2005), definem a resiliência como “a habilidade para suportar a adversidade, adaptar-se, recuperar-se e aceder a uma vida significativa e produtiva. Esta capacidade é considerada universal, parte do processo evolutivo e como tal deve ser promovida desde a infância” (p. 95).

Uma criança que tenha boa autoestima irá tornar-se num adulto com boa capacidade de resiliência, visto estar devidamente preparada para ultrapassar os obstáculos com os quais se possa vir a deparar ao longo da sua vida.

Assim, e ainda nas palavras de Cavaco (2009),

“a resiliência surge como um campo de investigação bastante útil e positivo pois permite tentar entender quais as situações que tornam o sujeito mais vulnerável, no seu processo de desenvolvimento e quais os mecanismos que lhe possibilitam, mesmo considerando as situações mais complexas ou desfavoráveis, caminhar num sentido que permite atingir um crescimento físico e psicológico harmonioso e mais saudável”. (p. 84)

Os pais que apostam no desenvolvimento da sua criança, pesem embora as dificuldades e contrariedades da sua situação difícil, são pais que “crescem” como pais e como pessoas e, assim, são sujeitos resilientes. Tal como afirma Ralha-Simões (2001, citado em Cavaco, 2009), a resiliência resulta de uma incessante reconstrução da

estrutura psicológica do indivíduo, no confronto com as circunstâncias adversas, externas e internas, sempre presentes ao longo de todo o desenvolvimento humano.

É constatado, também, que a resiliência “é um fenómeno psicológico construído e não uma tarefa do sujeito sozinho. As pessoas resilientes contaram com a presença de figuras significativas, estabeleceram vínculos, seja de apoio, seja de admiração. Tais experiências de apego, permitiram o desenvolvimento de autoestima e de autoconfiança” (Vicente, 2000, citado em Cavaco, 2009, p. 89).

Segundo Martins (2005), “uma comunidade que apoia o desenvolvimento positivo ajuda a promover a construção quer da competência social, quer ainda da resolução de problemas de autonomia e do sentido de propósito e objetivos de vida futuros” (p.133).

Outros fatores e competências pessoais auxiliam os pais das crianças com NEE na sua função de parentalidade. Os pais de crianças com NEE tornam-se, desde muito cedo, atentos a todos os pormenores de desenvolvimento das suas crianças, muito mais em especial se a situação for uma situação detetada desde o nascimento.

As questões da Intervenção Precoce têm favorecido o diagnóstico e acompanhamento destas situações podendo, dessa forma, auxiliar estes pais na sua função parental de uma forma mais positiva. Tal como nos apresenta Bairrão (1994),

“Podemos assumir a – intervenção precoce – com o objetivo de responder de uma forma atempada e eficaz à diversidade e à complexidade dos problemas que se põem às crianças entre os 0-2 anos de idade que apresentam atrasos de desenvolvimento (...) a intervenção precoce deverá prestar um suporte às famílias de crianças com NEE nos primeiros anos de vida, por membros de redes de suporte sociais informais e formais que têm efeitos diretos ou indiretos no funcionamento dos pais, da família e da criança”. (p.38)

É na conjugação das informações prestadas pelos diversos serviços (saúde, segurança social e educação), que os pais consultam desde cedo, que se irão estruturar as bases de uma parentalidade positiva para estes agregados familiares. Por isso, não se estranhe que em seguida falemos um pouco dessa “interação” que, nestes caso é deveras definitiva e importante para estas famílias especiais.

O acompanhamento e a partilha e, inclusive, o apoio/respostas destes serviços a estas crianças desde o seu nascimento, transformam, de forma decisiva, a função da parentalidade positiva para estes pais. Esta parentalidade é, desde cedo, construída com

base no acompanhamento que os serviços fazem. Algumas vezes, estes serviços quase passam a ser mais “ um elemento da família”. É dessa forma partilhada que se estruturam as decisões de encaminhamento da criança.

As decisões presentes e futuras destes pais vão ser tomadas com as informações fornecidas e explicitadas por parte de professores, médicos, técnicos, terapeutas, etc., no sentido de tornar o seu desconhecimento da problemática em conhecimento fundamentado, a que juntam ao seu “amor de pais” para exercerem, dessa forma, uma parentalidade de qualidade que permita um desenvolvimento “mais normal” para a sua criança diferente.

Ainda segundo Martins (2005), as comunidades exercem, não só uma influência direta nas vidas dos jovens mas, talvez ainda mais importante, exercem uma influência profunda na vida das famílias e escolas e, como tal, afetam indireta e poderosamente os resultados das crianças e jovens. De acordo com esta conceção, “uma comunidade competente deverá apoiar as famílias e as escolas, manter expectativas elevadas e normas claras, encorajar a participação ativa e a colaboração das famílias e escolas na vida e no trabalho da comunidade” (Brooks, 1994, pp. 133-134).

Nas palavras de Nielsen (1997), “antes da década de 70, as crianças que apresentassem NEE não tinham assegurado quaisquer direitos legais à educação pública. Muitos indivíduos nesta situação eram excluídos do sistema educativo público (...) Por essa razão, encontravam-se frequentemente confinados a instituições ou aos seus lares” (p.15).

Pais e famílias devem ter presente que a legislação atual, por exemplo o DL nº 28/2009 de 6 Outubro, prevê que as mesmas possam beneficiar do denominado PIIP- Plano Individualizado de Intervenção Precoce² - onde é feito o registo dos serviços que a criança necessita, bem como o programa que a criança e família podem beneficiar.

No texto de introdução deste decreto-lei pode ler-se que este se destina “à intervenção precoce junto de crianças com alterações ou em risco de apresentar alterações nas estruturas ou funções do corpo, tendo em linha de conta o seu normal desenvolvimento, constitui um instrumento político do maior alcance na concretização do direito à participação social dessas crianças e dos jovens e adultos em que se irão tornar.”

² Agora em regime de transição para o PEI – Programa de Educação Individual, que funciona nas escolas em Portugal.

Para efeitos do presente decreto-lei, considera-se que a intervenção precoce na infância (IPI) é o conjunto de medidas de apoio integrado centrado na criança e na família, incluindo ações de natureza preventiva e reabilitativa, designadamente no âmbito da educação, da saúde e da ação social (artigo 3º).

O artigo 2º desta legislação explícita sobre o âmbito da mesma, “O SNIPI – Sistema Nacional de Intervenção Precoce na Infância, “abrange as crianças entre os 0 e os 6 anos, com alterações nas funções ou estruturas do corpo que limitam a participação nas atividades típicas para a respetiva idade e contexto social ou com risco grave de atraso de desenvolvimento, bem como as suas famílias”.

As ações de parentalidade positiva que pais e família destas crianças possam realizar têm a ganhar se existir o conhecimento de legislação publicada, para usufruírem dos direitos aí consagrados. Realçamos, ainda, duas das alíneas do artigo 8º que dizem respeito à transição fundamental que se faz quando a criança vai da família para a escola, nomeadamente se ingressar na educação pré-escolar. Nessa informação relativa ao Plano Individual de Intervenção Precoce (PIIP), é dito que devem existir procedimentos que permitam acompanhar o processo de transição da criança para o contexto educativo formal, nomeadamente o escolar. Ainda, que o PIIP deve articular-se com o PEI, aquando da transição de crianças para a frequência de jardim-de-infância ou escolas básicas do 1.º ciclo. De referir, ainda, alguma atenção ao ponto 3 deste artigo onde se menciona que no processo individual de cada criança devem constar, para além do PIIP, os relatórios inerentes, as medidas aplicadas, a informação pertinente, a declaração de aceitação das famílias e a intervenção das instituições privadas.

Alguns investigadores salientam que a única forma das comunidades terem sucesso é pela construção de redes sociais que possibilitem que as famílias e as escolas e outras organizações existentes possam colaborar conjuntamente com o propósito de responder às necessidades das crianças e famílias (Bernarde & Marshall, 1999; Coleman, 1988; Martins, 2005). Nesta partilha informativa e nestes conhecimentos, encontramos aspetos importantes de complementaridade para a função de parentalidade positiva que os pais vão ter de desenvolver com as suas crianças especiais.

3 - A Parentalidade positiva na defesa dos direitos das crianças e jovens

Desde a primeira redação da “Declaração dos Direitos das Crianças” (1959), são vários os documentos que preveem a proteção e a salvaguarda dos direitos das Crianças. De todo esse manancial de legislação, recomendações e outros documentos e textos de proteção e salvaguarda dos direitos das crianças, daremos destaque a alguns deles, nomeadamente sobre

- A) Responsabilidade da Família na proteção e atenção especial à criança
- B) Direitos da criança
- C) Proteção na saúde
- D) Responsabilidades parentais

Fundamentalmente a “Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Crianças”, ratificada por Portugal em 21 de setembro de 1990, e cujos princípios base devem guiar sempre a educação das crianças, reafirma o facto das crianças, devido à sua vulnerabilidade, necessitarem de proteção e de uma atenção especial. Sublinha, ainda, e de forma particular, a responsabilidade fundamental da família nos cuidados e proteção. De forma muito clara, valoriza também a importância do respeito pelos valores culturais da comunidade da criança.

Neste item encontra-se também a “Convenção para a Proteção dos Direitos Humanos e das Liberdades Fundamentais do Conselho da Europa”, que protege os direitos de todos os seres humanos, incluindo os das crianças. Ainda, a “Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia” (2000), onde se reconhecem, expressamente, os direitos das crianças. Destacamos, por fim, a “Constituição da República Portuguesa” nos seus artigos 16º, 36º, e 67º a 70º;

Nestes documentos os direitos das crianças são enunciados como fundamentais para uma sociedade justa e igualitária, e prioritários para que o desenvolvimento social se faça de forma harmoniosa. É referenciado o papel fundamental da família nos cuidados a dar às crianças, assim como o seu acesso a uma educação e integração social que façam deles cidadãos de plenos direitos.

A “Convenção Europeia sobre o exercício dos Direitos das crianças”, que foi assinada por Portugal em 6 de março de 1997, é um instrumento legal que pretende facilitar a implementação pelas partes, da convenção das Nações Unidas e Direitos das

Crianças, mencionada no início. Esta convenção pretende proteger os mais altos interesses das crianças. Contém um determinado número de medidas processuais com o objetivo de permitir às crianças fazer valer os seus direitos, prevendo ainda a constituição de um comité permanente encarregue de tratar dos problemas suscitados por esta Convenção.

O seu texto prevê medidas destinadas a promover os direitos das crianças, particularmente em processos familiares que decorram perante um tribunal. O tribunal, ou qualquer pessoa nomeada para representar a criança, tem uma série de deveres que cumprem o objetivo de facilitar o exercício dos direitos da criança. Deve ser permitido às crianças o exercício dos seus direitos - por exemplo, de estarem informadas e expressarem a sua opinião -, quer por si próprias, quer através de outra pessoa ou entidade.

Entre os processos familiares de especial interesse para a criança estão os relativos à custódia, residência, direito de visita, questões de filiação, adoção, tutela, administração de bens, assistência educativa, regulação do poder paternal, proteção contra os tratamentos cruéis e degradantes e tratamentos médicos

Relativamente à proteção de aspetos de saúde destacamos o “*Children’s Environment and Health Action Plan for Europe*” (CEHAPE), plano de ação adotado em 2004 na “IV Conferencia de Ministros do Ambiente e da Saúde”. Este documento, que 53 estados assinaram, visa proteção das crianças através de um plano de ação a ser implementado em áreas que contribuam para a melhoria dos ambientes em que as crianças se desenvolvam.

Por outro lado, e mais recentemente, surgiram medidas ligadas às questões da parentalidade, nomeadamente através das inúmeras recomendações (R) do comité de Ministros do Conselho da Europa dos Estados membros. Destaca-se a “R 84” relativa às responsabilidades parentais; a “R 94”, sobre políticas de família coerentes e integradas; a “R 96”, sobre a conciliação entre vida profissional e familiar, e a “R 98”, sobre a participação das crianças na vida familiar e social. Qualquer destas recomendações, entre muitas outras que poderiam ser mencionadas, refere-se ao papel primordial da família e dos pais, em especial nas suas funções parentais, prevendo regimes que permitam uma efetiva parentalidade. Quer as medidas de conciliação da vida profissional com a vida familiar, quer a participação das crianças na vida familiar e social, são vistas como bons e necessários exemplos de medidas que permitirão uma

cidadania mais ativa e plena e a efetiva construção de indivíduos e sociedades mais participativas.

Também o comunicado final” e a declaração política resultante da “XXVIII Conferencia dos Ministros Europeus responsáveis pelos assuntos da família” (Lisboa, 16 e 17 de Maio 2006), falam de estratégias onde se reconhece que a parentalidade deve ser considerada igualmente relevante no domínio das políticas públicas, e que devem ser adotadas medidas para apoiar os pais, havendo o compromisso de promover e de prosseguir uma política comum no domínio dos assuntos familiares e dos direitos da criança no seio do Conselho da Europa.

O programa “Construir uma Europa para e com as crianças”, lançado no Mónaco em 4 e 5 Abril 2006, com o Conselho Europeu como seu “ motor” e coordenador de estratégias nacionais, levou a efeito a divulgação de medidas que visam a não-violência contra as crianças. Considera que o bem-estar e o superior interesse da criança são valores fundamentais partilhados por todos os Estados-membros, e que devem ser promovidos sem qualquer discriminação. Reconhece que a violência contra as crianças constitui uma violação dos direitos da criança e compromete o seu desenvolvimento e a possibilidade de desfrutar dos seus direitos fundamentais. Observa que a violência contra as crianças existe em todos os Estados e afeta todas as crianças, independentemente do sexo, raça, cor, idioma, religião, opinião política ou outra, nacionalidade ou origem social, associação a minoria nacional, bens, nascimento, orientação sexual, estado de saúde, deficiência ou outra condição. Neste documento, é afirmado que a fragilidade e a vulnerabilidade das crianças, assim como a sua dependência dos adultos para o seu crescimento e desenvolvimento, justificam um investimento acrescido por parte da família, da sociedade e dos Estados na prevenção da violência contra as crianças;

O III Plano Nacional para a Igualdade Cidadania e Género (2007-2010) tem como objetivos a promoção da maternidade e paternidade responsáveis; a conciliação entre atividade profissional, vida familiar e pessoal; a integração da dimensão de género na formação e na qualificação profissional dos diversos agentes de educação e formação bem como na educação formal e não formal; a promoção de um ambiente mais favorável à integração da igualdade de género.

Salientam-se, ainda, as prioridades definidas pelo XVII Governo Constitucional de Portugal, que reconhece o contributo imprescindível das famílias para a coesão, o equilíbrio social e o desenvolvimento sustentável do nosso país, e assumiu a

necessidade da definição de políticas públicas de apoio às famílias e à criança, assentes no princípio da primazia dos direitos humanos;

Na atualidade, as famílias não dependem apenas de fatores internos mas, igualmente, da influência do contexto social, económico e cultural. Com os novos estilos de vida que as famílias experienciam, uma nova preocupação, mais vincada, surgiu: o cuidado das crianças e a defesa dos seus direitos. Esse trabalho não é realizado isoladamente, mas deve resultar de uma partilha constante com o meio educativo e social envolvente. As práticas educativas atuais integram as influências e alterações sociais emergentes, as mudanças tecnológicas, as alterações económicas, as diretivas legislativas, entre muitos outros fatores que concorrem para a promoção de uma posição de parentalidade diferente da existente há alguns anos atrás.

Capítulo II – As crianças e a escola

1-As crianças com NEE e a escola

A escola ocupa um lugar privilegiado na integração social destes alunos, evitando algumas das situações de discriminação e promovendo a sua integração. Esta é umas das grandes problemáticas escolares nos dias de hoje, a par da procura de soluções adequadas, tanto do ponto de vista legislativo como de organização curricular.

Foi na década de 90 que houve um aprofundamento dos conceitos de integração e inclusão que introduziu alterações na perspetiva da educação especial, sendo estas alterações expressas por organizações internacionais como a UNESCO, a OCDE e a própria União Europeia.

Foi a partir de 1994, com base na Declaração de Salamanca, que o conceito de NEE foi adotado pela UNESCO e, a partir do qual, se disseminaram e desenvolveram, mais profundamente, abordagens de integração e inclusão na escola, com a respetiva publicação de legislação que contempla medidas de apoio e alteração do meio escolar.

Em Portugal foi a alteração da Lei de Bases do Sistema Educativo, na década de 80, que deu oportunidade a uma melhor explicitação de medidas destinadas a esta matéria, e foi o Decreto-Lei nº 319/91 de 23 de Agosto que veio, no seu âmbito de aplicação, referir-se que o mesmo se aplicaria aos alunos com necessidades educativas especiais que frequentem os estabelecimentos públicos de ensino básico e secundário. Este regime especial consiste na adaptação das condições em que se processa o ensino-aprendizagem dos alunos com necessidades educativas especiais. Este regime especial, no artigo 2º, nº 2, refere que estas medidas se traduzem na escola em:

- a) Equipamentos especiais de compensação;
- b) Adaptações de materiais;
- c) Adaptações curriculares;
- d) Condições especiais de matrícula;
- e) Condições especiais de pedido
- f) Condições específicas de avaliação;
- g) Adequação na organização de classes ou turmas;
- h) Apoio pedagógico acrescido;
- i) Ensino especial

Mas é pela alteração deste Decreto-Lei, recentemente revogado pelo DL 3/2008 de 7 de Janeiro, que melhor se faz o enquadramento destas crianças com NEE no sistema normal de educação das nossas escolas.

No preâmbulo desta legislação indica-se que “os apoios especializados podem implicar a adaptação de estratégias, recursos, conteúdos, processos, procedimentos e instrumentos, bem como a utilização de tecnologias de apoio”. Portanto, não se trata só de medidas para os alunos, mas também de medidas de mudança do contexto escolar.

No sentido de efetivar estas alterações, várias têm sido “as vozes” - associações de pais de crianças com NEE, associações de deficientes, professores/ investigadores de ensino especial entre outros - a apontarem a existência, ainda, de vários aspetos negativos ou omissos nestas medidas legislativas, embora lhe apontem como aspetos positivos: i) a obrigatoriedade da elaboração de um programa educativo individual para os alunos com NEE permanentes; ii) a promoção da transição dos alunos com NEE permanentes para a vida pós-escolar; iii) a confidencialidade de todo o processo de atendimento a alunos com NEE; e iv) a criação de departamento de educação especial nos agrupamentos de escolas (Correia, 2010).

Neste sentido, os agrupamentos de escolas, gradualmente, têm tentado cumprir as medidas de alteração e adaptação previstas, quer a nível dos currículos e conteúdos, quer a nível de adaptações físicas do espaço escolar, proporcionando, também, o acesso a recursos de apoio e equipamento. Os diversos processos e metodologias dizem respeito à gestão autónoma de cada agrupamento escolar.

Cada agrupamento de escolas tem tentado dar cumprimento ao Decreto-lei 3/2008 de 7 de Janeiro, que, no seu artigo 1º, alínea 1), refere “que se destina a definir os apoios especializados a prestar na educação pré-escolar e nos ensinos básico e secundário”. No articulado subsequente apresenta e explicita a tipologia desses apoios. No ponto 2) indica que “A educação especial tem por objetivos a inclusão educativa e social, o acesso e o sucesso educativo, a autonomia, a estabilidade emocional, bem como a promoção da igualdade de oportunidades, a preparação para o prosseguimento de estudos ou para uma adequada preparação para a vida pós-escolar ou profissional”.

Assim sendo, a escola vai proporcionando alterações que permitam à sua comunidade escolar (pais, famílias, entidades e parceiros locais, etc...) aceder, partilhar e criar, maiores e diferentes oportunidades de qualidade de ensino.

A entrada no jardim-de-infância ou na escola são momentos de passagem fundamentais que, caso não se encetem esforços para construir ambientes acolhedores,

com orientações semelhantes e com espaços de individualização e de sociabilização, podem envolver quebra e percas do desenvolvimento da criança.

“Os educadores e professores devem manter uma comunicação regular com os pais e com a família, fornecendo informações que promovam uma boa imagem da criança ajudando os pais a compreender as crianças e a tornar coerentes e consistentes os seus atos educativos” (Abreu *et al.*, 1990,p.).

Ao potenciarmos a participação dos pais e das famílias na escola, em trabalho articulado com educadores e professores, estaremos a contribuir para que a escola possa ser, em si mesma, uma escola mais “inclusiva”.

A “Agência Europeia para o Desenvolvimento em Necessidades Especiais de Educação” atualizou, de forma profunda, em 2009, o seu *site*, em especial disponibilizando informação sobre alguns estudos e projetos de grande abrangência. Falamos, por exemplo, do estudo “Indicadores sobre as Condições da Educação Inclusiva”, e do estudo sobre “Intervenção Precoce na Infância”. Também da informação sobre os projetos a desenvolver até 2014 e que pretendem ir ao encontro das solicitações da UNESCO no documento “Orientações Políticas para a Inclusão”³.

Trazer aqui esta informação permite-nos falar de alguns exemplos em países da Europa que, em conjunto com Portugal, dão corpo à procura de resultados sobre a relação escola família e os aspetos da inclusão.

No relatório de “Avaliação em Contextos Inclusivos – Questões-chave para as Políticas e a Prática” surgem como recomendações para os países a ideia de que é necessária a generalização de políticas de inclusão educacional baseadas em evidências, e que a recolha nacional deverá ser feita em cada país com base em sinergias complementares à luz das recomendações internacionais, com metodologia, recolha e análise de dados semelhantes. Daí a importância do “Mapeamento de Implementação Políticas para a Educação Inclusiva - MIPIE” que, reunindo e partilhando toda a informação possível, pretende, dessa forma, estar disponível e acessível a todos.

Baseados na evidência de que a educação inclusiva pode ser entendida como a presença - acesso à educação e à frequência escolar -, a participação - qualidade da

³ Todos estes relatórios e projetos podem ser consultados em: <http://www.european-agebcy.org/agency-projects/assessment-in-inclusive-settings>

experiência de aprendizagem na perspectiva dos alunos -, e o sucesso - processos de aprendizagem e resultados escolares de todos os alunos nas escolas regulares -, todos os países identificaram como prioridade a necessidade de desenvolver políticas para a inclusão.

A nível nacional foram identificados cinco requisitos chave para recolha de dados: 1) necessidade de recolha de dados nacionais ancorados nos acordos de nível europeu; 2) necessidade de compreender o impacto das diferenças nos sistemas educativos dos países; 3) necessidade de analisar a eficácia da educação inclusiva; 4) necessidade de recolha de dados que forneça evidências sobre a garantia da qualidade; 5) necessidade de acompanhar o progresso dos alunos, a longo prazo.

O recomendado a nível nacional, assim como o que consta no documento do MIPIE, refletem estas recomendações e o trabalho de nível europeu na recolha e análise de dados sobre a educação inclusiva. Pretende-se que a mesma esteja alinhada com novas abordagens e com uma reinterpretação dos grupos-alvo tradicionais para uma recolha de dados, considerando todos os alunos em risco de exclusão: os migrantes, os que não frequentem a educação formal, bem como os que apresentem NEE.

Com base nos relatórios que têm vindo a ser feitos desde 2003, foram elaboradas algumas recomendações para os decisores políticos no sentido de apontar caminhos de atuação.

No documento “Princípios-Chave para a Promoção da Qualidade na educação inclusiva-Recomendações para Decisores Políticos”⁴ foram mencionados sete princípios orientadores a ter em conta nas políticas de qualidade para a inclusão, a saber:

- 1) Alargar a participação para aumentar oportunidades educativas para todos os alunos. “A meta da educação inclusiva é alargar o acesso à educação, promover a plena participação e dar oportunidade aos alunos, vulneráveis à exclusão, de realizarem o seu potencial” (p.15).
- 2) Proporcionar educação e formação sobre educação inclusiva para todos os professores. “Para trabalhar eficazmente em contextos inclusivos, os professores precisam de ter valores e atitudes apropriadas, competências conhecimentos e compreensão” (p.18).
- 3) Proporcionar uma cultura organizacional e uma filosofia que promova a inclusão.
“Ao nível da escola, ou de outra organização educacional, é crucial a existência de

⁴ Este relatório pode ser acedido em <http://www.european-agebcy.org/agency-projects/assessment-inclusive-settings>

uma cultura e de uma filosofia aceite por todos, baseadas em atitudes positivas, que acolham a diversidade de alunos nas salas de aula e respondam às diversas necessidades em matéria de educação” (p.19).

- 4) Criar estruturas de apoio organizadas de forma a promover a inclusão. “As estruturas de apoio com impacto na educação inclusiva são diversas e envolvem, muitas vezes, profissionais, abordagens e métodos de trabalho diferentes. As estruturas de apoio podem funcionar como um apoio ou como uma barreira à inclusão” (p.19).
- 5) Implementar sistemas flexíveis de afetação de recursos que promovam a inclusão. “As políticas de financiamento e as estruturas são um dos fatores mais importantes na inclusão. A ausência ou o acesso limitado a recursos e respostas pode obstaculizar a inclusão e a igualdade de oportunidades dos alunos com NEE.” (p.20).
- 6) Implementar políticas que promovam a inclusão. “A promoção da qualidade na educação inclusiva requer uma política claramente definida. O objetivo da escola para todos deve ser fomentado através de políticas educacionais e apoiado por uma filosofia de liderança de escola e por práticas dos professores” (p.21).
- 7) Legislar de modo a promover a inclusão. “Para que possa ter impacto sobre a educação inclusiva, a legislação deve estabelecer claramente a inclusão como meta. Neste sentido, a legislação de todos os sectores públicos deve conduzir à prestação de serviços e à melhoria dos processos que favoreçam a inclusão educativa.” (p.23)

De forma conclusiva, pode afirmar-se que as necessárias mudanças sistémicas na política e nas respostas que visem a promoção da qualidade na educação inclusiva podem ser orientadas pelos princípios-chave, que se inter-relacionam e se apoiam mutuamente.

A Escola, nas suas unidades orgânicas, enquanto instituição privilegiada no fornecimento de dados e de informações sobre estas questões, tem papel decisivo para um contributo maior e de mais elevada qualidade para a definição das políticas de inclusão educativa. Caberá, pois, aos responsáveis máximos de cada país, fazer essa boa integração de informação na definição das políticas gerais e globais.

A ideia de que a Escola tem como essencial o papel da formação global do homem, implica que esta se adapte às necessidades das sociedades onde se insere, assim como às mudanças sociais, culturais e económicas que se vão sucedendo.

2- Participação dos Pais na Escola: uma realidade a crescer

A imagem que os pais têm da Escola e da Educação tem uma influência significativa no sucesso dos alunos. Como refere Pinto (1995) estudos realizados por Portois revelam como as “representações que os pais fazem da escola e os sentimentos que manifestam de familiaridade ou de impotência em relação a ela têm repercussões sobre a forma como os seus filhos vão estar, ou não, mais predispostos para se integrarem na escola” (p. 64).

Com o alargamento do próprio sistema de ensino (atualmente a obrigatoriedade vai até ao 12º ano escolaridade), o próprio “ciclo de vida” das famílias tem vindo a alterar-se. O número de anos de escolaridade é maior; começa-se mais cedo e acaba-se mais tarde.

Funções básicas de socialização, antes desempenhadas pela família, são transferidas para a instituição escolar, cujo papel de inculcação de valores e normas sociais se torna cada vez mais decisivo.

Esta inculcação não tem lugar apenas na sala de aula e através dos conteúdos transmitidos pelo professor, mas também na relação de crianças e jovens entre si, sobretudo pelo aumento do tempo que este espaço de sociabilidade infantil e juvenil ocupa no seu dia-a-dia.

Interessa ainda referir a importância que a escola adquire junto das famílias, umas porque sabem que só a escola pode proporcionar trajetos de mobilidade ascendente e melhores condições de integração social, outras porque sabem e querem que os seus filhos obtenham uma escolaridade elevada, que consideram indispensável para que estes conservem no futuro um estatuto social médio/ elevado que já têm hoje. (Pinto,1995,p.65)

Não obstante, a escola apresenta-se muito mais multicultural, incluindo famílias de diferentes meios sociais e sentindo, ela própria, da sociedade, pressões no sentido de mudança.

Sendo certo que o relacionamento da escola com o meio social envolvente é hoje, cada vez mais, aberto e permeável do que em qualquer outro momento histórico anterior, a ideia da participação dos pais na escola é uma prática relativamente recente e o enquadramento legal que a reflete começou a desenhar-se, de forma ténue, a partir de 1974.

O Decreto-Lei nº 735- A /74 veio regular os órgãos de gestão das escolas oficiais de Ensino Preparatório e Secundário e consagrar o “importante papel das associações de pais e encarregados de educação”. Na sequência deste, em 1976 mais um Decreto-Lei veio consagrar a participação aos pais na escola

No ano de 1977 é promulgada a primeira Lei das Associações de Pais, a Lei n.º 7/77, que lhes atribui, no seu art.º 1.º, o direito de “dar parecer sobre as linhas gerais da política de educação nacional e da juventude e sobre a gestão dos estabelecimentos de ensino”.

Se, por um lado, esta lei reconhece um direito importante aos pais, por outro obriga a que, para que se possam constituir as respetivas associações, seja imprescindível percorrer todo o processo burocrático e oneroso referente à constituição de uma associação.

Além disso, este normativo fica sujeito a posterior regulamentação por parte do Ministério da Educação, ou seja, é o Estado quem define as condições de atuação dos pais, primeiros e principais responsáveis pela educação, o que revela uma forma de participação orgânica, mas pouco democrática, o que não deixa de ser estranho numa época em que os movimentos de base assumiam papéis muito significativos na sociedade portuguesa.

Dois anos mais tarde, o Despacho Normativo 122/79 mantém a obrigatoriedade do parecer das estruturas das associações de pais sobre futura legislação e regula os termos da relação entre a Associação de Pais e o Conselho Diretivo das escolas, a periodicidade das reuniões entre os mesmos, e atribui o direito a um representante nas reuniões ordinárias do Conselho Pedagógico, sem direito a voto, com exclusão das reuniões em que se tratem assuntos considerados sigilosos. Permite, ainda, a emissão de pareceres sobre o regulamento interno.

Este despacho representa um reconhecimento claro das Associações de Pais nas escolas, bem como a definição das regras do seu relacionamento com os Conselhos Diretivos. Para os pais terem direito a uma representação formal na escola merece ainda realce a obrigatoriedade da existência de uma Associação de Pais legalmente

constituída, apesar de continuar a tratar-se de uma participação essencialmente figurativa, dado que toda a educação pré-escolar e o 1.º Ciclo continuam excluídos deste processo.

O Decreto-Lei n.º 542/79 consagra, finalmente, o estatuto do Jardim-de-infância das redes do Ministério da Educação e dos Assuntos Sociais, e merece uma atenção especial na consequência do elevado número de referências às relações entre o jardim-de-infância, família e comunidade, entre as quais se poderá mencionar: i) no preâmbulo “o papel relevante atribuído à família como agente interventor fundamental no processo educativo”; ii) na alínea c) a defesa da “criação de condições efetivas de apoio e suporte a uma participação ativa das populações no processo de implementação da rede”

O art.º 1.º deste documento legal afirma que “a educação pré-escolar é o início de um processo de educação permanente a realizar pela ação conjugada da família, da comunidade e do Estado”. No restante articulado deste decreto-lei apresenta-se, de forma explícita, o sentido de se assegurar uma efetiva e permanente participação dos pais e da família no processo educativo, onde se estabeleça com a escola e os educadores informação recíproca que ajude nas aprendizagens e na vida de escolarização das crianças. Nos artigos dirigidos à ação do diretor da escola e relativos à sua gestão, vem claramente expressa a necessidade de este propor ações concretas que visem a participação das famílias nas atividades do jardim-de-infância. Também aos outros órgãos da gestão escolar se sugere sempre a representatividade das famílias em ação de cooperação e atividades com a escola.

Ainda é neste Decreto-Lei n.º 542/79 que aparece a figura do Conselho Consultivo que, embora presidido pelo Diretor, atribui dois lugares aos pais. É a este órgão que se atribui a representação das famílias, mesmo tratando-se apenas de um órgão consultivo.

Este documento legal reveste-se de particular interesse porque, no quadro da legislação educativa, nunca houve, de forma tão clara e objetiva, referências a este estreito relacionamento entre a escola e a família.

São ainda feitas diversas referências à necessidade de se estabelecerem contactos entre o jardim-de-infância, as famílias e a comunidade, e são especificados os modos de intervenção das famílias, remetendo para uma comunicação interativa entre as partes, que tenha em vista o superior interesse das crianças. É preconizada a participação dos pais nas atividades, e é sugerido que a cooperação entre as famílias e os educadores se operacionalize “mediante as convenientes interações de esclarecimento e sensibilização”.

É, efetivamente, o primeiro normativo que não obriga a que a representação formal dos pais se faça através de uma associação de pais.

Mais legislação respeitante a esta área foi sendo publicada, mas foi o surgimento da Lei de Bases do sistema Educativo (Lei 46/86) que alavancou processos mais efetivos de participação dos pais na escola.

Nos anos 90 surgiu a Lei 53/90, que tinha como finalidade “facilitar o exercício das associações de pais, melhorar as condições de funcionamento das mesmas, e reforçar o estatuto interventor das associações e respetivas federações e confederações”.

Ainda em 1990 surge o Despacho Conjunto 60/SERE/SEAM/90 que, embora em regime de experiência, autoriza, para o ano letivo seguinte, a livre escolha de escola por parte do encarregado de educação, nas localidades não consideradas em regime de saturação ou rutura escolar.

No ano seguinte é publicado um documento importante, o Decreto-Lei n.º 172/91, que estabelece um novo sistema de direção, administração e gestão das escolas. A novidade principal foi a criação da figura do Diretor Executivo e do Conselho de Escola ou de Área Escolar.

Os pais veem multiplicarem-se os órgãos onde têm representação, com direito a voto, independentemente da existência ou não de uma associação de pais organizada: i) no Conselho de Escola (Ensino Secundário), com 2 representantes; ii) no Conselho de Escola ou de Área Escolar do 1.º, 2.º e 3.º Ciclos, com 3 representantes; iii) nos Conselhos Pedagógicos, com 2 representantes; iv) no Conselho de Turma, com 2 representantes (exceto nas reuniões de avaliação). O que parece importante salientar neste diploma legal é a vontade expressa do poder político em abrir mais o espaço das escolas aos pais.

O Decreto-Lei n.º 115-A/98 aprova o regime de autonomia, administração e gestão dos estabelecimentos de ensino básico e secundário, bem como dos respetivos agrupamentos. Neste documento é importante a referência à “responsabilidade partilhada por toda a comunidade educativa, na valorização dos diversos intervenientes no processo educativo, designadamente professores, pais, estudantes, pessoal não docente e representantes do poder local (...). A participação dos pais está garantida nos diversos órgãos, exceto no Conselho Executivo”.

A Lei n.º 24/99 faz a primeira alteração do Decreto-Lei n.º 115-A/98, nomeadamente altera a forma de eleição dos representantes dos pais, a qual deverá ser realizada em Assembleia Geral de Pais. Altera, ainda, a definição dos períodos em que os

encarregados de educação ou os seus representantes participam na vida escolar, devendo ser ouvidos previamente.

Atualmente, e ao abrigo do Decreto – Lei 75/2008 de 22 de Abril e da Portaria nº 604/2008 de 9 de Julho, os representantes de pais estão representados num novo órgão da máxima importância para a vida da escola, o Conselho Geral, onde também têm lugar os representantes do poder político local (representantes das Câmaras Municipais e Juntas de Freguesia), e representantes das áreas de maior relevo do seu território, elementos cooptados pelos elementos deste órgão em eleição geral.

Nas competências deste órgão, que atualmente já funciona até para os agrupamentos de escolas recentemente criados, encontra-se todo o poder de decisão, nomeadamente: aprovação, acompanhamento e execução do projeto educativo; eleição do diretor de agrupamento; aprovação do regulamento interno; apreciação e aprovação dos relatórios periódicos; relatório das contas de gerência; propostas dos contratos de autonomia; apreciação dos resultados do processo de autoavaliação; pronunciar-se sobre os critérios de organização de horários; acompanhamento da gestão dos demais órgãos de administração e de gestão e a promoção do relacionamento com a comunidade educativa entre outros.

Verificamos, pois, que neste momento o espaço de participação dado aos pais para intervirem nas escolas é grande. Existe todo um enquadramento legislativo que permite abrigar muita e diversa intervenção no meio escolar. Tanto a comunidade escolar como os pais em ação direta com esta podem, através da aplicação da legislação existente, vir a conquistar os direitos neles consagrados. Para além disso, podem ainda partir para a conquista de novos direitos, para que assim se possa, efetivamente, vir a proporcionar melhor qualidade de ensino e respostas adequadas às necessidades das comunidades escolares.

3- Educação: um conceito para ser partilhado por pais e escola

Quando falamos em Educação referimo-nos a um conceito que tem vindo a sofrer fortes alterações nas últimas décadas, principalmente 60 e 70, devido ao aparecimento de “novas dinâmicas sociais que vêm acarretando a emergência de transformações importantes nos processos educativos” (Nogueira, 2005, p.25).

Estamos conscientes de que atualmente a escola tem um papel fundamental no desenvolvimento das camadas sociais, o que torna imperativo refletir acerca daquilo que consideramos que significa “Educação”.

No dicionário, enciclopédico Larousse, podemos obter o significado da palavra “Educação” como ação de desenvolver as faculdades psíquicas, intelectuais e morais, o resultado dessa ação proporcionará conhecimento e prática dos hábitos sociais. Ainda podemos juntar a esta definição, a significação do ato de “educar” que tem o sentido de despertar as aptidões naturais do indivíduo e orientá-las segundo os padrões e ideais de determinada sociedade, aprimorando-lhe as faculdades intelectuais, físicas e morais.

Para Cabanas (2002).

“o termo educação é como um poliedro de muitas faces. Chamamos educação, de facto, a coisas tão variadas como: a atuação do educador relativamente ao seu educando, a qualidade de uma pessoa que foi educada, o sistema escolar de um país, o comportamento segundo as normas de urbanidade, o nível de instrução de uma população o “capital humano”, o desenvolvimento humano quando orientado, a transformação cultural no seio de uma sociedade, etc.”. (p. 52)

A Educação, em sentido amplo, representa tudo aquilo que pode se feito para desenvolver o ser humano e, no sentido estrito, representa a instrução e o desenvolvimento de competências e habilidades. De acordo com esta ideia, é na instituição “escola” que, de acordo com os conteúdos educacionais existentes, se proporcionam os conhecimentos e o desenvolvimento das competências necessárias aos indivíduos, para a vida em sociedade.

3.1 - A perspectiva sociológica

Considerando que a escola tem vindo a desenvolver-se conforme as sociedades, é natural que numa sociedade contemporânea, marcada por uma mentalidade individualista e capitalista, a escola e a educação sejam definidas conforme uma série de dimensões:

“Assim, podemos dizer que a educação tem uma dimensão pessoal, uma dimensão social, uma dimensão relacional, uma dimensão existencial, uma

dimensão económica, uma dimensão psicológica, uma dimensão jurídica, uma dimensão racional, uma dimensão afetiva, uma dimensão institucional, uma dimensão histórica, uma dimensão laboral, uma dimensão ética e uma dimensão comercial”. (Cabanas, 2002, p. 52)

Quer aos pais, quer à escola, caberá estar alerta e cientes desta diversidade de dimensões da educação, para que no processo de aprendizagem e desenvolvimento das crianças a participação destes atores diários e permanentes se possa manifestar em cada uma delas, no sentido de um desenvolvimento global e integral. Conforme Boudon (citado por Pinto, 1995),

“A (des) igualdade perante e na escola é um dos assuntos que recorrentemente encontramos quando se discutem os problemas das sociedades atuais. Nas sociedades democráticas, a perceção desta desigualdade como problema decorre do facto de ela ser considerada ilegítima, importante, persistente e Universal”. (p. 37)

É precisamente pelo facto de se partir do pressuposto de que “a diversidade de origem sociocultural das crianças e jovens não fazia parte da equação do problema do sucesso/insucesso escolar” (Pinto, 1995, p. 38), que muitos sociólogos se debruçaram sobre esta questão, realizando investigações que provam, empiricamente, que o aparelho escolar contribui para a divisão social.

Surge, assim, na década de 70, o “paradigma da reprodução” que, segundo Terrail (citado por Nogueira, 2005) postula que

“As teorias da reprodução avançam a ideia de uma diferenciação na natureza das famílias segundo o seu lugar de classe, elas permanecem ao nível do princípio: as famílias não são interrogadas por si mesmas nem por aquilo que fazem das determinações inerentes a seu lugar de classe”. (p. 565)

Este paradigma está na génese de inúmeros estudos sociológicos que colocam “o estudo dos efeitos da escola no centro da investigação em educação” (Pinto, 1995, p. 52). Segundo Merle (citado por Pinto, 1995) a questão coloca-se da seguinte forma:

“O contributo da escola para as desigualdades escolares pode ser mais ou menos surpreendente. Quem diria que a ficha de informações que acompanha o aluno ao longo da escolaridade, para além dos efeitos benéficos esperados, pode também contribuir para a construção social das desigualdades escolares?”. (p. 60)

Ainda profundamente ligado às teorias da reprodução está o paradigma determinista, defendido nas décadas de 60 e 70 por sociólogos como E. Durkheim, Radcliffe-Brown, Malinowski, Parsons, Baudelot e Estabelet (Pinto,1995) Inseridas neste paradigma encontram-se as teorias do funcionalismo estrutural ou, ainda, as teorias de reprodução consensual. De forma muito sucinta, dizem que:

“as instituições sociais têm funções específicas no interior da sociedade, ainda que todas concorram para um objetivo comum. Assim, esta abordagem em sociologia da educação dá um lugar importante à análise das relações entre a instituição escola, a economia e o sistema político. (...) A socialização na escola permite que os alunos integrem o sistema de valores partilhado pela sociedade. A seleção permite seriar os indivíduos para os orientar para as diferentes posições do sistema económico e social”. (p. 93)

Partilhamos, assim, do ponto de vista de Silva (1998, citado por Canário *et. al*, 2001), ao considerar que “exclusão social é um fenómeno estrutural das sociedades industrialmente avançadas contemporâneas e não apenas um acidente explicável por causas ou circunstâncias que tenham a ver com a vida com alguns indivíduos ou grupos” (p. 151).

Pais e escola têm de contribuir, em simultâneo, para a concretização de uma educação global, para que o percurso escolar das crianças e dos jovens seja feito com o respeito pelas oportunidades para todos, no sentido de uma sociedade mais justa e solidária.

Na atualidade, as famílias não dependem apenas de fatores internos mas, igualmente, da influência do contexto social, económico e cultural. Os novos estilos de vida trouxeram para a sua existência uma nova preocupação – o cuidado das crianças e a defesa dos seus direitos, e esse trabalho não é realizado isoladamente, mas numa partilha constante com o meio educativo.

Será nas interações dos pais e família com a escola, que as crianças poderão vir a beneficiar de um desenvolvimento de maior qualidade e com mais oportunidades de aprendizagem e conhecimento. Segundo Pires (2007),

“A escola pode constituir, para as primeiras crianças, aquelas que conheceram as relações afetivas mais precoces, a confirmação de uma capacidade para viver sendo felizes contribuindo para que os demais também o sejam. As outras crianças, às quais o meio familiar não possibilitou experiências onde as relações afetivas se desenvolvam naturalmente, necessitam absolutamente de encontrar um meio acolhedor e protetor que lhes permita ainda durante a infância, vivenciar esse tipo de relações. (...) torna-se indispensável conseguir que se sintam integradas, apoiadas, respeitadas (...) de receber o carinho, o tempo e a atenção dos seus educadores”. (p.2)

Ao mencionar que o papel da família é fundamental para a educação das crianças, não será demais referir a importância que o relacionamento pai-mãe e a forma de viver em casal têm para o papel educacional no seio familiar. “Tudo o que diz respeito à educação dos filhos deve ser previamente combinado entre os dois pais com algum pormenor ou, pelo menos, nos seus aspetos mais gerais” (Pires, 2007, p.18).

Ainda segundo esta autora, aspetos como um “clima de alegria”, “tranquilidade”, “interajuda e partilha” devem marcar o ambiente familiar e a “cultura da família”.

Sob estes pressupostos iremos avançar na ideia da importância da participação dos pais/família na vida e percurso escolar das suas criança e jovens, como apoio e como complemento à ação dos seus educadores e professores.

3.2 - A influência da família

A família é a primeira comunidade educativa que a criança experiencia. Kentenich 1996 (citado por Pires, 2007), define a família como “uma comunidade de vida, de amor e de destinos, na base da qual se encontra uma relação afetiva entre um homem e uma mulher, relação que deve ser recíproca, profunda, exclusiva e estável” (p.79). Nesse ambiente a criança apreende os modelos educacionais favoráveis a um bom desenvolvimento. Ainda é esta autora que nos cita Dotto (1994) explicitando melhor a ideia de que na família “cada um, na sua especificidade, se assume como pessoa,

simultaneamente, como parte de uma comunidade, numa tensão permanente que é criadora, gera vida e transforma a família numa escola de educação pessoal e comunitária” (p.79).

Sociedades e família evoluíram em décadas onde o papel da escola “ganhou terreno”, nos dias de hoje a generalização do ensino pré-escolar abriu a todas as famílias uma iniciação educativa cada vez mais precoce para as suas crianças, em que o papel de “educador” se faz também com a figura do professor. Assim sendo, essa figura que muito cedo entra na vida das crianças, deverá partilhar com os “principais educadores” desta, os seus pais, toda a informação possível sobre o seu desenvolvimento.

Segundo Davies *et al.* (1989), “o trabalho do professor pode ser mais fácil e satisfatório se receber ajuda e cooperação das famílias, e os pais assumirão atitudes mais favoráveis face aos professores se cooperarem com eles de uma forma positiva” (p.39).

Estes autores ainda nos apresentam outras considerações sobre esta perspectiva do envolvimento dos pais. Dizem-nos que “vemos o envolvimento dos pais como forma de aprofundar a sociedade democrática. (...) vemos o envolvimento dos pais como uma força contrária à tendência da reprodução das desigualdades, caso seja orientado por princípios igualitários. As escolas podem fazer ‘alguma’ diferença mas não são a única força na luta por uma sociedade igualitária” (p.40).

É acreditando nesta perspectiva, que realmente não só a “Escola” mas também as famílias e os pais, quando posicionados para uma vontade de intervir e fazer mudanças, que se crê que podem ser atingidos outros resultados, que não somente os que estão previstos na atuação corrente das escolas. O facto de haver uma área comum de preocupação com as crianças com NEE pode, efetivamente, vir a ser um fator de motivação para uma atuação de forma diversa da atual e, provavelmente, poderemos usar a afirmação de Davies *et al.* (1989) quando dizem que “os pais e os professores (...) podem ser uma parte, direta ou indireta, dos movimentos sociais com influência nas políticas educativas que avançam ou impedem a democratização e a igualdade social” (p.41).

Pais e professores, com trabalho articulado e complementar, podem fazer a diferença no percurso e sucesso educativo das crianças e jovens.

Capítulo III – Educação de Adultos

1-Educação e Formação de Adultos

No sentido do atrás mencionado, serão os pais/adultos conhecedores das suas próprias capacidades e conhecimentos no sentido de poderem ter consciência da forma como manifestam a sua parentalidade? As suas aprendizagens vão no sentido de uma formação contínua ao longo da sua vida?

Na perspetiva da educação de adultos, mais concretamente pela abordagem do conceito de Aprendizagem ao Longo da Vida (ALV), iremos tentar perceber se os adultos/pais identificam aprendizagens que lhes permitem atuações de cidadania participativa.

Dada esta relação que julgamos existir entre as competências de parentalidade positiva e o exercício de uma cidadania participativa, consideramos que a Educação de Adultos tem um papel muito importante. Por essa razão, desenvolvemos, na presente dissertação, o presente capítulo que é dedicado à Educação e Formação de Adultos. Verifica-se que a educação de adultos consiste numa ação intencional, com o objetivo de promoção humana e social, ajudando os indivíduos a auto realizarem-se. Segundo a Declaração de Hamburgo sobre Educação de Adultos, esta explicita que é “mais que um direito, é uma chave para o século XXI. (...) Uma consequência de uma cidadania ativa e uma condição para a participação plena na sociedade”.

A Educação e Formação de Adultos não tem tido, em Portugal, uma política consistente, permanente e evolutiva, num sentido único e próprio; tem tido avanços e recuos, altos e baixos, inclusivamente suscitados pela adesão à Comunidade Europeia e pela adaptação às suas diretivas comuns.

Para falarmos destes aspetos evolutivos da Educação e Formação de Adultos não podemos perder de vista uma evolução histórica e o percurso que foi necessário fazer para que esta dimensão da educação e da formação ganhasse novos contornos e pudesse ser entendida pelas pessoas como necessidade e processo de vida.

Teremos de lembrar que, tempos atrás, o tom da política educativa durante o regime salazarista se refletia em declarações como: “pior do que o analfabetismo num coração puro, é a educação materialista e pagã” (Santos, 1984, p. 1).

O menos que se pode dizer é que estas políticas tudo faziam para desencorajar uma educação cívica participada e esclarecida (Davies *et al.*, 1989).

Passar destas ideias a uma vontade e desejo de que os adultos pudessem aceder a uma formação mais alargada e com qualidade levou algum tempo. Como refere Melo (2004), “dado todo este contexto desfavorável a uma educação de todos, e particularmente dos milhões de adultos portugueses, é natural que se tenha iniciado o séc. XX com uma taxa de analfabetismo bem superior a 60%.” (p. 2).

Com o 25 de Abril, e entre 1975 e 76, multiplicaram-se ações inovadoras na área da Educação e Formação de Adultos como, por exemplo, novo exame da 4ª Classe, bolseiros da educação de adultos, decreto-lei de reconhecimento das associações de educação popular etc. Trabalhou-se num objetivo situado para e com as pessoas, as suas necessidades, os seus desejos, as suas vontades.

Este movimento terá inspirado o Plano Nacional de Alfabetização e Educação de Base de Adultos (PNAEBA).

Cerca de vinte anos mais tarde (1998/99), é constituído um grupo de missão para o desenvolvimento da Educação e Formação de Adultos, coordenado por Alberto Melo. Esta *taskforce* foi responsável pelos trabalhos preparatórios que criaram a Agência Nacional de Educação e Formação Adultos (ANEFA), que produziu materiais muito importantes para as políticas de Educação e Formação de Adultos.

Em traços gerais, essas políticas visavam o aproveitamento dos conhecimentos base e ‘saberes’ dos indivíduos que, vistos e organizados com base numa estrutura da análise das diferentes áreas curriculares, pudessem vir a ser complementados e avaliados fornecendo uma equivalência escolar. Assim foi criado o chamado “Referencial de Competências-chave”.

Este referencial de competências chave foi organizado em quatro grandes áreas de competências nomeadamente: Linguagem e comunicação; Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC); Matemática para a Vida; e Cidadania e Empregabilidade.

Para além desta organização em áreas, o referencial foi organizado para três níveis de Ensino Básico, correspondentes, respetivamente, ao 1º, 2º e 3º ciclos. Mais tarde, neste processo, foi também criado um referencial novo para reconhecimento da escolaridade de 12º ano. Este instrumento de reconhecimento e validação de competências foi a base de trabalho na Rede Nacional de Centros de Reconhecimento Validação e Certificação de Competências (CRVCC).

Simultaneamente, foram criadas outras ofertas educativas e formativas que facilitaram o acesso a níveis de escolarização e de certificação profissional, tais como os cursos EFA, as Ações Saber+. Os centros RVCC puderam, também, organizar

formações complementares pontuais para adultos que, ao longo do seu processo de RVCC, tivessem evidenciado necessidades de aprofundamento em algumas áreas e que necessitassem dessa formação para conseguir a sua validação e certificação. Isso porque os processos de RVCC, em si mesmo, foram organizados em três eixos:

1) O Reconhecimento, que consiste no processo individual de identificação de competências previamente adquiridas pelo adulto, assente em histórias de vida, que apoiadas pelos profissionais do centro ajudam cada adulto a descobrir o que aprendeu nas suas diferentes “situações de dia a dia” nos seus “tempos de vida” no seu percurso de vivência. Neste processo, apoiado pelos técnicos, o adulto toma consciência das suas aprendizagens, das suas competências adquiridas, dos recursos e saberes que mobilizou e através de diversos tipos de trabalhos, escritos ou outros, realiza o seu “Balanço de competências” com o qual vai construindo um dossier pessoal que irá conter todas as evidências documentadas das competências de que esse adulto é portador.

2) A Validação, que se traduz num conjunto de atividades que visam apoiar este adulto no processo de avaliação das suas próprias competências relativamente às quatro áreas do referencial e aos níveis de certificação escolar. Este processo culmina com a apresentação do dossier e de todo o processo a um júri que analisa e avalia o mesmo.

3) A Certificação acontece após a boa avaliação que confirma as competências adquiridas, reconhecidas e validadas com a emissão oficial de uma carteira pessoal de competências e do respetivo certificado.

A década de 2000 trás a extinção da ANEFA e uma reestruturação do Ministério da Educação; sucede-lhe a Direcção-Geral de Formação Vocacional. De acordo com o nome, com uma tendência mais vocacionalista com vista a responder ao desemprego e à competitividade, pois com a crise económica nos países do ocidente o Estado está a demitir-se e a desresponsabilizar-se por determinados serviços o que, no nosso país tem consequências graves. Desta forma, os cidadãos passam a ser consumidores de serviços educativos promovidos por outros e não pelo estado e a Educação de Adultos em vez de ser um direito para todos, passa a ser um direito do consumidor que procura, escolhe e paga a sua aprendizagem.

A Lei nº 52 de 31 de Agosto aprova as grandes opções do Plano 2005-2009, diploma que aponta o plano tecnológico como meio para motivar os portugueses para a sua qualificação e, no que diz respeito à Educação e Formação de Adultos, pretende alargar as oportunidades dos ativos para a aprendizagem ao longo da vida.

Neste caminho de décadas educativas perderam-se objetivos centrados nas pessoas, substituindo a ação educativa para adultos com objetivos essencialmente de formação profissional, de qualificação técnica, de requalificação de trabalhadores.

No reforço destas ideias, Melo (2004) diz-nos que,

“Apesar das baixíssimas taxas de escolarização, de qualificação e de demonstração de competências/conhecimentos chave por parte da população adulta portuguesa, nunca a educação de adultos foi prioridade na agenda política dos governantes, quer em Monarquia quer em República, quer em regime ditatorial ou democrático. Os poderes públicos têm sido, assim, capazes de manter um dispositivo eficaz e coerente para desincentivar e impedir as pessoas adultas, e muito especialmente as mais necessitadas, de aceder à aprendizagem básica ou contínua”. (p.3)

Os conceitos evoluíram em função das práticas e estas dependeram dos seus contextos políticos, sociais e económicos.

Se, nos pós 74, havia uma base “política”, no sentido de ajudar a formar cidadãos mais informados, mais conscientes, com os fundos estruturais de 1986 centraram-se intervenções em projetos para a inclusão, para a luta contra o desemprego, para o desenvolvimento local.

A educação/formação institucional tem evoluído, de um tempo em que ambas eram incomunicáveis (formação profissional por um lado, ensino recorrente por outro) para uma situação de convergência e, são disso exemplo, os cursos EFA e a Rede Nacional de RVCC- Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências.

2 - Educação Permanente e Aprendizagem ao Longo da Vida

Existem diferenças entre os conceitos de Educação Permanente (EP) e a Aprendizagem ao Longo da Vida (ALV). Se na EP a tónica estava colocada na obrigação de os poderes públicos criarem condições e disponibilizarem ofertas capazes de facilitar aos adultos uma perenidade de aprendizagens, na ALV a tónica é colocada na pessoa adulta que tem obrigação de aprender ao longo da vida, de se tornar empregável em permanência.

No final do século XX a ALV tornou-se um conceito amplamente divulgado, já não somente pelas empresas, que sempre a associaram a ações de formação profissional com o objetivo de atualização dos seus profissionais, mas passou a ser um conceito mais assimilado por serviços distintos e até pelos próprios profissionais liberais. É sentida como uma aprendizagem evolutiva, necessária não só a uma atualização tecnológica ou de mudança, mas também uma aprendizagem permanente de aprofundamento dos conceitos e das competências técnicas de qualquer trabalhador.

Em cada contexto profissional esta noção avançou mais ou menos, consoante as áreas de especialização técnica exigidas, ganhou maior compreensão e alargou-se quase como uma “necessidade” para o mercado de trabalho. O discurso da ALV postula que os trabalhadores, para progredirem profissionalmente, têm de “continuamente aprender” ao longo de toda a sua vida, para que, dessa forma, se possam manter “competitivos” e “qualificados” para as oportunidades de trabalho passíveis de serem obtidas.

Essa noção de ALV tem evoluído numa complexidade de significados, de acordo com políticas nacionais e internacionais. Tal como é referenciado por Biesta (2006)

“No passado, a aprendizagem ao longo da vida foi considerada como um bem pessoal e um aspeto inerente da vida democrática; hoje, a aprendizagem ao longo da vida é cada vez mais compreendida em termos de formação de capital humano e como um investimento no desenvolvimento económico. Esta transformação é não só visível ao nível de política, que também teve um forte impacto sobre as oportunidades de aprendizagem para adultos, em parte através de uma redefinição do que conta como legítimo ou aprendizagem útil e, em parte, como uma consequência da redução de financiamentos para essas formas de aprendizagem que se consideram não ser de qualquer valor económico”.

(p.169)

Mas para além de uma perspetiva de tempo, e de disponibilidade ou oportunidades para aprendizagem ao longo da vida, há que sublinhar a diversidade de modos e dos espaços de aprendizagem, muito para lá dos estabelecimentos oficiais de ensino e formação.

Segundo Dias (1983), a Educação de Adultos “Refere-se a todos os adultos, os que tiveram e os que não tiveram acesso aos benefícios da educação escolar, na medida em que uns e outros são portadores de carências específicas” (p.43).

O conceito de Educação de Adultos é descrito pela Declaração de Hamburgo como: “o conjunto de processos de aprendizagem, formal ou não, graças ao qual as pessoas consideradas adultos pela sociedade a que pertencem desenvolvem as suas capacidades, enriquece os seus conhecimentos, e melhoram as suas qualificações, técnicas ou profissionais ou as reorientam de modo a satisfazer as suas próprias necessidades e as da sociedade”.

Temos pois a ALV como um dado adquirido na atualidade com o qual cidadãos, serviços e empresas planificam estratégias e programam o seu dia-a-dia. A permanência da atualização de conhecimentos, de renovação e “reciclagem” dos recursos humanos faz da Aprendizagem ao Longo da Vida uma necessidade sempre em atualização.

3 - Educação de adultos e cidadania nas competências parentais

Nos dias que decorrem torna-se cada vez mais importante a formação cívica, sendo um dever de todos os indivíduos na nossa sociedade. Esta é uma forma de desenvolver a cidadania, bem como apelar à participação dos cidadãos, com o intuito de uma melhor qualidade de vida, bem como a vivência em comunidade.

Segundo Moretti (1999), a formação cívica tem por objetivo “preparar as pessoas para o exercício de seus direitos. Dos direitos humanos, dos direitos de cidadão, ou seja, dos direitos civis, sociais e políticos” (p. 60).

Aos pais, que em família são os primeiros e principais protagonistas demonstradores de cidadania para as crianças, cabe um papel fundamental e consciente de si mesmos nesta área.

As competências parentais estão impregnadas das “competências cívicas” que os adultos já transportam em si, na forma como exercem os seus direitos e deveres de cidadãos em sociedade. As posturas de cidadania que se tomam no dia-a-dia refletem em si as aprendizagens de “formação cívica” que fomos capazes de fazer ao longo da vida. Essas aprendizagens podem levar-nos a posturas passivas ou interventivas e/ou à posição de uma constante abertura para a participação cidadã.

Segundo Barbero (1999), “Tudo isso diz respeito a uma mudança de postura, de uma ‘cultura do silêncio’ das maiorias, como já disse Paulo Freire (1981), ou a cultura da submissão, do cidadão ausente, de um cidadão sem voz para uma nova cidadania.”

No contexto desta investigação, ao falarmos de adultos estaremos a referir-nos aos pais, que na sua função de parentalidade positiva, sendo cidadãos ativos têm de

enquadrar as suas aprendizagens ao longo da vida numa perspetiva útil. Têm de, com essa mesma função parental, ativar competências no domínio das suas aprendizagens e na área de cidadania.

As aprendizagens dos adultos na vida ativa, muitas delas, cedo deixam de ser em contextos escolares e de formação formal, passando para o domínio da aprendizagem não formal e informal, onde as competências surgem e se aprofundam pela “praxis” diária.

É sobre essa mesma perspetiva de uma educação não formal e informal que se pretende investigar como é que as aprendizagens dos pais (adultos) podem tornar-se instrumentos de mudança sendo ela individual e/ou coletiva.

Tentar perceber sobre a importância das experiências de vida na formação da pessoa, como apresenta Josso (1991)

a experiência ou as experiências de vida são formadoras na medida em que, a priori ou a posteriori, é possível de explicitar o que foi aprendido (...) em termos de capacidades, de saber fazer, de saber pensar e de saber-se situar.(p.6)

O reconhecimento dos adquiridos experienciais redimensiona o papel e a importância dos percursos educativos, de situações, de relações, de acontecimentos, como contextos formadores.

Esta mesma autora lembra que nem todas as experiências, por si só, se constituem em formação. Para que a experiência seja formadora é suposto um “trabalho” de autorreflexão sobre as vivências. Essa dinâmica autorreflexiva implica toda a pessoa, na sua globalidade psicossomática e sociocultural, permitindo um processo de transformação, uma construção de sentido (Josso, 1991).

Também Pires (2007) exprime a ideia de que a aprendizagem experiencial se encontra de acordo com uma perspetiva holística, que tem em conta a globalidade do processo de desenvolvimento da pessoa, na sua relação com o meio, com os outros e consigo mesma. No entanto, experiência e aprendizagem não são sinónimas; não são as experiências que são reconhecidas e validadas, mas sim as aprendizagens e as competências que resultam de um processo de aprendizagem experiencial; como evidenciamos, a experiência é a base e a condição para a aprendizagem, e, para que seja formadora, ela tem de ser, refletida, reconstruída, conscientizada.

Nas palavras de Melo (2009), “A sociedade portuguesa necessita, pois, de um forte movimento social que, mobilizando múltiplos e diversos quadrantes, privados e

públicos, locais ou regionais, permita pressionar no sentido de um contexto cultural, legal e organizacional mais propício à educação e à cidadania” (p. 4).

Uma tal dinâmica, embora devendo exercer-se fundamentalmente “de baixo para cima”, deveria ser considerada como um real projeto de sociedade e, como tal, ser desenvolvida em estreita cooperação entre os poderes e os cidadãos.

Para o reforço desta ideia de que os adultos podem, efetivamente, por via das suas aprendizagens, ser cidadãos mais participativos e presentes na própria aprendizagem dos filhos, referimos que

“o envolvimento dos pais - incluindo a educação de pais - pode ser vista como uma forma de educação de adultos e de desenvolvimento pessoal que pode ter efeitos sociais e educacionais benéficos para além do impacto positivo nas crianças. Vemos o envolvimento dos pais como uma forma de trazer benefícios para os professores e para as escolas”. (Davies. *et al.*, 1989)

No seguimento da ideia inicial de que a presença e participação dos pais na escola é de facto fundamental para uma escola mais global, talvez possamos concordar com as palavras de Marques (1999),

“Caso queiramos viver uma democracia plena, parecem ser condições a não desprezar: a igualdade de oportunidades educacionais, o direito a uma escola de qualidade para todas as crianças e adolescentes e a aquisição de uma ‘educação de base’ que proporcione o acesso e o gosto pelos bens culturais e assegure o acesso pleno ao estádio das operações formais. A escola é por isso uma das componentes essenciais da democracia e só uma escola de qualidade para todos, incluindo os mais pobres e desfavorecidos, pode incentivar a formação de cidadãos”. (p.27)

Se esta consciência estiver desperta nos adultos (pais), poderão ser levadas a cabo ações de facilitação da informação, sensibilização e formação para a comunidade escolar, no sentido de realmente promover uma escola mais inclusiva.

Cabe aos adultos – educadores – o aprofundamento das suas próprias aprendizagens no sentido destas virem a servir de forma cada vez mais eficaz as aprendizagens dos filhos. “A aprendizagem e educação de adultos não apenas oferecem competências específicas, mas são também um fator essencial na elevação da autoconfiança, da

autoestima e de um sólido sentimento de identidade e de apoio mútuo” (Relatório Ação de Belém - CONFITEA VI, 2009, p.17)

Aprendizagem e formação de adultos desempenham um papel fundamental na resposta a desafios contemporâneos de ordem cultural, económica, política e social.

Procurar respostas torna-se uma função da parentalidade que pode levar os indivíduos a uma intervenção cidadã mais reivindicativa, mais questionadora da realidade, mais motivada para uma construção coletiva de respostas.

3.1 - Cidadania participativa

Uma participação mais ativa dos cidadãos na vida política e social tornaram-se, nos últimos anos, questões-chave em todos os países europeus. Constituem, igualmente, objetivos plenamente apoiados pela Comissão Europeia. Na sua comunicação de 2004, “Construir o nosso futuro em comum: Desafios políticos e recursos orçamentais da União Alargada 2007-2013”⁵, a Comissão identifica claramente o desenvolvimento da cidadania europeia como uma das principais prioridades da atuação da União Europeia.

O objetivo do programa comunitário “Cidadãos para a Europa” é o de promover a participação cívica e uma consciência de cidadania mais forte.

A dimensão societária de um processo participativo é, segundo Dias (2006), “determinante, pois remete para a necessidade de ‘construir’ uma sociedade civil forte, organizada e mobilizada para poder debater com a classe política, as opções consideradas mais válidas para a satisfação das necessidades da população e para o desenvolvimento do território” (p.57).

Temos pois que perspetivar em que medida os indivíduos se colocam em sociedade para usufruir da sua liberdade democrática.

Segundo Marques (1999) “o que caracteriza, de facto, um cidadão livre é a possibilidade e a competência para o exercício da cidadania, ou seja, a capacidade para defender pontos de vista, para argumentar, para tomar decisões de forma autónoma e para participar livremente na vida das comunidades.” (p.42)

Num trabalho realizado por Nogueira e Silva (1998,citado em Resende, 2008), estas autoras analisam a questão de sabermos se estamos no momento da construção de um modelo de cidadania pós-moderna. Segundo as mesmas, “Num mundo global e plural, a

⁵ http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/site/pt/com/2004/com2004_0101pt01.pdf

pós-modernidade e uma cidadania pós-moderna começam a impor-se como possibilidade porque as suas partes constituintes têm direitos, responsabilidades e participação política - são essenciais para a governação humana.” (p.175)

A pós-modernidade é definida como uma época de incertezas, de fragmentações, de desconstruções, de troca de valores. Foi após a queda do Muro de Berlim e consequente crise de ideologias que a ideia de pós-modernidade ganhou mais força, manifestando-se através de uma condição sociocultural e estética que prevalece no capitalismo contemporâneo, mas que avança com ele; é o estado ou condição de ser pós-moderno em relação ao que é moderno.

Em filosofia e teoria crítica, pós-modernidade refere-se ao estado ou condição da sociedade existir depois da modernidade. Foi a segunda metade do século XX que nos trouxe essa ideia. Assistiu-se a mudanças profundas na história do pensamento e da técnica, à crescente aceleração das tecnologias de comunicação, à transformação das artes, dos materiais, da genética, influenciando a economia e a política global, e registaram-se mudanças paradigmáticas no modo das instituições e das sociedades pensarem e atuarem.

Santos (2004) elucida isso mesmo na sua comunicação na Conferência do VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro afirmando

“a minha conceção de pós modernismo, (...) designei-a de pós-modernismo de oposição e condensei a sua formulação na ideia de que vivemos em sociedades a braços com problemas modernos- precisamente decorrentes da não realização pratica dos valores e liberdade, da igualdade e da solidariedade- pra os quais não dispomos de soluções modernas. Daí a necessidade de reinventar a emancipação social”. (p.5)

Retornamos então à ideia inicial explicitada por Nogueira e Silva que ao falarmos de cidadania esta virá numa perspectiva de cidadania pós moderna para conseguir responder aos atuais desafios em sociedade e nas suas palavras nos dizem que:

“neste sentido, a prática de cidadania visa a emancipação individual e coletiva. Para que tal desiderato aconteça efetivamente ‘é necessário ter em atenção todas as contradições, ambiguidades e tensões provocadas pela lógica da cidadania liberal’.

Como se torna possível construir este modelo de cidadania pós moderna? São quatro

ideias que ajudam à sua formatação. A primeira é a ligação a ser feita entre cidadania e comunidade política. Tal ligação é intermediada por uma ética de participação. A segunda ideia é ‘perpetuação dos direitos sociais desligados da economia de mercado’. A terceira ideia incide sobre a necessidade de se criar uma cidadania íntima ‘que representa uma possibilidade de conceção holística para a cidadania’. Finalmente a construção de uma cidadania múltipla tendo como eixo a relação nem sempre linear, entre a diferença e o reconhecimento e a pertença a uma comunidade política”. (p.175)

É Santos (1991) que fala nesse conceito de cidadania pós-moderna num sentido de atualização necessária a todos nós, porque nas suas palavras “o paradigma da modernidade deixa de poder renovar-se e entra em crise final” (p. 142). Este mesmo autor fala-nos nas questões da subjetividade, cidadania e emancipação, e diz-nos que já para Rousseau,

“a vontade geral tem de ser construída com a participação efetiva dos cidadãos, de modo autónomo e solidário, sem delegações que retirem transparência à relação entre ‘soberania’ e ‘Governo’. Por esta razão, o contrato social assenta, não numa obrigação política vertical Cidadão -Estado, como sucedeu no modelo liberal, mas antes numa obrigação política horizontal Cidadão - Cidadão na base da qual é possível uma associação política participativa. (p.142/143).

A relação cidadão-cidadão é uma realidade de convergências de sentimentos, necessidades semelhantes e desejos idênticos que pode efetivamente mover as pessoas para a participação, para a idealização de projetos conjuntos.

No mesmo artigo, Santos (1991) diz-nos

“que o legado de Marx é fundamental para compreender a trajetória do paradigma da modernidade (...) este período caracteriza-se pela passagem da cidadania cívica e política para o que foi designado por ‘cidadania social’, isto é, a conquista de significativos direitos sociais no domínio das relações de trabalho, da segurança social, da saúde, da educação e da habitação por parte das classes trabalhadoras das sociedades centrais”. (p.146)

Concretizando o seu ponto de vista nesta matéria, Santos acrescenta, falando sobre Marshall, que “A cidadania não é por isso, monolítica, é constituída por diferentes tipos e direitos e instituições, é produto de histórias sociais diferenciadas protagonizadas por grupos sociais diferentes”. (p.146)

Faz-nos, pois, refletir sobre se realmente um grupo de pais, associados por uma mesma inquietação poderá vir a transformá-la em cidadania participativa?

3.2 - Os espaços escolares e a construção da cidadania participativa

Verificada a importância da presença parental na vida escolar das crianças e jovens importará certificarmo-nos como é que a mesma se inclui na escola e em que medida a instituição escola também contribui para uma cidadania mais participativa.

A propósito de uma cidadania participativa, Resende (2008) diz-nos,

“A figuração de democracia pós-moderna alicerça-se numa ética da participação. È com essa ética da participação que a cidadania se torna efetivamente ativa. È através dessa participação pública, e política, que se consegue não só realizar a democracia relacional, mas também articular de forma mais harmoniosa os deveres e os direitos”. (p. 79)

È dessa articulação relacional que se podem esperar mais e melhores resultados em mudanças quer no meio escolar, quer na comunidade local.

Uma vez que este autor nos está a falar numa obra sobre estudos e análises feitas na perspetiva dos programas de cidadania para as escolas, ele fala-nos da ideia defendida que aborda o conceito da cívica em que

“A socialização escolar visa a socialização política auxiliada pelo dispositivo da pedagogia crítica. A mediação proporcionada por esta pedagogia contribui para esclarecer a ética prática da participação. A aliança entre a conscientização e a experiência participativa, de um lado e a coligação entre a experiência da participação e a convivência civilizada do outro lado, constituem instrumentos para orientar as estratégias pedagógicas no sentido de criar disposições para um trabalho coletivo nos professores e alunos”. (Resende 2008, p.181)

Assim se reforça a ideia de que o trabalho de trilogia professores-alunos-pais/famílias é fundamental aos processos de formação e aprendizagem e em consequência aos processos de participação cívica e de cidadania.

Percebemos que na atualidade, por todo o lado, as crianças, sejam rapazes ou raparigas, ricos ou pobres, em países desenvolvidos ou em vias de desenvolvimento, são afetadas pelas mudanças sentidas em sociedade e para muitas destas crianças onde o suporte familiar não existe ou é débil muitas vezes resta-lhes o apoio que a escola lhes proporciona. As situações de mudança social são demasiadas e diferentes e por isso mesmo estão a surgir dia a dia novas situações que as crianças têm de enfrentar que nunca se lhes tinham deparado, disso nos dão conta Nico van Oudenhoven e Rekha Wazir na sua obra “As novas crianças do Século XXI: necessidades emergentes”, quando nos falam do confronto com os novos desafios e oportunidades das novas tecnologia da comunicação e informação, quando nos alertam com o exemplo do Butão ou das Ilhas Fiji onde só muito recentemente chegou a televisão, onde noutros lugares onde já existe há meio século; quando por exemplo há duas décadas atrás só uma minoria de mulheres na Holanda tinha trabalho pago fora de casa e neste momento é raro as mulheres holandesas permanecerem em casa para cuidar dos filhos.

E ainda nos explicam mais a situação dizendo

“As rápidas mudanças demográficas, a poluição ambiental, as intervenções médicas, o incremento das interações com outros povos e cultura, a globalização da economia, os sistemas de informação e os estilos de vida são alguns dos processos inter relacionados que estão na raiz das NNE – Novas Necessidades Emergentes e colocam novos desafios do mesmo modo que criam novas oportunidades”. (p.11)

Ao refletirmos sobre estes novos desafios importa pensar intensamente o importante papel da família em articulação com a escola pois como também nos alertam estes autores a relação existente “destes parceiros” no desenvolvimento das crianças também está a mudar; identificam esta mudança como “ a substituição dos mediadores tradicionais” e dizem-nos:

A relação das crianças com o ambiente era tradicionalmente mediada pelos pais, educadores, escolas e comunidades mas estes estão gradualmente a perder a sua função de cuidadores e moduladores. Graças à internet, as crianças estão a entrar gradualmente e sem orientação em territórios desconhecidos. A aliança global formada pelas TIC, pela média e pelo comércio está a melhorar a capacidade de contornar os pais e educadores e possibilitar que sistemas acreditados e identificados comuniquem diretamente com as

crianças. As crianças e os jovens estão a ser forçados a desenvolver novos e criativos expedientes para interpretar e construir o seu mundo moral e social.” (p.13)

Dai a importância extrema da conscientização dos pais para a necessidade do reforço de ação e apoio com a escola através dos professores e educadores de seus filhos, que lhes venha a permitir um acompanhamento profundo do seu desenvolvimento e das suas aprendizagens e acima de tudo da sua “ construção” como indivíduos e cidadãos do mundo.

Oudenhoven e Wazir (2007) dizem-nos que Jonh Dewey (1859-1952) foi o mais influente pensador norte-americano na área da educação e tem uma aceitação massiva em todo o mundo anglo-saxónico. Ele acreditava que o instinto e as capacidades da criança eram o ponto de partida para toda a educação e, igualmente inovador, que a educação era um processo de toda uma vida e não só preparação para o futuro. Também argumentou que os professores deviam ser sensíveis às necessidades, valores e cultura das famílias e das comunidades. Dewey preconizou como fundamental que os professores, em vez de deixarem as crianças entregues às suas capacidades, as ajudassem a compreender o mundo. De modo a poderem prestar essa ajuda adequadamente, os professores deveriam possuir um conhecimento do processo de crescimento das crianças. (p. 109)

Afigura-se-nos então que a importância dos pais e da família nessa partilha de conhecimento do processo de crescimento das crianças é inegável e fundamental para o desenvolvimento destas e já existe desde á muito tempo atrás. É necessário aos pais investir no sucesso escolar e educativo das mesmas.

Ainda são estes mesmos autores que nos apresentam Ellen Karolina Maria Key (1849-1926), educadora sueca que escreveu no seu influente livro *Barnest arhundrad* (O século da Criança) como :

“a primeira pessoa que argumentou com otimismo e veemência que o mundo poderia tornar-se melhor se investíssemos fortemente na educação das crianças. Apelou a favor de uma educação centrada na criança e para um maior envolvimento dos pais (...) a verdade é que Ellen Key conquistou a atenção dos políticos para a sua abordagem à pedagogia e levou que as suas ideias fossem tidas em conta por autores seus contemporâneas como Dewey e Montessori entre outros”. (p.108)

Maria Montessori (1870-1952) foi a primeira mulher a formar-se em medicina na Itália em pediatria e combateu a ideia corrente na sua época, de que não era possível ensinar crianças pobres, demonstrando que o problema não estava na criança, mas sim no ambiente em que viviam.

Eglantyne Jebb (1876-1928, Inglaterra) trouxe argumentos totalmente novos ao debate sobre a infância. Fez trabalho social após a guerra dos Balcãs e a Primeira Guerra Mundial e fundou o “Save the Children”; escreveu o “Childr’ens Charter” que foi adotado pela Liga das Nações em 1924 como a Declaração dos Direitos das crianças. Esta declaração serviu também de base para a Convenção dos Direitos das Crianças da Organização das Nações Unidas que é um documento que ainda usamos na atualidade como a principal referência na salvaguarda dos direitos e proteção das crianças e jovens no planeta.

Os aspetos aqui realçados situam-nos na importância da tríade pais-educadores professores e escola, que já vem sendo tratada e aprofundada desde séculos anteriores, e que tem tido uma evolução constante. Na raiz de novos desenvolvimentos e de estudos sobre a infância salientamos o historiador francês Philippe Ariés que em 1960 publicou uma teoria muito divulgada de que a infância é uma construção social

Embora, à época, contasse com grande contestação, o seu trabalho influenciou gerações de sociólogos e antropólogos e foi inspirador de estudos multiculturais sobre as crianças e sobre a infância. Sobre este aspeto, Oudenhoven e Wazir (2007) dizem-nos que “a infância é tanto um fenómeno biológico como uma estrutura social. É um período bastante claro na vida de um ser humano, mas a duração desse período e o modo como ele é compreendido varia em função das diferentes sociedades e das diferentes épocas. (p.114)

PARTE II - ESTUDO EMPIRICO

“Tudo o que somos ou que não somos é o resultado do nosso próprio esforço ou da nossa própria inação. “

Max Heindel

CAPITULO IV – Opções metodológicas

1 - Problema da investigação

A necessidade de pensar esta investigação com pais de crianças com NEE surgiu depois de termos contactado com o conceito de parentalidade positiva. Face às diferenças que estas crianças apresentam, às condicionantes que trazem consigo, pais e família em geral, têm, desde cedo, de aprender a conviver com uma maneira diferente de “estar” e de “ser”.

Para os pais, a tarefa de educar os filhos, ao longo das várias etapas do seu crescimento e desenvolvimento é sempre uma tarefa difícil e cheia de desafios. Mesmo em circunstâncias ditas normais, em que as crianças e os jovens não apresentam quaisquer problemas de desenvolvimento, é usual dizer que fazia falta um “livro de instruções” que ensine como lidar com as crianças. Esta metáfora, que é usada num registo humorístico, não deixa de ser adequada. À semelhança do que sucede quando adquirimos um equipamento novo e desconhecido, e usamos o manual de instruções como orientador para rentabilizar as suas potencialidades e para ultrapassar dificuldades que possam surgir no seu uso, os filhos também são uma realidade nova que surge na vida das famílias, cada um com as suas idiossincrasias e características próprias, e que exigem, da parte dos pais, um saber, que se julga inexistente, sobre como potenciar o seu desenvolvimento, numa relação que seja saudável e promotora de um crescimento equilibrado.

Para os pais de crianças com NEE os desafios na tarefa de educar complicam-se, e a insegurança e a incerteza sobre a melhor forma de agir e de conduzir o processo educativo dos seus filhos é mais complexa.

Aos pais destas crianças cabe uma dose bem maior de resiliência, de assertividade, de compreensão e de amor infinito para lidar com as diferenças.

Embora existam, na sociedade, instituições e mecanismos que, de forma mais ou menos competente, ajudam estas famílias, normalmente estes pais têm que se “autoeducar” para conseguirem educar o seu filho.

Dentro deles descobrem os métodos, os instrumentos de saber-fazer, para darem, “àquela” criança, o que ela precisa para o seu desenvolvimento.

Esta constatação é reforçada por estudos internacionais que abordam esta problemática, e que sublinham a importância deste processo de descoberta das melhores

soluções no seio das próprias famílias, apelando para a vantagem de uma parentalidade positiva (Bornstein, 2002).

Segundo o Conselho da Europa (2006) poder-se-á considerar a “parentalidade positiva como uma prática parental orientada para um desenvolvimento integral e equilibrado das crianças, proporcionando-lhes todos os instrumentos necessários, no sentido de que estas venham a tornar-se adultos socialmente integrados e responsáveis”. (p.16).

Esta abordagem tem vantagens porque são os pais que, de forma muitas vezes inconsciente, reforçam as ações dos filhos e as valorizam, enaltecendo cada conquista. No caso da educação de crianças com NEE, quando se aposta numa prática de parentalidade positiva, é porque se acredita que cada pequena evolução, cada nova palavra, um novo gesto, uma nova mobilidade, são verdadeiras conquistas naquela criança e para aquela família.

Este conjunto de considerações motivou-nos para realizar uma investigação tomando como objeto de estudo pais de crianças com NEE, associando-os ao conceito de parentalidade positiva e, também, ao conceito de cidadania participativa.

No dia-a-dia procuramos obter na sociedade em que vivemos as soluções para as problemáticas que dominam o nosso quotidiano, e podemos mais facilmente chegar a elas se a nossa intervenção cidadã for ativa e participativa nessa mesma procura. Segundo Rosa (1999)

“a melhor cidadania (...) é aquela em que os cidadãos são e agem de tal modo que governar e ser governados não é algo que lhes vem do exterior, mas sim um poder intrínseco e uma opção deliberada que só a eles cabe. Na melhor cidadania, cidadão não é apenas aquele que pode governar e escolher quem governa (goza de voz passiva e ativa). É sobretudo aquele que deliberadamente, quer ser governado e governar, pois sabe que sem a sua livre vontade, não há cidadania e que sem cidadania ele não é livre” (p.2).

Sendo cidadãos com direitos e deveres em sociedade, face ao nosso projeto de vida, participamos exercendo ou exigindo esses direitos, no sentido de conseguirmos alcançar os objetivos que traçamos para viver.

As famílias de crianças com NEE têm, dessa forma, de realizar uma procura mais vasta e alargada sobre direitos especiais que lhes possam dar respostas às suas

necessidades diferentes e problemáticas específicas. Irão, assim, procurar socialmente e nas suas comunidades o exercício de direitos e de deveres para pessoas que são diferentes.

A todos os indivíduos, sem exceção, assistem-lhes os deveres e direitos consagrados à luz da legislação da sociedade em que está inserido, do seu país, da sua comunidade.

Pais e famílias de crianças com NEE, pela qualidade de diferença que lhes assiste, podem usufruir de legislação especial que lhes confere direitos complementares à lei geral.

Através da lei geral, todo e qualquer cidadão pode exercer deveres e reivindicar direitos nos lugares próprios e em cada instância de decisão, que poderá ser a nível local /municipal, a nível regional ou a nível nacional. Cada indivíduo pode pronunciar-se e participar pelos meios à sua disposição (voto, consulta pública, petições, etc...), para a realização e implementação dos quadros legislativos dos direitos e deveres de cidadania.

No entanto, às famílias de crianças com NEE cabe-lhes conhecer um quadro específico de legislação complementar, que enquadra cada uma das situações especiais. Os pais de meninos diferentes, também são pais/cidadãos “diferentes”, que têm de exercer a sua função parental num universo distinto das famílias comuns.

Se para uma família comum é um hábito participar na associação de pais da escola dos seus filhos, para um ‘pai diferente’ caberá ver se, ao participar nessa associação da escola do seu filho, a mesma insere nas suas atividades e planos o que existe para responder aos ‘meninos diferentes’ .

Este trabalho, realizado na área da Educação Social, pretende investigar se as “aprendizagens pela partilha”, feitas pelos pais de crianças com NEE, potenciam melhorias nos processos educativos e se se refletem nos progressos coletivos, tanto na escola como na comunidade local. Pretendemos como objetivo último verificar se a experiência da partilha, a autoajuda, mas também as aprendizagens conjuntas são elementos de reforço da participação cidadã, neste caso em defesa e apoio das crianças com NEE integradas numa determinada comunidade educativa.

Pretende-se verificar se pais com uma ação positiva no desenvolvimento dos seus filhos, que querem “normalizar” essa “vida diferente”, serão, em simultâneo, cidadãos mais participativos.

Dai a questão de partida que formulámos: “Pode, a parentalidade positiva, promover cidadania participativa?”

2 - Questões de investigação

Ao longo desta investigação pretendemos compreender os efeitos da participação cidadã, por parte dos adultos (pais), tentando perceber se a sua aprendizagem ao longo da vida, em conjunto com a parentalidade positiva que possam desenvolver diariamente, contribui para melhoria das condições escolares das suas crianças.

Procurámos também entender, de que forma a parentalidade positiva, quando é exercida em parceria com a escola, se pode transformar em cidadania participativa.

Referimo-nos a uma cidadania que responda com mais qualidade às necessidades especiais, não só de crianças com NEE, mas também de todas as crianças que constituem a comunidade escolar de um dado território local.

Indagámos, ainda, se pela partilha e pela reflexão conjunta, as questões da parentalidade positiva e da cidadania ativa, são sentidas como necessárias pelas famílias destas crianças.

Assim sendo, as questões orientadoras da investigação foram as seguintes:

Uma parentalidade positiva, que se exerce diariamente por ‘reforço positivo’ das conquistas da criança, é partilhado com outras famílias nas mesmas circunstâncias?

Ao trabalhar com uma instituição de apoio às crianças com NEE (exemplo da associação Pais em Rede) estes pais ‘positivos’ contribuem para que a instituição seja pólo de disseminação de boas práticas?

O envolvimento parental em projetos na escola e/ou na comunidade pode levar a que pais e famílias participem de forma mais ativa?

Qual a perceção que estes pais possuem sobre as possibilidades que a cidadania participativa oferece na resolução dos problemas comuns?

Se a parentalidade positiva se alicerça nestes, como noutros exemplos desta natureza estaremos então a constatar que a mesma se articula com uma cidadania ativa?

Pelo exercício de uma parentalidade positiva, deverão estes pais exercer a sua cidadania de uma forma mais participativa, que seja capaz de efetivamente fazer valer direitos especiais consagrados na legislação e nas políticas de apoio, a situações de vida diferentes?

Debruçados sobre este questionamento delineamos objetivos para a investigação.

3 - Objetivos da investigação

Com base nas inquietações enunciadas na forma de questões de investigação e anteriormente apresentadas, formulámos os seguintes objetivos:

- O1-Promover a partilha como fonte de construção de competências parentais
- O2- Trocar experiências parentais que contribuam para a autoajuda de pais com filhos com NEE
- O3-Rentabilizar saberes e competências de pais no que respeita ao exercício da parentalidade positiva;
- O4-Contribuir para a consciencialização dos pais de crianças com NEE, quanto às competências parentais que possuem e/ou podem desenvolver
- O5-Identificar necessidade de informação e/ou formação necessárias a um melhor desempenho de parentalidade positiva
- O6-Identificar opções de envolvimento parental que contribuam para a superação de necessidades na comunidade educativa
- O7-Ativar processo conducentes à prática da parentalidade positiva
- O8-Exercitar a participação cidadã, através de práticas de parentalidade positiva.
- O9-Delinear formas de colaboração, atividades e/ou projetos, plausíveis de implementar na comunidade educativa e que acionem práticas de participação cidadã.
- O10- Analisar a possibilidade de constituir, na comunidade, grupos de trabalho, que trabalhem as questões da parentalidade positiva e a participação cidadã

Pretenderemos que esta investigação (conjunta) seja um “instrumento” ao serviço da comunidade educativa do território escolhido.

Também um pretexto para a ação, um meio para a mudança, um estímulo à participação.

4 - Paradigma da Investigação

Cabe ao investigador, face à informação de que dispõe e aos objetivos que traçou, a escolha do método e o enquadramento paradigmático que lhe possibilitará respostas à sua questão de partida.

De acordo com Carmo e Malheiro (1998), “a distinção entre paradigmas diz respeito à produção do conhecimento e ao processo de investigação e pressupõe existir uma correspondência entre epistemologia, teoria e método” (p.175).

A escolha de paradigma não é um processo simples nem imediato. Segundo Lakatos (1978, citado em Coutinho, 2004),

“os paradigmas nem sempre competem entre si, os antigos não morrem, na maior parte das vezes são ‘completados’. Reforça-se a ideia de complementaridade em vez de incompatibilidade. A “atualização” dos paradigmas existentes e as diversas investigações que tentam promover o seu aprofundamento apresentam-nos oposição ou complementaridade dos mesmos”.

(p.19)

Relativamente à investigação educativa, Bidarra (1996, citado em Coutinho, 2005) refere que é um campo onde convergem múltiplas perspetivas paradigmáticas. A complementaridade dos paradigmas defendida por alguns autores explica, assim, a ausência de um paradigma dominante nas ciências sociais.

Para Salomon (1991),

“transcender o debate ‘qualitativo – quantitativo’ é, hoje mais do que nunca, uma ‘necessidade’ para quem investiga a complexa realidade educativa (sala de aula, escola, família, cultura), onde se conglobera a intervenção de variáveis interdependentes (comportamentos, perceções, atitudes, expectativas, etc) cuja análise e estudo não pode ser encarado à maneira das ciências exatas onde se conseguem isolar variáveis e factos individuais. Analisar os problemas educativos exige abordagens diversificadas que combinem o que de melhor tem para dar cada um dos paradigmas litigantes: combinar a “precisão” analítica do paradigma quantitativo, com a “autenticidade” das abordagens sistémicas de cariz interpretativo

é (...) uma coabitação que está longe de ser um luxo; é antes uma necessidade se desejamos mesmo que dela nasçam resultados frutíferos” (p.17)

O paradigma interpretativo e fenomenológico apresenta algumas características, tais como a sua natureza indutiva e holística, humanística e naturalista.

A característica de “ser indutivo” traduz-se, segundo Carmo e Malheiro (1998), por uma teoria que é desenvolvida de “baixo para cima”, tendo como base os dados que se obtiveram e que estão inter-relacionados; ainda, porque não se procura informação para verificar hipóteses.

Segundo os mesmos autores, o ser “holístico” advém da necessidade que os investigadores têm de ter em conta a “realidade global”.

No que se refere ao investigador, neste paradigma este é “sensível ao contexto (...) procura compreender os sujeitos a partir dos ‘quadros de referência’ desses mesmos sujeitos. Tenta viver a realidade da mesma maneira que ele (...) procura compreender as perspetivas daqueles que está a estudar” (Carmo & Malheiro, 1998, p.175).

Para concluir as características deste paradigma apresentadas por estes autores, faltará mencionar que, o investigador é um “ser humanístico, porque estuda os sujeitos, tenta conhecê-los como pessoas e experimentar o que eles experimentam na sua vida diária (...) é um ‘ser naturalista’, porque interage com os sujeitos de uma forma ‘natural’ e, sobretudo, discreta. Tenta ‘misturar-se’ com eles até compreender uma determinada situação” (p. 176).

Outros autores, como Coutinho (2005), explicam este paradigma, em contraponto ao conhecido paradigma quantitativo, afirmando que:

“A posição do paradigma qualitativo adota, do ponto de vista ontológico, uma posição relativista – há múltiplas realidades que existem sob a forma de construções mental e socialmente localizadas –, inspira-se numa epistemologia subjetivista que valoriza o papel do investigador/construtor do conhecimento, justificando-se por isso a adoção de um quadro metodológico incompatível com as propostas do positivismo e do pós-positivismo. De uma forma sintética, pode afirmar-se que o paradigma qualitativo pretende substituir as noções de explicação, previsão e controlo do paradigma quantitativo, pelas de compreensão, significado e ação em que se procura penetrar no mundo pessoal dos sujeitos”. (p.439)

Olhando o contexto da investigação que nos propusemos realizar, a intenção de um trabalho com os sujeitos em que a sua participação seria fundamental, levou-nos a ponderar no enquadramento paradigmático. Como nos indica Coutinho (2005)

“Falar de paradigmas é falar de referenciais para a investigação, ou seja, é equacionar os motivos (finalidades, interesses) que levam o investigador a desenvolver a sua pesquisa: Que busco quando investigo? Verdade? Conhecimento? Informação? Compreender? Explicar? Emancipar? As respostas podem ser encontradas nos três paradigmas da investigação educativa referidos na literatura: o paradigma positivista/quantitativo, o interpretativo/qualitativo e o crítico/emancipatório”. (p.3)

No paradigma positivista a natureza da realidade é única, fragmentada, tangível e simplificadora; para o paradigma interpretativo a realidade é múltipla, intangível e holística; para o paradigma crítico a realidade é dinâmica, evolutiva e interativa. (Coutinho, 2005).O paradigma sócio crítico surge como aquele que enquadra, de uma forma natural, os objetivos propostos a investigar neste trabalho.

Este paradigma tem como finalidade a transformação da estrutura e das relações sociais, e pretende dar resposta a determinados problemas gerados por esta.

Nos seus princípios estão inscritos os propósitos de: i) conhecer e compreender a realidade como prática; ii) unir teoria e prática (conhecimento, ação e valores); iii) orientar o conhecimento e emancipar e libertar o homem; iv) e implicar o indivíduo a partir da auto reflexão;

Ainda, por outro lado, e como afirma Coutinho (2005), “na senda dos princípios filosóficos de Hebermas sob os quais uma investigação deve sempre conter em si uma intenção de mudança, este paradigma faz também incidir o seu foco sobre o conhecimento emancipatório, que pretende pôr a nu as ideologias que condicionam o acesso ao conhecimento e operar ativamente na transformação dessa realidade” (p.8)

Colocamos este trabalho nas características do que o paradigma sócio crítico/emancipatório nos indica.

Na questão de investigação está implícita uma ideia de mudança: pode promover-se cidadania participativa quando se exerce parentalidade positiva?, ou seja, poder-se-á sair de uma posição de exercício parental para ter também uma posição de maior participação cidadã?. Com o uso de uma metodologia de Investigação Participativa (IP)

que usaremos neste processo, consideramos que os protagonistas serão os elementos que poderão vir a efetuar mudança, uma mudança que é crítica porque é refletida conjuntamente.

É o caráter participativo que a IP coloca nos protagonistas da investigação que nos orientará nos aspetos críticos e emancipatórios do paradigma escolhido. Ao concretizarem uma análise e reflexão sobre as suas práticas, a sua realidade e as suas vivências, estes protagonistas terão a oportunidade de se conhecerem e de conhecerem a realidade comum às suas problemáticas.

Sob um ponto de vista crítico poderão tomar opções de escolha e intervenção que sirvam as necessidades detetadas; poderão participar de forma diferente, certamente mais pró-ativa, para uma cidadania diferente.

5 - Investigação Ação e Investigação Participativa

Segundo Lucio-Villegas (1993), “a história e antecedentes da Investigação – Ação (IA) são variados mas, no geral dos autores, consideram Kurt Lewin como o seu iniciador” (p.31). Também Coutinho (2008) afirma que esta metodologia ganhou contornos mais definidos na década de 40, através de Kurt Lewin e da sua obra *Action and Reserch and Minority Problems*, apadrinhando, assim, o termo ‘Investigação – Ação’ e dando lugar a uma série de estudos evolutivos de uma metodologia que se revelou bastante adequável aos estudos da educação” (p. 8).

Por seu lado, Escudero (1987, citado por Lucio-Villegas, 1993) considera que a IA é

“Caracterizada pelo compromisso ético de intervir em práticas concretas com um interesse de melhoramento” (...) e que se trata de uma abordagem metodológica na qual o que os participantes pretendem é conhecer e interpretar a realidade em que estão imersos, para poderem ir superando as dificuldades que impedem a sua transformação. Para eles trata-se de transformar conjuntamente o contexto e as ações que nele têm lugar”. (p. 34)

O mesmo autor apresenta diversos tipos de IA e, nomeadamente no que se refere à IA prática, diz-nos que é aquela em que “os investigadores externos mantêm uma

relação operativa com os participantes na qual desenvolvem critérios que permitam a estes julgar suas próprias práticas por meio de auto reflexão”. (p. 42)

Por seu lado, Trilla (1998, citado por Fernandes, 2006), define a IA como:

“Uma metodologia que se orienta para a melhoria das práticas mediante a mudança e a aprendizagem a partir das consequências dessas mudanças. Permite ainda a participação de todos os implicados. Desenvolve-se numa espiral de ciclos de planificação, ação, observação e reflexão. É portanto um processo sistemático de aprendizagem orientado para a praxis, exigindo que esta seja submetida à prova, permitindo dar uma justificação a partir do trabalho, mediante uma argumentação desenvolvida, comprovada e cientificamente examinada. (...) Encontramo-nos perante um tipo de investigação qualitativa como um processo aberto e continuado de reflexão crítica sobre a ação”. (p.32)

Zamosc (1987) dá-nos uma definição de IA dizendo que a mesma “busca intervir na realidade investigada de maneira mais direta, tratando de contribuir para que os grupos de base se movam na realidade podendo alcançar as suas metas”.(p. 95)

Neste sentido, e aproveitando o que diz Quintana (1986, citado por Lucio-Villegas, 1993), “quando a investigação ação se aplica a coletivos humanos em forma de grupos sociais, sobretudo grupos marginalizados, surge a “Investigação Participativa” (p.46).

O mesmo autor acrescenta que “a investigação participativa é a investigação ação como forma de Educação de Adultos que tende a promover o desenvolvimento comunitário”. (p.47) É ainda Lucio-Villegas (2010) que nos explica, com precisão, que esta terminologia evoluiu com os contributos de diferentes autores, explicitando que:

“A IA pressupõe um novo modelo de relações entre o investigador, as pessoas investigadas e o objeto da investigação. Pretende transformar as suas praticas e por outro lado não se limita a uma possível relação entre duas ou mais causas, se não a todos os elementos que estão presentes numa situação social, assumindo assim uma perspetiva holística”. (pp.74-75)

Para Lucio-Villegas (2010), quer o investigador, os investigados e o objeto de investigação têm como objetivo a mudança social; para ilustrar essa ideia o autor apresenta o exemplo da investigadora Liisa Swantz, (2001) que, usando a “investigação

participativa, desde há muitos anos, nos diz que a eleição do termo ‘investigação participativa’ foi simplesmente feita como um termo descritivo para uma variedade de enfoques que partilhavam o ethos participativo (...) e assim verificamos que é precisamente a primazia da ideia de participação que levará a uma mudança de denominação.” (pp. 77-78)

No aprofundamento desta temática, Lucio-Villegas cita vários autores (Fals, 1982; De Landsheere, 1982; Hall,1981), e apresenta várias características da investigação participativa (IP), nomeadamente quando nos explica que o problema que é tratado nasce na comunidade e é por ela identificado, analisado e resolvido. Esse processo é realizado pelo grupo de indivíduos da comunidade, o coletivo que identificou o problema, porque é esse coletivo que reflete sobre ele e procura, em comum, a sua solução. Isso acontece porque o objetivo principal é que ocorra uma transformação da realidade social que leve ao melhoramento da vida das pessoas. Ao participarem no processo coletivo de análise da problemática por vontade própria e na procura das respostas, os indivíduos atuam enquanto tal e não como objetos de investigação.

Também o *International Council for Adult Education* apresenta um conjunto de características da IP.

Fala-se desta opção metodológica quando: i) o problema nasce na comunidade, que o define, o analisa e o resolve; ii) o fim último da investigação é a transformação radical da realidade social e o melhoramento da vida das pessoas envolvidas; iii) a investigação a realizar exige a participação plena e integral da comunidade durante todo o processo da investigação; iv) compreende toda uma gama de grupos de pessoas que não têm poder: explorados, oprimidos, marginalizados, etc.; v) suscita, em quem intervém, uma melhor tomada de consciência dos seus próprios recursos e mobiliza-os com vista a um desenvolvimento endógeno; vi) a participação da comunidade facilita uma análise mais precisa e mais autêntica da realidade social; vii) o investigador é um participante comprometido, que aprende durante a investigação, adota uma atitude militante e não se refugia na indiferença.

Vários autores apresentam a metodologia da IP como um esquema em espiral com diferentes fases de realização. Salientamos Lucio-Villegas (2010), que descreve essa espiral como contendo quatro momentos de desenvolvimento:

- 1) O desenvolvimento de um plano de ação;
- 2) Uma atuação para colocar o plano em prática;
- 3) Uma observação dos efeitos da ação no contexto em que esta tem lugar;

4) Uma reflexão sobre o realizado com base numa nova planificação. Isto dá lugar a uma nova espiral autorreflexiva”. (p.88)

Numa tentativa de síntese dos contributos apresentados, usamos as palavras de Park (1989) quando nos diz que “o fim explícito da IP é conseguir uma sociedade mais justa onde não haja pessoas que sofram por não ter modo de satisfazer as necessidades essenciais da vida” (p.138).

Esta citação é ilustrativa das possibilidades do trabalho que é possível desenvolver na comunidade, se o mesmo for equacionado com os elementos que a compõem, refletindo sobre as suas problemáticas e analisando e equacionando as respostas para uma participação efetiva.

A cada indivíduo, de per si, mas também a uma comunidade mais pró-ativa, cabem as respostas e as soluções para uma sociedade que se quer mais justa e igualitária, mais voluntária e solidária nas suas atuações; um lugar onde as vivências sejam o reflexo das necessidades, respondidas pelos próprios.

Face à fundamentação apresentada sobre a IP e aos objetivos do presente estudo, optámos por usar a investigação participativa, uma vez que um dos propósitos a que nos propusemos foi o de contribuir para identificar algumas respostas mas, ao mesmo tempo, que essas respostas fossem obtidas com os participantes do estudo.

Este trabalho de investigação foi realizado num determinado território, com um grupo específico de sujeitos, e sobre uma questão que consideramos ser possível verificar; práticas de participação cidadã.

Estas condições posicionaram-nos na área da investigação ação, mais propriamente na investigação participativa.

6 - Modelo de Análise

A definição do tema e a procura da questão/problema de investigação tomaram forma por contactos informais com amigos, profissionais e técnicos da comunidade educativa de S. Brás de Alportel.

Como referido anteriormente, para este trabalho optámos por usar a investigação participativa. Segundo o entendimento de Kemmis e McTaggart (citado em Lucio-Villegas, 2010), a IP adota a forma gráfica de “uma espiral de etapas, cada uma das

quais formada por um ciclo de planificação, ação e busca de dados acerca dos resultados da ação. Considera-se a investigação como um processo cíclico”. (p. 68)

No caso da presente investigação, a continuidade das etapas deste trabalho previsivelmente irá para além do limite temporal deste estudo, já que se pretendem criar condições de sustentabilidade do projeto que se ensaiou e analisou.

Foi construído um quadro conceptual que abrange e interrelaciona diversos conceitos-chave e que reflete a eventual relação que existe entre eles, que são os seguintes: Parentalidade Positiva, Escola e Comunidade Educativa, Educação de Adultos e Aprendizagem ao Longo da Vida, Participação e Cidadania.

Todos estes conceitos se congregam numa tentativa de articular os processos e a participação das pessoas (pais em especial), de aprendizagem e de participação ativa nos diversos contextos e dimensões da vida, para a promoção de uma participação cidadã consciente face aos problemas que estes sujeitos enfrentam.

As ações de parentalidade positiva que se realizam no dia-a-dia das famílias destas crianças contribuem para a escola (e comunidade educativa) como um reforço das aprendizagens das mesmas. A transmissão de informação positiva, pais-escola e vice-versa, complementa e “alimenta” o processo de crescimento e aprendizagem das crianças, ajuda na “construção” do conhecimento que elas vão fazendo na sua escolaridade.

Por sua vez, a Escola e a Comunidade Educativa, vão, com os seus programas e projetos próprios, criando condições de aprendizagem sustentada e adequada às necessidades destas crianças e destas famílias. Com essa progressão e desenvolvimento os adultos (pais) fazem sua própria aprendizagem ao longo da vida e rentabilizam e potenciam a sua intervenção enquanto cidadãos.

Na figura seguinte pretendemos demonstrar isso mesmo; esse inter-relacionamento que acontece entre pais/famílias, a escola/comunidade e as próprias aprendizagens ao longo da vida.

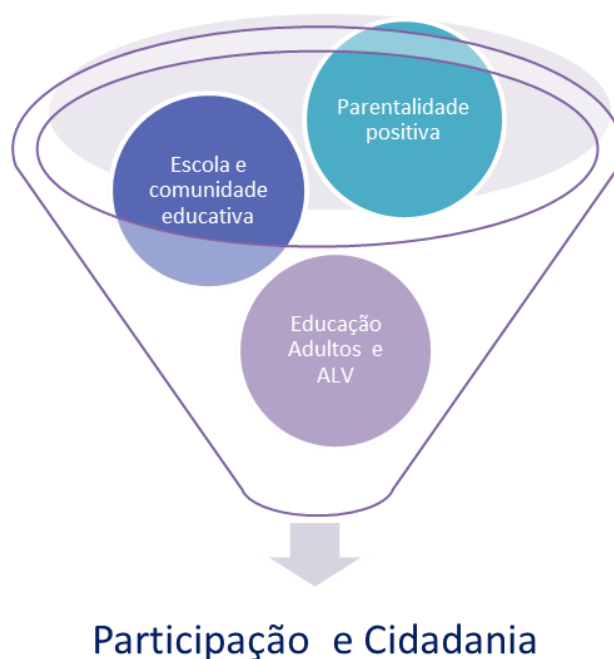


Figura 4.1 - Dos conceitos à participação

Nesse sentido, esta articulação e inter-relação de Parentalidade Positiva, Escola e comunidade educativa passa por uma Educação de Adultos que se realiza em ALV e poderá resultar numa melhoria da participação cidadã.

7- Contexto da investigação e protagonistas do estudo

O envolvimento parental na escola é uma problemática abundantemente estudada, nomeadamente nas questões da promoção do sucesso educativo das crianças.

Estudos realizados por Henderson (citado em Davies *et al.*, 1989) mostram que “o envolvimento dos pais nas escolas está direta e positivamente associado ao aproveitamento académico dos alunos” (p.78), revelando, ainda, efeitos multiplicadores do envolvimento parental como estratégia de promoção dos níveis de escolaridade das famílias e, por consequência, dos níveis de escolaridade da sua comunidade de pertença.

Embora com conhecimentos do território de intervenção e da comunidade escolar escolhida para esta investigação, o processo metodológico para a mesma foi pensado sobre dois momentos que entre si se iriam complementar, para que pudéssemos ter uma informação mais rica de conteúdos e demonstrativa da realidade.

Assim, foi inicialmente idealizado um conjunto de entrevistas para elementos representantes da comunidade educativa (pais, professores, auxiliares), que denominamos de Fase 1, e depois a obtenção dos protagonistas para o grupo de IP- Investigação Participativa que denominámos de Fase 2.

Com esta opção metodológica, foi definida a estratégia para cooptar, na comunidade educativa local, os protagonistas que pudessem vir a constituir o grupo para tal objetivo.

Para a constituição do grupo de IP decidimos organizar uma sessão aberta a toda comunidade escolar com a apresentação de um convidado que introduzisse a temática das famílias e das crianças com NEE.

A sessão foi organizada com o apoio do agrupamento de escolas e com a Associação “Pais em Rede”⁶, sob a forma de sessão informativa que se realizou sob o título “Meninos especiais, Pais Diferentes”

.Para esta sessão foram distribuídos convites aos alunos (ver Anexo 3-1) de todo o agrupamento que levaram em mão aos seus encarregados de educação, e também foram afixados nas escolas cartazes de divulgação.

Estiveram presentes na sessão 32 elementos, entre pais e encarregados de educação, auxiliares das escolas e professores.

Dos presentes, 26 devolveram a ficha de avaliação da sessão e desses, um grupo de 7 elementos mostrou interesse em integrar o grupo de investigação.

Foi com base nesta disponibilidade que se selecionaram os protagonistas do grupo de IP para a investigação

Estes dois momentos distintos, mas simultâneos concorreram para a estruturação da investigação. Esta metodologia, ela própria, influenciada quer pelas entrevistas, quer pelos protagonistas que se deram como voluntários para o grupo de IP foram a estrutura da investigação que tentamos traduzir esquematicamente na figura a abaixo

⁶ A PAIS-EM-REDE é um movimento cívico, a nível nacional, sem fins lucrativos, que apoia "famílias especiais" com o objetivo de promover a qualidade de vida e a realização de projetos pessoais e profissionais.

A PAIS-EM-REDE pretende ser a voz ativa, que atua de forma dinâmica e transversal, em colaboração com as estruturas existentes.

in <http://www.pais-em-rede.com/projectos.html>

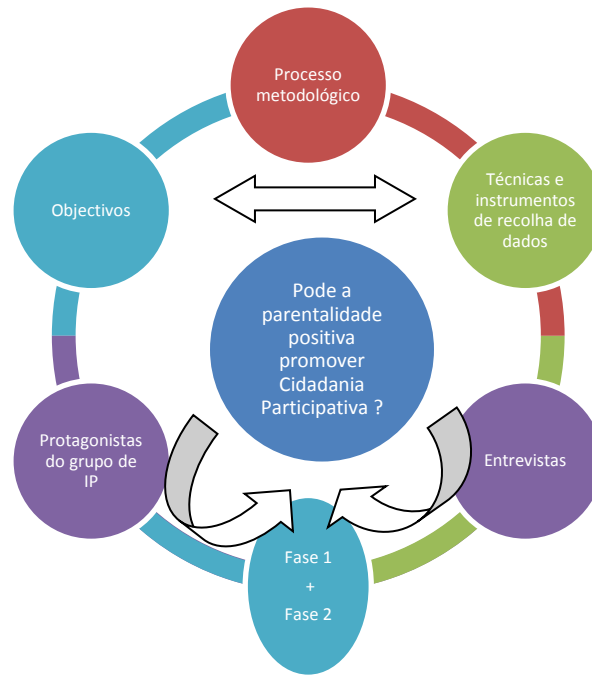


Figura 4.2 - Estruturação do processo metodológico

Tendo presentes os objetivos delineados para o estudo e os instrumentos de recolha de informação como as entrevistas, as mesmas foram direcionadas a elementos da comunidade. Realizaram-se no intuito de obtermos informação de caracterização da mesma, nomeadamente na área que diz respeito às crianças com NEE. Assim, foi elaborado um guião de entrevista para encarregados de educação, professoras e auxiliares de ação educativa, num total de sete entrevistas, que nos disponibilizaram informação pertinente sobre como estão inseridas e são acompanhadas na escola as crianças com NEE.

Na primeira reunião conjunta com os protagonistas voluntários explicitaram-se as fases de um processo de IP, planeando-se temporalmente as sessões de trabalho; em termos de calendário verificaram-se as disponibilidades individuais, e foi estabelecida a possibilidade de se realizar uma sessão conjunta por semana.

Fez-se uma primeira abordagem ao conceito de parentalidade positiva e cidadania participativa, e assim iniciamos o processo de investigação baseado nesse grupo de IP.

7.1. Caracterização do contexto da investigação

S. Brás de Alportel é um concelho do interior Algarvio, faz fronteira com os concelhos de Tavira, Loulé, Faro e Olhão, ficando situado numa zona de transição entre o Barrocal e a Serra, no coração do sotavento Algarvio, com uma área aproximada de 150Km². É constituído por uma só freguesia e cerca de 40 sítios dispersos pelo seu território.



Figura 4.3 - Mapa do Algarve

A constituição da vila e dos aglomerados populacionais mais importantes foi estruturada a partir da passagem e cruzamento no século passado, de duas vias de comunicação nacionais muito importantes: a E.N 2 Faro/Lisboa/Chaves e a EN 270 Tavira / Portela de Messines.



Figura 4.4 - Mapa de Vias - S. Brás de Alportel

Município essencialmente de cariz rural e com população dispersa, atenua as suas assimetrias pela existência de uma excelente rede viária, pela cobertura de abastecimento domiciliário de água a 85% da área do concelho e uma rede de esgoto que se estende a 75% da sua população.

S. Brás já dispõe de um conjunto de equipamentos coletivos resultantes de grandes investimentos e abrangendo todas as áreas, desde a cultura, o desporto, o lazer e a educação, tão importantes e fundamentais para a completa formação e participação do cidadão.

Todos estes equipamentos, Biblioteca, Piscinas, Campos de Ténis, Polidesportivo, Pavilhão Desportivo Municipal, Cine - Teatro, Galeria de Exposições, Escolas desde o jardim-de-infância até à secundária integram um espaço geográfico valorizado por uma política de ordenamento e futuramente melhor estruturado com base nos vários Planos de Pormenor e Urbanização já projetados, em fase de estudo ou até mesmo de breve aplicação, permitindo assim dotar o município de equipamentos essenciais ao seu dinamismo e vida própria e respondendo de forma estratégica ao seu natural crescimento urbano e desenvolvimento.

Famílias jovens, com filhos, procuram em S. Brás habitação e escola e encontram qualidade de vida em muitos outros aspetos. Um local central no Algarve onde não faltam as acessibilidades e as vantagens de um lugar com tradições de ruralidade, a calma e os “bons ares” da serra.

7.2- Caracterização do agrupamento de escolas de S. Brás de Alportel

O Agrupamento de Escolas José Belchior Viegas foi criado pela junção do Agrupamento Vertical de Escolas de S. Brás de Alportel e pela Escola Secundária José Belchior Viegas, por despacho proferido em 25 de Junho de 2010 pelo Sr. Secretário de Estado da Educação, no âmbito do Reordenamento da Rede Educativa, encontra-se em funcionamento desde Agosto de 2010.

A constituição do Agrupamento de Escolas José Belchior Viegas operou uma mudança na vida das escolas que o compõem e trouxe consigo enormes desafios ao nível da organização e gestão, tanto pelo alargamento a todos os níveis de ensino como pelo estabelecimento de novas relações entre a comunidade educativa.

É o único agrupamento do concelho de S. Brás de Alportel, abrangendo todos os ciclos de ensino, desde o pré-escolar ao ensino noturno, e é constituído por uma escola

secundária, uma escola de 2º e 3º ciclo, seis escolas do 1º Ciclo (três rurais e duas urbanas), três jardins-de-infância (dois rurais e um urbano) e ainda uma escola de 1º ciclo e jardim-de-infância (EB1/JI).

O Agrupamento de Escolas José Belchior Viegas constitui a única resposta educativa pública a uma grande heterogeneidade de famílias vindas de países como Inglaterra, Alemanha, Holanda (comunidade estrangeira residente mais expressiva) e outros da comunidade Europeia, assim como famílias oriundas dos países de Leste, tendo à sua responsabilidade a formação das crianças e jovens, desde os três anos, data em que ingressam na educação pré-escolar, até à entrada para a Universidade e à formação ao longo da vida.

Assume assim um papel muito importante na resposta a um público mais heterogéneo e culturalmente diversificado, num trabalho de parceria com outras entidades, procurando ser um fator de coesão social ao motivar, ensinar, educar e responsabilizar crianças, jovens e adultos, das diferentes modalidades de educação e formação. A sua ação educativa está espelhada no futuro deste concelho.

A Escola Secundária José Belchior Viegas, sede do Agrupamento, foi implementada nas instalações do Ex-Externato de S. Brás de Alportel remodeladas para o efeito, em 1994; atualmente voltou a ser ampliada, através da construção de um novo bloco para instalação dos serviços administrativos e direção, sala de professores e gabinetes de trabalho, bem como bar/sala de convívio de alunos, sala de Associação de Estudantes, refeitório e reinstalação da Biblioteca Centro de Recursos Educativos, o que permitiu aumentar o número de salas de aula disponíveis e melhorar significativamente as condições oferecidas à comunidade educativa, designadamente através da criação de um gabinete médico, uma sala para o pessoal não docente e um espaço para a sede da Associação de Pais e Encarregados de Educação. A gestão do Agrupamento está sedeadada no novo edifício, bem como os serviços administrativos de todo o Agrupamento.

É o único edifício onde funciona o ensino noturno, garantindo os Cursos EFA, formações modulares e Português para Estrangeiros, cedendo o pavilhão desportivo a clubes e associações do concelho, e restantes instalações para iniciativas organizadas pela própria Câmara Municipal e Junta de Freguesia, através de parcerias.

A Escola do 2º e 3º Ciclos Poeta Bernardo Passos iniciou a sua atividade no ano letivo 1993/1994, num edifício novo construído para o efeito com 30 salas de aula, encontra-se implantada na zona de expansão norte da vila de S. Brás de Alportel, com

boas acessibilidades e muita próxima no núcleo central da referida vila. Foi ampliada em 2006 com mais 5 salas de aula, biblioteca e auditório, tendo ocorrido também a remodelação do bufete.

O apetrechamento e embelezamento dos espaços interiores e exteriores da escola são feitos em colaboração com os alunos, através da elaboração e colocação de painéis decorativos, esculturas, instalações de reciclagem de lixo, acreditando que as condições estéticas condicionam os comportamentos.

Pelo seu aspeto geral, é reconhecida como um local aprazível, sendo utilizada frequentemente quer pela autarquia, quer pela associação de pais, clubes desportivos e outros parceiros para a realização de iniciativas abertas à comunidade.

Ao nível do Primeiro Ciclo do Ensino Básico e Educação Pré-escolar, para além da mais recente escola do 1º CEB com Jardim de Infância que integrou a rede escolar no ano letivo 2006/2007, existem mais duas escolas do 1ºCEB na vila, uma em Alportel, Mesquita e Vilarinhos e três Jardins de Infância: um na sede do concelho, um em Corotelo e outro em Mealhas, reaproveitando edifícios de escolas do primeiro ciclo que haviam encerrado.

No ano letivo 2009/2010 foi encerrada a EB1 de Almargens, não tendo sido autorizada pela tutela a sua reabertura como Jardim de Infância a exemplo das anteriores. O acentuado crescimento do concelho já ditou a necessidade de ampliação da EB1/JI, cuja obra permitiu a existência de mais duas salas de aula.

Todas as outras escolas do 1º CEB e Jardins de Infância foram reabilitados e reequipados há cerca de quatro anos, criando jardins e espaços verdes, campos de jogos, bibliotecas (na EB1 n.º2 e no Centro Escolar e Kits itinerantes que percorrem todas as escolas), equipamento informático com ligação à Internet, e quadros interativos para as turmas de 4º ano de escolaridade.

A todos os estabelecimentos de educação e ensino são garantidas as refeições, quer através de cozinha e refeitórios próprios, quer através de refeições transportadas para as escolas rurais. Todas as escolas funcionam em horário normal, o que é uma mais-valia em termos de organização pedagógica e da possibilidade de oferecer Atividades de Enriquecimento Curricular, as quais funcionam como complemento para a gestão dos horários das famílias, pois o alargamento de horário destas atividades é o que permite às famílias o seu desempenho profissional nos horários habituais da maioria de serviços.

Para dar resposta às necessidades dos alunos com necessidades educativas especiais, foi criada no ano letivo 2009/2010 uma Unidade de Ensino Estruturado, destinada a

problemáticas do espectro do autismo, no primeiro andar do Jardim de Infância de S. Brás de Alportel, dotada de equipamentos especializados que garantem uma resposta adequada às necessidades destas crianças.

No mesmo edifício, num espaço contíguo, funciona o Gabinete Municipal de Psicologia da Criança e do Adolescente, em que o psicólogo, colocado pela autarquia, faz o atendimento às crianças do centro escolar que são reencaminhadas para aquele apoio.

Apesar do território abrangido pelo Agrupamento coincidir com os limites do concelho, não se considera que a dispersão ou a distância constituam impedimento ao desenvolvimento da ação educativa.

A frequência escolar neste concelho, especialmente na educação pré-escolar e no ensino básico tem vindo anualmente a aumentar, consequência do crescimento populacional resultante da sua centralidade geográfica aliada a uma boa qualidade de vida, a que não é alheia a adequada resposta educativa de S. Brás de Alportel e o fenómeno generalizado da fixação de imigrantes, que igualmente se verifica neste município.

Atualmente, frequentam as escolas do Agrupamento um total de 1767 alunos, dos quais 1585 frequentam a escola em regime diurno e 182 em regime noturno. No ano letivo de 2010/2011 a população escolar de crianças com NEE estava distribuída da seguinte forma: pré-escolar uma criança, 1º ciclo 18, 2º ciclo 19, 3º ciclo 23 e na escola secundária 3 jovens, o que perfaz um total de 64 alunos matriculados neste agrupamento que pela sua presença exigem que a escola tenha as respostas para a sua aprendizagem. Para além deste número ainda existem outras crianças e jovens que não tendo necessidades educativas especiais têm apoio educativo, pois por vários motivos são crianças que apresentam fragilidades de aprendizagem que a escola tenta superar. (Dados fornecidos pelos serviços administrativos do Agrupamento Escolas SBA - JBV)

7.3- Caracterização dos protagonistas do estudo

Tal como mencionado anteriormente, os protagonistas desta investigação, num total de sete sujeitos, foram recrutados junto dos elementos que assistiram à sessão de informação realizada no agrupamento de escolas (5 sujeitos), sendo que e os outros (2

sujeitos), para além de voluntários também na sessão, já tinham sido abordados pela investigadora nas entrevistas e manifestaram interesse para integrar o grupo.

No sentido em que nos fala Ramos (2010), este grupo constituiu-se, e integrou “pessoas que partilham preocupações e objetivos similares e a procura de respostas às mesmas”. (p.49). Foi uma vontade espontânea de participar no projeto de investigação que levou estes adultos a se disponibilizarem por terem compreendido que, partilhando problemáticas comuns, poderiam, em grupo, esclarecer as suas dúvidas e interrogações e encontrar respostas que necessitavam.

Tratou-se de um grupo muito heterogéneo, na idade, formação de base, faixa etárias dos filhos, e até na tipologia das necessidades educativas especiais destes, mas com muitas similitudes e afinidades, principalmente aquelas que moveram estes protagonistas para fazer parte do grupo, e que era a vontade de encontrar respostas para os problemas com que quotidianamente se defrontam. Para garantir a sua confidencialidade, ao longo do estudo os protagonistas serão denominados por A, B, C, D, E, F e G.

Na tabela seguinte (Tabela 4.1) é apresentada uma caracterização geral dos protagonistas do estudo. Nela são indicadas aspetos tal como, a relação com a criança com NEE (mãe ou educadora) e motivos alegados para participarem no estudo.

Tabela 4.1 - Caraterização dos protagonistas do estudo sua motivação para participação no grupo

Protagonistas do estudo	Relação com a criança NEE	Motivo para participar no estudo
A	Mãe	<ul style="list-style-type: none">• Curiosidade em saber mais sobre problemáticas das crianças com Nee's• Vontade de partilhar
B	Mãe	<ul style="list-style-type: none">• Vontade de conhecer casos de crianças especiais para partilhar experiência
C	Mãe	<ul style="list-style-type: none">• Saber de casos nas escolas concelhias• Vontade de encontrar mais famílias de situação idêntica
D	Mãe	<ul style="list-style-type: none">• Vontade de partilhar experiência própria de família de jovem com NEE• Procurar respostas na comunidade para seu caso
E	Auxiliar	<ul style="list-style-type: none">• Vontade de partilhar experiência
F	Auxiliar	<ul style="list-style-type: none">• Conhecer situações de outras colegas e de famílias
G	Auxiliar	<ul style="list-style-type: none">• Vontade de partilhar experiência

Na leitura desta tabela realça-se a “vontade de conhecer e partilhar” como aspeto comum a todos os sujeitos.

8 - Técnicas e Instrumentos de recolha de dados

Sabemos que a função dos métodos de pesquisa é a de organizar criticamente as práticas de investigação e que os instrumentos de recolha de dados complementam o trabalho de investigação. É da qualidade desta articulação que se obtêm, de uma forma eficiente, os dados que se procuram.

A ideia inicial de utilizar a IP remete, indubitavelmente, para uma recolha de dados de natureza qualitativa. A metodologia própria do IP solicita uma recolha continuada de dados, produzidos pelos próprios, e que são vistos e revistos ao longo da investigação, balizando os objetivos a alcançar. Foram criadas fichas de avaliação para distintos momentos da investigação (sessão de apresentação, sessões de grupo IP e sessão final-Anexo 2).

Técnica como a entrevista, que permite recolher opiniões, percepções, etc., e grelhas de observação sobre atitudes e comportamentos dos protagonistas nas fases dos ciclos que requeriam a sua participação direta foram, portanto, as formas de recolha de dados que seleccionámos para o presente estudo.

8.1 – Entrevistas

Segundo Bogdan e Biklen (1994) uma entrevista consiste numa conversa intencional, gerada entre duas pessoas - embora possa envolver mais - com o objetivo de obter informações sobre a pessoa entrevistada.

Para Ghiglione e Matalon (1997), a entrevista é como uma conversa tendo em vista um objetivo. Esta apresenta a vantagem de ser suficientemente ampla para englobar uma grande variedade de “conversas” possíveis, mas em contraponto, também pode ser vaga para permitir distinguir os diferentes tipos de “conversa” obtida .

Assim sendo, a entrevista tem uma finalidade precisa, e pressupõe um contacto direto entre o sujeito e o investigador que a suscita, baseando-se no pressuposto de que para tomar conhecimento do que as pessoas sabem e pensam deve-se, tão-somente, perguntar-lhes atenta e metodicamente (Albarello *et al.*, 1997).

A entrevista pode ser realizada com diferentes graus de diretividade pelo que podemos falar de entrevistas não-diretivas, entrevistas semi-diretiva, e entrevistas diretiva ou fechada”. No presente estudo foi utilizada a entrevista semi-directiva

Na perspetiva de Bogdan e Biklen (1994), a entrevista semi-diretiva “é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspetos do mundo” (p.134). Pode ser usada como estratégia dominante na obtenção de dados, mas também pode ser aplicadas em conjunto com outras técnicas e instrumentos de recolha de informação, como a análise de documentos e a observação, procedimento que adotámos neste estudo.

Referindo-se às entrevistas semi-diretivas, Quivy e Campenhoudt (1992), afirmam que a flexibilidade e a fraca diretividade que advêm do facto do entrevistado não ser completamente encaminhado mediante certo número de perguntas precisas, permite recolher testemunhos de pessoas, respeitando a sua linguagem e estrutura mental, e os seus sistemas de referência e de interpretação próprios.

Tal como referimos nas etapas do projeto de investigação e dado pretendermos obter informação que pudesse ajudar a caracterizar melhor a comunidade educativa em S. Brás no que diz respeito às crianças com NEE decidiu-se entrevistar mães dessas crianças, auxiliares que tratam dessas crianças no dia-a-dia, e as professoras/educadoras do ensino especial a quem é pedida uma intervenção especializada para com essas crianças

Na tabela seguinte (Tabela 4.2) apresenta-se o guião utilizado nas entrevistas realizadas

Tabela 4.2 Guião de Entrevista

Blocos	Objectivos específicos	Questões da entrevista
A Dificuldades no apoio e acompanhamento de crianças com NEE's	A1 Averiguar que dificuldades sente cada um dos intervenientes na sua ação diária com crianças com NEE A2 Identificar dificuldades na ação dos outros intervenientes A3 Descrever que tipo de dificuldades sente e o que pensa que os outros sentem	A1.1 No seu dia-a-dia que dificuldades sente no apoio que tem de dar a crianças com NEE? A1.2 Pode identificar que tipo e a que nível? A2.1 Como é que acha que os pais e auxiliares superam dificuldades /Problemas no trabalho de apoio com estas crianças? A3.1 Pode dar exemplos de dificuldades sentidas? Quais as mais comuns? A3.2 Quais pensa que podem sentir auxiliares/ pais de alunos regulares e pais de crianças com NEE?

B Soluções para as dificuldades sentidas	B1 Identificar a quem e a quem recorre para superar as dificuldades sentidas B2 Descrever as soluções que encontra e as que pensa que os outros encontram	B1.1 Como faz diariamente sempre que tem um problema para resolver? B1.2 Recorre a quem ou a quem para arranjar soluções? B2.1 Como encontra soluções pode descrever algumas delas? B2.1 Como acha que os outros encontram?
C Propostas para soluções e eliminação de problemas	C1 Averiguar soluções para os problemas diários C2 Recolher propostas para a resolução de problemas C3 Auscultar sugestões de trabalho consideradas adequadas e inovadoras	C1.1 Quais as soluções que arranjará para melhorar o trabalho com estas crianças? C1.2 Que soluções pensa que outros agentes (auxiliares e pais) gostariam de ter? C2.1 Com gostaria de fazer, com o quem e com quem, com que recursos, para ter mais soluções? C2.2 Como acha que fazem outros intervenientes da comunidade local ou regional? C3.1 Acha importante a existência de parcerias/trabalho em rede? C3.2 Com que parceiros e de que forma trabalharia? C3.3 Gostaria de acrescentar algo que lhe pareça importante?

Para estas entrevistas foram idealizados três blocos de questões (A, B e C). No bloco A reuniram-se questões principais e secundárias que pretendiam obter informação descritiva sobre o apoio e acompanhamento das crianças com NEE nomeadamente na ação individual de cada um dos protagonistas entrevistados, mas também sobre a opinião que tinham relativamente às perspetivas dos outros protagonistas.

O Bloco B foi concebido com o objetivo de averiguar, face a dificuldades identificadas, que tipo de soluções são encontradas, quer em termos de ação individual, quer no coletivo da realidade que estas crianças têm.

No bloco C quisemos averiguar sobre hipóteses de soluções e sugestões para trabalho distinto e inovador, que pudesse vir a ser realizado no apoio a estas crianças diferentes.

Foram realizadas sete entrevistas, três delas a mães de crianças com NEE, duas a professoras do agrupamento de escolas e mais outras duas a auxiliares de ação educativa que trabalham com estas crianças. A realização destas entrevistas pretendeu abranger elementos representativos da comunidade escolar que apoiam e acompanham estas crianças, daí se ter optado por mães (família e comunidade), professoras (escola/ sala aula) e auxiliares (escola /apoio nos espaços escolares), para nos darem a sua visão de todo o ambiente de aprendizagem e participação que estas crianças e suas famílias vivem no seu dia-a-dia.

8.2- Realização das entrevistas e procedimento de análise dos dados recolhidos

Foram realizados alguns contactos telefónicos com os sujeitos a entrevistar, que aceitaram a realização da mesma e, assim, foram marcados dias, horas e locais mais convenientes.

Em cada uma das entrevistas foi explicado o objetivo do trabalho e solicitada permissão para a gravação áudio da entrevista, o que foi concedido por todas as pessoas contactadas.

Após estes primeiros passos metodológicos, e também relativamente ao sigilo e anonimato da entrevista assim como os propósitos da sua utilização, tentou-se criar o à-vontade e a empatia necessários para a realização da mesma, e iniciaram-se como previsto.

O tempo de duração das entrevistas variou entre os 16 e os 35 minutos sendo que a maioria rondou os 30 minutos de duração. O intervalo temporal em que decorreram as entrevistas foi de 17 a 31 Janeiro de 2011.

Com as entrevistas recolhemos informação que posteriormente é analisada e sistematizada através de inferências que nos permitirão resumir de forma objetiva as ideias transmitidas pelos entrevistados.

Segundo Bogdan e Biklen (2010) "uma entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigados desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspetos do mundo" (p.42)

Para a interpretação das conversas obtidas cabe-nos fazer a sua análise de conteúdo que segundo Bardin (2009) se entende por "um conjunto de técnicas e análise das comunicações visando obter procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens." (p.44)

Também para autores como Stone (1996), Gravitz (1993) ou Berelson (1968) a análise de conteúdo permite fazer uma descrição objetiva, sistémica do conteúdo manifestado numa comunicação (durante a entrevista) tendo por objetivo a interpretação da informação recolhida e facilitando a sua reflexão para integração no estudo.

Permite assim fazer inferências sistemáticas das características específicas da mensagem segundo as categorias que foram inicialmente estabelecidas na construção do guião da entrevista.

O guião da entrevista foi orientado para três objetivos. Por sua vez, cada objetivo foi delineado para duas ou mais questões encadeadas em sequência. Na análise de conteúdo efetuada às entrevistas criaram-se três categorias de análise: A, B e C, que correspondem aos três blocos do guião da entrevista, os quais, por sua vez, se desmultiplicaram em várias subcategorias (A1, B1, C1, A2, B2, C2 e A3, B3 e C3)

Foram criadas grelhas de categorização que se encontram no Anexo 1-3

Assim, essa análise de dados surgirá no ponto de apresentação e discussão de resultados que apresentará as respostas das mães, professoras e auxiliares, para cada uma delas em todas as subcategorias.

Esta informação das entrevistas realizadas servirá para a triangulação de dados que se fará com a informação da realidade das sessões de IP e com as grelhas de observação.

8.3 -Observação Direta e Grelhas de Observação

Partindo do modo sensitivo do ato de observar (ver com olhos de ver) vamos encontrar em sociologia e em psicologia social variadas vezes a utilização do conceito de observação como um instrumento de trabalho para a pesquisa de qualquer investigador.

Segundo Gastano (citado por Paiva, 1994), observar é selecionar informação pertinente, através dos órgãos sensoriais e com recurso à teoria e metodologia científica, a fim de poder descrever, interpretar e agir sobre a realidade em questão. Droz (1999) faz o seguinte comentário:

“A observação é realizada de um certo ponto de vista, contém as singularidades desse ponto de vista e, na melhor das hipóteses, trai ou traduz esse ponto de vista. Na pior das hipóteses, restabelece o absoluto supremo do subjetivo.”

Segundo Peretz (2000),

“o objetivo da observação é procurar um significado sociológico para enquadrar os dados recolhidos, classificá-los e avaliar da sua generalidade (...) Assim, a observação consiste em testemunhar os comportamentos sociais dos indivíduos ou dos grupos nos próprios locais das suas ações, não alterando o seu normal percurso”

Por sua vez, Lanthier (citado em Deshaies, 1997) dá conta que o assunto observado está ligado ao observador e que o observador não é necessariamente exterior ao material de observação.

A observação direta acontece com a recolha das informações pelo próprio investigador; a observação recolhida diretamente é mais objetiva. Os sujeitos observados não intervêm na produção da informação; o instrumento da observação é construído a partir de indicadores pertinentes e que designam os comportamentos a observar.

A observação direta poderá ser classificada de “observação participante” e de “observação não participante”. O que caracteriza a observação participante é a inclusão do observador no grupo observado e, segundo Almeida e Pinto (1975), permite uma análise global e intensiva do objeto de estudo. A observação participante pode ser mais ou menos aprofundada, exigir maior ou menor continuidade e integração na vida do grupo em estudo.

Sobre as vantagens da observação, podemos dizer que ela permite a verificação correta da ocorrência de um determinado fenómeno; o observador chega mais perto da perspectiva dos sujeitos; serve para descobrir novos aspetos de um problema e a recolha de dados em situações onde seria impossível outras formas de enunciação (Peretz, 2000). A observação dá-nos, portanto, uma complementaridade de informação para a investigação que estejamos a efetuar.

A observação exige do observador algumas competências e capacidades que têm a ver com sociabilidade (integração nos contextos a observar), atenção, memória e interpretação.

Nesse sentido, foi construída uma “Grelha de Observação”, usada em todas as sessões de grupo, das quais se apresentam os respetivos resumos de conteúdo em tabela própria. (Ver anexo 2-7)

Estas sessões de IP tiveram, num primeiro momento, o objetivo de partilhar experiências e trocar informação de casos individuais de crianças e suas famílias. Também pretenderam analisar e refletir sobre as situações reais de apoio e acompanhamento destas crianças, e averiguar soluções e propostas para o melhoramento do seu dia-a-dia, em especial na escola.

A grelha de observação que utilizámos continha duas categorias: 1) Participação e interações do grupo; 2) Relacionamento intergrupual.

Com estas duas áreas de observação tentámos obter informação que pudesse completar o próprio processo de relacionamento grupal e de investigação. Os registos das observações encontram-se no anexo 2-6. A tabela que se segue apresenta, então, as categorias e respetivos indicadores utilizados para a observação participante.

Tabela 4.3 Grelha de Observação para sessões de IP

AÇÕES	CATEGORIA	INDICADORES
SESSÕES DE GRUPO	A - Participação e Interações do grupo	<ul style="list-style-type: none">• Número de participantes• Satisfação dos participantes• Número de intervenções• Tipologia das intervenções•
	B - Relacionamento intergrupar	<ul style="list-style-type: none">• Relação entre participantes• Relação entre participantes e investigadora

Em cada uma das sessões de IP a investigadora fez registos sobre o grupo e seus elementos, no sentido de uma posterior análise complementar.

Com estas duas categorias de observação e estes indicadores pretendeu-se obter informação que pudesse vir a completar o próprio processo de relacionamento grupal e de investigação.

Esta grelha de observação foi usada nas 6 sessões de grupo de IP entre 29 de Abril e 23 de Junho 2011.

8.4 - Aplicação das grelhas de observação e procedimento de análise dos dados recolhidos

Apoiados na decisão metodológica da não gravar as sessões de IP, e com a intencionalidade de, fazendo observação participante, obter registos das intervenções dos protagonistas, foi criada, como referido no ponto anterior, uma grelha de observação para o registo de indicadores relativos à tipologia de intervenções das protagonistas.

Dessa forma, pretendia-se obter informação direcionada aos objetivos.

As grelhas de observação foram elaboradas após a primeira reunião de apresentação das protagonistas. Como se impunha que fosse um instrumento de fácil utilização e de registo rápido foi constituída com as tipologias que se apresentam a seguir (Tabela 4.4) e que resultaram dos discursos iniciais do grupo: descritiva; partilha; propostas; sugestões para o futuro.

Tabela 4.4 - Tipologia das intervenções das protagonistas

DESCRITIVA	PARTILHA	PROPOSTAS	SUGESTÕES PARA O FUTURO
<ul style="list-style-type: none">Sobre o seu próprio caso	<ul style="list-style-type: none">Ajuda ao outro	<ul style="list-style-type: none">Atividades locais	<ul style="list-style-type: none">Trabalho de médio/longo prazo

Os registos efetuados foram feitos sobre todas as intervenções de cada um dos protagonistas em cada uma das sessões em que intervieram. (Ver Anexo 2 -7). Pelo seu discurso e em cada uma das suas intervenções nas reflexões de grupo foram sendo anotados os aspetos dessas comunicações.

Ao intervirem e expressarem as suas ideias, as protagonistas faziam-no sempre num discurso que era capaz de se identificar e ajustar a cada uma dessas tipologias da tabela.

9- Relação entre os objetivos do estudo e as técnicas e instrumentos de recolha de dados

A existência de registos em diferentes instrumentos de recolha de informação e respetivas técnicas, permitiram-nos organizar a informação de forma complementar, em articulação com os objetivos traçados.

Desse modo, a tabela 4. 5 que a seguir se apresenta, pretende, de forma sucinta, apresentar essas relações.

Tabela 4.5 Relações entre objetivos e fontes de recolha de dados

Objetivos	Fontes de recolha de dados		
	Entrevistas	Grelhas de Observação	Fichas de Avaliação
O1- Promover a partilha como fonte de construção de competências parentais		x	x
O2- Trocar experiências parentais que contribuam para a autoajuda de pais com filhos com NEE		x	x
O3- Rentabilizar saberes e competências de pais no que respeita ao exercício da parentalidade positiva		x	x
O4- Contribuir para a consciencialização dos pais de crianças com NEE, quanto às competências parentais que possuem e/ou podem desenvolver		x	
O5- Identificar necessidade de informação e/ou formação necessárias a um melhor desempenho de parentalidade positiva	x		
O6- Identificar opções de envolvimento parental que contribuam para a superação de necessidades na comunidade educativa	x	x	x
O7- Ativar processo conducentes à prática da parentalidade positiva		x	x
O8- Exercitar a participação cidadã, através de práticas de parentalidade positiva		x	x
O9- Delinear formas de colaboração, atividades e/ou projetos, plausíveis de implementar na comunidade educativa e que acionem práticas de participação cidadã	x	x	x
O10- Analisar a possibilidade de constituir, na comunidade, grupos de trabalho, que trabalhem as questões da parentalidade positiva e a participação cidadã		x	x

.Ao analisarmos esta tabela podemos verificar que a maioria da informação que foi registada nas sessões de grupo de IP se veio a confirmar na informação dada pelas protagonistas nas fichas de avaliação do processo. Também alguma da informação de caracterização obtida nas entrevistas veio complementar o discurso das discussões obtidas no grupo.

Esta complementaridade informativa relacionada com os objetivos da nossa investigação irá ajudar-nos no ponto seguinte na discussão e apresentação de resultados, abrindo caminho para as conclusões do trabalho realizado.

PARTE III - RESULTADOS

“Não há nada que nos possa impedir de ascender e melhorar, e ninguém pode deter o nosso progresso senão nós mesmos.”

Henry Thomas Hamblin

CAPITULO V- Apresentação e discussão de Resultados

1 - Introdução

Sobre dados de cariz essencialmente qualitativo iremos agora, neste capítulo, estruturar a sua apresentação, tendo em conta o processo metodológico usado, assim como todos os instrumentos e técnicas utilizadas e que nos permitiram recolher informação.

Ambas as fases da investigação anteriormente descritas (Fase 1 e Fase2) foram produtoras de informação que se traduzirá em dados a analisar e irá concorrer para os resultados possíveis de apresentar.

2 - Apresentação de dados da sessão “Meninos especiais, Pais diferentes”

Neste ponto iremos proceder à apresentação dos resultados obtidos pela aplicação da ficha de avaliação da sessão na comunidade escolar.

Para esta sessão pública foram distribuídos convites aos alunos do agrupamento de escolas de S. Brás de Alportel, respetivamente do pré-escolar, 1º, 2º e 3º ciclo, num total de 1295 como descrito anteriormente no processo metodológico.

Na sessão estiveram presentes 32 elementos, na sua maioria pais/encarregados de educação, mas também professores e auxiliares de ação educativa.

Dos presentes, 26 devolveram a ficha de avaliação da sessão (Anexo 2-1), de que se apresentam, agora, graficamente os respetivos resultados.

Estas questões de avaliação tiveram como intenção obter informação que, de alguma forma, nos ajudasse na caracterização da comunidade escolar, por exemplo, verificar qual a adesão dos encarregados de educação a sessões abertas e dirigidas aos mesmos.

1.1. Questão nº 1 – Como teve conhecimento da realização da sessão?

Verifica-se que a maioria das pessoas teve conhecimento da sessão pelo convite que os filhos levaram para casa (10), no entanto também funcionou o convite feito através do agrupamento de escolas, informação de cartaz e email do agrupamento (8), bem como a informação direta dos professores aos EE também com (8) respostas (Figura 5.1).

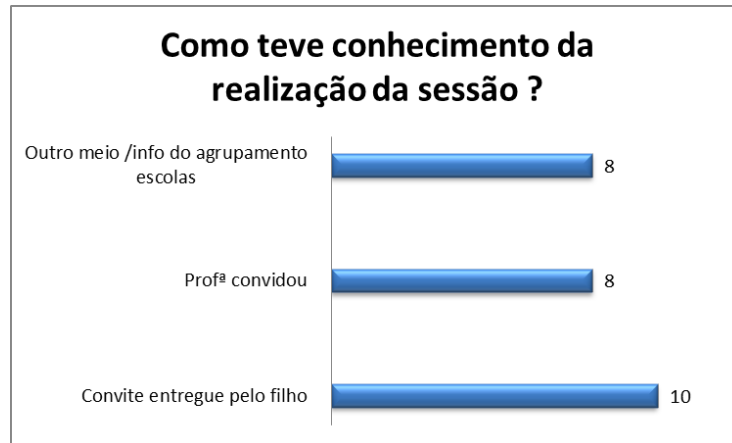


Figura 5.1 - Resultados de participação na sessão “ meninos especiais, pais diferentes”

Poderemos então dizer que a combinação de meios de convite pode ser o que melhor resulta e se deverá efetuar para a obtenção de um maior número de participantes nos eventos.

1.2. Questão nº 2 – Já conhecia a associação “ Pais em Rede”

Os presentes, na sua maioria, não conheciam esta associação nem o seu trabalho; só 6 pessoas mencionaram conhecer das 26 que deram resposta a esta questão (Figura 5.2).

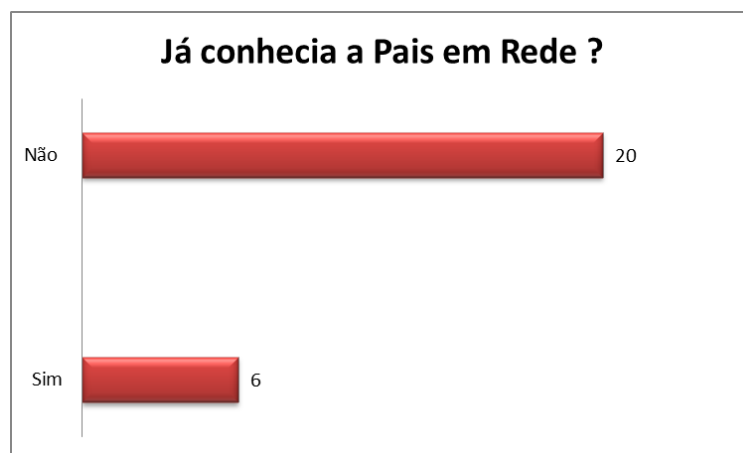


Figura 5.2 - Resultados sobre existência da Associação “Pais em Rede”

Pensando que embora os intervenientes estão diariamente no meio escolar e alguns que até trabalham diretamente com crianças com NEE, podemos refletir a informação sobre instituições exteriores e autónomas é muitas vezes desconhecidas na comunidade

e, por isso, não se recorre ao uso de informação especial nem respostas próprias para problemáticas nesta área.

Como a maioria dos presentes não tinha conhecimento da existência desta associação, nem conhecia os seus objetivos de trabalho e a sua ação, a apresentação sucinta que a presidente da direção fez, com recurso a uma apresentação de slides (powerpoint), foi um momento especial de informação e conhecimento. A disponibilização dos contatos e o saber da existência de site próprio da mesma foi gratificante para todos.

1.3. Questão nº 3 – Gostou da sessão?

Todos os respondentes afirmaram ter gostado da sessão (Figura 5.3), as reações finais das pessoas ao abandonar a sala foram de satisfação, e ainda houve algumas que aproveitaram para particularmente questionar a presidente da “Pais em Rede“ (Algarve) sobre informações práticas da associação.

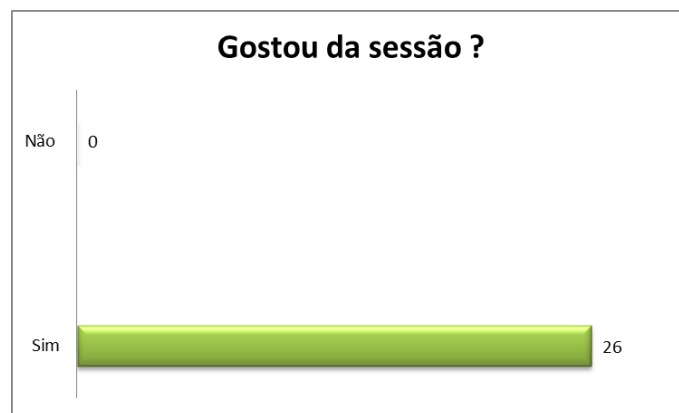


Figura 5.3 Resultados de satisfação da sessão

1.4. Questão Nº 4 - Está interessado em ser sócio da “ Pais em Rede”?

Na resposta a esta questão houve lugar a 11 pessoas que não responderam, 10 que afirmaram terem interesse em se tornarem sócios, e 5 não têm essa vontade (Figura 5.4). Sobre estes resultados ficamos sem poder fazer grandes afirmações uma vez que não sabemos se as respostas nulas significam que as pessoas não se sentiram motivadas.

Ainda assim houve quase metade do universo de respondentes que manifestou vontade em se associar, eventualmente porque da explicação dada e das suas necessidades viu uma possível vantagem nesse ato de se associar. Ainda houve quem não visse interesse nessa situação.



Figura 5.4 - Resultados de interesse em ser associado da “ Pais em Rede”

1.5. Questão nº 5 – Está interessado em seguir o trabalho desta associação?

Praticamente a maioria dos presentes manifestou vontade de seguir o trabalho desta associação (20 respondentes) (Figura 5.5).



Figura 5.5 - Resultados sobre interesse do trabalho da “ Pais em Rede”

Possivelmente porque, da explicação de apresentação da mesma, houve áreas de interesse ou informação que se demonstrou pertinente para a sua atuação, indo de

encontro aos seus interesses pessoais ou profissionais. Recorde-se que estávamos perante uma plateia de pais, professores e auxiliares que contatam e trabalham com crianças com NEE. Evidentemente que de formas distintas e com envolvimento diversos, mas todos os presentes de uma maneira ou de outra vivem o dia-a-dia destas crianças. Assim, o trabalho de uma associação direcionada para o apoio a famílias e a crianças com NEE, poderá fornecer-lhes, de algum modo, ajuda nas suas dúvidas e questões.

1.6. Questão nº 6 - Entendeu a apresentação da tese “Meninos especiais, pais diferentes”?

A maioria dos presentes (23 em 26) diz ter entendido a apresentação realizada (Figura 5.6).

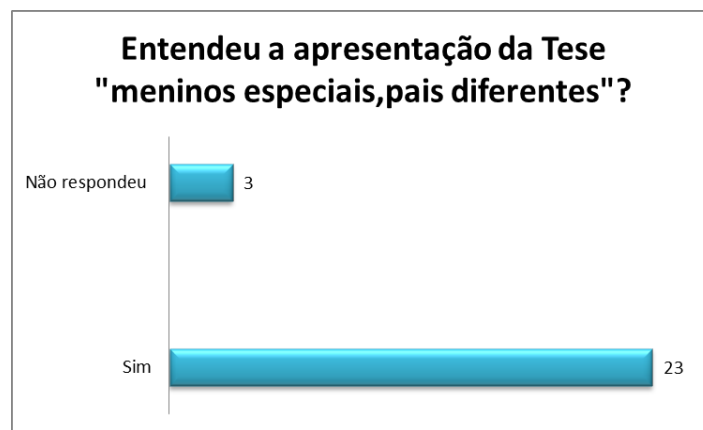


Figura 5.6 - Resultados do entendimento da proposta de trabalho da investigação

Essa apresentação do trabalho de investigação foi feita com recurso a um power point (ver anexo 3-2) onde se deu indicação da metodologia da mesma, explicando tratar-se de uma investigação participativa com base num grupo de elementos voluntários.

Apresentou-se o conceito de parentalidade positiva e de participação cidadã para explicar a questão de investigação: Poderá a parentalidade positiva levar a uma cidadania participativa?

1.7. Questão nº 7 – Gostaria de ser voluntário no grupo de investigação?

Um grupo de 7 elementos mostrou interesse em integrar o grupo de investigação, e deixaram os seus contactos para, posteriormente, receberem mais informação (Figura 5.7).



Figura 5.7 - Resultados de voluntários para o grupo de IP

Foi satisfatório verificar que, voluntariamente, algumas pessoas se interessaram pela questão de investigação e se disponibilizaram para dar do seu tempo para integrar o grupo de IP que sustentaria o modelo do estudo.

Com o resultado desta sessão para a comunidade escolar, ganhamos a certeza de obter um grupo de protagonistas de IP - 7 voluntários -, e de, ao mesmo tempo, perceber que na comunidade escolar local, embora em número reduzido, existem interessados em participar em iniciativas quando chamados para tal.

Enquanto investigadora participante, a observação sobre a sessão permitiu-me averiguar o interesse sobre a questão em estudo. Houve algum questionamento e respetivo esclarecimento dos conceitos apresentados. Houve também lugar a uma clarificação do que estava a ser pedido aos presentes, nomeadamente do convite para integrar um grupo de investigação participativa, para apresentação de um trabalho académico.

3 - Apresentação dos resultados das entrevistas

O intuito geral de conhecer, de maneira mais próxima, a realidade da comunidade escolar no que diz respeito às crianças com NEE, concorreu para a realização destas entrevistas, realizadas a informantes privilegiados da comunidade escolar local, para obter informação caracterizadora da mesma. Como referido anteriormente, as entrevistas foram efetuadas a pais, professores e auxiliares de ação educativa.

O conteúdo das entrevistas permitiu-nos identificar uma “imagem mais nítida” de como se caracteriza este agrupamento de escolas, relativamente ao trabalho que existe para com as crianças com NEE

Optamos por apresentar os resultados das entrevistas por grupos de respondentes, a saber:

- Mães,
- Professoras
- Auxiliares de ação educativa

A informação da análise de conteúdo para cada grupo destes sujeitos respondentes, será agora apresentada em tabelas organizadas com a mesma estrutura organizativa apresentada anteriormente no ponto 8.2, das categorias e sub categorias elaboradas sobre o guião de entrevista.

Respondentes Mães

Nos termos destas mães, e sobre as inferências efetuadas das suas respostas, levamos no sentido de se salientar a dificuldade de manter a motivação e o apoio generalizado nas suas famílias. Também sentem dificuldades em termos de saber “lidar” com a doença pois, não conhecendo muito dos seus aspetos específicos, sentem dificuldades no “saber fazer” diário para corresponder às necessidades dos seus filhos.

Tabela 5.1 - Respondentes Mães - Resumo da Categoria (A)

SUBCATEGORIA	EXCERTOS MAIS SIGNIFICATIVOS para as respondentes MÃES
A1 Averiguar que dificuldades sentem cada um dos intervenientes na sua ação diária com as crianças com NEE	Dificuldades em termos físicos e de mobilidade, necessidade de ter mais informação sobre a doença, reforço no apoio familiar para manter níveis de motivação elevados, pais e família precisam de apoio para continuar a dar apoio, dificuldades em trabalho de equipa com escola; pouca pratica de trabalho conjunto. Sentir-se impotentes no apoio que sabem ser necessário ter de dar, mas não saber como.
A2 Identificar dificuldades na ação dos outros intervenientes	As auxiliares são confrontadas com situações difíceis de resolver no dia-a-dia, necessitariam de formação específica, a alguns professores também faz falta mais formação sobre as problemáticas das crianças. Existem dificuldades para os professores na gestão de turma onde estão crianças com nee's.
A3 Descrever que tipo de dificuldades gerais sente e o que pensa que os outros sentem	Dificuldades de colegas entenderem as particularidades de comportamento/dificuldades /incapacidades. Os professores/escola sentem falta de alguns recursos materiais mais diversificados, mais horas para apoio mais individualizado. Auxiliares sentem falta de apoio formativo para o desempenho das suas funções

De um modo geral para as respondentes Mães relativamente à categoria (A) que diz respeito às dificuldades que encontram na ação diária do trabalho com estas crianças salienta-se o entendimento de todos os intervenientes que com estas interagem de sentirem dificuldades comuns. Dizendo estas respeito a lacunas de equipamento, de mais horas de apoio e trabalho individualizado para as crianças, essencialmente de formação mais específica (para auxiliares e professores) adequada a cada um dos casos.

Relativamente a categoria (B) nas respondentes Mães encontramos a seguinte informação resumo das inferências das entrevistas

Tabela 5.2 - Respondentes Mães - Resumo da Categoria (B)

SUBCATEGORIA	EXCEROTOS MAIS SIGNIFICATIVOS para as respondentes MÃES
B1 Identificar o quê e a quem recorre p/ superar dificuldades sentidas	Em primeiro lugar aos familiares próximos, depois às professoras, a algumas instituições como a Câmara Municipal, Direcção regional de Educação e Segurança Social
B2 Descrever as soluções que encontram e as que pensa que os outros encontram	Descobrem-se formas de “viver” com as diferenças que passam a ser o normal do dia-a-dia, trabalham-se competências próprias, aprende-se fazendo.

Esta categoria diz respeito à identificação de que soluções e a quem se recorre para a superação de dificuldades. As mães apontam, em primeiro lugar, os elementos mais perto de si, ou seja o suporte familiar, no entanto a escola, personificada nas figuras das professoras e das auxiliares vêm logo em segundo lugar como um recurso de superação de dificuldades. Vejamos extrato elucidativo dessa situação:

“sei que ela se dá perfeitamente com a senhora que a acompanha diariamente, a auxiliar, os professores penso que são simpáticos, é o primeiro ano que ela está aqui nesta escola, portanto eu conheço pouco, mas penso também que os colegazinhas a aceitaram bastante bem na turma.”

Surtem depois as instituições próximas, como sejam a própria escola (órgão de gestão), a Câmara Municipal, os serviços da Direcção Regional de Educação e da Segurança Social.

“Bem a nível de apoios nós achamos sempre que é pouco, eles estão a tentar retirar os professores de apoio e aí é que eu acho que ela necessitava mais um pouco ao nível de estudo o número de horas com os professores de apoio.”

“Ela usa o computador para trabalhar e isso é também uma dificuldade pois ela é lenta, os professores têm dificuldade em estar a acompanhá-la e ao mesmo tempo os outros alunos todos, a nível de livros aquilo vem tudo no E- Book e tenho muita dificuldade pois aquilo não abre na página tal que se quer temos de

estar a abrir na página 1 e ir por ali à procura até chegar à página determinada e isso ai leva imenso tempo”

“Eu acho que ela precisava de ter programas específicos para o computador, porque ela leva muito tempo à procura das coisas para fazer, por exemplo ao nível da matemática imaginemos que ela está a fazer uma equação com uma raiz quadra e mais não sei que ... ela tá a fazer ali e depois tem de parar e clicar para ir buscar a raiz quadrada e põe, e depois às tantas já se perdeu no exercício e já não sabe onde é que estava ... eu não sei, não sei se existem outros programas. Mas penso que nesse aspeto a escola devia tentar investir um pouco mais, tentar saber o que é que se pode fazer, eu noto na matemática principalmente.”

Elas, enquanto mães, descubrem em si mesmas competências próprias para poderem responder às dificuldades que vão sentindo. Nas suas palavras, “aprende-se fazendo”; é o dia-a-dia das situações que lhes permite descobrir a superação das dificuldades que surgem.

Tabela 5.3 - Respondentes Mães - Resumo da Categoria (C)

SUBCATEGORIA	EXCERTOS MAIS SIGNIFICATIVOS para as respondentes MÃES
C1 Averiguar soluções para problemas diários	Mais formação para pessoal auxiliar e professores, mais recursos de equipamento, salas, espaços de trabalho. Mais investimento público para as questões da mobilidade. Mais conhecimento /partilha entre pais e escola, trabalho com outros pais, parcerias institucionais
C2 Recolher propostas p/ a resolução de problemas	Trabalho de rede de pais, obter mais informação sobre apoios existentes
C3 Auscultar sugestões de trabalho consideradas adequadas e inovadoras	Trabalho em equipa com outros pais, criação de parcerias diferentes alargadas a outros parceiros da comunidade, rentabilizar as parcerias já existentes, auscultar/estudar mais a comunidade local para verificar a possibilidade de novos projetos

Nesta categoria as mães apontam a necessidade de mais formação, quer para professoras quer para auxiliares nas escolas, e a melhoria dos espaços de trabalho.

Propõem a necessidade de mais partilha entre pais e famílias, também mais parcerias e um trabalho de rede mais articulado com todos os intervenientes que diariamente acompanham estas crianças. Pedem soluções de projetos inovadores que envolvam também, de forma mais efetiva e eficiente, a comunidade em geral

Respondentes Professoras

As Professoras referem como principais dificuldades próprias, a heterogeneidade de casos com que têm de trabalhar que, em simultâneo, se traduz diariamente no estado emocional com que as crianças chegam de casa e que se reflete no comportamento diário na escola, havendo dias difíceis de gerir nesse sentido da atenção individualizada a cada criança. Também nas necessidades de alguns materiais específicos que permitissem desenvolver trabalho diferenciado. Os tempos das aulas nomeadamente no 2º e 3º ciclo do ensino básico com aulas de 45 minutos são um tempo reduzido para um acompanhamento eficaz, sentem muito essa dificuldade (Tabela 5.4).

Tabela 5.4 - Respondentes professoras - Resumo da Categoria (A)

SUBCATEGORIA	EXCERTOS MAIS SIGNIFICATIVOS para as respondentes PROFESSORAS
A1 Averiguar que dificuldades sentem cada um dos intervenientes na sua ação diária com as crianças com NEE	Dificuldades diárias que dizem respeito ao estado emocional/comportamental de cada criança. Níveis de concentração diferentes. Materiais não disponíveis ou não existentes para as atividades que se querem desenvolver com as crianças. Aulas de 45 minutos são insuficientes para um trabalho de maior apoio a cada criança. Ter de pessoalmente se “capacitar” mobilizando competências próprias.
A2 Identificar dificuldades na ação dos outros intervenientes	Fraco apoio familiar de algumas crianças e jovens, Falta de formação para pessoal auxiliar. Pouca sensibilização dos professores dos currículos normais para as necessidades destas crianças, necessidade de reforço do trabalho de integração na turma. Dificuldades na obtenção de algum material específico.
A3 Descrever que tipo de dificuldades gerais sente e o que	Falta de tempo para preparar matérias. Falta de tempo para executar tarefas. Alguma debilidade de apoio familiar de certas crianças.

pensa que os outros sentem	Dificuldades de alguns materiais e logística. Dificuldade em trabalhar com uma grande diversidade de “deficiência/doença” ao mesmo tempo, as especificidades de comportamento e atuação perante crianças tão distintas é difícil de resolver em contexto de sala de apoio. As famílias têm de trabalhar muito as questões de motivação, auto estima , auto controlo, precisam também de apoio a si próprias .
----------------------------	---

Quer para os professores de turma regular onde estas crianças estão, quer para os professores de apoio que as acompanham ou para os que trabalham na unidade de ensino estruturado são-lhes “ exigidas” capacidades próprias que têm eles mesmo de procurar para poderem responder ás dificuldades inerentes á sua função de transmissão de conhecimentos e de “consolidação de aprendizagens”.

As professoras também apontam como dificuldades o fraco apoio e empenho que algumas famílias demonstram perante a situação da sua criança; muitas vezes proveniente ainda de um “estado de negação” da NEE que, para a família, ainda é difícil de aceitar e compreender em toda a sua profundidade.

Para as professoras a superação de dificuldades faz-se essencialmente com recurso a um trabalho de parceria que tentam promover com os pais e as auxiliares. As entidades que dão apoio logístico e de manutenção de equipamentos também são solicitadas pelas professoras para providenciar apoio ao longo de todo o ano letivo. A partilha de informação entre colegas é um dos melhores recursos que encontram para superar dificuldades e encontrar soluções (Tabela 5.5).

Tabela 5.5 - Respondentes professoras - Resumo Categoria (B)

SUBCATEGORIA	EXCERTOS MAIS SIGNIFICATIVOS Para as respondentes PROFESSORAS
B1 Identificar o quê e a quem recorre p/ superar dificuldades sentidas	O primeiro recurso é sempre junto das auxiliares e dos pais. Superam-se dificuldades trabalhando em equipa. Recorre-se também a colegas e aos terapeutas. Para outras necessidades recorre-se ao agrupamento de escolas, à Câmara Municipal.
B2 Descrever as soluções que encontram e as que pensa que os outros encontram	Realiza-se material próprio, criam-se jogos, fichas, material didático feito com recurso a imaginação e com aos materiais disponíveis. Encontram-se soluções em conjunto com as auxiliares e também com alguns pais. Experimenta-se estratégias de trabalho com os elementos mais próximos destas crianças. Partilha-se informação para saber como agir.

A resolução de problemas para as professoras entrevistadas consubstancia-se no melhoramento de espaços, em equipamentos específicos e também em informação e formação, quer para elas próprias, quer para o pessoal auxiliar, porque consideram que a partilha e o trabalho em rede são fundamentais para níveis de maior sucesso com as aprendizagens destas crianças.

As sugestões também passam por novas metodologias de organização e gestão dos grupos de crianças para que uma adaptação mais equilibrada dos currícula se pudesse efetuar indo de encontro às necessidades similares das crianças por turma.

Nos ciclos de ensino mais avançados, (final do 3º ciclo possível passagem para o secundário) apresentam preocupação numa melhor adaptação dos “currícula” a propostas de respostas de integração profissional. Para estas professoras também é necessário mostrar o trabalho que se faz na escola no sentido de sensibilizar a comunidade para maior apoio a estas crianças e suas famílias (Tabela 5.6).

Tabela 5.6 - Respondentes Professoras - Resumo Categoria (C)

SUBCATEGORIA	EXCERTOS MAIS SIGNIFICATIVOS para as respondentes PROFESSORAS
C1 Averiguar soluções para problemas diários	Para descobrir soluções partilham-se os problemas com os mais próximos, partindo depois para soluções mais exteriores ao próprio ambiente escola ou comunidade.
C2 Recolher propostas p/ a resolução de problemas	Necessidade de mais informação e formação específica para auxiliares e professores. Poder ter mais diversificação de oferta educativa/ profissional para estas crianças/jovens. Poder obter mais verbas para material, mais espaços, melhores equipamentos, mais professores de educação especial.
C3 Auscultar sugestões de trabalho consideradas adequadas e inovadoras	Ter a possibilidade de agrupar as crianças de forma diferente nas aulas de apoio para ter níveis de “deficiência” mais similares e trabalhar num “registo” mais equilibrado. Conseguir ter diversidade de materiais didáticos para atividades de estimulação diferentes e mais eficazes. Proporcionar melhor oferta de curriculum nos níveis de ensino mais avançados que possibilitassem uma capacitação profissional. Sensibilizar a comunidade para uma participação maior na resolução e apoio a estas problemáticas. Ter capacidade de diversificar a oferta de atividades que se fazem com estas crianças.

Respondentes Auxiliares

Para as auxiliares as suas dificuldades residem essencialmente em falta de formação e preparação pedagógica para conhecer e trabalhar com as NEE desses meninos especiais (Tabela 5.7).

Tabela 5.7 - Respondentes auxiliares - Resumo Categoria (A)

SUBCATEGORIAS	EXCERTOS MAIS SIGNIFICATIVOS para as respondentes AUXILIARES
A1 Averiguar que dificuldades sentem cada um dos intervenientes na sua ação diária com as crianças com NEE	<p>Falta de formação específica para desempenhar as funções de acompanhamento e apoio a crianças com NEE, muita diversidade de casos distintos que obrigam a trabalho distinto.</p> <p>Ter de “mobilizar” competências próprias para a resolução dos problemas diários. Dificuldades em contacto/partilha com alguns pais, sentir debilidade de apoio parental dado em casa, ter de substituir esses aspetos na sua ação com a criança.</p> <p>Dificuldades em entender as necessidades da criança e atuar de forma correta nas respostas.</p>
A2 Identificar dificuldades na ação dos outros intervenientes	<p>Fraco apoio familiar em muitos casos.</p> <p>Dificuldades de integração na turma no trabalho do professor são aspetos complexos e com dificuldade de executar os conteúdos do curriculum.</p> <p>Os pais também têm de ter apoio e mais informação.</p>
A3 Descrever que tipo de dificuldades gerais sente e o que pensa que os outros sentem	<p>Dificuldades de tempo para executar certas tarefas. Dificuldades pela falta de estratégias para respostas imediatas a comportamentos diários diversos e distintos em cada criança.</p> <p>Dificuldades pela falta de alguns materiais.</p> <p>Dificuldades pela falta de formação e preparação pedagógica.</p>

Sentem também que por vezes falta apoio e partilha de informação por parte de algumas famílias; nas suas tarefas de apoio à integração na turma e acompanhamento dos mesmos no trabalho diário, sentem por vezes falta de conhecimentos das matérias dos curricula, daí a necessidade permanente de se apoiarem nas professoras e de, com elas, prepararem as estratégias adequadas a cada criança.

“bem eu trabalho com uma pessoa que tem bastante formação, ela é uma pessoa super dinâmica e que resolve as coisas ali....nesse nível eu não lhe vejo dificuldades ...não quer dizer que outros professores com quem já trabalhei em anos anteriores não tivesse já sentido isso, essa falta de preparação”

Para as auxiliares as soluções passam pelo recurso direto junto das professoras com quem trabalham, também por pesquisa autónoma que fazem sobre as NEE das crianças que lhes vão surgindo para apoiar. Procuram trocar informação com colegas da mesma área e com alguns dos terapeutas que participam no apoio a estas crianças na escola (Tabela 5.8).

Tabela 5.8 – Respondentes auxiliares - Resumo Categoria (B)

SUBCATEGORIA	EXCERTOS MAIS SIGNIFICATIVOS Para as respondentes AUXILIARES
B1 Identificar o quê e a quem recorre p/ superar dificuldades sentidas	Recorre em primeiro lugar à professora com quem trabalha mais diretamente, à família da criança, colegas de trabalho.
B2 Descrever a solução que encontra e as que pensa que os outros encontram	Trocar informação com colegas e professoras. Usar estratégias pessoais de bom senso e relacionamento. Reforçar parcerias, trocar mais informações com profissionais da área. Produzir conjuntamente com as professoras os próprios materiais com que se trabalha, adequados aos casos que se tem.

Nesta última subcategoria as auxiliares expressam que para a obtenção de melhores soluções lhes faz falta formação adequada às NEE com que habitualmente trabalham. Também realçam a falta de mais materiais pedagógicos de apoio para interagir com as crianças. Aspeto também importante é a necessidade que apontam de ter tempo de reflexão conjunta com pais e professoras na análise do caso de cada criança, na definição das melhores metodologias de trabalho e apoio a cada uma delas (Tabela 5.9).

Tabela 5.9 - Respondentes Auxiliares - Resumo Categoria (C)

CATEGORIA (C) /SUB CATEGORIAS	EXCERTOS MAIS SIGNIFICATIVOS Para as respondentes AUXILIARES
C1 Averiguar soluções para problemas diários	Conseguir obter mais informação e formação nesta área das crianças com NEE Poder ter mais diversidade de materiais didáticos disponíveis. Poder ter mais tempo para reflexão conjunta com pais, colegas e professoras. Fazer mais trabalho de equipa. Ter diversidade de ofertas de atividades para estas crianças.

	Conhecer bons resultados de outras equipas para poder replicar essas experiencias.
C2 Recolher propostas p/ a resolução de problemas	Conseguirem-se mais recursos humanos, ampliar as equipas de professores e terapeutas. Diversificar materiais e atividades. Poder conhecer e aplicar terapêuticas diferentes. Poder acompanhar no tempo de escolaridade a mesma criança nos diferentes níveis de ensino.
C3 Auscultar sugestões de trabalho consideradas adequadas e inovadoras	Reforço do trabalho em equipa. Possibilidade de acesso a formação específica. Utilizar intervenções diferentes apoiadas em novas estratégias.

Um aspeto importante referido pelas auxiliares é a importância de poderem acompanhar a mesma criança ao longo do seu período escolar, desde o pré-escolar até onde ela seguir, facto que não acontece, pois na maioria dos casos se a criança segue para o 2º/3º ciclo e a auxiliar está colocada numa escola de 1º ciclo aí permanece e a criança que segue a escolaridade vai ter de ser recebida por outra auxiliar da escola EB 2.3 Poeta Bernardo de Passos. Não só haverá que enfrentar uma adaptação a novo meio (físico/ nova escola), como de aprendizagens e de pessoas. É sempre um momento de transição muito intenso para estas crianças, que poderiam beneficiar da presença de alguém com quem já se relacionam há tempo.

3.1 - Análise global sobre todos os respondentes

De informação da globalidade das entrevistas realçamos, de seguida, as áreas mais relevantes referidas por todos os respondentes:

- A formação;
- O apoio mútuo;
- O procurar soluções e propostas inovadoras.

As questões da formação sobressaem como uma necessidade transversal a todos os intervenientes da comunidade escolar. Uma área de intervenção necessária, não só para a resolução de problemas do dia-a-dia, mas também para uma estruturação do próprio apoio que cada interveniente - pai, auxiliar ou professora - tem de prestar, para se sentir mais capaz de exercer, com êxito e com bons resultados, a sua função.

As dificuldades do saberem lidar com alterações comportamentais, com estados emocionais muito diferentes que todas estas crianças manifestam, em consequência da necessidade de resolução dessas questões no dia-a-dia, fazem emergir uma lacuna formativa e a necessidade de uma mobilização de competências pessoais para lidar com as situações diárias constantes.

O apoio mútuo é outros dos aspetos mencionado por todos os sujeitos entrevistados. No conjunto dos entrevistados, mães, professoras ou auxiliares, todos manifestam a necessidade de procurarem apoio junto umas das outras.

“Bem a nível de apoios nós achamos sempre que é pouco, eles estão a tentar retirar os professores de apoio e aí é que eu acho que ela necessitava mais um pouco ao nível de estudo o número de horas com os professores de apoio. (...) Ela usa o computador para trabalhar e isso é também uma dificuldade pois ela é lenta, os professores têm dificuldade em estar a acompanhá-la e ao mesmo tempo os outros alunos todos, a nível de livros aquilo vem tudo no E- Book e tenho muita dificuldade pois aquilo não abre na página tal que se quer temos de estar a abrir na página 1 e ir por ali à procura até chegar à página determinada e isso aí leva imenso tempo (...) Eu acho que ela precisava de ter programas específicos para o computador, porque ela leva muito tempo à procura das coisas para fazer, por exemplo ao nível da matemática imaginemos que ela está a fazer uma equação com uma raiz quadrada e mais não sei que ... ela tá a fazer ali e depois tem de parar e clicar para ir buscar a raiz quadrada e põe, e depois às tantas já se perdeu no exercício e já não sabe onde é que estava ... eu não sei, não sei se existem outros programas. Mas penso que nesse aspeto a escola devia tentar investir um pouco mais, tentar saber o que é que se pode fazer, eu noto na matemática principalmente.” (entrevista nº 7 - Mãe B)

Todas são elementos próximos, e é entre elas que resolvem muitas questões e ultrapassam problemas. Existe uma trilogia - mãe, professora, auxiliar - que faz falta a todos globalmente.

Estas interações, representadas graficamente na figura abaixo, estão presentes diariamente na vida da comunidade escolar.

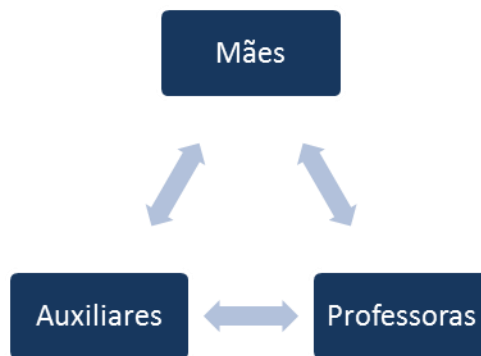


Figura 5.8 - Interações relacionais de apoio entre sujeitos

Verificamos, assim, que as professoras se apoiam nas auxiliares e nos pais/mães tentando organizar essa informação num trabalho de melhor adaptação dos conteúdos; as auxiliares recorrem às professoras por sentirem que estas têm conhecimentos mais específicos e técnicos e podem ajudar de forma mais eficaz e, junto dos pais, tentam obter informações de como é que a criança se comporta em casa e que estratégias a família usa para trabalhar com ela.

Os pais, não todos, mas alguns, sentem que as auxiliares e as professoras podem ser um ótimo ponto de apoio na resolução de problemas diários da aprendizagem e desenvolvimento dos seus filhos. No entanto, é relativamente a estes sujeitos (pais) que dos outros (professoras e auxiliares) notam que ainda não existe uma verdadeira participação de interação com a escola. Este aspeto é mencionado quer por professoras quer por auxiliares, que dizem, em alguns casos, sentir fraco apoio familiar e acompanhamento débil nas questões escolares. Algumas famílias demonstram dificuldades em aceitar a “diferença” da sua criança; outras tentam esconder, outras levam demasiado tempo a entender as suas necessidades.

De acordo com Martins (2005), “quando os valores da escola coincidem com os valores da família, quando não há ruturas culturais, as aprendizagens ocorrem com maior facilidade e os riscos de comportamentos disruptivos são menos significativos.” (p.188)

“Procurar soluções” é outra das áreas em que os sujeitos também manifestam vontades comuns. É mencionado, por todos os intervenientes, a necessidade de reforçar os momentos de partilha, de incrementar as parcerias, de alargar as redes de trabalho, de conseguir mais recursos humanos para o apoio escolar, assim como recursos como

terapeutas e/ou formações específicas para o trabalho com as crianças. Ainda, a possibilidade de alterar os tempos de aula para estas crianças de acordo com as suas necessidades específicas. É também referida a necessidade de diversificar atividades, de adquirir equipamentos e recursos didáticos, de encontrar alternativas curriculares que capacitem para uma possível integração no mercado do trabalho. Estas ideias ouvem eco nas palavras de Martins (2005) que explicita que “a perspetiva educativa é centrada no aluno, considerando as dificuldades escolares em termos das suas características individuais, das suas deficiências, do seu ambiente social e das características psicológicas.” Esta perspetiva educativa é também defendida por outros autores (Benardda Costa, 2003), e fundamenta-se na necessidade de um diagnóstico dos problemas da criança que é considerada especial e que necessita de educação especial.

Outro dos temas que nos surge nas respostas tem a ver com “Apresentar propostas”. Por parte destes sujeitos entrevistados a ideia mais saliente tem a ver com o reforço das parcerias e o alargar das mesmas a mais sujeitos e outros intervenientes. Ter mais pais/famílias, mais professores, mais auxiliares sensibilizados para estas problemáticas, e mais envolvidos na sua implementação diária.

Ainda sobre a apresentação de propostas, é destacada a maior sensibilização e divulgação na comunidade local sobre estas problemáticas, alertando não só outros pais, mas também organizações e instituições para uma intervenção diferente. Intervenções de planeamento estratégico que promovam políticas de desenvolvimento com aspetos de inclusão.

Outra sugestão dada por professoras e auxiliares tem a ver com a diversidade de atuação metodológica que, consideram, com estas crianças é mais premente. As sugestões vão no sentido de: i) se poder alterar conteúdos e o currículo escolar; ii) os tempos de aulas; iii) o acesso mais facilitado a meios complementares de aprendizagem; iv) a condições de maior e melhor conforto nos espaços escolares; v) um acompanhamento mais continuado por parte das auxiliares quando recebem estas crianças no início do pré- escolar; vi) a possibilidade das auxiliares poderem acompanhar estas crianças nos ciclos de ensino seguintes.

Mesmo que o agrupamento de escolas de S. Brás dê o devido apoio a estas crianças e faça o que está legislado e previsto em termos de currículos especiais, algumas questões ainda se levantam para quem diariamente trabalha com estas crianças, como se exemplifica no excerto que passamos a apresentar:

“Dentro de uma sala de aulas, eles são... bem têm outro tipo de atenção, tenta-se fazer com que eles não sintam diferenças, sejam iguais aos outros meninos; no fundo são meninos iguais e tenta-se dar mais atenção, se bem que a criança especial tem uma pessoa para ele (...) Em situação de sala eu permaneço ao lado dele, embora tente mostrar que não estou só para ele, porque acho que ele não deve sentir que tem uma pessoa exatamente para ele...tento ajudar às vezes a professora nalgumas coisas, algum outro menino que tenha falta que eu lá vá ajudar eu vou...estou ao pé dele porque é uma criança que facilmente fica desatento... Estou ali mas tenho de fazer com que não pense que sou só dele...que não pense que é assim tão diferente porque ele tem e os outros não têm”
(entrevista nº 5 – Auxiliar A)

Relativamente a “questões de inovação”, para estes sujeitos estas passam pelo aprofundamento de conhecimentos e de boas práticas existentes. Em especial as professoras e as auxiliares referem este aspeto, no sentido de exercerem as suas funções de forma diferente e com maior qualidade; sentem que precisam de saber mais.

As necessidades mais mencionadas pelos sujeitos entrevistados, apresentadas e discutidas anteriormente, podem organizar-se, hierarquicamente, como se apresenta na Figura 5.9

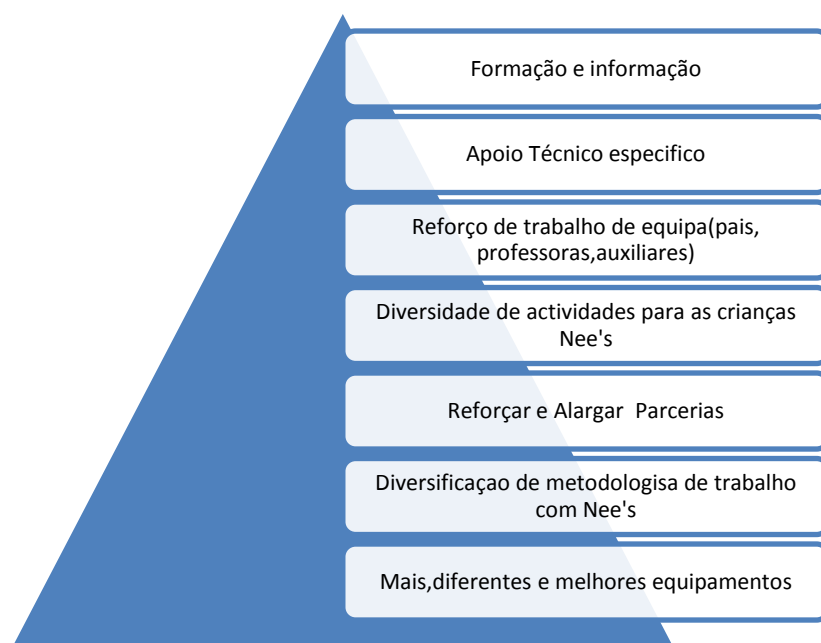


Figura 5.9 - Necessidades mais mencionadas pelos sujeitos entrevistados

Para sublinhar a necessidade de formação como a área mais referida, apresentamos a seguinte excerto:

“A dificuldade maior que senti... não agora mas no início deste trabalho para que fui escolhida, foi a formação ... agora, atualmente, já tenho alguma formação, mas continuo nessa área ... é onde me falta mais alguma coisa é na formação.”
(entrevista nº 6 – Auxiliar B)

4– Apresentação de resultados dos registos das grelhas de observação das sessões de IP

Apoiados na decisão metodológica da não gravar as sessões de IP, e com a intencionalidade de, através de uma observação participante, registar as intervenções dos protagonistas, foi criada uma grelha de observação que recolheria informação direcionada aos objetivos.

Esses registos foram feitos em todas as sessões tendo em conta duas categorias:

- a dinâmica e participação;
- o relacionamento intergrupar,

A dinâmica e a participação, assim como as interações, fluíram ao ritmo das presenças e das intervenções de cada protagonista no coletivo do grupo.

As anotações e registos integrais de cada uma das sessões com o resumo das intervenções de todas as protagonistas encontram-se em anexo (Anexo 2-8). Estes registos contribuíram definitivamente para obter dados qualitativos úteis na procura da resposta à questão de investigação.

Todas estas intervenções abrangeram, em cada uma das sessões, todas as categorias de registo existentes na grelha de observação, (Anexo 2 – 7) ou seja:

- i. Descritiva – sobre o seu próprio caso;
- ii. Partilha – ajuda ao outro;
- iii. Propostas – atividades locais;
- iv. Sugestões para o futuro – trabalho de médio / longo prazo.

As intervenções respeitantes à tipologia descritiva do seu próprio caso estiveram presentes em praticamente todas as sessões, pois as conversas davam sempre origem a

que algum dos protagonistas já tivesse tido uma experiência sobre o que se estava a falar.

Para que as próprias protagonistas pudessem, de uma sessão para a outra, refletir sobre as questões abordadas no grupo, houve uma proposta de serem efetuados registos escritos através do uso de um “caderno diário”. Esse caderno passou a ser um instrumento de registo individual das reflexões de cada protagonista, feitas por elas próprias ao longo da semana. Na sessão seguinte teriam registos e pensamentos para poderem partilhar, caso o quisessem fazer. O primeiro pedido feito ao grupo foi o de escreverem 2 ou 3 evidências de parentalidade positiva que tivessem experienciado com os seus filhos.

Com a autorização de uma das mães protagonistas transcreve-se aqui, na íntegra, o seu texto, no qual analisa o que entende pelo conceito, bem como as suas preocupações iniciais e que foram despoletadas pela discussão.

“Parentalidade positiva no caso de «Meninos Especiais e Pais diferentes» é um caminho a preparar mas um pouco diferente a qualquer caminho. Eu sei que é importante pensar positivo, só que na realidade deparamo-nos com muitas barreiras, mas muitas barreiras. Não podemos desistir mas ultrapassá-las ...mas como posso eu ajudar o meu filho a sentir-se completamente integrado? ... se não temos as instituições... se não temos resposta para o que necessitamos (ou melhor, para os nossos filhos). Neste momento luto para que o António [nome fictício] esteja bem. Faço tudo o que posso e o que por vezes até parece impossível... e lá vou eu para ver se consigo vê-lo, Feliz! ...Sabem que às vezes até sou criticada porque faço tudo que ele quer...Não é bem assim..., mas quem está de fora por vezes não entende... Como posso eu dizer-lhe, Veste-te! Se ele não consegue...mas até há quem me diga...ele não faz porque tu lhe fazes! Enfim... isto são desabafos...! Será que aqui, juntas, poderíamos pensar num projeto que pudesse apoiar estes jovens e crianças criando um local onde se pudessem fazer atividades e eles se sentissem úteis e capazes de fazer qualquer coisa? Tal como dizia a mãe do Fernando [nome fictício] ... o meu filho me diz várias vezes: - Eu quero trabalhar...arranja-me lá qualquer coisa! - e tal como outros jovens também diz que quer ser profissional e ter ordenado...Aqui em S. Brás temos já um grande número com diferentes patologias de meninos especiais. Porque não pensar em criar um centro de ocupação para estes

meninos e jovens? Talvez já devido à idade que vou tendo, começo a sentir a preocupação com o futuro das pessoas dependentes, tal como o meu filho. Como fazer? A quem nos devemos dirigir para sermos realmente pais ativos e participantes? Quem nos poderá ajudar?”

Este texto resume, de alguma forma, tudo o que depois foi sendo refletido e equacionado na procura de respostas para uma participação efetiva.

Todos os elementos do grupo foram acrescentando pontos de vista similares ao sentir desta mãe. Uma vontade de obter, da comunidade, mais respostas; um sentimento de poder partilhar mais com outros o mesmo sentir; uma perceção de que pode haver mais sensibilização e mais intervenção das organizações e instituições que intervêm nestas áreas das NEE.

Com o intuito de apoio e de ajuda, muitos momentos de partilha foram acontecendo ao longo das sessões.

Todas as protagonistas do grupo apresentaram sugestões de atividades e/ou eventos, criação de espaços, ou outras para trabalho, quer com a escola, quer com a comunidade, ficando os mesmos registados na tipologia de propostas futuras ou outros assuntos (Anexo 2-7, Grelhas de observação).

Uma das ideias mais marcantes foi a vontade de que existisse um local de encontro e ocupação - chamaram-lhe centro de jovens, Centro Juvenil - com técnicos de apoio e outros, para que estas crianças e outras da sua faixa etária mesmo sem problemáticas, pudessem conviver e ocupar tempos livres. Um local lúdico comum, um espaço de encontro e de dinamização de atividades que preenchesse os tempos dos jovens com NEE que já não estão no sistema escolar e, em simultâneo, contribuísse para uma maior e melhor inclusão social.

5 - Apresentação de resultados do grupo de Investigação Participativa

As sessões do grupo, sua duração e planificação, foram estabelecidas pelo próprio grupo, face às datas apresentadas pela investigadora para a entrega do trabalho. Assim, pela disponibilidade de todas as protagonistas, foi acordada a realização de uma sessão por semana (à sexta feira) entre as 18h30 e as 20h00, durante seis semanas.

As sessões foram preparadas através de fichas de sessão (Anexo 2-5), para que os objetivos do projeto fossem alcançados, mas também para que não se perdesse a intencionalidade da IP, ou seja, que fossem os próprios elementos a “conduzir” as reflexões e discussões no sentido desse objetivo.

As questões da dinâmica e participação dos sujeitos no grupo foram, ao longo das sessões, surgindo sempre num crescendo de ideias e de partilhas, como se ilustra na Figura 5.10

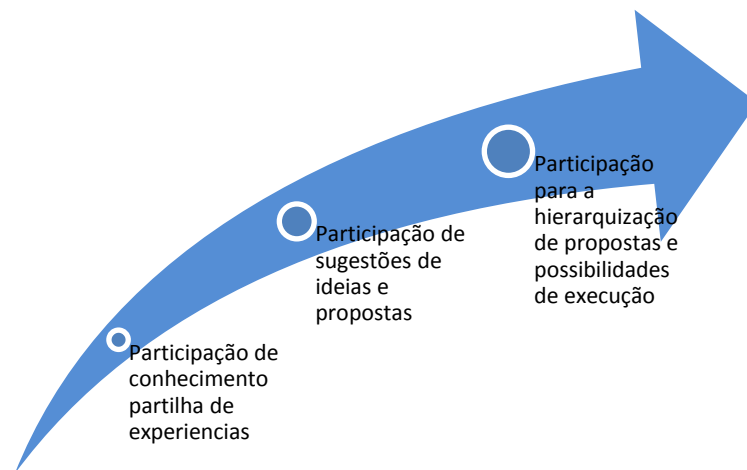


Figura 5.10 - Participação no grupo de IP

Nas sessões iniciais a participação das protagonistas concentrou-se, sobretudo, nas suas apresentações e na explicitação dos seus casos individuais. Ao conhecerem preocupações comuns passaram para uma reflexão sobre casos na comunidade escolar, para a análise das necessidades sentidas, e passaram a explicitar as suas ideias e propostas para intervenções, acompanhamento e apoio de maior qualidade na escola.

Depois surgiram as propostas de intervenção mais alargada para a comunidade em geral e a análise de como motivar e mobilizar recursos para iniciativas ou intervenções que pudessem servir mais crianças, mais famílias. A necessidade de priorizar e de hierarquizar as propostas foi a reflexão no final das seis semanas de sessões.

Esta dinâmica de participação, sessão após sessão, foi ficando visível no relacionamento que as protagonistas foram criando entre si de cada vez que o grupo se juntava para conjuntamente refletir. De pessoas individuais com os seus casos pessoais, foram criando, através do relacionamento intergrupar, uma identidade de grupo própria e única, como a que esquematicamente se apresenta (Figura 5.11).



Figura 5.11 - Relacionamento Intergrupual

Estávamos perante um grupo acabado de constituir com elementos completamente desconhecidos entre si, embora alguns deles tivessem algum conhecimento no dia-a-dia escolar. Para todos os efeitos estávamos perante uma “identidade nova”, que era sentida enquanto tal, como se pode constatar por algumas das transcrições da avaliação feita pelos protagonistas.

“Gostei do grupo e a maneira como desenvolvemos os assuntos que tocam a todos nós. Senti solidariedade.” (Anexo 2 – 1)

“A participação do grupo foi boa embora eu mantenha a vontade de fazer mais, mas o tempo é pouco.” (Anexo 2 - 2)

Pelos registos das grelhas de observação das sessões foi possível verificar e perceber a vontade de partilhar ideias.

Todas as protagonistas do grupo apresentaram sugestões de atividades e/ou evento, criação de espaços ou outras ideias, quer para trabalho com a escola, quer com a comunidade.

Fazer essa reflexão conjunta de verificação das intervenções e uma possível hierarquização das mesmas foi um bom trabalho de grupo.

Pese embora alguma dificuldade em realizar observação participante, pois o ter de tomar notas estando e intervir na discussão em simultâneo é difícil, este foi um bom instrumento de trabalho que ajudou a recolher registos sobre questões acerca das quais se ia refletindo (Anexo 2 – 6).

Com o cruzamento de dados das respostas obtidas pelos sujeitos entrevistados mães, professoras e auxiliares, e as ideias discutidas em grupo, sentiu-se a necessidade de comunicação e de troca de informação de apoio para a concretização das suas intervenções com estas crianças.

Para desempenharem melhor as suas tarefas e funções, as mães prestam informação às auxiliares sobre comportamentos e situações vividas em casa e no seio da família; as mães perguntam sobre os comportamentos e avanços de aprendizagem na escola.

As auxiliares socorrem-se do apoio das professoras em termos técnicos e pedagógicos para realizarem melhor o seu papel de “acompanhante facilitadora” das aprendizagens.

Todas as protagonistas estiveram entusiasmadas com ideias e projetos, e quiserem transmitir ao grupo o que consideraram atividades úteis a realizar. De acordo com os dados recolhidos, aqui se apresentam algumas dessas sugestões:

- Apresentar, para outros pais na comunidade, sob a forma de teatro, o que é uma família com uma criança com NEE;
- Falar a outros pais, professoras e auxiliares, porque é que estas crianças têm um plano curricular diferente e por isso são avaliadas de forma diferente;
- Realizar uma sessão para pais/ mães com o testemunho real de uma destas mães sobre como é a sua vivência diária;
- Colocar na caderneta escolar de todos os alunos uma informação que dê a conhecer aos outros pais que nessa turma existe uma criança diferente, que trabalha de forma diferente, e, por isso, também tem de ser avaliada de maneira diferente.

5.1 - Resultados das fichas individuais de avaliação

No processo de IP foram introduzidas fichas individuais de avaliação para cada sessão com o objetivo de recolher, em todo o processo, as opiniões das protagonistas (Anexo 2 - 1, Modelo de ficha). As fichas de avaliação de sessão permitiram organizar

as respostas das questões fechadas colocadas às protagonistas e que foram as seguintes: a) Considera que a sessão foi interessante; b) Gostou da metodologia utilizada e da forma como se apresentaram os conteúdos? c) Gostou da participação dos elementos do grupo? d) Como considera que foi a sua participação na sessão/grupo?

Estas repostas repartem-se pelos critérios de avaliação que foram considerados e que se apresentam em seguida (tabela 5.10):

Tabela 5.10 - Critérios de Avaliação/Fichas individuais de sessão

Critério de satisfação	Critério de Participação
Gostei pouco	Pouco participativa
Gostei	Medianamente Participativa
Gostei Muito	Muito Participativa

Foram recolhidas 36 respostas (numa ou noutra sessão algum dos elementos não respondeu à totalidade das questões?)

Para a questão nº 1: Considera que as sessões foram interessantes? Obtivemos quase a globalidade do universo de respostas (35 em 36) que consideraram as sessões como muito interessantes; houve uma resposta de medianamente interessante (Figura 5.12).

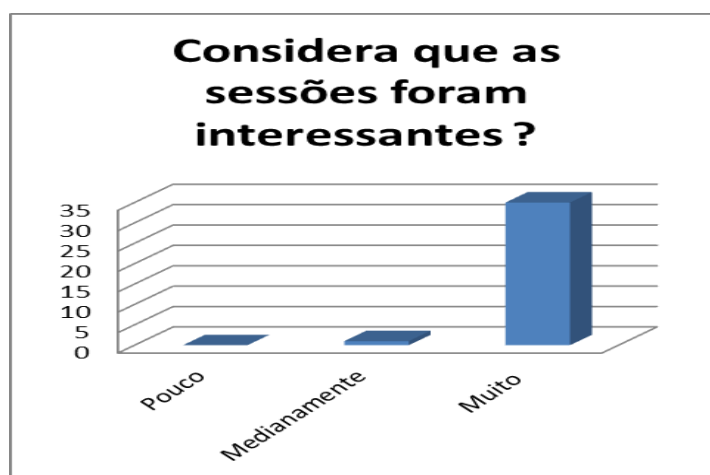


Figura5.12

Figura 5.12 - Resultados sobre interesse das sessões de IP

A questão nº 2, que inquiria sobre a metodologia usada nas sessões e a forma como foram sendo apresentados os conteúdos ao grupo, obteve uma maioria de respostas de

“Gostei Muito”, N= 24, apoiadas por respostas de “Gostei”, N=12 (Figura 5.13). A satisfação manifestada pelo grupo face a metodologia usada e a forma como se abordaram os conteúdos de discussão é globalmente satisfatória.



Figura 5.13 - Resultados de satisfação sobre metodologia e conteúdos do grupo de IP

Na questão nº 3, sobre se gostou da participação dos elementos do grupo, houve lugar a 28 respostas de “Gostei Muito”, 7 respostas de “Gostei”, só existindo 1 resposta de um “Gostei pouco” (Figura 5.14). Parece nos que o bem-estar no grupo se pode confirmar com a globalidade destas respostas.



Figura 5.14 - Resultados de participação dos elementos do grupo de IP

Ao questionarmos na questão nº 4, como considera que foi a sua participação no grupo, é curioso analisar que a avaliação individual é mais baixa do que a avaliação dada aos outros. Ao serem questionadas sobre a sua própria participação, o maior

número de resposta, 27, vai para o nível de medianamente participativa, contra a anterior resposta que, em termos de grupo, se considera que o grupo é muito participativo. Só houve lugar a 9 respostas de “Muito participativa” em termos individuais. Assim, neste aspeto, as questões da participação global adquirem um grau medio (Figura 5.15).



Figura 5.15 - Resultados de participação individual no grupo de IP

A Questão nº 5 pretendia obter avaliação sobre a participação e mediação da investigadora. Os resultados mostram 29 respostas de que “Gostaram muito” e 7 que “Gostaram” (Figura 5.16).



Figura 5.16 - Resultados da mediação e participação da investigadora no grupo de IP

No que diz respeito às questões abertas colocadas nas fichas de avaliação de sessões, apresentamos alguns resumos das respostas dadas pelas protagonistas:

Sobre a questão, “Como considera que foi a sua participação no grupo? Pode explicar, Porquê?”, 5 das 6 participantes nesta sessão responderam “Mediana” e 1 respondeu “Muito Participante”.

“tentei, de algum modo mostrar/dar a minha opinião sobre estes “meninos especiais”. Dentro do pouco que sei acho que partilhar experiências e pontos de vista é útil para que todos entendamos que uns com problemas pequenos, outros com um grande, é na partilha, na compreensão e tolerância que nos podemos ajudar uns aos outros”.

Na questão seguinte sobre expectativas face às expectativas do início, a totalidade das protagonistas (6), afirma que as expectativas foram atingidas, embora algumas delas tivessem dúvidas quanto ao que deveriam ser as suas próprias expectativas/participação.

“Sim. Porque “trabalhar” diretamente com os pais destas crianças torna interessante, aprende-se muita coisa, desta maneira alargam-se horizontes.”

“Eu não tinha experiência com um trabalho de grupo assim e então não tinha expectativas nenhuma, somente curiosidade. E assim fique admirada que conseguimos desenvolver e acabar um projeto. Acho que a investigadora conseguiu “Guiar” muito bem as ideias para concretizar pelo menos uma delas que era realista.”

Na questão: “Que resultados gostariam que esta participação pudesse vir a ter? Gostaria de continuar a trabalhar com este grupo e/ou alarga-lo a outras participações? Porquê?”, mais uma vez a totalidade dos sujeitos (6) respondeu que gostaria de continuar a trabalhar e fazê-lo com um grupo mais alargado.

“Sim. Penso que este grupo talvez possa vir a ser alargado a outras mães/educadoras e que possam vir a ser desenvolvidos projetos ou iniciativas com vista a divulgar e esclarecer em geral e também as crianças, sobre esta temática.”

“Sim, gostaria de continuar a trabalhar com este grupo. Porque era muito bom por em prática algumas das coisas que aprendemos e discutimos. Todas temos muito a dar. É uma área em que há muito pouca ajuda. Era pena que este grupo acabasse porque foi forte e há muito para fazer.”

Na última questão aberta colocada de carácter avaliativo global: “Se possível faça um balanço de aspetos positivos e menos positivos deste trabalho, acrescente sugestões/ideias que gostaria de realizar”, obtivemos respostas como a seguinte:

“para mim o balanço positivo foi a partilha de ideias e experiências que no fundo também nos reconfortaram. Pensar e perceber que talvez “ na porta ao lado “ há alguém com os mesmos problemas ou com outros mais graves e poder e confortar ou ajudar a entender que todos somos frágeis, mas que somos capazes de superar cada pequena dificuldade é muito bom. É sentir que podemos apoiar outras mães quando se sentem mais abatidas, é reconfortante. O menos positivo é talvez o facto de que nos tenhamos “perdido” em muita conversa e que talvez o trabalho não tenha sido o suficiente ou eficaz para o trabalho da investigadora”.

As sessões de IP foram avaliadas, como se apresentou, através de respostas a questões abertas, mas também se realizou a quantificação das respostas nos níveis propostos. Estes resultados são apresentados na tabela 5.11. que se apresenta em seguida.

Tabela 5.11 - Resultados quantitativos sobre participação e satisfação no grupo de IP

Sessões	29/04/11	06/05/11	13/05/11	20/05/11	27/05/11	23/06/11
Presenças	6	6	6	6	6	3
Como considera que foi a sua participação nas sessões/grupo	Mediana 3 Muito participativa 1	Mediana 4 Muito participativa 1	Mediana 4 Muito participativa 0	Mediana 1 Muito participativa 1	Mediana 2 Muito participativa 2	Mediana 0 Muito participativa 2
Hoje senti ...	Sentimentos de partilha 6	Sentimentos de partilha 0 Sentimentos entreajuda 6	Sentimentos de partilha 4 Sentimentos entreajuda 2	Sentimentos de partilha 0 Sentimentos entreajuda 2 Sentimentos de	Sentimentos de partilha 0 Sentimentos entreajuda 4 Sentimentos de	Sentimentos de partilha 0 Sentimentos entreajuda 0 Sentimentos de

				dificuldade 2 Sentimentos de participação 3	dificuldade 0 Sentimentos de participação 0	dificuldade 0 Sentimentos de participação 3
Gostaria de mudar algo...	No grupo 0	No grupo 0	No grupo 3	No grupo 3	No grupo 3	No grupo 0
	Individual 2	Individual 2	Individual 2	Individual 1	Individual 1	Individual 0

NOTA: O número de intervenções registadas em cada sessão não corresponde igualmente ao nº de presenças porque vários elementos deixaram em branco as respostas a estas questões

Da análise desta tabela podemos dizer que no decorrer das sessões relativamente ao fator de envolvimento nas discussões de grupo a participação foi aumentando. Embora os sujeitos considerem, na sua maioria, que a participação é mediana, esta aumentou da 1ª à 6ª sessão.

Sobre a questão que se colocava relativamente aos sentimentos - como é que a pessoa se sentiu naquela sessão - verificamos que os sentimentos mencionados na 1ª sessão são essencialmente de partilha; efetivamente, as pessoas não se conheciam, e ali foi o momento das apresentações e de explicitar o seu caso próprio da sua criança.

Na 2ª sessão já aparece mencionado um sentimento de entreaduda que se vai prolongando por outras sessões.

A partir da 4ª sessão aparece expresso nas intervenções um sentimento de dificuldade associado à necessidade que o grupo sentiu de hierarquizar as ideias de projeto. Começaram a debater argumentos para se eleger umas e depois outras ideias, o que levou a alguns sentimentos de desconforto por parte de alguns elementos. Estávamos num momento de confronto de ideias e de pontos de vista.

Seguiram-se sentimentos de participação partilhados por todos os sujeitos, expressos na vontade de “fazer coisas”, de colocar em prática alguma das atividades propostas. Esse sentimento de participação foi o que ficou no final das sessões como o mais necessário e com o desejo de concretização num futuro próximo.

É curioso verificar que é nas mesmas sessões - 3ª, 4ª e 5ª - que se registam sentimentos de dificuldade, que também se fazem os primeiros registos de necessidade de mudança no grupo, com respostas dadas à pergunta “gostaria de mudar algo no grupo ou individualmente?”. Este foi o momento em que o grupo foi chamado a agir enquanto tal; tinha de fazer opções sobre as propostas individuais que estavam a ser apresentadas.

Enquanto grupo, estavam a ser postas à prova as decisões tinham de ser do coletivo, e tinha de haver negociação com base nos respetivos argumentos.

Enquanto sujeitos individuais tinham de equacionar cedências em favor de uma ação comum que pudesse vir a ser realizada, sob pena de nada se fazer caso não fosse possível essa hierarquização de propostas.

A última linha deste quadro pode confirmar-nos a ideia da “evolução” que se manifestou nos protagonistas desde o “individual” até uma constituição de “identidade de grupo”, pois as três primeiras sessões são, efetivamente, aquelas em que se observam registos de desejo de mudanças individuais e estas são referidas em relação a ter uma melhor participação no grupo para que este funcione.

6 - Resultado Global do grupo de IP

Com a informação atrás apresentada chegamos a um resultado global de que, em todo o processo das sessões de IP, os protagonistas passam a vir para as sessões não com objetivos individuais mas com objetivos que assimilaram como sendo os da identidade coletiva, como “Grupo de IP” .

A partilha e a entre ajuda foram uma constante e resultaram no sentido de dar “identidade ao grupo” e de facilitar o fluir dos conteúdos abordados.

Esse trabalho da “constituição de grupo” foi positivo e iniciou-se bem. Não teve um desenvolvimento maior, pois seria necessário mais tempo de sessões para se criar “consistência de grupo”.

A reflexão sobre questões individuais levou à reflexão sobre problemáticas comuns da comunidade escolar e comunidade local. Várias protagonistas manifestaram que nunca tinham refletido sobre outras perspetivas e formas de encarar os problemas e que esta oportunidade lhes dava uma forma diferente de visualizar as problemáticas.

A “chuva de ideias” que se registou também permitiu refletir sobre necessidade de haver uma metodologia para se poder intervir.

Hierarquizar, delimitar ações e atividades, equacionar possibilidades sob diferentes aspetos tais como recursos humanos, (quem faz?) recurso financeiros (quem financia?) onde se arranjam os espaços/equipamentos, etc...) foi sentido por todas as protagonistas como necessário. Nunca tinham refletido sobre estes aspetos nem sobre a forma de equacionar uma intervenção/atividade ou projeto.

Sentiram necessidade de procurar informação. Essa indispensabilidade de se estar “mais preparado” para fazer algo indicou que todos, independentemente das suas formações, necessitam de se “capacitar” para a intervenção que se deseja realizar; particularmente, se feita em equipa.

Como aspeto menos positivo, talvez se deva indicar o “fator tempo” como o que interrompeu essa “espiral” de reflexão para a ação, não permitindo a continuidade sobre a análise de resultados.

Em termos de investigação participativa não foi possível concluir um ciclo completo de reflexão-ação, pois não foi possível concretizar, no “terreno”, uma atividade que, depois de realizada, permitisse avaliar sobre os impactos na comunidade.

Como aspeto mais positivo deste trabalho, há a realçar o grupo ter manifestado a vontade de se alargar a mais intervenientes, de dar continuidade às sessões iniciadas, e a vontade de realizar intervenções concretas na comunidade, estando disponível para serem “atores participativos”.

Paralelamente a isso, os aspetos da “prática diária”, de refletir sobre a realidade e o que nos rodeia potenciou a vontade de agir.

Ter aquele “caderno diário” para escrever, depois partilhar com outros as reflexões e as sugestões foi, manifestamente, um aspeto positivo que pode levar a mobilização conjunta e a uma intervenção mais participativa.

A ideia de que “juntos podemos conseguir” ficou presente no discurso do grupo.

Em simultâneo, a ideia de que “estou sozinho com os meus problemas” foi-se dissipando e cada um interiorizou que, afinal, “eu” posso fazer a diferença: uma pequena ação pode originar mudança; só participando se concretizam objetivos.

O ser-se “um coletivo” (grupo) que refletiu, mesmo que num curto espaço de tempo, permitiu a estes protagonistas um novo posicionamento perante as questões da participação ativa.

Verificaram que, quer individualmente, quer em grupo, a participação passa por atos de reflexão e análise que podem mobilizar para a ação e, eventualmente, concretizar-se e proporcionar mudança. A motivação para a participação nasce com mais facilidade através da partilha das vivências.

7 – Potencialidades e limitações da investigação

No que respeita às limitações da investigação, estas foram essencialmente de ordem temporal pois esta metodologia de investigação participativa precisa de ser “temporalmente alargada”. Refletir obriga a “parar”, a ter tempo para pensar, analisar, discutir, quer individualmente quer em grupo.

As sessões de IP não podem ser, em si próprias, muito demoradas. Verificamos que o tempo de uma hora e meia a duas horas foi conveniente. Mas o número de sessões para toda a discussão e análise das problemáticas, foi reduzido. As conversas prolongam-se, muitas vezes afastam-se dos objetivos, divergem dos temas essenciais a trabalhar e há que retomar o “foco”.

É um processo que exige efetivamente tempo continuado para se poder concretizar. As várias etapas da IA necessitam de uma intervenção temporal alargada e desenvolvida no ritmo dos protagonistas.

A constituição do grupo, com mães e auxiliares de ação educativa, talvez possa ser olhada em duas perspetivas: tanto como uma limitação e como com uma potencialidade. Isto porque, ao ser um grupo muito heterogéneo - mães de crianças com problemáticas e de faixas etárias muito distintas e auxiliares de escolas de graus de ensino diversos - divergiu para muitos pontos de vista diferentes que obrigaram e (obrigariam) a um aprofundamento das discussões. Um grupo com características mais homogéneas provavelmente conseguiria manter-se “focado e concentrado” em objetivos comuns e numa temática única.

Mas esta heterogeneidade permitiu verificar isso mesmo: a “riqueza” das possibilidades de intervenção que se podem fazer, a multiplicidade de necessidades que existem, quer no interior da comunidade escolar, quer na comunidade local.

Permitiu sentir que as mudanças necessárias são individuais e coletivas e são complexas, mas possivelmente realizáveis na complexidade social em que vivemos.

A potencialidade deste tipo de intervenção está na sua própria “essência” metodológica de investigação participativa, onde todos os sujeitos se implicam como elementos próprios e constituintes da problemática que se estuda. O seu fim último é o de intervir para alcançar uma mudança na realidade que se conhece.

CONCLUSÕES

A metodologia escolhida permitiu verificar a necessidade que as pessoas, neste caso, as mães/famílias destas crianças, têm de se conhecer entre si. O mesmo se coloca para quem trabalha com elas, em especial as auxiliares que acompanham meninos e meninas durante todo o dia, num trabalho personalizado e individual.

O espaço de reunião/reflexão semanal tornou-se um elemento positivo da vida destas protagonistas durante o tempo em que estiveram implicadas na investigação (seis semanas).

A partilha de casos e de ideias fez avançar reflexões individuais que, depois trazidas de novo ao grupo, potenciaram a vontade de intervenção e participação coletiva. Essa participação manifestou-se pelo desejo de realização de projetos na comunidade local, para resposta a necessidades comuns.

Esta investigação permitiu relatar muitas experiências parentais de autoajuda e de participação que, provavelmente, se poderão traduzir em superação de necessidades da comunidade escolar.

A representação seguinte mostra-nos, em resumo, as relações deste processo



Figura 5.17 - Resumo de relações de Investigação Participação

Face aos objetivos formulados, damos conta de que a maioria dos mesmos foi atingida.

Iniciando no primeiro objetivo, que pretendia promover a partilha como fonte de construção de competências parentais, temos os relatos de avaliação positiva das mães que, com a utilização dos seus “cadernos diários” constataram e partilharam os seus exemplos e as suas experiências.

A troca de experiências parentais e a autoajuda de pais com filhos NEE, pretendida com o objetivo dois, foi, desde o início das apresentações das protagonistas, um tema recorrente e presente em todas as sessões. Foi de longe um objetivo plenamente atingido.

Sobre o objetivo três, onde se pretendia rentabilizar saberes e competências dos pais no que respeita ao exercício da parentalidade positiva, os registos das grelhas de observação das sessões foram o instrumento que nos permitiu concluir sobre essa temática indicando-nos que o conceito da parentalidade positiva ainda não está presente no dia-a-dia de todos os pais, e que o mesmo necessita de uma prática diária.

Intimamente ligado ao objetivo quatro, sobre como contribuir para a consciencialização dos pais de crianças com NEE quanto às competências parentais que possuem e/ ou desenvolvem, sentiu-se a necessidade de mais reflexão sobre as próprias competências parentais das protagonistas.

O quinto objetivo consistia em identificar necessidade de informação/formação necessárias a um melhor desempenho. Esta foi a conclusão mais evidente, retirada de todos os instrumentos utilizados: entrevistas, grelhas de observação, fichas de avaliação. Todos estes registos, obtidos de mães, auxiliares e professoras, mencionam a grande necessidade de mais formação e informação para que a sua ação diária possa vir a ser de maior e melhor qualidade.

Do sexto ao nono objetivo pretendia-se identificar opções de envolvimento parental para processos conducentes a uma prática de parentalidade positiva, com o exercício de participação cidadã, através de atividades, colaborações ou projetos. Conseguimos obter resultados através das propostas que as protagonistas fizeram, e que foram registadas, quer nas fichas de avaliação quer nas observações das sessões. Várias ideias e sugestões de participação foram listadas para uma possível concretização na comunidade escolar.

Para último, com o décimo objetivo, propúnhamo-nos analisar a possibilidade de constituir na comunidade grupos de trabalho que analisassem as questões da parentalidade positiva e a participação cidadã. O próprio grupo de protagonistas disponibilizou-se, na totalidade dos seus elementos, para vir a convidar mais pais/mães (famílias) e alargar o mesmo para um trabalho real e efetivo na comunidade escolar de S. Brás. Neste grupo de protagonistas ficou a “semente da vontade” de intervir na comunidade, de criar mudança, de participar, apoiadas numa parentalidade positiva e num sentido pró-ativo, real e exequível.

Este trabalho de investigação despertou consciências; motivou vontades, mobilizou reflexões e proporcionou aprendizagens e partilhas mútuas e concretas.

Poderá vir a ser um instrumento potenciador de mobilização para a participação, e promotor de efetivas atividades na comunidade local escolar, do município de S. Brás de Alportel.

REFERÊNCIAS

- Abreu, I., Sequeira, A., Escoval, A. (1990). Ideias e Histórias contributos para uma educação participada. Instituto da Inovação Educacional.
- Albarello, Luc; DIGNEFFE, Françoise; HIERNAUX, Jean-Pierre; MAROY, Christian; RUQUOY, Danielle & SAINT-GEORGES, Pierre (1997). Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais. Lisboa: Gradiva.
- Almeida, J. F., Madureira Pinto, J. (1975). A Investigação nas Ciências Sociais. Lisboa. Editorial Presença.
- Almeida e Pinto, J. (1975). A Investigação nas Ciências Sociais. Lisboa: Editorial Presença.
- Ariés, P. História social da criança e da família. Trad. Dora Flaksman. 2.ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1981.
- Benavente, A., Costa, A., Machado, F., & Neves, M. (1987). Do outro lado da escola. 3ª Edição. Lisboa: Editorial Teorema.
- Biesta, G. (2006). What's the point of Lifelong Learning if Lifelong Learning has no Point? On the democratic deficit of policies for lifelong Learning. European Educational Reserche Journal, 5 (p.3-4)
- Bogdan, R. & Biklen S. (1994). Investigação Qualitativa em Educação – Uma Introdução à Teoria aos Métodos. Porto: Porto Editora.
- Bornestein, H. M. (2002). Handbook of Parenting (2th ed.), 5, Practical Issues in Parenting. London: LEA Publishers.
- Bronfenbrenner, Urie (1979). The Ecology of Human Development: Experiments by nature and design. Cambrige: Havard University Press
- Canário, R; Alves, N; Rolo, C. (2001). A Escola e Exclusão Social. Instituto de Inovação Educacional. Lisboa: EDUCA.
- Carmo, H, e Malheiro Ferreira, M, (1998). Metodologia da Investigação Guia para a Auto – Aprendizagem. Lisboa, Universidade Aberta
- Carvalho, J. Eduardo (2002). Metodologia do Trabalho Cientifico -“Saber – Fazer” da investigação para dissertações e teses. Escolar Editora. Lisboa.
- Cavaco, Nora. (2009). O profissional e a Educação Especial - uma abordagem sobre o Autismo. Editorial Novembro
- Coutinho, Clara, (2005). Quantitativo versus Qualitativo: Questões paradigmaáticas na Pesquisa em avaliação; Actas do XVII Colóquio ADMEE Europa 18-20

- Novembro. Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho
CEDEFOP – European Center for the Development of Vocational Training. (2008).
Terminology of European education and training policy – a selection of 100 key
terms. Luxembourg: Office for Official Publications of the European
Communities
- Davies, Don et al, (1989). *As Escolas e as famílias em Portugal. Realidade e
Perspetivas*. Lisboa, Livros Horizonte - Biblioteca do Educador
- Davies, Don.; Maques, R.; Silva, P. (1997) .*Os professores e as famílias: A
Colaboração possível*. Lisboa, Livros Horizonte.
- Dias, José Ribeiro et al, (1983). *Curso de Iniciação à Educação de Adultos* .
Universidade do Minho, Coleção Estudos. Braga.
- Dias, Nelson, (2006), *O Orçamento Participativo como novo Experimentalismo
Democrático, o caso do município de Guaraciaba/SC Brasil*, tese de mestrado.
Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa Departamento de
Sociologia.
- Fernandes, Arménio Martins, (2006). *Tese de Dissertação para a obtenção de grau de
Mestre em Multimédia, Projecto SER MAIS- Educação para a Sexualidade
Online*. Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.
- Ghiglione, Rodolphe & Matalon, Benjamim, (1997), *O Inquérito – Teoria e Prática*.
Oeiras: Celta Editora.
- Josso, Christine, (1987). *Da formação do Sujeito...ao Sujeito da Formação in O método
(auto) biográfico e a Formação*. Cadernos de Formação, Lisboa
- Josso, Christine (1991). *L'expérience formatrice: un concept en construction in La
formation expérientielle des adultes*. Paris, La Documentation Française
- Lima, Maria de Jesus; Haglund, Stefan (1985). *Escola e Mudança – O sistema
Educativo – a escola - a aula – o professor*. 2º Edição. Colecção Ser Professor.
Porto: Edições Afrontamento.
- Lucio – Villegas; Emílio Ramos (1993), *La Investigacion participativa en educacion
de personas adultas la construccion de um saber colectivo* . Editorial Kronos,
Espanha
- Lucio –Villegas, Emilio Ramos , (2010), *La construcción colectiva de la ciudadanía y
la educación aportaciones desde la investigación participativa*. Ediciones del
CREC, Valencia
- Martins, Maria Helena Venâncio, (2005) *Contribuições para a análise de crianças e*

- jovens em situação de risco – resiliência e desenvolvimento, Tese de Doutoramento- Orientador . Prf. Dr. Saul Neves de Jesus – Faro – UALG
- Marques, Ramiro, (1999). Educação Cívica e desenvolvimento pessoal e Social – objetivos, conteúdos e método., Texto Editora, Lda.
- Maxwell, Joseph A. (1996).Qualitative Research Design: An Interactive Approach. Thousand Oaks. CA: Sage
- Melo, A, (2004). A ausência de uma política de educação de adultos como forma de Controle social e alguns processos de resistência. Fénix – Revista Pernambucana de Educação Popular e de Educação de Adultos, Ano 3 – Nº 3, Janeiro/Junho
- Oudenhoven Nico van; Wazir Rekha, co-autor; Vasconcelos Teresa, pref.; Duarte Isabel, trad(2007).“As novas crianças do século XXI: Necessidades Emergentes; texto editores, Lisboa
- Papalia, Diane, Olds,Sally, Feldman ,Ruth, (2001). O Mundo da criança. Lisboa, MCGrawHill
- Park, Peter (1989), La investigacio-accion participativa Inicios e desarrolos. compilação de Maria Cristina Salazar. Editorial popular O.EI Quinto Centenário
- Peretz, Henri, (2000), Métodos *em Sociologia*. Temas e Debates: Lisboa
- Pires, Ana Luisa Oliveira, (2007). Reconhecimento e Validação das Aprendizagens Experiencias. Uma problemática educativa. Sísifio. Revista de Ciências da Educação, 2, pp5-20,
- Pinto, Mª, (1995). Sociologia da Educação. Mc GrawHil
- Quivy, R. *et* Campenhoudt, I. V., (1992), Manual de Investigação em Ciências Sociais, Lisboa: Gradiva.
- Resende, José Manuel, (2008). A Sociedade contra a Escola? A Socialização Política Escolar num contexto de Incerteza. Lisboa, Instituto Piaget
- Rosa, Joaquim Coelho, (1999). *Construção curricular e construção da cidadania*, texto Policopiado, Formação de técnicos projeto EQUAL – S. Brás Solidário
- Rosa, J. Coelho, (2000). *Conceito de Cidadania*, in Anais Educação e Desenvolvimento, UIED, FCT, Universidade Nova de Lisboa
- Silva, P. (2003) *Escola - Família, uma relação Armadilhada: Interculturalidade e Relações de Poder*. Porto: Edições Afrontamento.
- Santos, Boaventura Sousa, (2004), Comunicação pessoal, Conferência de abertura do VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de ciências sociais – Coimbra 16a18 set.

Sousa, Gonçalo de Vasconcelos e, (1998). Metodologia da Investigação, Redação e Apresentação de Trabalhos *Científicos*. Livraria Civilização Editora. 1ª Edição. Porto.

Stoer & Stoleroff, (1990) .O novo vocacionalismo na política educativa em Portugal e a reconstrução da lógica da acumulação

Vala. J; Monteiro, M.B. (2004). Psicologia Social. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian;

Zamosc, Léon (1987). La investigacio-accion participativa Inicios e desarrollos. compilação de Maria Cristina Salazar. Editorial popular O.EI Quinto Centenário

LEGISLAÇÃO CONSULTADA

Lei n.º 7/77

Lei 46/86

Lei n.º 24/99

Decreto - Lei nº 735- A /74

Decreto-Lei n.º 542/79

Decreto-Lei n.º 172/91

Decreto-Lei n.º 115-A/98

Decreto -Lei nº 75/2008

Despacho Normativo 122/79

Despacho Conjunto 60/SERE/SEAM/90

Portaria nº 604/2008

ANEXOS

ANEXO 1 – Documentos de entrevista

1.1 – Guião de entrevista (s)

Situação de Diagnóstico

Realizar entrevistas com informantes privilegiados, de cada uma das categorias de intervenientes na escola: Pais de crianças com Nee’s, Outros pais, professores de apoio educativo, professores de turma e auxiliares.

INTRODUÇÃO ao entrevistado: Apresentação pessoal, objetivos do estudo; condições de confidencialidade, pedido param gravação; agradecimento.

CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS	UNIDADES DE CONTEXTO			
		Blocos	Objetivos específicos	Professores Apoio e professores de turma	Pais alunos com NEE’s
A Dificuldades no apoio e acompanhamento de crianças com NEE’s	<p>A1 - Averiguar que dificuldades sente cada um dos intervenientes na sua acção diária com crianças com Nee’s</p> <p>A2- Identificar dificuldades na acção dos outros intervenientes</p> <p>A3 – Descrever que tipo de dificuldades sente e o que pensa que os outros sentem</p>	<p>A1.1 No seu dia-a-dia que dificuldades sente no apoio que tem de dar a crianças com Nee’s?</p> <p>A1.2- Pode identificar que tipo e a que nível?</p> <p>A2.2- Como é que acha que os pais e auxiliares superam dificuldades /Problemas no trabalho de apoio com estas crianças?</p> <p>A3.1 – Pode dar exemplos de dificuldades sentidas? Quais as mais comuns?</p> <p>A3.2 -Quais pensa que podem sentir auxiliares/ pais de alunos regulares e pais de crianças com Nee’s ?</p>	<p>A1.1- No seu dia-a-dia que dificuldades sente no apoio que tem de dar à sua criança com Nee’s?</p> <p>A1.2- Pode identificar que tipo e a que nível?</p> <p>A2.2- Como é que acha que os prof. e auxiliares superam dificuldades/Problemas no trabalho com estas crianças?</p> <p>A3.1 – Pode dar exemplos de dificuldades sentidas? Quais as mais comuns?</p> <p>A3.2 -Quais as que pensa que podem sentir auxiliares /professores e pais de outros alunos na turma?</p>	<p>A1.1- No seu dia adia que dificuldades sente no apoio que tem de dar à sua criança? E os pais de crianças com Nee’s consegue identificar que dificuldades sentem?</p> <p>A1.2- Pode identificar que tipo e a que nível?</p> <p>A2.2- Como é que acha que prof; auxiliares e pais das crianças com Nee’s superam dificuldades/Problemas no trabalho de apoio a elas ?</p> <p>A3.1 – Pode dar exemplos de dificuldades sentidas? Quais as mais comuns? Conhece algumas dos pais de crianças com NEE’s?</p> <p>A3.2 -Quais pensa que</p>	<p>A1.1- No seu dia-a-dia que dificuldades sente no apoio que tem de dar a crianças com Nee’s?</p> <p>A1.2- Pode identificar que tipo e a que nível?</p> <p>A2.2- Como é que acha que os pais e professores superam dificuldades /Problemas no trabalho de apoio a estas crianças?</p> <p>A3.1 – Pode dar exemplos de dificuldades sentidas? Quais as mais comuns?</p> <p>A3.2 -Quais pensa que podem sentir auxiliares/ pais de alunos regulares e pais de crianças com Nee’s ?</p>

				podem sentir auxiliares /professores e pais de crianças com Nee's?	
B Soluções para as dificuldades sentidas	B1 – Identificar a quem e a quem recorre para superar as dificuldades sentidas B2 – Descrever as soluções que encontra e as que pensa que os outros encontram	B1.1 - Como faz diariamente sempre que tem um problema para resolver? B1.2 -Recorre a quem ou a quem para arranjar soluções? B2.1 -Como encontra soluções pode descrever algumas delas? B2.1 - Como acha que os outros encontram?	B1.1 - Como faz diariamente sempre que tem um problema para resolver? B1.2 -Recorre a quem ou a quem para arranjar soluções? B2.1 -Como encontra soluções pode descrever algumas delas? B2.1 - Como acha que os outros encontram?	B1.1 - Como faz diariamente sempre que tem um problema para resolver? B1.2 -Recorre a quem ou a quem para arranjar soluções? B2.1 -Como encontra soluções pode descrever algumas delas? B2.1 - Como acha que os outros encontram?	B1.1 - Como faz diariamente sempre que tem um problema para resolver? B1.2 -Recorre a quem ou a quem para arranjar soluções? B2.1 -Como encontra soluções, pode descrever algumas delas? B2.1 - Como acha que os outros encontram?
C - Propostas para soluções e eliminação de problemas	C1 – Averiguar soluções para os problemas diários C2 – Recolher propostas para a resolução de problemas C3 - Auscultar sugestões de trabalho consideradas adequadas e inovadoras	C1.1 - Quais as soluções que arranjará para melhorar o trabalho com estas crianças? C1.2 - Que soluções pensa que outros agentes (auxiliares e pais) gostariam de ter? C2.1 – Com gostaria de fazer, com o quê e com quem, com que recursos, para ter mais soluções? C2.2 - Como acha que fazem outros intervenientes da comunidade local ou regional (autarquia, agrupamento, DREALg etc...)? C 3.1 -Acha importante a existência de	C1.1 - Quais as soluções que arranjará para melhorar o trabalho com estas crianças? C1.2 - Que soluções pensa que outros agentes (auxiliares e outros pais) gostariam de ter? C2.1 – Com gostaria de fazer, com o quê e com quem, com que recursos, para ter mais soluções? C2.2 - Como acha que fazem outros intervenientes da comunidade local ou regional (autarquia, agrupamento, DREALg e C 3.1 -Acha importante a existência de parcerias/trabalho em rede?	C1.1 - Quais as soluções que arranjará para melhorar o trabalho com estas crianças? C1.2 - Que soluções pensa que outros agentes (auxiliares e outros pais) gostariam de ter? C2.1 – Com gostaria de fazer, com o quê e com quem, com que recursos, para ter mais soluções? C2.2 - Como acha que fazem outros intervenientes da comunidade local ou regional (autarquia, agrupamento, DREALg etc...)? C 3.1 -Acha importante a existência de	C1.1 - Quais as soluções que arranjará para melhorar o trabalho com estas crianças? C1.2 - Que soluções pensa que outros agentes (professores e o pais) gostariam de ter? C2.1 – Com gostaria de fazer, com o quê e com quem, com que recursos, para ter mais soluções? C2.2 - Como acha que fazem outros intervenientes da comunidade local ou regional (autarquia, agrupamento, DREALg etc...) C 3.1 -Acha importante a existência de

Meninos Especiais, Pais Diferentes

		parcerias/trabalho em rede? C3.2 – Com que parceiros e de que forma trabalharia? C3.3 – Gostaria de acrescentar algo que lhe pareça importante?	C3.2 – Com que parceiros e de que forma trabalharia? C3.3 – Gostaria de acrescentar algo que lhe pareça importante?	parcerias/trabalho em rede? C3.2 – Com que parceiros e de que forma trabalharia? C3.3 – Gostaria de acrescentar algo que lhe pareça importante?	parcerias/trabalho em rede? C3.2 – Com que parceiros e de que forma trabalharia? C3.3 – Gostaria de acrescentar algo que lhe pareça importante?
--	--	---	--	---	---

1.2 - Transcrição de Entrevistas

ENTREVISTA Nº 1

INTERVENIENTE: Professora de Educação Especial (Prof. A)

DATA: 17/ Jan. / 2011

HORA INICIO: 17H45

DURAÇÃO: 32 minutos

LOCAL: UNIDADE DE ENSINO ESTRUTURADO SBA

E- A1-1 – No seu dia-a-dia que dificuldades sente no apoio que tem de dar a crianças com Nee's? Resumidamente

Prof. A – Ahh....

E- Se pode identificar que tipo de dificuldade e a que nível?

Prof. A – As dificuldades no apoio (...) prendem-se muitas vezes (...) com o próprio comportamento dessas crianças com NEE (...) porque nem sempreeles estão.... assim com um comportamento estável, são muito imprevisíveis alguns , ah..., portanto é um bocado difícil perceber de que forma é que nós vamos intervir com eles, nós planeamos uma coisa , mas vemos que não vai dar resultado e tem que ser outra.

Muitas vezes é o precisar também, as vezes, de algum material específico que não há naquele momento... mas de uma forma geral..., as dificuldades... ao fim de algum tempo e de estar sempre com o mesmo grupo de crianças, aprendemos a conhece-los melhor e... essas dificuldades não são tão sentidas, não são tão fortes ... normalmente se eles... estiverem estáveiscorre tudo bem, mas depende sempre tudo muito do comportamento deles, como eles estão , o estado emocional deles, depende muito do tipo de apoio da dificuldade que a gente possa sentir... eu vou mais por aí do que....

E- Nesse dia a dia, no planing que vocês fazem... podem surgir essas dificuldades ou necessidades como referiu nas questões de algum material ...?

PROF. A - ...Sim, se bem que a unidade bem ... a nível de uma unidade de ensino estruturado existe um ritmo que se tenta cumprir, de acordo com a capacidade de cada criança, algumas vezes tem de ser alterado porque a criança não é capaz... sabemos que a criança não é capaz, vamos sempre tentando para ver se ela dá um passinho mais à frente, mas nem sempre isso resulta... e então, para colmatar , aquela, Aquele passo que ele não é capaz de dar... precisamos de recursos Às vezes que não estão logo ali disponíveisse calhar até os temos no dia seguinte ou na semana seguinte ..há muito material que temos de fazer...às vezes para ajudar a transpor dificuldades...mas.... tentamos cumprir o plano, às vezes o que também fazemos é organizado com eles...definimos mais ou menos através de imagens o que é que gostavas mais de fazer hoje ?, nós já temos as actividades programadas para tudo o que eles vão escolher, não é ... , mas deixamos que sejam eles a escolher, mas às vezes as coisas não correm como nós esperamos E temos naquele momento que improvisar, qualquer coisa para dar resposta ...

E- Ok, isso é no seu papel de professora que está na unidade, mas relativamente aos elementos pais ou auxiliares que estão com estas crianças, como é que vê que estes fazem para superar dificuldades?

Prof. A - ... como é que eu acho que as auxiliares fazem? ...bem, elas trabalham muito dentro da sala, com a educadora ou professora que está com a criança ... diariamente, acompanham todo o processo....acompanhamos também a criança na sala de aula, não só na unidade, mas também na sala de aula para ver a realidade onde eles estão e..... e aqui falamos de uma boa inclusão, neste caso destas crianças da unidade, ... estão, portanto... bem incluídos no seu grupo de turma, nós acompanhamo-los lá para ver por momentos o comportamento e agimos em conformidade com os outros docentes e.... Quando há dificuldades debatemos entre todas, qual a melhor forma de actuar independentemente de ser a auxiliar, a professora que está na turma com eles Quem lida com eles no dia-a-dia Portanto entre todos, ... pá este menino tem este problema... olha fez esta birra...não quer por exemplo no comportamento ter bola amarela e bola verde ... não aceita ter duas bolinhas no caderno ... então vamos ver se conseguimos entra em acordo com elevocês aqui, a professora na sala... ver aqui com a professora na sala vai por verde, mas diz que amanhã se o comportamento for igual... tem amarelo.... E lá na unidade, nós todas quando ele estiver em actividade vamos reforçar esse aspecto... portanto... eu aqui vou um bocado ao trabalho de equipa para superar as dificuldades.

Em relação aos pais, como é que eles..., bem.... Como é que eles conseguem superar em casa...há pais que muita vez chegam de manhã e dizem...hi passou-se isto ou ... ele não quis vestir-se, ...não quis lavar os dentes, ou ele não quis isto...o que é normal para as outras crianças no dia-a-dia ... para estas tb é normal, mas nem sempre Tb é.... eles tb lavam os dentes , tb fazem as mesmas coisas que outros ,só que muitas vezes precisam de ser convencidos de uma outra forma ... e então os pais perguntam e nós as vezes tb perguntamos aos pais ... olhe , ele faz isto em casa ? ...como é que costuma fazer? ... Bem eu contei-lhe uma história.... Bem eu disse-lhe que lhe apagava luz... eu disse-lhe que lhe dava um chocolate Tentamos, colaborando com a família ... as dificuldades que temos Resolver os problemas, discutir...

E - .. Que sejam estratégias comuns?

Prof. A – sim... tentamos estratégias, tentamos que toda a gente esteja a par de todo as dificuldades, as auxiliares, cada professor, cada pessoas que aqui intervém com esta criança Aqui dentro, pelo menos a nível da unidade ... Portanto toda a gente trabalha para o bem comum daquela criança...toda a gente tem de saber tudo sobre

aquela criança ...não, não se faz separação porque é auxiliar, porquê só faz isto ou aquilo com a criança, não... não ...é um trabalho que tem mesmo de ser de parceria vamos lá ..., chame mo lhes assim.

E- bem já referiu algo, mas...Relativamente a essas dificuldades dependendo de ser pai, professor auxiliar ... quais são as mais comuns? Tem a ver com o quê?

Prof. A - Bem depende da criança.... Há aquela criança que ...bem não sei se estou a responder bem...há aquela criança que tem muita dificuldade para se sentá-la para fazer a actividade É muito difícil tem de ser sempre com um tema de actividade que ele goste ...para a conseguir sentar ao menos no lugar ... para pegar numa caneta não aceita ...tem que a deixar riscar qualquer coisa eu seja do seu agrado ...pra que ao menos me produza um traço...pronto... isto no campo das dificuldades de uma criança Outra criança, não rejeita tudo o que tem a ver com higiene pessoal e com Os procedimentos ater na casa de banho ou...não, por exemplos é o caso de um menino que não aceita fazer o chichi de pé ...temos de o sentar... se estiver um adulto com ele, não se movimentar sequer para proceder sequer ao manuseamento da roupa ...tem que ser trabalhado de uma forma diferente... tem uma maneira diferente, ...muito peculiar são..., portanto são um grupinho ...

E – Embora sejam tudo crianças que estão aqui na unidade de ensino estruturado cada caso é um caso? ...

Prof. A- Sim... cada caso é um caso muito diferente Depois temos um outro que é muito participativo mas quer sempre fazer o que ele entende que deve fazer... toma posse de tudo... tudo o que o adulto tenta colocá-lo a fazer ...ele teima e tem uma capacidade de argumentação e um vocabulário extraordinário... é que nos põe assim a todas a pensar como é que vamos dar a volta aqui a este menino porque tem capacidades, ...é a tal coisa, ... excede numas áreas e está em descompensação noutras, aqui cada um é um caso único... e aqui passa por conhecer cada um na sua individualidade... tentar respeitar essa individualidade...mas tentando levá-lo onde é preciso para os capacitar... tentamos sempre algo para os capacitar....

E- uma vez que falou que vão à sala de aula e que os meninos estão com a professora de ensino normal... em relação a pais de alunos regulares como é que esses pais dessas crianças regem ...

Prof. A - sim... como é que reagem Sim mas ... como é que reagem ao adulto na sala a acompanhar aquela criança ou como é que reage o pai de uma criança normal ... que tem uma criança com necessidades ... na sala?

E – O pai de uma criança normal face aos outros?

Prof. A – Só se esta criança com necessidades educativas for muito perturbadora é que o pai poderá queixar-se... mas pela experiencia que eu tenho tido até agora ... e neste momento E são tudo crianças que frequentam o 1º ciclo... não tenho crianças de pré-escolar ... já estão habituados à presença destes meninos e como vêm ... como na maior parte das vezes eles estão acompanhados ... por um adulto ou alguém ali por perto... não fazem comentários ... há sabem aquele menino tem dificuldades, será que ele consegue ... que ... olha ... ele até é capaz...até há uma certa admiração pelo progresso que essa criança faz...quando uma criança é mais perturbadora ... é lógico que os pais às vezes poderão sentir que o seu filho está a ser prejudicado ...mas tentamos colmatar isso com mais apoio aquela criança ou se for necessário ...retirá-lo mais vezes da turma ..., mas nunca separado por completo do seu grupo turma ...até porque o grupo está mais habituado aquela criança ... Que a própria família imagina ...os pia pensam há é muito prejudicial ... mas no conjunto, vamos lá ... eles são um bocadinho mais uniformes faz mais vezes confusão a alguns pais ...

E -...a quem está por fora ...

Prof. A - ..., a quem está por fora , mas só se for muito perturbadora essa criança que tenha necessidades educativas ,se for muito perturbadora é que os pais poderão queixar-se ... e não tenho assim queixas ...

E- E diariamente quando aparece um problema para resolver recorre a quê ou a quem para arranjar soluções?

Prof. A – dependendo do problema ... pois ... depende do problema ... se é um problema de saúde ...pois ... contacta-se os pais ... faz-se todos os procedimentos que devem fazer ... se é um problema causado na sala de aula pois tentamos saber o que é... que se passou com os intervenientes ... e ver o que se deve fazer... tanto depende da situação que ocorra...tentamos saber sempre o que é que ocorreu Porquê, como, quando, quem estava, quem não estava, porque é que terá acontecido ...o que é que falhou? ...vamos tentar sempre ...

E- E quando isso acontece, independentemente do problema. A. B ou C... quando encontram as soluções para resolver ... como é que acontece? Bem... como é o ambiente da comum idade escolar ...

Prof. A. Ahhhhhh....

E- Como é que encontram essa solução? Com recurso a parcerias? O próprio agrupamento?

Prof. A – Ah...portanto Quando acontece algo que possa ser considerado Um problema que a pessoa ... precise de ajuda ... normalmente recorremos aqui À câmara, ao próprio agrupamento, ou A quem estamos mais directamente ligados Até acontece por exemplo ...haver pedidos de outras crianças de outros locais para vir para a unidade ... comunica-se ao agrupamento Como é que estamos a funcionar ... a se temos ou não temos lugar.. ou se podemos ter , Como é que podemos ter...porque existe casos mais graves em vias de entrar para a unidade por exemplo , Não tou a ver bem....

E – É se nalguns desses problemas que possam aparecer se a solução é sempre, tal como vocês fazem trabalho em equipa, se a solução também é sempre encontrada dentro desse meio?

Prof. A - ... sim... é sempre neste espírito de tentar colaborar... bem... juntar todas as vontades de ajudar ... como é que hei de dizer, A unidade é uma ilhazinha mas está rodeada de ... várias pessoas, várias Vários meios que ajudam ... e nós pronto... que quando precisamos temos que sair da ilha e ... ajudem-nos Como normalmente quando acontece aqui qualquer coisa ...tudo se tem resolvido ...temos tido sempre apoio...lá está da câmara do agrupamento...e das pessoas directamente ligadas com as crianças, até com os pais ... pois graças a Deus está tudo a correr bem ...

E- E anda assim o que é que acha que arranjará de melhor para trabalhar com estas crianças? Assim, se pudesse ter ou fazer, uma coisa que fazia para trabalhar melhor, o que fazia?

Prof. A – Ahhh.... Gostava de ter um seguimento ao trabalho que já é feito aqui na unidade ...

E- Portanto vocês só têm meninos de 1º Ciclo?

Prof. A – Sim, nós temos só meninos do 1º ciclo... esses meninos vão crescer ...tenho meninos do primeiro ao quarto ano ... para que este trabalho não seja em vão ...deveria ter continuidade nos ciclos seguintes. É isso que se espera e está previsto...que exista, mas há ainda ... bem... existe um grupinho que dificilmente irá não acompanhar os seus colegas E para esses o que é que temos? Os meios e as respostas ainda são muito poucas neste momento....

E – Meninos que não vão passar para o 2º ciclo?

Prof. A – eles passam realmente para o 2º ciclo.... E vão lá chegar Só que depois não vai haver respostas... porque eles vão ser adolescentes. eEles serão adolescentes ... não vai haver respostas de futuro para eles ...porque dificilmente o mercado de trabalho os aceitará ... porque ... há partida ... portanto As famílias também não têm capacidade para os manter junto delas Todo o tempo... porque a família não é eterna, ou estará lá eternamente ... e o seguimento, o apoio... eu neste momento.... Enquanto eles estão aqui, parece que eles estão por baixo “desta asa” No 2º ciclo ainda está, ali acompanhado ... e daí começam as dificuldades ... porque são homenzinhos, mulherezinhas ...

E- As dificuldades no secundário? Ou no 2º 3º ciclo?

Prof. A – bem ali no 2º ciclo Ainda estão acompanhados...

E – No 9º ano?

Prof. A - ... até ao 9ºano ainda vão estando ali acompanhados Se bemse tivéssemos ali mais recursos , mais salas, mais actividades , terapêuticas diferentes ... bem terapêuticas é médico.. Mas nem vou tanto pelas terapias, mas Experiências Diferentes ... mais meios humanos ... mais meios materiais para ajudar-nos a dar-lhes outras oportunidades ... sem ser Dentro daquelas que nós temos já está muito bom no geral, por aquilo que nós vemos ... mas ... ter algo ... diferente que ainda não temos ... prepara-lhes uma estrada para o futuro... ainda. Prepara-lhes um caminho ... porque é como nós dissemos ... a família não é eterna e ...nós vemos o esforço que estes pais fazem.... O que estes pais fazem muitas vezes não ... nem nos apercebemos bem.... Da dor destes pais ...

E- Isto foi a pergunta para si, mas conhecendo os outros agentes que trabalham com estas crianças, professores, auxiliares, pais ... o que é que acha da parte deles o que é que eles desejariam alcançar mais?

Prof. A - ... bem em relação aos auxiliares Pela realidade que eu conheço ... vejo que elas têm muitas vezes o desejo de ter mais formação sobre a área em que trabalham ... ser capaz de fazer mais ... porque às vezes ficam um bocadinho desiludidas quando as crianças não atingem certos objectivos Certas competências ... que ele não atingiu. ele não fez ... bem... não podemos ir por ai , se ele não atingiu por alguma razão é ... vamos ter que ajudar.. é mais devagarinho do que os outros mas vamos sempre tentando ...sinto nessa parte da formação que ela têm necessidade e ...há uma coisa que é comum que eu já referi anteriormente ... preocupam-se um bocadinho também... com o futuro delas e fala-se muitas vezes nos paisNessa dor dos pais e o que é que os pais podem fazer para este filho? ...e como é que vai ser? ... Vejo essa preocupação nelas ... também a preocupação dele ... ai como é que eu vou fazer? ... Ai ... vejo que são pessoas que se preocupam e ... procuram também soluções ... também procuram soluções... interessam-se pelo assunto especialmente por esta área em que estão a trabalhar especificamente ... não é ... que é o autismo e o asperge ... e portanto a variação que existe aqui nesta área ... interessam-se pelo tema ... procuram informação ...dão sugestões ... isso é muito importante Eu acho que são altamente profissionais as pessoas que estão a trabalhar aqui... aqui a nível de pessoal auxiliar são impecáveis ... até o próprio relacionamento com os pais ... têm mais segurança. Conseguem conversar do assunto... ahhhh E a preocupação é essa... fazer cada vez melhor... ter mais meios, mais coisas, mais materiais, ... às vezes sugerem actividades. ó e se nós fizéssemos isto.. e se fossemos à piscina com eles ... é um recurso então vamos ver o que é preciso... então vamos lá ... ver o que é preciso ... vamos com este menino,...e se nós fizéssemos isto ou aquilo ... acho que há interesse e preocupação.

E- E os pais, os pais?

Prof. A – bem... os pais...até ao momento o que nós fizemos ... e o que nós dissermos coitados ... ficam ...satisfeitos e vêem que as pessoas estão interessadas pelos filhos ...

E- mas alguns em conversa já lhe manifestaram alguma coisa mais que gostariam que se fizesse com estas crianças?

Prof. A - ...bem ... neste momento como eles são pequeninos e os pais vêem que a nível de unidade eles têm educação especial, têm terapia de fala, têm psicologia, têm aqueles meios que muitos pais têm que estar a deslocar-se para longe... nomeadamente para Faro, que não é assim tão longe ... mas às vezes sem possibilidades, ou porque têm de faltar ao trabalho para terem esses recursos para os filhos ...e despendem economicamente também, não só o pagamento de terapia, por pouco que seja ... mas o preço, deslocação, todas essas coisas ... porque nem todo a a gente tem acesso a gratuidade... ah... estão satisfeitos, pois eles entendem que os filhos acabam por estar protegidos, os pais neste momento sente que há protecção, os filhos estão protegidos ... estão incluídos na sala de aula , têm o seu grupinho escolar, o seu grupinho turma , os coleguinhas ... e depois têm os recursos ali ...ahhh... tá tudo normalíssimo, porque está tudo aqui neste contextozinho...tá tudo junto, não há que fazer deslocações ..

E- Neste contexto do que temos vindo a falar o que é que acha que outros elementos da comunidade local ou regional poderiam ai da fazer para melhor o apoio, melhorar serviços ...?

Prof. A – Para já ... estou ainda cá em baixo num pontinho pequenino ...que é o primeiro ciclo ... como eu já referi anteriormente ... e também já disse que o futuro... portanto preparar um caminho para os meninos ... é importante ... porque isto acaba por ser um filtro... alguns vão conseguir fazer um percurso razoável outros vão ficar retidos nalguns pontos, nalgumas paragens ... bem ficarão por ali e pronto seriam mais soluções , mais meios se calhar financeiros para colocar à disposição destes meninos, outras respostas ...

E – O procedimento, como seria?

Prof. A - bem o procedimento ...num ciclo mais avançado, um apoio idêntico, mas com uma certa capacitação por uma área profissional ... bem nós estamos com estes meninos e temos que insistir muito com isto... exige outros recursos, professores Exige também muito tempo...ahhh.... Mais envolvimento... dar mais conhecimento do que existe também à comunidade local, existe uma unidade em que é que se pode contribuir? ... Posso ajudar? Sensibilizar ... tipo, posso ajudar uma hora ou duas por dia este menino aqui a prender qualquer coisa, já se faz um pouco isso ...mas ... levar estes meninos mais ao extremo ... eles estão de baixo da asa por enquanto Possibilitar mais vivências reais

E – O contacto com a vida real ...?

Prof. A - sim.... O contacto com a vida real... isso começa aqui. Costumo dizer Bem isto aqui é a conchinha..tá tudo protegido, mas agora a concha vai abrir e eee Os meninos vão sair ...

E- Acha que é importante a existência de parcerias e de trabalho em rede, a nível organizacional e institucional?

Prof. A – Acho desde que os objectivos estejam muito bem definidos E que se tente trabalhar realmente Dirigido bem, uma coisa bem ... muito bem estruturada se vamos ver as parcerias , se considerarmos uma parceria ... por exemplo, agrupamentos escola Acho até ao momento muito positivo sob todos os pontos de vista ... é claro que há sempre uma coisinha que falha... mas o que é que não falha são coisas mínimas que quase não se dará por elasSerão coisas que se não se resolvem logo hoje , mas resolvem-se amanhã ou a curto prazo se vão resolver ... ma sé o caminhar para um bem comum há um objectivo de que a nível da educação proporcionar o mais possível...pronto dar-se o que se tem e o que não se tem de certa forma ... nesse sentido fomos tendo uma parceria ...em que toda a gente dê o seu contributo para um objectivo muito específico ... a ideia que eu tenho aqui é que tem sido muito positivo....eu pessoalmente ...

E - Como estava a dizer no caso de se dar mais a conhecer a unidade, como acha que se faria isso?

Prof. A - ...bem. ... Aqui na unidade... e quando se trata de meninos com alguma deficiência que não é assim visível os pais têm muita dificuldade em tornar isso publico ...logo.... Tudo o que se ... deixa cá ver se eu consigo explicar ... tudo o que os pais ... bem tudo o que venha para ajudar os seus filhos estão de acordo... vem por bem ...mas nem tudo o que dê a conhecer as dificuldades dos seus filhos será tão bom assim...a privacidade do problema dos filhos é uma coisa muito importante para todos os pais

E- Bem... para finalizar gostaria de acrescentar algo mais que lhe pareça importante neste contexto de apoio aos meninos com necessidades educativas especiais?

Prof. A - Eu acho que já disse o que acho e que sinto ... e o que me vai na alma a propósito disto tudo Para já dentro daquilo que é necessário temos sido atendidos, a nível de unidade, a nível de educação especial

E- ... há sempre várias vertentes necessárias ao trabalho, recursos humanos, recursos financeiros, logísticas...

Prof. A - ... há... pois, recursos humanos ... eu tenho aqui pessoas que trabalham na unidade ... já as conhecia antes e Quando vieram para aqui ...a preparação de uma ... é que não tinha tanto treino ... e que acho que realmente ... antes de se vir para este tipo de unidade, de trabalho, de qualquer área de ensino especial ... deveria haver mais informação e formação ... acho que às vezes se coloca uma pessoas porque até se acha que é boazinha ...mas como eu costumo dizer às vezes há bom que não é assim tão bom ...é bom porque é bom.... Mas para determinadas funções não é adequado ... antes de virem trabalhar para este tipo de funções Se alguns até tem algum dom, natural e seguem as indicações dos técnicos e reparam bem naquilo que fazem ... para outras pessoas Não aceitam e às vezes o desempenho acaba por ser prejudicial à criança ... a criança até gosta deles ... até a trata bem ... mas não é isso que se procura ... para estas crianças temos de ser mais exigentes de que com outros ... temos de ser mais insistentes... se os outros não aprendem é porque não querem. Mas têm lá as faculdades todas ...estes para aprenderem têm de fazer mais esforço do que os outros ... e ainda temos de insistir muito mais ... temos de fazer mais esforço e aplicarmos de uma forma diferente ... e as pessoas noto que deixam ... param ... ai agora vou ficar com o zezinho ... com o manelinho ... não estão preparadas para isso ... para ter que movimentá - las a nível de higiene... como é que devem proceder ... porque estes já não são pequeninos ... porque quando são pequeninos a gente põe em cima de uma bancada e muda a fralda ... mas estes já não é assim ... eles vão crescendo ... nós temos aqui meninos que só o ano passado deixaram a fralda ... um que ainda não consegue proceder a higiene ... tem 8 anos ... e assim como este há outros ... estes até se conseguem mexer ... as pessoas vão para aquele meninos porque até são boas e simpáticas ... mas têm que ter informação e formação ... acredito que ao principio --- as pessoas devam ser um pouco preparadas, não somos donas da verdade sobre todas as situações que podem ocorrer, mas pode-se dar uma mãozinha nesse campo...e depois também com algum material haveria mais algumas coisas que a gente gostaria de ter...bem que fossem coisas óptimas no mercado... óptimas para trabalhar com eles ... mas sobre isso penso muita coisa ...

E - Obrigada pela sua disponibilidade.

ENTREVISTA Nº 2

INTERVENIENTE: Professora de Educação Especial (Prof. B)

DATA: 18/Jan. / 2011

HORA INICIO: 10h30

DURAÇÃO: 16minutos

LOCAL: Escola EB 2.3 Poeta Bernardo de Passos SBA

E- No seu dia-a-dia que dificuldades sente no apoio que tem de dar a criança com necessidades educativas especiais? Que tipo e a que nível?

Prof. B – As grandes dificuldades que eu sinto é por exemplo eu ter meninos com graus de deficiência completamente diferentes ao mesmo tempo e ter muitas vezes apenas 45 minutos para poder gerir isso. Portanto tenho ... um menino com uma deficiência mental moderada a grave, tenho um com uma deficiência ligeira, ou então

tenho um menino com 12 anos e tenho outro com 17... o tipo de abordagem que eu tenho de fazer e conteúdos é totalmente diferente ...e...e 45 é um entra e saia e entram dois, depois saem aqueles e entram mais dois ... e é difícil em 45 minutos gerir porque eles são muito pouco autónomos e se nós não estivermos em cima deles eles não fazem nada, são esses as grandes dificuldades que eu sinto.

E – E como é que acha que auxiliares e pais superam dificuldades no apoio a essas crianças?

Prof. B- Como é que eles superam? ... se forem pais que tenham pouca instrução não superam , não há qualquer tipo de ajuda em casa, aqui na escola as auxiliares são bastante prestáveis e aquilo que puderem fazer pelas crianças fazem....eu também tenho pais por exemplo que ajudam ... o caso da Menina B . Que tem uma mãe que se esforça bastante para que a menina consiga evoluir, mas tenho outros meninos que não têm qualquer tipo de apoio em casa e não há superação de dificuldades.

E- Pode dar alguns exemplos de algumas das dificuldades que sejam mais comuns no dia-a-dia, dizem respeito a quê?

Prof. B – da minha parte?

E- Sim da sua parte em relação ao trabalho que faz com as crianças?

Prof. B - Ahh.... Portanto uma grande diversidade de deficiência, dependendo do tipo de deficiência, o pouco tempo com cada um, por vezes a falta de material que nós temos, sou eu praticamente que tenho de fazer os materiais todos, comprar os materiais todos, porque o ministério da educação pouco ou nada nos fornece ... agora por acaso conseguimos uma verba bastante interessante, mas só agora, entretanto nestes dois últimos anos eu é que tenho andado a comprar e a fazer os materiais, porque têm de ser adequados a cada um ... não temos manuais, não temos nada ... e é difícil porque eu tenho de adaptar materiais mais funcionais para aqueles meninos mais velhos ...ahhh... ouoooo... casos de material de leitura para aqueles meninos que não sabem ler nem escreve r... tudo isso é uma grande dificuldade porque tenho de gerir isto em sessão de 45 minutos muitas vezes.

E – e a mesma pergunta relativamente aos auxiliares e aos pais, qual pensa que é a maior dificuldade que eles podem sentir? ...por exemplo esses meninos levam trabalhos para casa? Poderão sentir dificuldades nesse apoio?

Prof. B - ... não, muitas vezes os pais sentem que não têm apoio por parte dos professores Principalmente aqueles que vão à turma, se for só meninos que estão única e exclusivamente só com o professor de educação especial e que têm só aulas com os outros colegas de educação especial, aí têm o devido apoio, poderá não ser a 100%, mas têm, mas quando são integrados ... e o objectivo é integrar... e fazer inclusão, muitas vezes eles são colocados nas turmas e muitas vezes eles são deixados ao abandono Um professor tem 28 alunos e desses 28 alunos tem 1 que está totalmente dependente deles, mas tem mais 27 que se ele vira as costas muita coisa pode acontecer e muitas vezes o professor não tem capacidade para conseguir dar resposta à necessidade daquele menino... e os pais muitas vezes sentem isso, sente que os professores não fazem o que poderiam, ou o que deveriam fazer, mas a culpa tá bem não é do professor... porque o professor é um só... e eu vejo por mim , se eu sou só com 1 ou 2 eles param e se eu não estiver sempre em cima deles eles não adiantam , não fazem rigorosamente nada ... imaginem numa turma de 27, ...tudo o que está à volta é o que lhes chama a atenção e lhes interessa e os pais sentem muito essa dificuldade porque não há apoio, e depois acabam por não mandar trabalhos de casa porque se eles não fazem .. se não são autónomos ali não fazem em casa... também, porque os pais não os conseguem ajudar ou porque os pais não podem ou não sabem .. e os pais acabem por se queixar. Nesse sentido que não há apoio

E- Como é que faz diariamente quando lhe surge um problema, como tenta resolver?

Prof. A - Que tipo de problema?

E- Qualquer um que se lembre, por exemplo algum material que seja necessário ...

Prof. B- ...ah... Eu tenho sempre material ... quando fui para a educação especial dei-me ao trabalho de fazer N material o mais diversificado possível ... porque quando me deparei com aquela realidade eu pensei... Bom ... eu não tenho material nenhum, o que é que eu faço? ... Tenho meninos completamente diferentes, níveis diferentes, o menino que não sabe ler nem escrever, tenho aquele que até sabe tudo quanto é funcional, mas depois ler e escrever exercícios não consegue fazer, portanto fiz muito material. E em dias que, portanto os meninos estão Dependendo da deficiência, por exemplo tenho um menino que tem macro cefalia e tem dias que ele não consegue fazer nada começa a ter imensas dores de cabeça e não consegue fazer E em função muitas vezes das capacidades que eles tem naquele dia, do interesse que manifestam ... muitas vezes que é tão imprevisível trabalhar com estas crianças queeeee... muitas vezes modifico o material a meio da aula ...muitas vezes para conseguir cativa-los Porque vejo que estão desinteressados, ou porque alguma coisa não está bem por problema familiar ... chega a utilizar às vezes duas e três, dois e três materiais diferentes ... isso aconteceu-me muitas vezes.

E – Como disse estas crianças são problemáticas e imprevisíveis, se houver algum outro tipo de problema ou distúrbio como tenta resolver, com quem, a quem recorre?

Prof. B - ...bem. Tento acalmar, tento saber o que é que se passou, se é problema familiar, porque muitas vezes é ... muitas vezes acontecem situações em casa que eles depois trazem para a escola, tento fazer de mãe, de psicóloga de professora... de tudo e mais alguma coisa ... sempre sozinha individualmente, porque conversar com outros miúdos não ...isso tem que ser individualmente ... e tento acalmar ... e tento depois arranjar actividades que motivem a criança para que ele a tente esquecer o problema em casa... ou não, não é ...

E- Como é que acha que outros, nomeadamente pais e auxiliares fazem quando se defrontam com algumas dificuldades desse tipo?

Prof. B – oh , 'pa ... eu acho que aqui as auxiliares ... as que nós temos , falo pelas que nós temos ... acho que sabem tratar muito bem desses casos , já estão sensibilizadas para isso... eeee... o facto de terem uma óptima ligação com os nossos meninos... acho que lhes ajuda muitas vezes a elevar a auto-estima e a resolver esses problemas... os pais ... ahhhh... às vezes acho que é o contrário.. Às vezes ainda ficam pior do que estão. Às vezes Por exemplo temos uma menina que desistiu e que foi para Faro por exemplo porque a mãe em vez de apoiar só gritava e dizia que ela era a pior pessoa deste mundo ... e situações deste género... portanto acho que isto não ajuda, se estas

crianças têm uma baixa auto-estima ... são vítimas às vezes de ... não diria bulling, mas ... vá a parte psicológica ... eles muitas vezes gozam com eles aqui na escola e isso afecta-os muito ... e às vezes os pais em casa deviam puxar mais por eles, mas eles ... ah.....

E- Devia haver um reforço positivo?

Prof. B- ... sim, mas eles às vezes não sabem utilizar isso...

E- Quais seriam algumas soluções que arranjariam para melhorar o trabalho com estas crianças? Tem ideias de inovação?

Prof. B – Ah! (suspiro) Ideias, pois, ... eu acho que era tentar agrupar pelos diferentes níveis de dificuldade...para que quando trabalhasse-mos com um a mesma coisa com outros .. Sempre para usar o regime de tutu ria, o trabalho de pares, para que se apoiassem um ao outro, mas para que se apoiassem um ao outro, mas para trabalhar sempre o mesmo conteúdo, o mesmo nível de dificuldade ... tentar. Eu utilizo muitos jogos e acho que todos os professores, poderiam fazer o mesmo ... jogo, mas jogos que apelem ao desenvolvimento cognitivo das crianças Ahh.... Por exemplo.... Vou lhe dar um exemplo.tou a fazer. Existe o loto, que é o jogo do loto que vai até ao nº 90 e os meus meninos, não sabem os números de mais de cem...então eu criei o loto, o loto portanto até ao mil... é uma forma de eles treinarem os números, vão jogando e treinam o duzentos, o trezentos, quatrocentos... por ai a fora ... e acho que os professores no geral deviam criar mais jogos ...o ministério da educação devia de criar mais jogos para este tipo de meninos ... porque. Para que incentivasse mais a aprendizagem... só assim à base de fichinhas e isso não porque ... mas parte muito também por professor fazer isto ... eu faço isso e penso que é uma forma boa ...

E- No mesmo sentido das outras perguntas, acha que quer os pais ou os pais têm esse tipo de atitudes? ... De arranjar metodologias diferentes?

Prof. B -... ah... as auxiliares não trabalham directamente com eles nesse sentido ... agora o pais...eu acho que sim...eu acho que se em casa comprassem jogos para estes meninos que lhes facilitasse a aprendizagem eu acho que era muito melhor, porque muita vezes a causa da deficiência mental que nós temos também é por problemas ambientais em casa ... falta de estimulação por parte dos pais

E- Como é que gostaria de fazer, com o quê, com quem, com que recursos para ter mais soluções, se acha que podia ter outros agentes a ajudá-la no seu trabalho? Como é que acha que isso poderia resultar?

Prof. B - ... ah... .. ah...

E – Por exemplo acha que fazer algumas sessões com os próprios pais e as crianças resultaria?

Prof. B -... sim... eu. Nós por exemplo. Eu o ano passado fiz duas ou três actividades em que tive oportunidade de convidar os pais... de pedir para participarem, mas dos pais que convidei veio 1... porta to os pais não participam... e eu acho que é portanto importante que os pais possam participar mais activamente na vida escolar dos seus filhos e educandos ... nós chamamos eles não vêm...era de extrema importância que isso pudesse acontecer ...

E- Acha que esse era um pedido que a escola poderia fazer?

Prof. B- ... eu falo por mim... nós fazemos ...eles não... ou por motivos de trabalho, ou por ... sei lá ... eles não comparecem ... no ano passado ouve duas ou três actividades nesse sentido e veio um pai ... bem uma mãe ... não vêm ...

E- Como é que acha que outros intervenientes, no caso da comunidade local ou regional, em termos de instituições ou organização poderiam de alguma maneira também colaborar para o apoio à aprendizagem destas crianças?

Prof. B -...bem sei lá... talvez iniciativas culturais ... a câmara municipal de S. Brás poderia criar algumas iniciativas ... sei lá. Sessões mais de cinema... teatro mais infantil... situações pronto que têm de ir à necessidade deles... que muitas vezes não há... se calhar para mais velhinhos. Para eles pelo menos se há eu não tenho conhecimento...bem ... sei lá a câmara se pudesse fornecer mais materiais ... proporcionar mais saídas ... porque muitas vezes estamos limitados em termos económicos... não temos dinheiro para poder sair daqui ...cada criança tem uma verba muito pequena e estamos sempre muito limitados ... com os recursos que nós temos

E – Acha que é importante a existência de parceria e trabalho em rede?

Prof. B – Ah, sim, sem dúvida, acho que sim.

E- E eu parceiros e que forma de trabalhar arranjaria? Quem chamava para serem seus parceiros?

Prof. B -Câmara municipal de S. Brás, DREALG, junta de freguesia, ... sim ... bem. Associações de pais ... instituições que já trabalham com crianças deficientes e que já tenham um ... alguns anos ... por exemplo a Existir, a Unir ... a APPC... instituições que ... é bastante interessante ... eu visitei à tempos uma instituição que foi a Existir, para poder fazer trocas de experiência, de actividades que vão desenvolver com esses alunos ... e eu acho que é bastante enriquecedor, às vezes as experiências que se trocam, ... não só ... o que eles nos possam dar a nível monetário, isso não ... porque essas não podem, mas principalmente para troca de experiências sempre de preferência com a participação dos pais.

E- Gostaria de acrescentar algo mais que lhe pareça ser importante para a melhoria do trabalho com estas crianças?

Prof. B -Ah ... mais professores de educação especial, para que possamos ter menos alunos cada uma e e podermos desenvolver um trabalho mais aprofundado com cada um dos meninos, mais verbas para a educação especial... para que possamos desenvolver aquilo que se pretende e torná-los o mais funcionais possível, se não for assim não conseguimos sair daqui...por exemplo uma simples saída ao fórum que para nós não significa nada, para eles significa muito há crianças que nunca foram ao fórum...e a tal verba é bastante pequenina ... e acho que é isso.

E- Trabalho no 2º e 3º ciclo e secundário também, como é que vê o que acontece com estas crianças quando passam de um ciclo de ensino para outro e que tipos de apoio têm?

Prof. B- ...bem ... agora que estou na escola secundária sinto mais que os professores não estão sensibilizados para estas crianças ... para já que as universidades deviam preparar as pessoas para estas situações ...deveriam de

existir mesmo disciplinas para preparar estes professores, não estão preparados para isso, acham que aquelas crianças muitas vezes não fazem porque não querem fazer Também crianças assim são verdade, mas ... não entendem que a criança não consegue porque não tem capacidades para conseguir adquirir aquelas competências ... eeeee.... Tratam-nos muitas vezes como se fossem uns inúteis, Tão simples como isto... e eu estou a sentir isto muito na escola secundária ...e vou sentir ainda mais com as minhas crianças que eu tenho agora que não sabem ler nem escrever chegarem ao 10º ano ...mas elas chegam porque são currículos específicos e individuais ... e vão lá chegar com currículos próprios adaptados a elas... e é isso que os professores não entendem ... que eles têm um currículo e que é em função dele ... que as crianças têm de adquirir aquelas capacidades que ele têm... é por isso que se chama currículo individual

E- E nesse trabalho que falou acha que ainda haveria trabalho a fazer para se melhorar?

Prof. B – sim, sim ... muitas formações Que era o que os professores deveriam de fazer ...

E- ...os professores no geral?

Prof. B – sim, no geral, professores de todas as disciplinas Todas ...todas mesmo.

E – Obrigada pelo seu tempo e disponibilidade.

ENTREVISTA Nº 3

INTERVENIENTE: Mãe de menino regular na turma onde estão meninos com Nee's - Mãe A

DATA: 20/ Jan. / 2011

HORA INICIO: 16H30

DURAÇÃO: 31 minutos

LOCAL: Escola Poeta Bernardo de Passos

E- No seu dia-a-dia que dificuldades sente no apoio que tem de dar à sua criança?

Mãe A – Bem a dificuldade às vezes torna-se grande ... porque o miúdo às vezes trás sempre muitos trabalhos de casa Não é que nós sejamos contra os trabalhos de casa mas por vezes é um bocadinho demais ... são todos os dias, todos os dias e o miúdo sente-se com vontade de não os fazer ... e portanto há que ter ali uma dose reforçada de motivação para ele os fazer e com agrado ... e para ficar vez nenhuma sem os fazer ... portanto há sempre algo e este é um ano complicado porque eles têm as provas de aferição, a professora quer ver os resultados convenientes ao grau de exigência que dá e portanto todas as semanas eles têm uma ficha de revisão dos conteúdos leccionados na semana anterior ...portanto tem de haver sempre ali alguma ajuda...o miúdo não gosta de chegar a casa agarrar um livro e estudar ...preferem que leiam e ele a ouvir ...

E – então enquanto mãe tem dar mesmo uma ajuda efectiva e presencial?

Mãe A – exactamente, sim depois gosta de no fim de estudar que lhe façam perguntas para ver se sabe ... então temos assim algum apoio efectivo. Como tem algumas actividades extra curriculares que às vezes implicam a utilização do fim-de-semana e esta prova ou este mini teste é sempre à segunda feira ...tem que haver ali uma conjugação de horários e de actividades que ele não pode deixar de não ir, porque também gosta ele faz actividades nos escuteiros que às vezes implicam o fim-de-semana completo, com deslocações às vezes para a outra ponta do Algarve Portanto implica sempre algumas regras e alguma atenção especial por parte minha e do pai para que tudo se faça e não haja nada a prejudicar a escola.

E- Sei que na turma do seu filho existem alguns meninos com necessidades educativas especiais, não sei se contacta ou troca informações com outros encarregados de educação, consegue dizer como é que esses pais sentem as dificuldades de apoio a essas crianças?

Mãe A- existe dois miúdos neste momento na sala do meu filho, um tem um problema de esófago Pelo que eu percebi nasceu sem esófago... e tem dificuldades na comida tem de ser comida líquida ... o que faz com que o miúdo também não consiga falar ou fale muito, muito pouco Ahhh...mas não trouxe ... ou ... o facto de ele ser assim apenas trás dificuldades no sentido em que é mais nervoso do que os outros e os níveis de aprendizagem são mais baixos, mas este pequeno é aceite por qualquer um e tratam-no como igual só se aborrecem quando ele lhes bate ou lhes tira alguma coisa porque às vezes quando está zangado ele faz isso... a mãe...tem graves dificuldades com esta situação Porque Não sei muito bem o ambiente familiar...mas dá-me a impressão que vive sozinha com esta criança. ou tem mais um outro irmãoé no mínimo uma mãe que trata de uma criança com deficiência e que trabalha e que precisa sempre de ajuda para isso...agora em a vantagem de eles terem uma professora que adora o trabalho que faz e portanto ...a senhora desdobra-se para fazer as coisas dos outros ditos normais e desteHá também um outro caso que tem a ver coma locomoção motora acho que é um menino o que tem paralisia que tem a ver com a altura do parto Portanto deve ter havido qualquer coisa relacionada com a medula do miúdo ...portanto não andava quando entrou no infantário aos 3 anos também na sala do meu filho ...portanto já desde ai o conhecimento que temos da situação ...e que era gémeo com outro e que aparentemente não tem dificuldades, mas foram detectando algumas atitudes ... portanto os miúdos habituaram-se a lidar com este pequeno como se fosse um igual ...isso ...portanto não têm problemas nenhuns ...na sala penso eu que há dois níveis de ensino um relativo a 3º ano e outro relativo a 4º ano, mas dentro do 3º ano há diferenças uns têm de fazer umas actividades e outros têm de fazer outras penso que é por isso que às vezes há apoio por parte uma outra professora ou de uma auxiliar específica, não sei se para cada um destes ... porque este de dificuldades motoras tem ... bem... ainda há bem pouco tempo usava fralda ...e tem de haver aqui algum tratamento especial Em relação aqui a este pequeno da locomoção surgiu aqui a alguns tempo uma situação muito desagradável para os pais ...os pais desdobram-se para tomar conta deles os dois ...e têm mais um terceiro que penso também tem alguma dificuldade ...mas houve um incêndio aqui à uns tempos ...em que um destes dois gémeos com um fósforo destruiu uma casa inteira ...

E – Uma situação complicada ...

Mãe A- ...uma situação complicada porque o pequenino com dificuldades motores foi quem se apercebeu e deve ter sido umas aflições enormes para este pequeno e para os pais que estavam a dormir Foi uma situação muito desagradável e tivemos mesmo que apoiar a família com objectos e coisas para uma outra casa, e material escolar...foi muito complicado...a mãe não precisava de chorar era o que ele fazia todos os dias ...

E – Como é que acha que os professores e também as auxiliares e pais de crianças com necessidades educativas superaram dificuldades no dia-a-dia e no apoio a estas crianças?

Mãe A – na turma do meu filho não acho que há assim muito problema ...estão já tão habituados a lidar com a situação ... os pequenos não têm qualquer problema em dizer ... ou em defender ...ou em agarrar no colega para o levar para qualquer lado ... aqui há uns tempos surgiu uma situação que foi ... a professora que ter...em relação aos níveis de aprendizagem ... e a professora teve que reter um ... que é esse de problemas motores ..e por exemplo o meu filho não aceitou ficou muito zangado com a professora ...então um dia chegou-me a casa e disse-meMãe estou muito zangado com a professora e eu perguntei? Então filho o que foi que aconteceu? ...mas zangou-se mesmo ao ponto de não querer fazer os trabalhos que ela mandava O que é que foi? Olha a professora chumbou O tal.... Mas então se a professora chumbou é porque achou que devia Não mãe, então tu não vês as dificuldades que o menino tem, a professora não tinha nada que fazer aquilo...porque a senhora chegou à sala e explicou os motivos porque tinha feito a retenção ...por bem e para que todos ficassem a saber. Até porque já tinha falado com os pais ... então ele não aceitou bem e ficou ali muito zangado com a situação ... a ponto da professora me fazer queixas do meu porque ele não queria fazer nada Tive de ter uma conversa com ele e a coisa lá se resolveu melhor.

Quanto às auxiliares tenho visto e também pelo relato do meu filho que alguns miúdos se tornam violentos para as auxiliares que é com quem eles estão mais, são eles que os tiram das salas, são elas que os levam à casa de banho ... e alguns deles até têm mordido as auxiliares, tem batido, elas chegam a casa com nódoas negras, as coitadas devem estar num desespero, o que é que vou fazer? Se fossem filhas delas se calhar davam-lhes uma palmada, mas como são filhos dos outros e têm que “ganhar o pão-nosso de cada dia “ elas vêem – se um bocadinho aflitas e às vezes queixam-se que não sabem como é que há-de - de lidar com eles.

Porque têm esse problema da deficiência, a deficiência é a deficiência, começam a olhar para o “ coitadinho” mas a seguir tem de se trabalhar com ele não é e depois elas acha, como é que eu trabalho com alguém que me bate e que eu não posso ralar, ou se ralar não me percebe, ou ... bem elas sentem muita dificuldade.

Enquanto professora tenho tido alguns casos específicos, e houve um que me chocou muito, foi o eu entrar dentro de uma sala ter de dar latim a uma criança que era cega e não me terem dito. Portanto, fiquei como é que eu faço? Foi a primeira ... tava no meu segundo ano de serviço, portanto foi assim uma coisa que eu não soube na altura lidar muito bem andei ali 15 dias meio “abananada” sem saber como é que eu lido com a máquina de braille como é que eu todos dias dou aula, 5 ou 6 horas semanais aqui a esta turma com uma máquina a bater constantemente nos ouvidos e aos ouvidos dos miúdos? Mas esta moça, por acaso hoje é uma jornalista da SIC, foi uma aluna de sucesso porque era óptima aluna, tocava acordeão magnífico, teve vários prémios a nível nacional e internacional de acordeão, não se notava que era cega a não ser por causa da máquina, ..., chegou uma altura, aí em Maio e os colegas ...não era o facto de terem uma pessoa deficiente, mas a própria máquina os incomodava, a máquina fazia de facto muito barulho, na altura não havia os computadores com braille como há agora e os programas... mas lá foram ficando adaptados, mas nunca vi distinção entre um aluno deficiente e outro ...se eles são mais nervosos, se são de um feitio mau, ...ai sim são excluídos, quando são bons alunos, trabalhadores e tentam esforçar-se para ser igual aos outros, e às vezes superam até as suas próprias dificuldades e dificuldades dos outros , são bem aceites em qualquer lugar .

E- Em relação aos outros pais, e professores titular de turma, como é que acha que fazem quando têm de superar algumas dificuldades?

Mãe A- Bem eu penso que, se um pai tem um filho com deficiência deve alertar de imediato os professores novos principalmente. Depois eu tenho alguma experiência de que os professores não têm como lidar com aquela criança, portanto convém que haja uma reunião entre pais, professores e auxiliares para explicarem como se deve lidar com a criança, porque qualquer um é diferente, nós temos umas manias, uns gostos, e outros têm outros ... portanto aí tem que se partir desse princípio... depois ... ainda hoje ...acho que nem todos os professores estão ...não é familiarizados, é com capacidade de adaptabilidade para determinado tipo de doença que às vezes surge, seja ela que torne deficiente, ou seja até às vezes um caso como uma asma, ou coisas assim que aparentemente são mais banais. Porque por muita ...para já a formação não existe ou quase nenhuma para os professores sobre essa área ... já começa a haver mais, mas não muita sobre essa situação... as escolas não têm sempre psicólogos disponíveis e capazes de dar vazão a tanta “clientela” para auxiliar convenientemente, médicos, não há nas escolas, e enfermeiros também não que às vezes podiam dar alguma ajuda sobre alguns casos que aparecem, e portanto eu acho que às vezes ficamos sem “trampolim” funciona como ... bem funcionários e professores ficamos mesmo sem “trampolim” , claro que os outros pais que não têm conhecimento ou que não lidam todos os dias com situações que exigem que nós estejamos sempre a conhecer os outros e que nos temos de colocar na pele dos outros, temos de avaliar os outros e cada um é um , acho que têm alturas em que se devem sentir apavorados ...é mesmo assim ...

E – No seu dia-a-dia com o seu educando como é que encontra soluções?

Mãe A – Tenho de encontrar o tempo, tenho de parar muitas vezes... deixar o meu trabalho de lado, porque quando ela chega a casa ele só chama mãe, mãe, ele só chama pai ... e quer a mãe e quer o pai para fazer as coisas e a relação que eu tenho com o meu filho, não sei deve ser igual à dos outros, mas eu sinto ele sempre atrás de mim, e a querer opinião e a querer me contar coisas que se passam na escola, e eu tenho às vezes de decidir se gosto mais do boneco da escola o da direita ou da esquerda e às vezes. Eu detesto aqueles bonecos... e às vezes tenho de lhe dizer “ pára! “ agora a mãe tem de ter um momento de sossego porque se não é o dia todo... porque mãe explica-me isto,.. Há e outra coisa eu nem na missa consigo estar sossegada, porque ele ouve qualquer coisa que não percebe e exige logo explicação na hora, portanto eu passo o dia todo assim chegam alturas que eu tenho de dizer, agora a mãe precisa de sossego á seria ... porque o dia todo é assim pronto ... é uma criança que exige muito do ponto de vista de

presença e exige muito porque quer as nossas opiniões e quer que nós o ajudemos. Quando está a estudar não se limita a olhar para um livro ...gosta de utilizar mais do que um ...gosta de ler, é capaz de passar um mês sem ler, mas é capaz de ler ali num outro momento dez livros de uma assentada ... e eu tenho de saber o conteúdo de cada um. E portanto é muito exigente...

E - ... é muito exigente, mas isso é bom sinal

Mãe A-... às vezes preciso de férias de mãe ...

E - Que soluções ou intervenções pensa que os pais destas crianças com nee's e também quem lida com eles gostariam de ter?

Mãe A - Eu acho que os pais destas crianças devem precisar de muito apoio porque o facto de que nem que tenham 5 filhos e terem um deficiente acho que deve ser uma sobre carga muito grande para eles ... e acima de tudo devia-se poder por um psicólogo à disposição destes pais ... porque eu não sei o que é ter um filho deficiente e não me consigo imaginar na pele deles...mas tenho visto pais desesperados com problemas, não quer dizer que sejam este especificamente do caso da turma do meu filho, porque acho que os pais até superaram muito bem esta situação e acharam que para a frente é que é o trabalho e não olham a meios para o objectivo do que é por uma criança a falar ... não sei se será possível reconstituir o esófago de uma criança e pô-la a falar, mas deve ser uma mágoa muito grande para estes pais ...eu vejo isto por mim porque se eu tivesse um filho assim acho que passava o dia a chorar... e portanto acho que são situações muito dolorosas e eles precisam mesmo de apoio.

Agora os funcionários precisam mais ainda porque normalmente um funcionário que está na escola tem uma escolaridade mínima, 9º ano, e portanto é capaz de não estar cognitivamente capaz para lidar com uma criança deste tipo e devia de ter uma formação específica e deviam ser escolhidos “ a dedo” aqueles que devem trabalhar e têm capacidade e flexibilidade acima de tudo de espírito e que sejam “arejados “ mesmo de espírito para lidar com estas crianças, porque deve ser muito difícil.

Os professores, penso que também deveriam ter alguém que os encaminhasse, porque como eu fiquei assustada, muitos devem ficar. Por exemplo um Asperge deve ser um tipo de deficiência que deve colocar a um professor em pânico... não saber lidar com... um autista também, mas acho que um asperge é um bocadinho mais dificultoso de se trabalhar com ele ... bem é como não ter um braço, ok, não tem mas se não escreve com a esquerda escreve com a direita ... outra coisa é falarmos com alguém que não nos percebe deve ser uma dificuldade estonteante ...

E- Acha importante a existência de parcerias e o trabalho em rede para o apoio a este tipo de crianças?

Mãe A - Sim, se for uma rede entre pais é ótimo porque ajuda-os, uns ajudam-se aos outros e a gente já sabe quando ele é “pobrezinho” e um bocadinho pior do que o nosso ... a gente fica um bocadinho mais confortados ... só por isso vale a pena ...bem não quer dizer que isso seja bom ... mas depois desabafar como é que está um filho, como está outro, chegar á conclusão de que o meu tem um problema dele e aquele api ajuda aquela mãe daquela maneira, ouvem – se outras soluções ... é como digo desabafam conversam entre si, até são capazes de trocar experiências que podem ir auxiliar uns ou até podem auxiliar outros que não tem nada a haver com aquilo mas que o pai tem a informação portanto acho que é útil...

E- E parcerias ao nível da comunidade local ou regional?

Mãe A - Acho que sim... já vai havendo algumas eu estou a lembrar-me por exemplo nas situações de empregos ... eu acho que é comum as pessoas dizerem assim “ aquele ali” tem uma deficiência qualquer não presta para trabalhar, e às vezes são ótimos, não é ... são mais mecanizados se calhar do que um dito “normal” , mas quando fazem uma coisa bem feita, fazem-na muito bem feita . E essa gente precisa de ser apoiada, agora os pais devem de ter um problema grave tipo... eu um dia morro, supostamente o pai morre primeiro que o filho, o que é que vai acontecer aquele filho, será uma sobrecarga para os irmãos quando os tem? e se houver mecanismos , sei lá estou a falar de emprego mas podem ser outros quaisquer não é ... que ajudem estas famílias a tornar estas ainda crianças , que depois serão adultos independentes , de maneira a que os pais tenham algum descanso no seu cérebro e no seu coração sobre a garantia do futuro enquanto indivíduos na sociedade não e ... esta gente é capaz de fazer qualquer coisa sozinha e de viver sozinha acho que deve ser apoiado seja de que maneira for sei lá , por decisores , por políticos ...há , há outra coisa que eu acho que esta gente quando se empenha a fazer alguma coisa empenha se bem .nós temos visto casos que é por exemplo as selecções nacionais disto ou daquilo a nível de desporto em que os ditos normais não trazem as medalhas mas os outros são capazes de trazer ótimas medalhas e para saírem do país para fazer qualquer modalidade desportiva não têm apoio...por exemplo acho interessante aquele senhor que acho é Salvador que está a fazer um programa de televisão com actividades radicais, penso que está a ser apoiado por uma empresa e leva os outros a fazer coisas , tipo eu não sei andar de avião ou não consigo por uma cadeira de rodas num avião porque têm dificuldades estonteantes .. Mas é como lhe digo ... nesta vida existem os que são “quadrados” e os que têm “olhos largos” e dentro dos deficientes são a mesma coisa aqueles que aceitam a sua deficiência, conseguem superar coisas que os normais não superam.

E- Do que conhece aqui na comunidade escolar que parceiros e que forma acha que se poderia trabalhar aqui? Que parceiros pensa seria possível convidar para um trabalho de apoio a estas crianças, a estas famílias?

Mãe A - Não sei ... agora ai ... fiquei desassossegada. Pensei em psicólogos, não há ai uma clínica particular de psicólogos que possam apoiar de vez em quando nem que seja a fazer um serviço voluntário. ...mas por exemplo nós pais podemos, talvez aqui ao nível da associação de pais fazer uma dinamização com esses pais e não tarmos assim no nosso mundo sem conhecer os pais que têm esses filhos têm o mundo deles, portanto haver mais uma aproximação ... não sei ... penso que o centro de Saúde deve dar algum apoio ... não sei se será o suficiente ... mas não me debrucei nunca muito aqui na comunidade para saber ... mas se calhar ... se dermos uma volta ai pelos passeios. Não sei se estão todos capazes para umas cadeiras de rodas ...portanto é capaz de haver ai alguma coisa dos arquitectos fazerem ... começarem a pensar ai que quando fazem algumas obras sejam capazes de pensar bom isto não é só para gente normal ... portanto, não sei ... é capaz ... bem lá em baixo na junta de freguesia, agora vai ter um novo edifício, espero que esteja preparado, agora penso que seria uma dificuldade entrar ali , devia haver um rebaixo ou

uma rampa .. não sei há muito trabalho para fazer por aí ... por exemplo até nível da GNR não sei se não seria de às vezes ... bem , não sei o levantamento que existe de deficientes aqui na zona ... mas se se fizesse um levantamento não sei se a GNR não deveria até disponibilizar alguém para ver até que ponto essa gente é capaz de atravessar a rua e eles estarem em sítios capazes para os ajudar ou pelo menos para ajudar o trânsito, lembrar o trânsito que é preciso parar naquele sítio assim assim .. não sei até que ponto isso não seria uma coisa a fazer-se , mas também como lhe digo ... não sei o nº de deficiente pequenos ou grandes que existem em S.Brás , se calhar até era interessante fazer-se um estudo sobre isso... bem , os balcões bem muita coisa nas acessibilidades ...bem também nas escolas não sei se não seria preciso nalgumas escolas ter um professore que falasse linguagem gestual... nas parcerias há muitos parceiros a convidar ...

E – Neste contexto, e porque aflorou o assunto da Associação de Pais acha que haveria algo que a mesma poderia desenvolver e de que forma?

Mãe A - Por acaso é um assunto que eu não sei... e até devia pensar...se calhar até devia começar por perguntar aos pais que têm estes problemas o que é que eles acham que faz falta na sua comunidade ... o que é que lhes faz falta a eles. Olha por exemplo a mim faz-me falta isto, isto deve fazer falta a outro ... Sei lá, por exemplo os canhotos tem graves dificuldades ... um canhoto não é encarado como uma deficiência, mas se não tiver algum material adaptado não é capaz de trabalhar nos trabalhos manuais e é uma coisa tão simples ... se calhar deve haver algumas coisa que os miúdos que têm deficiências precisem e se calhar é tão simples como uma tesoura e a gente não sabe ... estamos dispostos a ir perguntar, a fazer inquérito, a ouvi-los pelo menos ...

E- Obrigada pelo seu tempo e disponibilidade.

ENTREVISTA Nº 4

INTERVENIENTE: Mãe de aluno com NEE's (Mãe B)

DATA: 25/ Jan. / 2011

HORA INICIO: 10h30

DURAÇÃO: 29 minutos e 10

LOCAL: Sala da Biblioteca Municipal SBA

E- No seu dia-a-dia que dificuldades sente no apoio que tem de dar à sua criança com necessidades educativas especiais?

Mãe B – O Problema do meu filho agora é mais na parte emocional ele tem às vezes birras muito fortes, que são muito difíceis para mim saber agir correctamente. Porque se ele fosse uma criança normal sabia mais ou menos educar, mas assim. Muitas vezes não sei bem agir correcto, porque não sei se o comportamento dele tem a ver com o problema que ele tem, com a frustração que ele sente e até às vezes por querer e fazer certas coisas e às vezes não consegue...ou se é só um problema de educação é uma questão difícil, é o principal que tenho agora, como ele tem tido muito apoio e muito apoio na altura certa, eu acho que tem tido muito sucesso no seu desenvolvimento. Agora já fala já comunica com os outros, está a desenvolver de uma forma que nós não pensamos que poderia desenvolver...graças às terapias que ele teve, ao apoio que ele teve...mas este é um problema grande que eu vejo no dia a dia que há sempre situações que aparecem, que se desenvolvem e que depois de repente... vejo-me assim frente a uma situação que não sei bem como agir correcto. Preciso de mais informação....

E- Ele é neste momento um menino que está em que ciclo de ensino?

Mãe B – Ele está no primeiro ano da escola primária

E – Como é que acha que os professores e auxiliares que estão com ele superam algumas dificuldades /problemas?

Mãe B – bem... um problema como o que eu falei?

E – Sim, esse ou um outro exemplo que se lembre, se um auxiliar ou professor está com o F. Ele tem determinada atitude, como é que lidam com ele?

Mãe B – Bem... Eles falam comigo, quando por vezes é estes problemas de birras que ele tem às vezes reunimos e falamos todos sobre o que será melhor fazer... e nessas alturas já temos falado muito nos problemas dele e tentamos resolver todos juntos...um problema que ele tinha que era grave e difícil era que ele não me largava por um minuto, minuto nenhum... ele entrou no jardim de infância no ano passado, no jardim de infância oficial porque antes estava no particular... e ele não me largava, não me queria deixar de maneira nenhuma eu tinha de estar sempre sentada ao pé dele dentro da sala... e então aí falei com as pessoas todas envolvidas na educação dele e achamos que era melhor eu ficar ali, porque era a única solução pois nós queríamos que ele se integrasse, que ele perdesse o medo das outras crianças, e então eu fiquei sempre sentada durante quase meio ano, aquilo foi um percurso devagarinho mas com sucesso...no início estive mesmo sentada ao pé dele depois afastei-me um bocadinho e já não estava ao pé dele , estava ali ao pé da porta, depois fui para fora com a porta aberta , fechamos a porta , depois eu fui devagarinho com a minha cadeira lá para cima para o primeiro andar onde é a unidade de apoio e isto como todas as pessoas deram apoio ao F. E a mim aquela situação foi um sucesso. Porque depois no fim, durante o ano todo, eu tive um sítio na unidade onde eu deixei um casaco meu e uma mala e quando ele perguntava...porque ele depois esquecia-se que eu estava ali...ele já se sentia bem integrado, começou a fazer amizade porque era a primeira vez que fazia amigos numa turma...ele entrava e esquecia-se de mim quando ele se lembrava as educadoras diziam “ a mamã foi fazer chichi” e depois ele ia ver tá ali a mala e o casco da mamã tá tudo bem...aceitou até que depois no fim tiramos e já não era necessário, foi assim devagarinho gradualmente... ele mesmo hoje não aceita que eu me vou embora... Ele agora está na escola e o infantário está do outro lado e ele diz sempre tu vais ali á pré escola, sim eu vou ali...então depois ele esquece, não precisa de mim faz o seu dia-a-dia normal nunca mais se lembra de mim ou quando se lembra deve estar a pensar que eu estou ali, e só o pensamento de que eu estou perto já ajuda. Mas aí como vê conseguimos resolver a situação todos juntos. Combinando com todos.

E- Há alguma outra dificuldade, agora no 1º ciclo que tenham conseguido ultrapassar, porque as competências que lhe estão a ser pedidas são outras?

Mãe B – bem... ele gosta muito da escola leva tudo muito a sério, ele tem as suas coisas, as suas particularidades, ele tem tudo muito bem arrumado cada lápis de cor tem o seu sitio, às vezes surgem situações inesperadas que...a professora... Por acaso a professora é muito atenta ao problema dele, e ela conseguiu fazer um bom trabalho. Mas de vez enquanto há situações que mesmo ela... Não é muito fácil para ela dar a aula às vezes porque...ela contou-me que ele um dia perdeu a borracha, ele não sabia da borracha ele fez um grande escândalo por causa da borracha, onde está a borracha? Ela pôs todas as outras crianças à procura da borracha, porque ele já estava a entrar em pânico... como todos são muito sensíveis ao problema dele, ela conseguiu sensibilizar as crianças...ele tá bem integrado. Há sempre novos problemas, vão surgindo novos problemas, principalmente do comportamento, mas vai-se conseguindo sempre uma resposta.

E – Já referiu sobre auxiliares, sobre professora na turma, consegue referir sobre o que acham os colegas na turma sobre o seu filho que é um menino diferente deles?

Mãe B – eu acho que há umas quantas crianças que têm muito carinho...mas olhe são crianças... Eles às vezes também têm comportamentos se calhar um bocadinho mais cruéis, mas eu acho que eles nunca querem fazer mal...mas eu sei que às vezes não corre tudo bem...problema é que o meu filho não me conta quase nada...o que eu sei, sei através de oiço ali, além... Às vezes vou perguntando,

No dia a dia sei que se conseguiram resolver os problemas que aconteceram na sala de aulas, mas às vezes há , sim há ...

E – Já referiu situações, mas pode na mesma indicar quando algo acontece recorre a quê ou a quem para resolver?

Mãe B – recorro a todos, a todos os que estão envolvidos no processo de aprendizagem do meu filho, professoras, auxiliares, a coordenadora da Unidade de ensino estruturado, porque todos estão sensíveis ao problema dele e eu acho que juntando as informações de todos muitas vezes chego a uma conclusão que se calhar é assim o melhor caminho... a terapeuta da fala também... Porque ele tem uma terapeuta da fala em faro que já começou a trabalhar com ele antes de ele vir para a unidade e como ela conseguiu criar muita amizade, ela tem muita empatia com o F. Então eu também falo muito com ela é mais uma ajuda, ela é uma pessoa com muita experiência, já trabalha a muito tempo, vamos tentando resolver tudo. Um outro problema difícil para os colegas é... e que vamos ter de resolver é os gritos...ele não é agressivo fisicamente, nunca foi, mas para se defender quando alguma coisa não está bem ou quando eu não estou ele grita e grita com os outros colegas e isso é muito difícil para eles pois são pequeninos...isto ainda é uma coisa que sei temos que encontrar uma forma dele resolver isso porque ele é muito sensível às outras pessoas, às outras crianças também, ele quer ser aceite, quer ser igual aos outros, quer fazer sempre tudo igual, aos amigos deles quer ser igual, se eles usam o boné de uma forma ele quer usar igual, se andam todos sem casaco ele quer sair sem casaco...acho que é uma forma que ele encontrou de ultrapassar os problemas dele, é ver o que fazem e tentar imitar os outros, se ele tem este comportamento obviamente tem das outras crianças uma reacção que ele não gostava de ver

E- Acha então que todos os elementos da escola têm contribuído para as aprendizagens do F.

Mãe B – acho que todos fazem o que podem, ainda podia provavelmente ser melhor, mas se não fosse este apoio que temos aqui encontrado o F. Não estava assim, estou muito grata á ajuda e ao apoio que tenho tido.

E- Na sua perspectiva de mãe quais seriam outras soluções para trabalhar com estas crianças?

Mãe B – sim... eu acho que o que já se faz é bom o que eu ainda acho é que tem de se procurar por fora, não falo só da terapia da fala que o F. Tem e que também existe aqui, mas acho que por exemplo a terapia ocupacional , que é uma terapia muito importante para essas crianças , que tem de procurar por fora e não é fácil, que se tem muitas vezes de deslocar, às vezes coincide com os horários de escola , e depois que por exemplo a APPC, bem , não é caro mas só o facto de termos de nos deslocar , os horários lá se calhar tinha de faltar a escola ...acho que era um bom suplemento se houvesse aqui pela câmara ou pela escola esse tipo de actividade, e então também essa terapia com cavalos ou com burros embora eu saiba que isso já é uma coisa mais difícil e dispendiosa, mas sei que isto é muito importante para estas crianças ...

E -Acha então que deveriam haver terapias mais específicas e diferentes direccionadas às problemáticas destas crianças?

Mãe B – sim era isso que acrescentava ao que já temos.

E- Ao tentar arranjar esse tipo de soluções como acha que se deveria fazer, com o quê, com quem, com que tipo de recursos, entidades?

Mãe B – pois...bem nunca pensei sobre isso, mas obviamente que deveria ser apoiado pela câmara mas sei que este é um momento de crise, e não será fácil pedir muito isso, talvez também com associações, associações de pais e pessoas que se juntem se a câmara poder dar um espaço... ter técnicos... Bem sinceramente não sei bem...talvez os pais pudessem dar soluções, pais que estão envolvidos com crianças destas e com estes problemas de desenvolvimento, mesmo outros que era capaz de haver uma resposta positiva.

E -No seu dia a dia, na semana com o seu filho tem horas disponíveis, haveria algum momento para fazer algo conjuntamente?

Mãe B – Sim... eu acho que sim havendo vontade faz se coisas. Sim acho que seja possíveis vontades entre famílias, entidades, escola, acho que seria uma mais-valia para estas crianças e a sociedade em si.

E- Relativamente as auxiliares que trabalham diariamente com o seu filho que dificuldades acha que elas sentem e como as ultrapassam?

Mãe B – Eu acho que as auxiliares da escola...dentro do azar que o meu filho teve de ter nascido com este problema ele até teve sorte porque as pessoas que trabalham com ele são tudo pessoas muito sensíveis, são abertas e têm já uma paciência natural para crianças e problemas...acho que as auxiliares da escola deveriam ter uma formação em relação a estas crianças, porque elas muitas vezes conseguem resolver os problemas, mas seria bom terem uma formação nesta área ...porque deve haver problemas do dia a dia que depois seria mais fácil para elas resolver . A

auxiliar da Unidade não sinto tanto isso, pois como elas trabalham diariamente mais com estas crianças e com estas dificuldades já estão mais formados, mas eu acho que... eu sei, que uma das auxiliares disse-me, disse-me logo eu nunca trabalhei com uma criança assim, agora como é que ela consegue trabalhar...penso que é porque ela é uma pessoa aberta e muito sensível.

E- Ela conhecia a doença do seu filho? Sabia o que ele tinha?

Mãe B- Sim, isso eu também disse logo, tenho sido aberta com as pessoas que trabalham com F. Não vou para os pais ou outras pessoas pois não quero que ele fique com estigma, mas ao longo do tempo as pessoas vão sabendo...amigos meus sabem do problema e reagem muito bem, mas eu não sei o que é que as pessoas podem dizer e não quero poder criar problemas Mas acho que as pessoas sabem qualquer coisa, mas não sabem bem o que é. Só sei que uma das auxiliares me disse que é a primeira vez que trabalha com um caso assim... e eu acho que era bom a formação... uma vez que o ensino se abriu agora para receber crianças com problemas de desenvolvimento, de todas as formas devia haver formação para as auxiliares.

E- E Sobre os professores, a professora de turma?

Mãe B – A professora de turma notei logo que ela tinha muitos conhecimentos, ela na sua formação parece ter... agora não sei, não sei...se ela acrescentou ou se isso faz parte da formação normal de uma professora primária, mas notei que ela tinha muito conhecimento e muita sensibilidade sobre o problema do F. ...por aí eu acho que ela conseguiu sempre resolver os problemas.

E- Acha que haveria algo mais a fazer com os parceiros que trabalham com o seu filho, como mãe poderia gostar de sugerir algo diferente para se trabalhar, a família acompanham e participa? Seria possível reforçar laços entre a escola e a família?

Mãe B – Bem... Eu acho que tenho tido sorte. Bem a principal pessoa que tem estado em contacto com a escola e os professores sou eu, mas o meu marido e a minha filha conhecem a escola, o meu marido já viu e já falou com a coordenadora... sim há uma interacção... isto é porque nós... Bem eu estou muito mais disponível e como o F. Está mais agarrado a mim sou sempre eu... Bom mas isso também é um bocadinho o papel clássico da mãe que trata de tudo...bem nós arranjamo-nos bem assim, nos falamos muito sobre todas as coisas que acontecem, as novidades ela está sempre a par de tudo e a nossa filha também. A nossa família em si também... falamos abertamente e conhecem o que se passa com o F.

E – Conhecem assim o trabalho da escola? O que gostaria ainda de acrescentar sobre este assunto?

Mãe B – Uma coisa que eu acho...é uma pena no meio de tudo e no bom trabalho que se tem feito, o F. E toda a unidade não ter tido uma psicóloga durante meio ano... e só agora, mas isso foi um problema do ministério da educação, da colocação , porque o ano passado tivemos e sempre que havia um problema que aparecia eu podia falar com o psicólogo e no meio de todas as opiniões, no meio de todos os técnicos que vêem o F. uma psicóloga é muito importante...afinal durante meio ano não houve , acho que faz muita falta esse acompanhamento .

E – Obrigada pela sua disponibilidade, gostaria de dizer algo mais?

Mãe B - Penso que é tudo por agora...

ENTREVISTA Nº 5

INTERVENIENTE: Mãe de criança com Nee's (Mãe C)

DATA: 19 /Jan. / 2011

HORA INICIO: 16h30

DURAÇÃO: 33minutos

LOCAL: Biblioteca Municipal

E – No seu dia-a-dia que dificuldades sente no apoio que tem de dar á sua criança com Nee's?

Mãe C – Olhe neste momento a dificuldade maior que eu tenho é a nível de corpo sinto já grandes dificuldades aqui na zona de trás das costas porque tenho de me debruçar sobre ela , ela está a ficar muito comprida, tem 14 anos , e portanto essa parte é quem e dificulta mais , é ter força suficiente para agarrar nela ao colo transportá-la se um sitio para outro, vesti-la calça-la dar-lhe o banhito etc... quanto ao resto ela é minimamente autónoma com a sua cadeira de rodas obviamente e anda e circula pela casa e faz as coisinhas , e pronto que me preocupa de facto é já “os ossos”

E - E nesse sentido tem algumas ajudas técnicas? Conhece algumas das ajudas técnicas que existem?

Mãe C – não, não tenho, a única ajuda que tenho lá em casa é uma banheira só que neste momento já não está adaptada à idade dela , ali no centro de medicina dizem-me para me por de joelhos , so que a cama não tem a altura suficiente e eu de joelhos não consigo estar a vesti-la , então tenho de estar normalmente de pé e debruçada , sobre ela é esse o meu maior problema.

E – E a outros níveis do que tem de fazer com a sua criança por exemplo no acompanhamento com os trabalhos de casa da escola?

Mãe C – Acompanho, mas ela está naquela fase dos 14 anos que acha que sabe tudo, que só ela é quês abe que não precisa de vigilância, que não precisa de nada, embora muitas vezes eu tenha de ir até ao pé dela e saber se ela está a fazer as coisas, se não está ... está agora a começar a fase terrível da adolescência

E- Como é que acha que auxiliares e professores supram dificuldades no apoio a estas crianças?

Mãe C - Olhe eu não sei muito bem, sei que ela se dá perfeitamente com a senhora que a acompanha diariamente , a auxiliar, os professores penso que são simpáticos , é o primeiro ano que ela está aqui nesta escola , portanto eu conheço pouco, mas penso também que os coleguinhos a aceitaram bastante bem na turma . Bem a nível de apoios nós achamos sempre que é pouco eles estão a tentar retirar os professores de apoio e aí é que eu acho que ela necessitava mais um pouco ao nível de estudo o numero de horas com os professores de apoio.

E- Tem por hábito acompanhar o plano de estudos da sua filha, ou os professores chamam-na na à escola para tal?

Mãe C – Sim, chamaram-me uma vez quando fizeram o plano de acompanhamento da miúda e fui à reunião de pais, foi só ainda o que aconteceu.

E- Disse-me que este ano era o 1º que estava nesta escola, anteriormente os professores falavam junto de si alguma coisa, ou mencionavam algum tipo de dificuldade?

Mãe C – Ela usa o computador para trabalhar e isso é também uma dificuldade pois ela é lenta, os professores têm dificuldade em estar a acompanhá-la e ao mesmo tempo os outros alunos todos, a nível de livros aquilo vem tudo no E- Book e tenho muita dificuldade pois aquilo não abre na página tal que se quer temos de estar a abrir na página 1 e ir por ali à procura até chegar à página determinada e isso aí leva imenso tempo, então agora também lhe comprei livros em suporte papel embora ela não consiga escrever com a mão as vai fazendo no computador . e os professores têm adaptado os testes e isso , fazem e é assim que têm resolvido o problema .

E- E com os auxiliares ou outros pais conversa com eles?

Mãe C – aqui ainda não só vi os pais na reunião uma vez, na reunião de final de período e não conheço praticamente ninguém.

E – E na outra escola onde ela estava antes?

Mãe C – Sim, na outra escola conversávamos, ela era convidada para ir aos anos das amiguinha, enfim ...aceitaram sempre bem a B ela sempre foi bem aceite pelos colegas, mas claro havia situações em que ela não podia ir , devido principalmente às casas, umas não tinham elevador, outras eram pequenas , enfim... mas naquelas casas onde havia possibilidade dela ir ela ia sempre.

E- Então não sente da parte de outros pais e Crianças nenhuma dificuldade para com a sua criança?

Mãe C – eu penso que não, não tenho notado isso. Aqui em S.Brás ainda nunca notei, em Loulé nos últimos anos já notei algo pois as miúdas estão naquela fase dos 14, 15 anos e já gostam de ir para aqui para ali e a B não podia acompanhar como é obvio e ela ficava aborrecida, ficava triste, mas atão tem de ser.

E- No seu dia-a-dia como faz e a quem é que recorre para ter alguma solução melhor com algum problema que tenha com ela?

Mãe C- Bem em casa , recorro ao pai os avós a mana, normalmente é assim, quando é uma dificuldade mais técnica recorro ali ao centro de reabilitação do sul ...

E- Ela faz lá algum tipo de reabilitação?

Mãe C – Sim, ela foi lá inaugurar a parte da pediatria, faz lá sessões duas vezes por semana.

E- E sente que tem resultados, resultados que também se reflectem na escola?

Mãe C – Bem, talvez ... ela a nível de escola é muito preguiçosa prefere estar com atenção noutras coisas do que propriamente nos livros , mas a nível de reabilitação sim, tenho notado algumas melhoras .

E- Em relação às outras crianças e suas famílias como é que acha que os outros pais também arranjam soluções?

Mãe C – Não sei não posso falar do que não conheço ... mas daquilo que ouvi na reunião de pais tudo se baseia no mesmo, eles são adolescentes e tem esses problemas todos da adolescência que estão a atravessar agora.

E- Mas em relação á sua criança acha que por ser diferente tem essas problemáticas de maneira diferente?

Mãe C - pois se calhar sim... ela por exemplo pergunta-me, mãe achas que eu vou ter um namorado? Se alguém vai gostar de mim? ... e eu tenho de lhe dizer que sim, até lhe digo então não conheces o ditado de que “cada panela tem uma tampa” ... também há-de haver uma tampa para ti... a preocupação dela agora vai nesse sentido ... se saber que a condição dela lhe dá a condição de ter um namoradinho ... e a família dá-lhe apoio, inclusivamente já falámos se houver alguma ida à discoteca um de nós vai a leva e acompanha se for preciso .

E- Em relação ao que consegue perceber que os professores fazem com ela o que e que sente fazer falta?

Mãe C – Eu acho que ela precisava de ter programas específicos para o computador, porque ela leva muito tempo à procura das coisas para fazer , por exemplo ao nível da matemática imaginemos que ela está a fazer uma equação com uma raiz quadra e mais não sei que ... ela tá a fazer ali e depois tem de para e clicar para ir buscar a raiz quadrada e põe e depois às tantas já se perdeu no exercício e já não sabe onde e que estava ... eu não sei, não sei se existem outros programas ..mas penso que nesse aspecto a escola devia tentar investir um pouco mais , tentar saber o que é que se pode fazer, eu noto na matemática principalmente .

E - que outros elementos, entidades, parceiros que acha poderiam auxiliar a escola num apoio maior?

Mãe C - ...bem tirando a direcção geral de educação não tou assim a ver quem mais ... nunca pensei nisso.

E- A B. já esteve nalguma instituição?

Mãe C – Sim estive na APPC quando era mais pequena. Tinham lá alguns computadores com alguns joguinhos para a idade dela, mas agora já é complicado lá estar... bem eu não sei disseram-me que há uma equipa na direcção regional de educação que está preparada para isso, bem se calhar é o que eu tenho de ver ali com a a escola , com a directora de turma ou a professora de apoio no sentido de se saber se realmente existe essa equipa ali que possa dar apoio ao computador da B e aos programas que ela tem e que lhe facilitem a vida ...

E- Não conhece outras crianças, outras famílias que tenham o mesmo que a B?

Mãe C – Não, não conheço muitas outras, conheço uma que tem, mas o ecrã é um ecrã tátil e acho que também tem dificuldades, todos os miúdos que têm necessidade de utilizar o computador têm todos o mesmo problema

E – Pensa que a B vai seguir estudos até que ano de escolaridade?

Mãe C – Eu faço votos para que ela consiga tirar um curso com licenciatura, com mais tempo ou mesmo tempo mas espero que sim dentro das possibilidades aqui da região porque ela é uma criança que não se pode deslocar sozinha, mas aqui penso que sim, gostaria que ela tirasse uma licenciatura.

E- A pergunta que tinha aqui era na área das parcerias e das instituições, conhece algumas aqui na região que trabalhem com esta área?

Mãe C - Não, não conhece muito, conheço bem a APPC que foi onde ela esteve ... e agora aqui nada... bem conheci a associação IN LOCO, mas também foi só para saber algumas coisas pois, pois sabiam que tinha assim uma menina com necessidades especiais ... não conheço mais nada

E – Sente que para as respostas que precisa para a B deveria conhecer mais? Estaria disposta a “perder” algum do seu tempo para conhecer mais?

Mãe C – Sim ... Procurar informação sim, sinto que isso me faz falta, ali no centro perguntei umas coisas sobre as ajudas técnicas mas é mais no sentido das alterações da casa, vou ter de fazer umas coisas na casa de banho ... noutros aspectos não perguntei, sobre o computador não perguntei, de facto se calhar saberão alguma coisa ... na escola foime dito que ela trabalharia no computador portátil da escola e que iriam ter lá os programas adequados mas isso nunca aconteceu. Depois eu comprei-lhe o computador da E- escolinhas e ela tem trabalhado só com algumas coisas. A Professora de apoio não tinha muito e embora na direcção regional tivessem dito que os professores de apoio sabem e podem fazer isso com os alunos e ter acesso aos programas, nós sabemos que não é bem assim, muitas vezes até os professores desconhecem com o que os alunos trabalham. Muitas vezes os professores de apoio não estão habilitados para o que deviam dar de apoio às crianças, têm de der uma outra formação para isso e essa lacuna tem se vindo a arrastar desde sempre.

E - Neste sentido e na reunião de pais onde estavam os professores, sentiu que os professores de todas as disciplinas estavam preparados para lidar com meninos como a B?

Mãe C - Por acaso até foi interessante ... foi pela primeira vez que eu vi uma reunião de pais em que estavam todos os professores , nas outras escolas normalmente vai só o director da turma que transmite tudo , aqui por acaso achei muito engraçado que cada um falou da sua disciplina . E eu pareceu-me que eles não têm dificuldade em lidar com a B. Provavelmente o professore de matemática sim, é de todos o que poderá ter mais dificuldades pois é onde ela também tem. Eu tou muito satisfeita com a escola tive oportunidade de a acompanhar numa visita de estudo pois não havia ninguém que a pudesse acompanhar da escola e perguntaram se eu não queria ir e logicamente a B também tem direito a ir e eu fui com ela e todos foram muito correctos e sempre a ajudar, os professores os colegas, até o próprio motorista da Câmara que cada vez que eu vinha com ela já tinha a cadeirinha aberta e preparada para ela se sentar, vi que toda a gente tava interessada em apoiar e ajudar o máximo. Gostei bastante.

E - Uma vez que não está aqui há muito tempo conhece mais meninos com Nee's ? Gostaria de partilhar com essas famílias as suas inquietações, dúvidas?

Mãe C – Sim gostava, de partilhar dúvidas com outras famílias, não me importava nada de conversar ... talvez seja difícil arranjar o tempo, mas talvez se consiga uns bocadinhos ... e se calhar é importante aprender uns com os outros.

E – Gostaria que fosse só com pais de crianças especiais ou também com outros pais?

Mãe C - Penso que seria bom com todos os pais, de alunos normais também, porque outros pais também deveriam saber o que é o dia-a-dia de uma família com uma criança destas. As pessoas nem imaginam sequer o que é a angustia, ... quando nos deitamos como vai ser o dia de amanhã, se eu faltar como vai ser ...? Ficam sempre muitas coisas na nossa cabeça ...

E - Gostaria de acrescentar algo que ainda não tenhamos falado? Ou que sinta vontade de expressar?

Mãe C -... bem não sei bem, mas talvez em relação às ajudas técnicas poderei dizer que a B está à espera de uma cadeira nova há 3 anos e a segurança social diz que não tem dinheiro, não tem verba , a cadeira é caríssima a miúda está a crescer e tem mesmo de mudar já experimento 3 modelos e a cadeira todos os anos tem de ser adaptada e em cada ano quando chega a altura dos pagamentos na segurança social são recusados .. e bem continuamos à espera... eu acho que há poucos apoios a nível de ajudas técnicas, também de circulação os passeios estão mal feitos , muitos edifícios também , é muito difícil andar por ai , nunca sei muito bem como fazer e por onde ir , às vezes levo a cadeira de empurrar que embora mais cansativa às vezes é melhor de manejar do que a cadeira eléctrica , há zonas onde não se consegue passar ou entrar

E - Acha que isso reduz bastante as oportunidades da B?

Mãe C – Claro, eu acho que sim, por exemplo nesta vista de estudo que fizemos a Lisboa isso notou-se bastante, embora tivesse tido ajuda de toda a gente é uma coisa terrível o circular na cidade ... a maior parte das vezes é sempre preciso ter mais alguém a segurar numa porta para conseguir entrar , viajar com ela sozinha eu nunca o faria ... é muito difícil andar por ai ainda há muito para fazer, dizem que será até 2017 que tudo estará bem ... vamos ver se assim será , duvido muito, há muito para fazer no nosso pais

E – Em relação a tudo o que existe de apoios para estas crianças faz os seus pedidos?

Mãe C - Bem eu acho que sim... agora por exemplo já não tem o abono de família devido ao meu escalão deixou de ter ... telefonei para saber se sempre lhe será atribuído subsidio de deficiência disseram-me que o processo dela ainda está a ser estudado, portanto essa pequena segurança que uma pessoas devia etr de saber que ela ia ter esse subsidio ainda não tenho ... quanto ao resto comprei uma carrinha com apoio da segurança social e a cadeira de rodas fui eu que a comprei, a outra cadeira de rodas eléctrica deram-na na APPC e é a que já não lhe serve bem ... e se tiver de fazer as tais obras em casa terei de faze-las eu, não sei se há algum apoio para isso terei de ir procurar.

E - Obrigada pela colaboração!

ENTREVISTA Nº 6

INTERVENIENTE: Auxiliar de acção educativa (Unidade ensino Estruturado) Auxiliar A

DATA: 27/Jan. / 2011

HORA INICIO: 16H30

DURAÇÃO: 20 minutos e 22

LOCAL: Unidade de Ensino Estruturado de SBA

E - No seu dia-a-dia que dificuldades sente no apoio que tem de dar a crianças com NEE? Se pode identificar que tipo e a que nível?

Auxil. A – bem... dificuldades? Acho que devíamos ter um pouco mais de formação porque cada dia é um dia e todos os dias temos problemas diferentes há meninos que tem de se levar de uma maneira e outros que se tem de levar de outra... Naquelas situações de frustração deles, porque nem todos são iguais temos que tentar acalmá-los e temos de ter métodos para cada uns deles porque cada um é um diferente .

E- E as dificuldades no dia-a-dia são mais a que nível? Fazer o acompanhamento deles na sala de aula, na sala de ensino estruturado?

Auxil. A – Pessoalmente não sinto dificuldade em estar com nenhum deles, mas se bem que há situações que tenho de recorrer aos técnicos que me acompanham.

E- Pode dar algum exemplo?

Auxil. A – Por exemplo no primeiro ano que peguei com um menino não tinha conhecimentos, só alguns, e tive de arranjar estratégias para o acalmar, para tentar que le se fixasse num determinado jogo... e pronto os técnicos ajudaram-me nesse aspecto, mas pronto, usando também um pouco da minha experiência com crianças tentei acalmá-lo e tentei que fizesse o que eu queria, os objectivos da actividade.

E- Como é que acha que os pais e os professores de turma fazem para dar apoio e superar dificuldades?

Auxil. A – Dentro de uma sala de aulas, eles são... bem têm outro tipo de atenção, tenta-se fazer com que eles não sintam diferenças serem iguais aos outros meninos , no fundo são meninos iguais e tenta-se dar mais atenção se bem que a criança especial tem uma pessoa para ele ...

E – e os pais como superam dificuldades com estas crianças?

Auxil. A – pronto... os pais destas crianças tentam interagir connosco para que trabalhemos em equipa, porque é importante trabalharmos em equipa...

E- E outros pais, os pais de outras crianças como aceitam haver crianças especiais na turma?

Auxil. A – no geral bem, se bem que há uns e outros , mas no geral aceitam isto já não é de agora já há meninos especiais há muito tempo na sala que são especiais, são diferentes mas não são assim tanto e eles aceitam no geral a ideia que tenho é que os pais aceitam estes casos na sala e em casa falam com os colegas porque nos colegas não se nota que façam diferenciação entre qualquer um dos casos ...

E- lembra-se assim de alguma outra dificuldade, alguma coisa que seja comum acontecer e que tenham que dar resposta?

Auxil. A – o que acontece muitas vezes é os meninos virem...bem não estarem atentos, virem agitados e ai é preciso uma grande paciência nossa, tentar acalmá-los, e tentar fazer com que tomem atenção ao que estão a fazer, por exemplo na sala de aula temos situações em que a criança está muito bem e de repente por qualquer motivo...há um menino que diz que é amarelo e ele acha que não é amarelo e nós temos de o tentar acalmar se for preciso às vezes até tirá-lo um bocadinho da sala, teremos que o fazer e voltarmos outra vez até que a criança se sinta calma e possa tomar atenção...

E- pode dar exemplo de como é o seu dia-a-dia com uma criança destas?

Auxil. A – Normalmente tenho dois horários, quando entro às 9h da manhã vou ter com um menino autista passo cerca de 45 minutos com ele na sala, tem dias em que está muitíssimo bem, por momentos fica agitado... porque algum colega se mete com ele ou porque a professora diz para eles abrirem o cadernão e ele acha que é o caderno... Então tenho de tentar acalmá-lo...depois venho para a sala da unidade e vou buscar meninos para virem para os terapeutas, vou levar, acompanho alguns na sala, pronto é o meu dia-a-dia...

E- Na sala de aula uma vez que tem um menino entregue a si para acompanhar, nesses 45 minutos que passa na sala onde está a turma completa, permanece ao lado dele? Como é que acontece essa situação de sala?

Auxil. A – Essa situação de sala eu permaneço ao lado dele, embora tente mostrar que não estou só para ele, porque acho que ele não deve sentir que tem uma pessoa exactamente para ele...tento ajudar às vezes a professora nalgumas coisas, algum outro menino que tenha falta que eu lá vá ajudar eu vou...estou ao pé dele porque é uma criança que facilmente fica desatento... Estou ali mas tenho de fazer com que não pense que sou só dele...que não pense que é assim tão diferente porque ele tem e os outros não têm...

E- Nesse dia a dia se acontece uma descompensação, algo diferente como é a pessoa que está ali ao lado e responsável por ele como é que soluciona?

Auxil. A – Bem...este ano até tem sido um ano calmo, mas no primeiro ano que peguei com ele foi muito complicado...tive que agir na hora e tentar ver qual era a melhor maneira porque ele era um menino muito agitado, era um menino que não aceitava o toque, eu pessoalmente sou uma pessoa que ando sempre a dar beijinhos a fazer festinhas e abraços... e a mãe, nós falava-mos muito que a mãe é uma pessoa muito presente e ajuda...e a mãe dizia-me não, não faça isso...mas eu tentei ir com a minha e a meio do ano ele já me dava a cara para eu lhe dar um beijinho...este ano tem sido fácil, no ano passado tive ajuda das técnicas... fui sempre tentando e agora consegui que ele mudasse...

E- Em relação aos outros elementos que se relacionam com estas crianças, professores, técnicos, terapeutas como é que vê que eles agem para superar dificuldades?

Auxil. A – bem isso cada situação é uma situação... e às vezes nós tentamos fazer, recorrer de uma mesma forma que fizemos de outra vez que deu resultado, mas agora não está, tenta-se sempre arranjar técnicas, maneiras de acalmar a criança que é sempre o mais importante... porque a criança pode ficar também mais agitada por insistirmos naquele assunto, aí tentamos mudar de assunto para que a criança “ esqueça” , para que possamos vir a voltar atrás e depois seguir ...fazer ver que o que ele estava a fazer era errado... por exemplo há um menino que ... Ele escreve e não aceita o apagar então a professora às vezes insiste com ele... se ele não aceitar mesmo, tentamos que ele se acalme...depois quando a criança estiver calma voltamos novamente aquele assunto e depois tudo corre bem...tentamos mais ou menos trabalhar todos da mesma maneira, tanto os professores como as auxiliares, vamos falando uns com os outros e tentamos chegar a um consenso...

E- Esses, meninos levam trabalhos para casa?

Auxil. A – Sim

E- Como vê que é o apoio que as famílias dão nesse aspecto para com a escola?

Auxil. A – pronto... temos casos e casos , no geral eu penso que são meninos apoiados em casa ...

E- se tivesse que arranjar outras soluções, outras estratégias para o seu trabalho, o que fazia ainda de diferente? O que mudava?

Auxil. A – bem... em questão de apoios eu penso que as nossas escolas, o nosso agrupamento, a nossa câmara oferece muito boas condições porque foi criada uma sala especial para receber estes meninos onde trabalhamos com eles individualmente o que é muito bom ...embora tenhamos casos que realmente o escrever ou ler nós fazemos cá... e depois tem outra parte que também temos facilitado , o prático trabalhar o prático com os meninos...por exemplo há um menino que vamos à piscina com ele , é muito bom ... e eu penso que em questão de melhorias eu penso que estamos muito bem ...pronto acho que estamos bem apoiados ...

E- Está a dizer que tudo está bem, mas se ainda fosse possível melhorar mais como faria e com quem? Acha importante trabalhar em rede e em parceria? Quem seriam os parceiros que ainda convidaria para juntar à equipa?

Auxil. A – bem... eu acho que quanto mais pessoas técnicas nos possamos ter, melhor porque têm um conhecimento mais profundo que nós auxiliares...eu acho que se fosse possível ampliava a equipa... mais técnicos, mais pessoas especializadas noutras áreas... porque... há muitas crianças e às vezes não se consegue dar resposta a todas não é... Sei lá... mas sim, mais pessoas.

E- Está a referir-se á realidade aqui da Unidade de ensino estruturado, mas sabe que há mais crianças identificadas com Nee's que não vem à unidade, consegue ter uma ideia sobre isso do que seria necessário fazer? Fala com outras colegas auxiliares sobre isso?

Auxil. A -... Bem sobre isso nunca pensei...não... bem aqui na unidade sim trabalhamos em equipa e tentamos transmitir... As técnicas tentam transmitir o que sabem para que nós na ausência delas possamos utilizar... Portanto trabalhamos mesmo em equipa... Precisamos se calhar de mais tempo, mais tempo para estar com eles, se calhar o tempo que temos é pouco podíamos ter mais tempo para fazer mais...

E- Só tempo o que necessitariam? Por exemplo recursos materiais com que têm de trabalhar? Informação, mais conhecimentos?

Auxil. A – sim... a formação é importante... porque embora algum conhecimento que nós tenhamos é pouco... Em todos os momentos está a surgir novas situações...sim mais formação era muito importante nesta área...

E – Arranjaria essa disponibilidade para a formação?

Auxil. A – Ah sim, isso estaria sempre disponível.

E- Pensa que os outros elementos que também trabalham com estas crianças estariam dispostos a ampliar os conhecimentos? Os pais por exemplo estariam dispostos a fazer formação; os professores de turma?

Auxil. A- Eu penso que sim...sim, cada caso é um caso mas nas poucas formações a que tenho assistido para mim foi tudo novo ... e aprendi e acho que há muito mais para aprender ...

E- E sobre os recursos qual a sua ideia e dos pais e professores?

Auxil. A – bem... nós vamos pedindo e fazendo o que podemos, fazemos muitos materiais.

E- Gostaria de acrescentar algo mais a esta conversa, acha que faltaria ainda algo importante?

Auxil. A – bem... é muito importante trabalharmos em equipa, auxiliares técnicos e é muito importante o apoio das famílias, porque assim se trabalharmos todos em conjunto, todos para o mesmo sentido conseguimos um trabalho muito mais positivo, e consegue-se se calhar proveito 100% de certos casos que se calhar pensaríamos não tiraríamos proveito, mas no fundo até se tira, se trabalharmos todos em conjunto realmente tira-se um proveito muito grande.

E- Aqui só tem contacto e dá apoio a meninos do 1º ciclo como é que acha que eles vão seguir para o 2º e 3º ciclo?

Auxil. A – bem... eu penso que as nossas escolas têm apoio e temos pessoal para acompanhar estas crianças e penso que os pais se sentem seguros com isso... para além da escola ai acho que é uma preocupação para os pais, mas enquanto contexto escolar eles vão seguindo e penso que vão estar sempre acompanhados, temos recursos para isso.

E- Gostaria de acrescentar algo mais?

Auxiliar A – de momento não.

E - Obrigada.

ENTREVISTA Nº 7

INTERVENIENTE: Auxiliar de acção educativa - (Unidade ensino Estruturado) Auxiliar B

DATA: 31/ Jan. / 2011

HORA INICIO: 16H35

DURAÇÃO: 25 minutos

LOCAL: Unidade de Ensino Estruturado de SBA

E- No seu dia-a-dia que dificuldades sente no apoio que tem de dar às crianças com Nee's?

Auxiliar B – A dificuldade maior que senti..., não agora mas no inicio deste trabalho para que fui escolhida foi a formação ... agora actualmente, já tenho alguma formação, mas continuo nessa área ... é onde me falta mais alguma coisa é na formação.

E- Mas no seu dia-a-dia quando tem que trabalhar com estas crianças há alguma dificuldade às vezes que lhe surja e que tenha de resolver?

Auxiliar B –às vezes a dificuldade que me surge é mesmo na altura em que tenho de trabalhar com eles , temos de resolver as situações e não sabemos como, mas temos que as resolver com eles próprios. E isso eu não sei explicar isso muito bem ... eu actuo na altura e pronto ...

E- mas lembra-se de algum momento, pode dar um exemplo?

Auxiliar B- São coisas que têm que ver com o comportamento deles... Por exemplo quando eles têm aquelas Birras, há alguns que não se pode dizer o não ... não é ... temos de tentar de a dar a volta às coisas para que o não, não entre ali ...mas que que o não seja imposto mas que não seja dito. A maior dificuldade ... portanto numa criança que temos aqui é essa ... e isso é difícil... agora já consigo dar a volta um bocadinho melhor, mas foi complicado....

E – Lembra-se de algum outro tipo de dificuldade?

Auxiliar B – Bem... uma dificuldade é talvez saber como “chegar até eles” porque neste trabalho a gente quer dar o nosso melhor e às vezes sinto que ... ahh... que eles me perguntam alguma coisa e eu às vezes não tenho bem, bem, bem a... logo a resposta para eles tenho de pensar um bocadinho

E- Como é que acha que pais e professores que trabalham com eles superam dificuldades?

Auxiliar B – pois os pais por vezes o que eles me dizem é que ... da parte dos pais também tem alguma dificuldade em resolver essa situação, as dificuldades que vão aparecendo no dia a dia ...há pais e pais ...há pais que ignoram um bocadinho não é , alguns ... tenho conhecimento de alguns que às vezes ignoram um bocadinho a situação dos filhos e ai passam ao lado não é ... os outros que tentam resolver ...vão tentando resolver pouco a pouco as dificuldades dos filhos , esses dizem-me a mim é um bocadinho difícil porque ... ou na aprendizagem ,...ainda outro dia falei com a mãe de um miúdo em que eu lhe disse ... pois ela veio-me perguntar como é que ele tava na aula... eu disse-lhe ... olhe ele na aula tem um bocadinho de dificuldade... mas ... pois já em casa é a mesma coisa , porque tem dificuldade em estar atento , em ouvir ,e quer impor sempre a sua vontade , pronto ...mas isso tem de ser pouco a pouco ... e é as dificuldades que a gente vai sentindo ...

E- Como é que pensa que auxiliares e outros pais vêm essas dificuldades? Sabe se isso incomoda?

Auxiliar B – bem... sabe. Isso até é uma coisa boa, desde o início em que eu tenho estado com este tipo de crianças ... bem agora vou falar de um com quem comecei a trabalhar em que estava na pré primária este miúdo ...os pais dos outros da turma tinham ...às vezes ... não diziam mas nós sentíamos receio de ele estar ali, podia empurrar, podia fazer mal aos outros ...mas foi-se notando que ao longo do tempo... ao longo do tempo tanto aquele como os outros foram –se ficando inseridos na turma, melhorando a situação, melhorando ... os próprios pais foram olhando para eles de outra maneira ...e agora este ano na primária que é onde já estão inseridos , com esse mesmo menino ... os pais não têm nenhum comentário e até é de louvar ver que alguns dizem ... o meu pai diz –me tenta sempre ajudar os meninos que estão com a B...portanto eles até me ajudam já às vezes a resolver algumas situações .. às vezes quando estão com birra ... põe a mão por cima e dizem queres vir brincar comigo.... Já me ajudam a resolver algumas situações.

E – Uma vez que acompanha estas crianças em sala de aula como vê que é o trabalho do professor?

Auxiliar B – O Trabalho do professor, é difícil, muito difícil ... eu por exemplo estou n uma turma onde estão 2 meninos com nee’s ... eu estou de manhã entro às 8h30 acompanho até às 10h30 os dois ...há dias em que algum vem para a Unidade, mas isso é só um dia por semana, depois entra outra colega que vai-me substituir e fica com eles Mas para o professor é complicado ... há dias ... por exemplo hoje foi um dia de louvar ... porque um conseguiu fazer um ditado todo, não tinha levado o texto para estudar mas conseguiu faze-lo, o outro ao meu lado conseguiu pintar e conseguiu desenvolver uma actividade e eu consegui auxiliar os dois... Há dias em que é complicado... há dias em que um não quer fazer o que o professor manda e o professore tem de lá ir de vez em quando....há outro dia em que o outro não quer desenvolver outra actividade porque um já escreve e o outro não ... tá agora a iniciar os seus rabiscos ... já sabe fazer um rabiscozinho do nome dele ...e é assim ... é complicado...

E – Disse que sentia para si falta de formação e o que acha para os professores de turma?

Auxiliar B - ... bem eu trabalho com uma pessoa que tem bastante formação, ela é uma pessoa super dinâmica e que resolve as coisas ali...nesse nível eu não lhe vejo dificuldades ...não quer dizer que outros professores com quem já trabalhei em anos anteriores não tivesse já sentido isso, essa falta de preparação ...

E- Quando sente algumas necessidades no seu desempenho recorre a quê ou a quem?

Auxiliar B- Recorro há minha educadora, que é uma super educadora Que me ajuda sempre, tenho sempre á vontade suficiente para fazer perguntas e esclarecer ... tanto com a educadora como com a professora na sala onde estou inserida, par me abrir e elas ai dão me uma dica ... e eu lá vou

E - Trabalham também com os pais? Como equipa?

Auxiliar B -. Às vezes é um bocadinho complicado ...essa parte ai é complicadaos pais ah.... A abertura dos pais Há pais que têm abertura e da parte deste que estou a trabalhar mais directamente ... pronto.... A abertura não é muita ...enquanto se vê pais que á falam do assunto e tentam connosco ver, olhe ele hoje tá assim veja lá porque será alguma coisa ... mas ainda há muita dificuldade.

E – Acha que seria fácil e gostaria de trabalhar em rede e parceria?

Auxiliar B – Eu não me importava nada de trabalhar com outras instituições, da minha parte ...

E - Quem seriam os parceiros que consideram bons para criar essas parcerias?

Auxiliar B – bem ... eu já pensei sobre isso mas na parte da formação. a tal formação que eu já falei no início , talvez na parte de perceber melhor os autistasé o que me tá mais ... é a área que me interesse mais .. me interesse porque e aquilo onde estou a trabalhar e é ai nas necessidades que eu sinto ...

E – Em termos de recursos?

Auxiliar B - ...bem nisso a educadora tem sido espectacular a preparar tudo com que temos de trabalhar e a câmara também ajudou na unidade ... e nós construímos os nossos próprios materiais ... temos muitos jogos que nós próprias fizemos, temos muita coisa com que trabalhamos

E – O que é que acha que ainda se poderá fazer mais, com quê e com quem para apoio a estes meninos?

Auxiliar B – pois eu é assim ...gostaria de ter mais soluções para eles. Então aquele com quem eu trabalho directamente ...pergunto muitas vezes a mim mesma o que é que eu tenho de fazer par o ajudar mais? Porque isto trabalhar com estes meninos não é só o trabalhar Depois começa a ficar-nos dentro de nós ... que é o que eu sinto ...uma coisa que eles deveriam ter todos era todos participarem numa aula de natação, uma aula de natação mas todos

...mas sem serem inseridos ... bem inseridos na turma tudo bem ... porque fazem todos juntos ... mas algo mais só para eles ... para eles desenvolverem movimentos que precisam ... trabalhar com cavalos também é espetacular...

E- Que outras terapias já pensaram serem boas de trazer para aqui?

Auxiliar B – eu já vi muitas coisas, mas agora de momento ... às vezes ponho-me na net a ver aquelas coisas de entrevistas e assim... talvez algo das terapias específico ... o que tá aqui elas esforçam-se ... fazem o melhor e são muito boas ...mas se for outras coisas e mais específicas ainda para melhorar a capacidade deles de aprendizagem, de desenvolvimento, tudo ..

E- Algumas destas crianças para além de estarem aqui na Unidade têm algum outro apoio de instituição diferente?

Auxiliar B – Sim acho que todos têm algo mais ... acho que só um deles é que deixo de ter este ano por vontade dos pais. Os outros têm a APPC e um outro tem a “escola das brincadeiras” em Loulé e acho que se fica por aí ...

E- Têm alguma informação do que se passa lá com essas terapias exteriores? Que vos pudesse também ajudar a vós no dia-a-dia?

Auxiliar B - ... acho que na escola das brincadeiras não mas da APPC sim, a educadora é informada ...

E- Acha que era de reforçar essas parcerias?

Auxiliar B – pois se calhar era bom, a gente às vezes não sabe o que eles lá fazem ...nós estamos aqui trabalhamos de uma maneira ...quem nos diz a nós que estamos a fazer um contrário do que elas fazem lá Porque eu ... pronto a educadora vai-nos dizendo alguma coisa, mas eu ... pronto ela própria se calhar não saberá muito bem se haverá alguma coisa ...mas às vezes se houvesse assim um feed back mais de mês a mês ...se calhar seria melhor

...

E – Já discutiram sobre isso a nível da vossa equipa?

Auxiliar B – por acaso foi coisa que ainda não falamos, temos falado de muita coisa mas isso... sabe que este ano é difícil termos tempo para falar ...porque a gente á vezes tá a falar ... bem ainda hoje, de repente aparece um e... pronto temos que levantar e ir tratar... e o tempo é pouco porque dar apoio nas turmas, tanto eu como a minha colega, dar apoio num lado, dar apoio no outro ... e depois fazer material para a sala, temos sempre que ir fazendo coisas novas e dar apoio aos miúdos e dar apoio ás terapeutasIsto às vezes é assim um bocadinho complicado ...e acabamos por não falar.

E – Gostaria de acrescentar algo que gostaria de fazer?

Auxiliar B – era bom que eu ganhasse o totoloto ...e vou lhe dizer... é uma coisa que tenho ... sonho... fazer uma casa para eles...que era a minha inspiração Sinto que estes miúdos ...não sei se é das famílias... eu falo mais deles ...porque as famílias às vezes ... não sei se é os afazeres do dia a dia ... se é o ignorarem um bocadinho daquilo que têm em casa e pensarem bem... bom amanhã será melhor ... para eles próprios também poderem estar bem ...eles ficam um bocadinho para trás e eu, o meu pensamento, não posso fazer sei que não posso fazer que não tenho dinheiro para isso, mas ... se eu pudesse era isso que fazia ... uma casa para eles ...

E – Uma vez que tem essa preocupação sabe dizer algo sobre os meninos que têm passado de ciclo de ensino, os que já foram para a EB ou secundária, que apoio têm?

Auxiliar B – tenho conhecimento de uma menina que foi o ano passado ara o 5º ano e que continua a ter apoio na escola ...o bocadinho que eu conheço continua a ter apoio....

E- Acha que essa também era uma informação importante entre as auxiliares dos vários níveis de ensino?

Auxiliar B – Acho que sim... acompanhar os meninos na mudança de ciclo, sem duvida fazia falta ... era importante e muitas vezes isso não acontece ...aliás já se passou uma coisa comigo ...em que eu quis... ou seja pedi para acompanhar um menino que passou de ciclo, mas havia este com que estou agora ... e não me foi possível segui-lo foi para a primária ... e era a minha vontade tê-lo seguido e estar com ela, não foi possível, disseram-me logo que não que Haia outros que iam entrar e precisavam de mim ... e eu comecei com este de novo...mas às vezes pergunto-me então eu não pude ir com o outro mas com este já pude ir para a primária ..Havia uma ligação e eu gostava de ter ido com ele ... ainda hoje o vejo quase todos os dias e falo com ele e ele corresponde sempre há minha voz ... ele tem paralisia ... mas reconhece me logo...sabe que eu estou ali ...já vai mais de 4 anos ... agora dou graças a Deus de ter podido acompanhar este na primária ...ainda há poucos dias el lhe dizia todos os meninos estão a fazer o nome, tens de fazer também, vamos fazer untos ... depois de uma grande luta tanto aqui na sala como na unidade com a educadora como com a minha colega da tarde. a gente andou, andou e conseguimos ele já faz o rabisco do nome Não faz bem o nome, mas ele faz ali a representação do nome ... e isso ele conhece ... nós dizemos ... falta ali o nome e ele vai e faz ali o rabisco ... e sabe que é o dele. Ele não fazia isto até hoje ... e é gratificante ele ...depois destes anos todos ter ido para a primária com ele. Mas o outro também gostava de ter feito ...bem eles vão passando por nós e fica um bocadinho deles em nós.

E- Gostaria de acrescentar algo mais?

Auxiliar B – Acho que não.

E- Muito obrigada pala sua disponibilidade.

1.3 - Análise de Entrevistas

Análise de Entrevista nº 1 - Professora de ensino especial (Prof. A)

CATEGORIA	SUB – CATEGORIA	UNIDADE DE SIGNIFICADO	INDICADORES
<p>A- Dificuldades no apoio e acompanhamento de crianças com NEE's</p>	<p>A1 - Averiguar que dificuldades sente cada um dos intervenientes na sua acção diária com crianças com Nee's</p>	<p>As dificuldades no apoio (...) prendem-se muitas vezes (...) com o próprio comportamento dessas crianças com NEE (...)</p> <p>Porque nem sempre ... Eles estão.... Assim com um comportamento estável, são muito imprevisíveis (...)</p> <p>Muitas vezes é o precisar também, as vezes, de algum material específico que não há naquele momento... mas de uma forma geral... , as dificuldades... ao fim de algum tempo e de estar sempre com o mesmo grupo de crianças, aprendemos a conhece-los melhor e... essas dificuldades não são tão sentidas, não são tão fortes (...)</p> <p>precisamos de recursos Às vezes que não estão logo ali disponíveis ...se calhar até os temos no dia seguinte ou na semana seguinte ...há muito material que temos de fazer...às vezes para ajudar a transpor dificuldades...mas.... Tentamos cumprir o plano, (...)</p> <p>há aquela criança que tem muita dificuldade para se sentá-la para fazer a actividade É muito difícil tem de ser sempre com um tema de actividade que ele goste ...para a conseguir sentar ao menos no lugar ... para pegar numa caneta não aceita ...tem que a deixar riscar qualquer coisa eu seja do seu agrado ...pra que ao menos me produza um traço...pronto... isto no campo das dificuldades de uma criança</p>	<p>Dificuldades diárias referidas como tendo a ver com o estado comportamental que estas crianças apresentam.</p> <p>Níveis de concentração diferentes</p> <p>Materiais não disponíveis ou não existentes</p> <p>dificuldades que têm a ver com a especificidade de cada criança o seu estado emocional e de desenvolvimento</p>

		<p>capaz...até há uma certa admiração pelo progresso que essa criança faz...quando uma criança é mais perturbadora</p> <p>- ... há... pois , recursos humanos ... eu tenho aqui pessoas que trabalham na unidade ... já as conhecia antes e ...quando vieram para aqui ...a preparação de uma ... é que não tinha tanto treino ... e que acho que realmente ... antes de se vir para este tipo de unidade, de trabalho ,de qualquer área de ensino especial ... deveria haver mais informação e formação ... acho que às vezes se coloca uma pessoas porque até se acha que é boazinha ...mas como eu costumo dizer às vezes há bom que não é assim tão bom ...é bom porque é bom.... Mas para determinadas funções não é adequado ... antes de virem trabalhar para este tipo de funções Se alguns até tem algum dom, natural e seguem as indicações dos técnicos e reparam bem naquilo que fazem ... para outras pessoas Não aceitam e às vezes o desempenho acaba por ser prejudicial à criança ...</p>	<p>De modo geral outros pais/crianças já estão habituados à presença destas crianças diferentes e não fazem comentários sobre isso. Existe uma convivialidade saudável</p> <p>Falta de recursos humanos com formação adequada</p>
	<p>B1 – Identificar a quem e a quem recorre para superar as dificuldades sentidas</p>	<p>dependendo do problema ... pois ... depende do problema ... se é um problema de saúde ...pois ... contacta-se os pais ... faz-se todos os procedimentos que devem fazer ... se é um problema causado na sala de aula pois tentamos saber o que é... que se passou com os intervenientes ... e ver o que se deve fazer... tanto depende da situação que ocorra...tentamos saber sempre o que é que ocorreu Porquê , como ,quando, quem estava, quem não estava , porque é que terá acontecido ...o que é que falhou ? ...vamos tentar sempre ...</p> <p>.... Quando acontece algo que possa ser considerado Um problema que a pessoa ...precise de ajuda ... normalmente recorremos aqui À câmara, ao próprio</p>	<p>O apoio em recursos humanos é tratado com os pais, auxiliares e num trabalho de equipa</p>

	<p>C2 – Recolher propostas para a resolução de problemas</p>	<p>satisfeitos, pois eles entendem que os filhos acabam por estar protegidos , os pais neste momento sente que há protecção, os filhos estão protegidos ... estão incluídos na sala de aula , têm o seu grupinho escolar, o seu grupinho turma , os coleguinhas ... e depois têm os recursos ali ...ahhh... tá tudo normalíssimo, porque está tudo aqui neste contextozinho...tá tudo junto, não há que fazer deslocações ..</p> <p>...tenho meninos do primeiro ao quarto ano ... para que este trabalho não seja em vão ...deveria ter continuidade nos ciclos seguintes. É isso que se espera e está previsto...que exista, mas há ainda ... bem... existe um grupinho que dificilmente irá não acompanhar os seus colegase para esses o que é que temos ?os meios e as respostas ainda são muito poucas neste momento</p> <p>- ... bem em relação aos auxiliarespela realidade que eu conheço ...vejo que elas têm muitas vezes o desejo de ter mais formação sobre a área em que trabalham ... ser capaz de fazer mais ... porque às vezes ficam um bocadinho desiludidas quando as crianças não atingem certos objectivosCertas competências ... à ele não atingiu.. ele não fez ... bem... não podemos ir por aí , se ele não atngiu por alguma razão é ... vamos ter que ajudar.. é mais devagarinho do que os outros mas vamos sempre tentando ...sinto nessa parte da formação que ela têm necessidade e ...há uma coisa que é comum que eu já referi anteriormente ... preocupam-se um bocado também... com o futuro delas e fala-se muitas vezes nos paisnessa dor dos pais e o que é que os pais podem fazer para este filho ? ..e como é que vais er? ... vejo essa preocupação nelas ... também a preocupação delas ... ai como é que eu vou fazer ? ... ai ...</p>	<p>Necessidade de maior e melhor articulação e continuidade de trabalho em todos os ciclos de ensino</p> <p>Necessidade de mais informação e formação para o pessoal auxiliar</p>
--	---	---	---

	<p>C3 - Auscultar sugestões de trabalho consideradas adequadas e inovadoras</p>	<p>vejo que são pessoas que se preocupam e ... procuram também soluções ... também procuram soluções... interessam-se pelo assunto especialmente por este área em que estão a trabalhar especificamente ...</p> <p>... é o primeiro ciclo ... como eu já referi anteriormente ... e também já disse que o futuro... portanto preparar um caminho para os meninos ... é importante ... porque isto acaba por ser um filtro... alguns vão conseguir fazer um percurso razoável outros vão ficar retidos nalguns pontos, nalgumas paragens ... bem ficarão por ali e pronto seriam mais soluções , mais meios se calhar financeiros para colocar à disposição destes meninos, outras respostas ...</p> <p>- ... até ao 9ºano ainda vão estando ali acompanhados Se ... bemse tivéssemos ali mais recursos , mais salas, mais actividades , terapêuticas diferentes ... bem terapêuticas é méico.. mas nem vou tanto pelas terapias , masexperiências Diferentes ... mais meios humanos ... mais meios materiais para ajudar-nos a dar-lhes outras oportunidades ... sem ser Dentro daquelas que nós temos já está muito bom no geral, por aquilo que nós vemos ... mas ... ter algo ... diferente que ainda não temos ... prepara-lhes uma estrada para o futuro... ainda .. Prepara-lhes um caminho ... porque é como nós dissemos ... a família não é eterna e ...nós vemos o esforço que estes pais fazem.... o que estes pais fazem muitas vezes não ... nem nos apercebemos bem.... Da dor destes pais ...</p> <p>...bem o procedimento ...num ciclo mais avançado, um apoio idêntico, mas com uma certa capacitação por uma área profissional ... bem nós estamos com estes meninos e temos que insistir muito com isto... exige</p>	<p>Necessidade de haver mais verbas para diversificar a oferta educativa</p> <p>Necessidade de mais recursos financeiros</p>
--	--	--	--

		<p>outros recursos, professores Exige também muito tempo...ahhh.... mais envolvimento... dar mais conhecimento do que existe também à comunidade local, existe uma unidade em que é que se pode contribuir ? ... Posso ajudar? Sensibilizar ... tipo, posso ajudar uma hora ou duas por dia este menino aqui a prender qualquer coisa, já se faz um pouco isso ...mas ... levar estes meninos mais ao extremo ... eles estão de baixo da asa por enquantoPossibilitar mais vivências reais</p> <p>E a preocupação é essa... fazer cada vez melhor... ter mais meios, mais coisas, mais materiais, ... às vezes sugerem actividades .. ó e se nós fizéssemos isto.. e se fossemos à piscina com eles ... é um recurso então vamos ver o que é preciso... então vamos lá ... ver o que é preciso ... vamos com este menino,...e se nós fizéssemos isto ou aquilo ... acho que há interesse e preocupação ...</p>	<p>e matérias, outros espaços , mais salas melhor equipadas</p> <p>Proporcionar melhores ofertas de curriculum nos ciclos mais avançados de estudo que possibilitassem uma capacitação de alguma área profissional.</p> <p>Sensibilizar a comunidade em geral para estas problemáticas tentar a sua participação e envolvimento na procura de soluções .</p> <p>Diversificar a oferta de actividades que se fazem com estas crianças</p>
--	--	---	--

Análise de Entrevista nº 2 - Prof. de ensino especial (Prof. B)

CATEGORIA	SUB CATEGORIA	UNIDADE DE SIGNIFICADO	INDICADORES
<p>A- Dificuldades no apoio e acompanhamento de crianças com NEE's</p>	<p>A1 - Averiguar que dificuldades sente na sua acção diária com crianças com Nee's</p> <p>A2- Identificar dificuldades na acção dos outros intervenientes</p>	<p>As grandes dificuldades que eu sinto é por exemplo eu ter meninos com graus de deficiência completamente diferentes ao mesmo tempo e ter muitas vezes apenas 45 minutos para poder gerir isso.</p> <p>...tenho um com uma deficiência ligeira, ou então tenho um menino com 12 anos e tenho outro com 17... o tipo de abordagem que eu tenho de fazer e conteúdos é totalmente diferente ...e...e 45 é um entra e saia e entram dois, depois saem aqueles e entram mais dois ... e é difícil em 45 minutos</p>	<p>Graus de deficiência s serem diferenciados.</p> <p>Num mesmo grupo crianças com características muito diversas o que obriga a esforço de trabalho suplementar</p> <p>Aulas só de 45 minutos são insuficientes.</p> <p>Fraco apoio familiar</p>

	<p>A3 – Descrever que tipo de dificuldades sente e o que pensa que os outros sentem</p>	<p>gerir porque eles são muito pouco autônomos e se nós não estivermos em cima deles eles não fazem nada , são esses as grandes dificuldades que eu sinto.</p> <p>... se forem pais que tenham pouca instrução não superam , não há qualquer tipo de ajuda em casa, aqui na escola as auxiliares são bastante prestáveis e aquilo que puderem fazer pelas crianças fazem...eu também tenho pais por exemplo que ajudam ... o caso da Menina B . que tem uma mãe que se esforça bastante para que a menina consiga evoluir , mas tenho outros meninos que não têm qualquer tipo de apoio em casa e não há superação de dificuldades .</p> <p>- ...bem ... agora que estou na escola secundária sinto mais que os professores não estão sensibilizados para estas crianças ... para já que as universidades deviam preparar as pessoas para estas situações ...deveriam de existir mesmo disciplinas para preparar estes professores, não estão preparados para isso, acham que aquelas crianças muitas vezes não fazem porque não querem fazer ...também crianças assim é verdade , mas ...não entendem que a criança não consegue porque não tem capacidades para conseguir adquirir aquelas competências ... eeeee.... Tratam-nos muitas vezes como se fossem uns inúteis ,</p> <p>Tão simples como isto... e eu estou a sentir isto muito na escola secundária ...e vou sentir ainda mais com as minhas crianças que eu tenho agora que não sabem ler nem escrever chegarem ao 10º ano ...mas elas chegam porque são currículos específicos e individuais ... e vão lá chegar com currículos próprios adaptados a elas... e é isso que os professores não entendem ... que eles têm um currículo e que é em função dele ... que as crianças têm de adquirir aquelas capacidades</p>	<p>Pouca sensibilização de professores para o trabalho com estas crianças</p> <p>Falta de formação específica para trabalho com estas crianças</p> <p>Muita diversidade de deficiência a ser “trabalhada”conjuntamente</p> <p>Falta de materiais apropriados</p> <p>Falta de tempo</p> <p>Inclusão na turma feita de forma pouco apoiada</p>
--	--	--	--

		<p>que ele têm... é por isso que se chama currículo individual</p> <p>uma grande diversidade de deficiência , dependendo do tipo de deficiência , o pouco tempo com cada um ,por vezes a falta de material que nós temos , sou eu praticamente que tenho de fazer os materiais todos , comprar os materiais todos , porque o ministério da educação pouco ou nada nos fornece ...</p> <p>..., entretanto nestes dois últimos anos eu é que tenho andado a comprar e a fazer os materiais , porque têm de ser adequados a cada um ... não temos manuais, não temos nada ... e é difícil porque eu tenho de adaptar materiais mais funcionais para aqueles meninos mais velhos ...ahhh... ouoooo... casos de material de leitura para aqueles meninos que não sabem ler nem escreve r... tudo isso é uma grande dificuldade porque tenho de gerir isto em sessão de 45 minutos muitas vezes.</p> <p>... muitas vezes os pais sentem que não têm apoio por parte dos professores ...principalmente aqueles que vão à turma , se for só meninos que estão única e exclusivamente só com o professor de educação especial e que têm só aulas com os outros colegas de educação especial , ai têm o devido apoio, poderá não ser a 100%, mas têm</p> <p>...muitas vezes eles são colocados nas turmas e muitas vezes eles são deixados ao abandonoum professor tem 28 alunos e desses 28 alunos tem 1 que está totalmente dependente deles , mas tem mais 27 que se ele vira as costas muita coisa pode acontecer e muitas vezes o professor não tem capacidade para conseguir dar resposta à necessidade daquele menino... e os pais muitas vezes</p>	
--	--	--	--

		<p>sentem isso , sente que os professores não fazem o que poderiam, ou o que deveriam fazer, mas a culpa tâ bem não é do professor... porque o professor é um só... e eu vejo por mim , se eu sou só com 1 ou 2 eles param e se eu não estiver sempre em cima deles eles não adiantam , não fazem rigorosamente nada ... imaginem numa turma de 27, ...t</p>	
	<p>B1 – Identificar a quê e a quem recorre para superar as dificuldades sentidas</p>	<p>se é problema familiar , porque muitas vezes é ... muitas vezes acontecem situações em casa que eles depois trazem para a escola , tento fazer de mãe , de psicóloga de professora... de tudo e mais alguma coisa ... sempre sozinha individualmente, porque conversar com outros miúdos não ...isso tem que ser individualmente ... e tento acalmar ... e tento depois arranjar actividades que motivem a criança de forma a que ele a tente esquecer o problema em casa... ou não , não é ...</p> <p>bem sei lá... talvez iniciativas culturais ... a câmara municipal de s. brás poderia criar algumas iniciativas ... sei lá ..Sessões mais de cinema... teatro mais infantil... situações pronto que têm de ir à necessidade deles.. que muitas vezes não há .. há se calhar para mais velhinhos .. para eles pelo menos se há eu não tenho conhecimento to...bem ... sei lá a câmara se pudesse fornecer mais materiais ... proporcionar mais saídas ... porque muitas vezes estamos limitados em termos económicos... não temos dinheiro para poder sair daqui ...cada criança tem uma verba muito pequena e estamos sempre muito limitados ... com os recursos que nós...</p> <p>é importante a existência de parceria e trabalho em rede?</p> <p>Prof. B –Ah sim , sem duvida , acho que sim.</p>	<p>O professor recorre às suas próprias competências para fazer face aos problemas do dia a dia</p> <p>Enumera a necessidade de promoção de iniciativas Lúdico culturais promovidas por instituições locais</p> <p>Revela a importância da existência de parcerias para um trabalho mais significativo</p> <p>Quer com as instituições locais , quer com associações que já trabalham nesta área das crianças com Nee's</p>

	<p>B2 – Descrever as soluções que encontra e as que pensa que os outros encontram</p>	<p>Quem chamava para serem seus parceiros? Prof. B -Câmara municipal de S. Brás , DREALG, junta de freguesia , ... sim ... bem .. associações de pais ... instituições que já trabalham com crianças deficientes e que já tenham um ... alguns anos ... por exemplo a Existir, a Unir ... a APPC... instituições que ... é bastante interessante ... eu visitei à tempos uma instituição que foi a Existir , para poder fazer trocas de experiência , de actividades que vão desenvolver com esses alunos ... e eu acho que é bastante enriquecedor , às vezes as experiências que se trocam , ... não só ... o que eles nos possam dar a nível monetário , isso não ... porque essas não podem, mas principalmente para troca de experiências sempre de preferência com a participação dos pais quando fui para a educação especial dei-me ao trabalho de fazer N material o mais diversificado possível ... porque quando me deparei com aquela realidade eu pensei ... Bom ... eu não tenho material nenhum, o que é que eu faço ? ... tenho meninos completamente diferentes, níveis diferentes ,o menino que não sabe ler nem escrever, tenho aquele que até sabe tudo quanto é funcional, mas depois ler e escrever exercícios não consegue fazer , portanto fiz muito material muitas vezes que é tão imprevisível trabalhar com estas crianças queeeee... muitas vezes modifico o material a meio da aula ...muitas vezes para conseguir cativa-los Porque vejo que estão desinteressados, ou porque alguma coisa não está bem por problemas familiares ... chego a utilizar às vezes duas e três , dois e três materiais diferentes ... isso aconteceu-me muitas vezes ..</p>	<p>Realiza material e cria soluções próprias para superar as necessidades que sente</p> <p>Mobiliza competências próprias de adaptação para responder às situações .</p> <p>Reconhece o empenho no trabalho das auxiliares</p> <p>Em situações específicas o apoio dos pais é pouco e/ou raro, não ajudando o trabalho que é feito na escola</p> <p>Necessidade de formação específica para o trabalho com estas crianças para todos os professores independentemente da área disciplinar que lecciona</p>
--	--	---	--

		<p>eu acho que aqui as auxiliares ... as que nós temos , falo pelas que nós temos ... acho que sabem tratar muito bem desses casos , já estão sensibilizadas para isso... eeee... o facto de terem uma óptima ligação com os nossos meninos... achos que lhes ajuda muitas vezes a elevar a auto-estima e a resolver esses problemas...</p> <p>... os pais ... ahhhhh..... às vezes acho que é o contrário.. às vezes ainda ficam pior do que estão .. às vezes Por exemplo temos uma menina que desistiu e que foi para Faro por exemplo porque a mãe em vez de apoiar só gritava e dizia que ela era a pior pessoa deste mundo ... e situações deste género... portanto acho que isto não ajuda, se estas crianças têm uma baixa auto-estima ... são vitimas às vezes de ... não diria bulling, mas ... vá a parte psicológica ... eles muitas vezes gozam com eles aqui na escola e isso afecta-os muito ... e às vezes os pais em casa deviam puxar mais por eles , mas eles ... ah.....</p> <p>sim ... muitas formaçõesque era o que os professores deveriam de fazer ...</p> <p>E- ...os professores no geral ?</p> <p>Prof. B –sim, no geral , professores de todas as disciplinas Todas ...todas mesmo</p>	
	<p>C1 – Averiguar soluções para os problemas diários</p>	<p>-... ah... as auxiliares não trabalham directamente com eles nesse sentido ... agora os pais...eu acho que sim...eu acho que se em casa comprassem jogos para estes meninos que lhes facilitasse a aprendizagem eu acho que era muito melhor, porque muita vezes a causa da deficiência mental que nós temos também é por problemas ambientais em casa ... falta de estimulação por parte dos pais</p> <p>.. eu o ano passado fiz duas ou três actividades em que tive oportunidade de</p>	<p>Necessidades de estimulação feita pelos pais/família para que pudesse haver maior progressão do trabalho que é feito na escola , e reforço ao mesmo.</p> <p>Necessidade de mais colaboração e envolvimento dos pais/família em actividades na escola</p>

	<p>C2 – Recolher propostas para a resolução de problemas</p> <p>C3 - Auscultar sugestões de trabalho consideradas adequadas e inovadoras</p>	<p>convidar os pais .. de pedir para participarem , mas dos pais que convidei veio 1... porta to os pais não participam... e eu acho que é portanto importante que os pais possam participar mais activamente na . na .. na vida escolar dos seus filhos e educandos ... nós chamamos eles não vêem...era de extrema importância que isso pudesse acontecer ...</p> <p>ah ... mais professores de educação especial, para que possamos ter menos alunos cada uma e e podermos desenvolver um trabalho mais aprofundado com cada um dos meninos, mais verbas para a educação especial... para que possamos desenvolver aquilo que se pretende e torná-los o mais funcionais possível ,se não for assim não conseguimos sair daqui...por exemplo uma simples saída ao fórum que para nós não significa nada , para eles significa muito há crianças que nunca foram ao fórum...e a tal verba é bastante pequenina ... e acho que é isso.</p> <p>.... Ideias , pois ,... eu acho que era tentar agrupar pelos diferentes níveis de dificuldade...para que quando trabalhassemos com um a mesma coisa com outros .. sempre para usar o regime de tutoria, o trabalho de pares , para que se apoiassem um ao outro, mas para que se apoiassem um ao outro, mas para trabalhar sempre o mesmo conteúdo , o mesmo nível de dificuldade ... tentar.. eu utilizo muito jogos e acho que todos os professore , poderiam fazer o mesmo ... jogos , mas jogos que apelem ao desenvolvimento cognitivo das crianças ...ahh.... por exemplo....</p> <p>Vou lhe dar um exemplo ..tou a a fazer .. existe o loto, que é o jogo do loto que vai até ao nº 90 e os meus meninos , não sabem os números de mais de cem .. então eu criei o</p>	<p>Necessidade de mais professores de educação especial</p> <p>Necessidade de mais verbas para este tipo de ensino</p> <p>Necessidade de agrupar estas crianças de forma diferente, possibilitando ter níveis de deficiência mais similares com que se trabalhar</p> <p>Possibilidade de usar materiais distintos , jogos diferenciados para uma estimulação diferentes destas crianças.</p>
--	---	---	--

		<p>loto, o loto portanto até ao mil... é uma forma de eles treinarem os números , vão jogando e treinam o duzentos , o trezentos , quatrocentos... por ai a fora ... e acho que os professores no geral deviam criar mais jogos ...o ministério da educação devia de criar mais jogos para este tipo de meninos ... porque . para que incentivasse mais a aprendizagem... só assim à base de fichinhas e isso não porque ... mas parte muito também por professor fazer isto ... eu faço isso e penso que é uma forma boa ...</p>	
--	--	---	--

Análise de Entrevista nº 3 - Mãe A

CATEGORIA	SUB CATEGORIA	UNIDADE DE SIGNIFICADO	INDICADORES
<p>A- Dificuldades no apoio e acompanhamento de crianças com NEE's</p>	<p>A1 - Averiguar que dificuldades sente na sua acção diária com crianças com Nee's</p>	<p>–....Bem a dificuldade às vezes torna-se grande ... porque o miúdo às vezes trás sempre muitos trabalhos de casa Não é que nós sejamos contra os trabalhos de casa mas por vezes é um bocadinho demais ... são todos os dias, todos os dias e o miúdo sente-se com vontade de não os fazer ... e portanto há que ter ali uma dose reforçada de motivação para ele os fazer e com agrado ... e para ficar vez nenhuma sem os fazer ...</p> <p>...portanto todas as semanas eles têm uma ficha de revisão dos conteúdos leccionados na sema anterior ...portanto tem de haver sempre ali alguma ajuda...o miúdo não gosta de chegar a casa agarrar um livro e estudar ...preferem que leiam e ele a ouvir ...</p> <p>Como tem algumas actividades extra curriculares que às vezes implicam a utilização do fim de semana e esta prova ou</p>	<p>Necessidade dos pais em fazer reforço positivo e acompanhamento do que vem da escola</p> <p>Apoio da família é necessário diariamente</p>

	<p>A2- Identificar dificuldades na acção dos outros intervenientes</p>	<p>este mini teste é sempre à segunda feira ...tem que haver ali uma conjugação de horários e de actividades que ele não pode deixar de não ir ... ,porque também gosta ele faz actividades nos escuteiros que às vezes implicam o fim de semana completo , com deslocações às vezes para a outra ponta do Algarveportanto implica sempre algumas regras e alguma atenção especial por parte minha e do pai para que tudo se faça e não haja nada a prejudicar a escola .</p> <p>... o facto de ele ser assim apenas trás dificuldades no sentido em que é mais nervoso do que os outros e os níveis de aprendizagem são mais baixos , mas este pequeno é aceite por qualquer um e tratam-no como igual só se aborrecem quando ele lhes bate ou lhes tira alguma coisa porque às vezes quando está zangado ele faz isso... a mãe....tem graves dificuldades com esta situaçãoporquenão sei muito bem o ambiente familiar...mas dá-me a impressão que vive sozinha com esta criança . ou tem mais um outro irmãoé no mínimo uma mãe que trata de uma criança com deficiência e que trabalha e que precisa sempre de ajuda para isso...</p> <p>...agora tem a vantagem de eles terem uma professora que adora o trabalho que faz e portanto ...a senhora desdobra-se para fazer as coisas dos outros ditos normais e deste ...há também um outro caso</p> <p>entrou no infantário aos 3 anos também na sala do meu filho ...portanto já desde ai o conhecimento que temos da situação ...</p> <p>... portanto os miúdos habituaram-se a lidar com este pequeno como se fosse um igual ...</p> <p>uns têm de fazer umas actividades e outros têm de fazer outras penso que é por</p>	<p>Os pais das crianças com nee'es tem necessidade de apoio para eles próprios poderem dar apoio</p> <p>O conhecimento da turma e do ambiente escolar sempre com s mesmos elementos é um factor de melhor integração</p> <p>Aos próprios pais faz falta mais apoio para lidarem com as dificuldades do dia-a-dia</p> <p>As auxiliares são confrontadas com situações difíceis de resolver nas actividades diárias</p> <p>As crianças entre si formam laços protectores aos que são diferentes</p>
--	---	--	---

	<p>A3 – Descrever que tipo de dificuldades pensa que os outros sentem</p>	<p>isso que às vezes há apoio por parte uma outra professora ou de uma auxiliar especifica , não sei se para cada um destes ...</p> <p>...os pais desdobram-se para tomar conta deles os dois ...e têm mais um terceiro que penso também tem alguma dificuldade ...mas houve um incêndio aqui à uns tempos ...em que um destes dois gémeos com um fósforo destruiu uma casa inteira ...</p> <p>...uma situação complicada porque o pequenino com dificuldades motores foi quem se apercebeu e deve ter sido umas aflições enormes para este pequeno e para os pais que estavam a dormirfoi uma situação muito desagradável e tivemos mesmo que apoiar a família com objectos e coisas para uma outra casa ,e material escolar...foi muito complicado...a mãe não precisava de chorar era o que ele fazia todos os dias ...</p> <p>Quanto às auxiliares tenho visto e também pelo relato do meu filho que alguns miúdos se tornam violentos para as auxiliares que é com quem eles estão mais , são eles que os tiram das salas , são elas que os levam à casa de banho ... e alguns deles até têm mordido as auxiliares, tem batido ,elas chegam a casa com nódoas negras, as coitadas devem estra num desespero</p> <p>? então filho o que foi que aconteceu ? ...mas zangou-se mesmo ao ponto de não querer fazer os trabalhos que ela mandava O que é que foi ? olha a professora chumbouo tal.... Mas então se a professora chumbou é porque achou que devia Não mãe , então tu não vês as dificuldades que o menino tem , a professora não tinha nada que fazer aquilo...</p> <p>...elas vêm –se um bocadinho aflitas e às vezes queixam-se que não sabem como é que hão- de lidar com eles.</p>	<p>Falta formação especifica às auxiliares</p> <p>Falta informar e sensibilizar a comunidade escolar , os próprios professores e auxiliares</p> <p>Falta de recursos humanos com formação adequada para dar apoio quer às crianças quer às famílias</p>
--	--	---	---

		<p>Porque têm esse problema da deficiência, a deficiência é a deficiência, começam a olhar para o “coitadinho” mas a seguir tem de se trabalhar com ele não é e depois elas acha, como é que eu trabalho com alguém que me bate e que eu não posso ralar, ou se ralho não me percebe , ou ... bem elas sentem muita dificuldade.</p> <p>Bem eu penso que, se um pai tem um filho com deficiência deve alertar de imediato os professores novos principalmente. Depois eu tenho alguma experiência de que os professores não têm como lidar com aquela criança , portanto convém que haja uma reunião entre pais , professores e auxiliares para explicarem como se deve lidar com a criança, porque qualquer um é diferente , nós temos umas manias, uns gostos , e outros têm outros ... portanto ai tem que se partir desse principio... depois ... ainda hoje ...acho que nem todos os professores estão ...não é familiarizados,...</p> <p>... as escolas não têm sempre psicólogos disponíveis e capazes de dar vazão a tanta “clientela” para auxiliar convenientemente , médicos, não há nas escolas, e enfermeiros também não que às vezes podiam dar alguma ajuda sobre alguns casos que aparecem, e portanto eu acho que às vezes ficamos sem “trampolim” funciona como ... bem funcionários e professores ficamos mesmo sem “trampolim” , claro que os outros pais que não têm conhecimento ou que não lidam todos os dias com situações que exigem que nós estejamos sempre a conhecer os outros e que nos temos de colocar na pele dos outros, temos de avaliar os outros e cada um é um , acho que têm alturas em que se devem sentir apavorados ...é mesmo assim ...</p> <p>Porque por muita ...para já a formação</p>	
--	--	---	--

		<p>parar muitas vezes... deixar o meu trabalho de lado, porque quando ela chega a casa ele só chama mãe , mãe, ele só chama pai ... e quer a mãe e quer o pai para fazer as coisas e a relação que eu tenho com o meu filho , não sei deve ser igual à dos outros , mas eu sinto ele sempre atrás de mim , e a querer opinião e a querer me contar coisas que se passam na escola,...</p> <p>e às vezes tenho de lhe dizer “ pára! “ agora a mãe tem de ter um momento de sossego porque se não é o dia todo... porque mãe explica-me isto, .. há e outra coisa eu nem na missa consigo estar sossegada, porque ele ouve qualquer coisa que não percebe e exige logo explicação na hora, portanto eu passo o dia todo assim chegam alturas que eu tenho de dizer , agora a mãe precisa de sossego á seria ... porque o dia todo é assim pronto ... é uma criança que exige muito do ponto de vista de presença e exige muito porque quer as nossas opiniões e quer que nós o ajudemos .</p> <p>Eu acho que os pais destas crianças devem precisar de muito apoio porque o facto de que nem que tenham 5 filhos e terem um deficiente acho que deve ser uma sobre carga muito grande para eles ... e acima de tudo devia-se poder por um psicólogo à disposição destes pais ... porque eu não sei o que é ter um filho deficiente e não me consigo imaginar na pele deles...mas tenho visto pais desesperados com problemas, não quer dizer que sejam este especificamente do caso da turma do meu filho</p>	<p>Os pais e as famílias necessitam de apoio específico que os ajude a lidar com o “stress” das dificuldades das necessidades especiais das suas crianças .</p>
	<p>C1 – Averiguar soluções para os problemas diários</p>	<p>Tenho de encontrar o tempo, tenho de parar muitas vezes... deixar o meu trabalho de lado, porque quando ela chega a casa ele só chama mãe , mãe, ele só chama pai ... e quer a mãe e quer o pai para fazer as coisas e a</p>	<p>Nas competências individuais é necessário encontrar as soluções para os problemas</p>

		<p>útil...</p> <p>... já vai havendo algumas parcerias institucionais ... eu estou a lembrar-me por exemplo nas situações de empregos ... eu acho que é comum as pessoas dizerem assim “aquele ali” tem uma deficiência qualquer não presta para trabalhar , e às vezes são ótimos , não é ... são mais mecanizados se calhar do que um dito “normal” , mas quando fazem uma coisa bem feita, fazem-na muito bem feita .</p> <p>.. pensei em psicólogos , não há ai uma clinica particular de psicólogos que possam apoiar de vez em quando nem que seja a fazer um serviço voluntário .. mas por exemplo nós pais podemos , talvez aqui ao nível da associação de pais fazer uma dinamização com esses pais e não termos assim no nosso mundo sem conhecer os pais que têm esses filhos têm o mundo deles, portanto haver mais uma aproximação ... não sei ... penso que o centro de Saúde deve dar algum apoio ... não sei se será o suficiente ... mas não me debrucei nunca muito aqui na comunidade para saber ... mas se calhar ... se dermos uma volta ai pelos passeios .. não sei se estão todos capazes para umas cadeiras de rodas ...portanto é capaz de haver ai alguma coisa dos architectos fazerem ... começarem a pensar ai que quando fazem algumas obras sejam capazes de pensar bom isto não é só para gente normal ... portanto ,não sei ...</p> <p>bem lá em baixo na junta de freguesia , agora vai ter um novo edifício , espero que esteja preparado, agora penso que seria uma dificuldade entrar ali , devia haver um rebaixo ou uma rampa .. não sei há muito trabalho para fazer por ai ... por exemplo até nível da GNR não sei se não seria de às vezes ... bem ,</p>	<p>Procurar respostas coletivas em toda a comunidade para as necessidades sentidas</p> <p>Investigar e estudar mais a comunidade para ter dados concretos de caracterização da mesma</p>
--	--	--	--

		<p>não sei o levantamento que existe de deficientes aqui na zona ... mas se se fizesse um levantamento não sei se a GNR não deveria até disponibilizar alguém para ver até que ponto essa gente é capaz de atravessar a rua e eles estarem em sítios capazes para os ajudar ou pelo menos para ajudar o trânsito, lembrar o trânsito que é preciso parar naquele sítio assim assim .. não sei até que ponto isso não seria uma coisa a fazer-se , mas também como lhe digo ... não sei</p> <p>... não sei o nº de deficientes pequenos ou grandes que existem em S.Brás , se calhar até era interessante fazer-se um estudo sobre isso... bem , os balcões bem muita coisa nas acessibilidades ...bem também nas escolas não sei se não seria preciso nalgumas escolas ter um professor que falasse linguagem gestual... nas parcerias há muitos parceiros a convidar ...</p>	
--	--	---	--

Análise de Entrevista nº 4 - Mãe B

CATEGORIA	SUB CATEGORIA	UNIDADE DE SIGNIFICADO	INDICADORES
<p>A- Dificuldades no apoio e acompanhamento de crianças com NEE's</p>	<p>A1 - Averiguar que dificuldades sente na sua acção diária com crianças com NEE's</p> <p>A2- Identificar dificuldades na acção dos outros intervenientes</p>	<p>O Problema do meu filho agora é mais na parte emocional ele tem às vezes birras muito fortes, que são muito difíceis para mim saber agir correctamente (...) Muitas vezes não sei bem agir correcto, porque não sei se o comportamento dele tem a ver com o problema que ele tem, com a frustração que ele sente e até às vezes por querer e fazer certas coisas e às vezes não consegue ...ou se é só um problema de educação é uma questão difícil , é o principal que tenho agora</p> <p>... Eles falam comigo, quando por vezes é estes problemas de birras que ele tem às vezes reunimos e falamos todos sobre o que será</p>	<p>Necessidade de saber mais sobre doença para melhor identificar sintomas e agir em conformidade</p> <p>Identificar e resolver problemas em conjunto com os elementos intervenientes na escola</p>

	<p>A3 – Descrever que tipo de dificuldades sente e o que pensa que os outros sentem</p>	<p>melhor fazer... e nessas alturas já temos falado muito nos problemas dele e tentamos resolver todos juntos..</p> <p>Um outro problema difícil para os colegas é... e que vamos ter de resolver é os gritos...ele não é agressivo fisicamente, nunca foi, mas para se defender quando alguma coisa não está bem ou quando eu não estou ele grita e grita com os outros colegas e isso é muito difícil para eles pois são pequeninos...isto ainda é uma coisa que sei temos que encontrar uma forma dele resolver isso porque ele é muito sensível às outras pessoas, às outras crianças também, ele quer ser aceite, quer ser igual</p> <p>(...) ele gosta muito da escola leva tudo muito a sério, ele tem as suas coisas, as suas particularidades, ele tem tudo muito bem arrumado cada lápis de cor tem o seu sitio, às vezes surgem situações inesperadas que...a professora... Por acaso a professora é muito atenta ao problema dele, e ela conseguiu fazer um bom trabalho. Mas de vez enquanto há situações que mesmo ela... Não é muito fácil para ela dar a aula às vezes porque...ela contou-me que ele um dia perdeu a borracha, ele não sabia da borracha ele fez um grande escândalo por causa da borracha, onde está a borracha? ela pôs todas as outras crianças à procura da borracha, porque ele já estava a entrar em pânico...</p>	<p>Reflete a necessidade de Trabalho sobre os relacionamentos e socialização das crianças/apoio das famílias nesses aspetos</p> <p>Necessidade de actuação e estratégias para outras crianças na turma entenderem problemas de comportamento</p> <p>Necessidade de informação e sensibilização sobre sintomas da doença para uma intervenção de acordo com a mesma</p>
	<p>B1 – Identificar a quem e a quem recorre para superar as dificuldades sentidas</p>	<p>(...) Recorro a todos, a todos os que estão envolvidos no processo de aprendizagem do meu filho, professoras, auxiliares, a coordenadora da Unidade de ensino estruturado, porque todos estão sensíveis ao problema dele e eu acho que juntando as informações de todos muitas vezes chego a uma conclusão que se calhar é assim o melhor</p>	<p>O trabalho em equipa é uma realidade para a superação de dificuldades</p>

	<p>B2 – Descrever as soluções que encontra e as que pensa que os outros encontram</p>	<p>caminho... a terapeuta da fala também...</p> <p>(...) Porque ele tem uma terapeuta da fala em faro (...) eu também falo muito com ela é mais uma ajuda, ela é uma pessoa com muita experiência, já trabalha a muito tempo ...</p> <p>(...) toda a unidade não ter tido uma psicóloga durante meio ano ... e só agora ,mas isso foi um problema do ministério da educação, da colocação , porque o ano passado tivemos e sempre que havia um problema que aparecia eu podia falar com o psicólogo e no meio de todas as opiniões, no meio de todos os técnicos que vêem o F. uma psicóloga é muito importante...afinal durante meio ano não houve , acho que faz muita falta esse acompanhamento .</p> <p>(...) eu acho que há umas quantas crianças que têm muito carinho...mas olhe são crianças... Eles às vezes também têm comportamentos se calhar um bocadinho mais cruéis, mas eu acho que eles nunca querem fazer mal...mas eu sei que às vezes não corre tudo bem...problema é que o meu filho não me conta quase nada..</p> <p>(...) acho que todos fazem o que podem, ainda podia provavelmente ser melhor, mas se não fosse este apoio que temos aqui encontrado o F. Não estava assim, estou muito grata á ajuda e ao apoio que tenho tido.</p>	<p>Os diferentes contributos são uma mais valia para o desenvolvimento e progressão nas aprendizagens</p> <p>As crianças interagem e aprendem a “viver” com as diferenças descobrem formas de conviver que passam a ser o normal do dia-a-dia</p>
	<p>C1 – Averiguar soluções para os problemas diários</p>	<p>(...) eu acho que o que já se faz é bom o que eu ainda acho é que tem de se procurar por fora, não falo só da terapia da fala que o F. Tem e que também existe aqui, mas acho que por exemplo a terapia ocupacional , que é uma terapia muito importante para essas crianças , que tem de procurar por fora e não é fácil, que se tem muitas vezes de deslocar, às vezes coincide com os horários de escola(...)</p> <p>Bem a principal pessoa que tem estado em</p>	<p>Necessidade de diversificação de intervenções específicas com técnicos diferenciados</p>

		<p>formação... uma vez que o ensino se abriu agora para receber crianças com problemas de desenvolvimento, de todas as formas devia haver formação para as auxiliares.</p> <p>pois...bem nunca pensei sobre isso, mas obviamente que deveria ser apoiado pela câmara mas sei que este é um momento de crise, e não será fácil pedir muito isso, talvez também com associações, associações de pais e pessoas que se juntem se a câmara poder dar um espaço... ter técnicos... Bem sinceramente não sei bem...talvez os pais pudessem dar soluções, pais que estão envolvidos com crianças destas e com estes problemas de desenvolvimento, mesmo outros que era capaz de haver uma resposta positiva.</p>	<p>novos na comum idade para parcerias diferentes</p>
--	--	---	---

Análise da Entrevista nº 5 – Mãe C

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	UNIDADE DE SIGNIFICADO	INDICADORES
<p>A- Dificuldades no apoio e acompanhamento de crianças com NEE's</p>	<p>A1 - Averiguar que dificuldades sente na sua acção diária com crianças com Nee's</p> <p>A2- Identificar dificuldades na acção dos outros intervenientes</p>	<p>Olhe neste momento a dificuldade maior que eu tenho é a nível de corpo sinto já grandes dificuldades aqui na zona de trás das costas porque tenho de me debruçar sobre ela , ela está a ficar muito comprida, tem 14 anos , e portanto essa parte é quem e dificulta mais , é ter força suficiente para agarrar nela ao colo transportá-la se um sitio para outro, vesti-la calça-la dar-lhe o banhito etc... quanto ao resto ela é minimamente autónoma com a sua cadeira de rodas obviamente e anda e circula pela casa e faz as coisinhas , e pronto que me preocupa de facto é já “os ossos” (...)</p> <p>(...) a única ajuda que tenho lá em casa é uma banheira só que neste momento já não está adaptada à idade dela , ali no centro de medicina dizem-me para me por de joelhos , só que a cama não tem a altura suficiente e eu de joelhos não consigo estar a vesti-la , então</p>	<p>Dificuldades físicas no apoio quem tem de dar ao filho</p> <p>Necessário recorrer a competências próprias para a resolução de problemas diários</p> <p>Mostra desconhecimento sobre o trabalho quer de auxiliares quer de professores, pouco contacto com outros intervenientes.</p>

	<p>A3 – Descrever que tipo de dificuldades sente e o que pensa que os outros sentem</p>	<p>tenho de estar normalmente de pé e debruçada , sobre ela é esse o meu maior problema. (...) (...) Olhe eu não sei muito bem, sei que ela se dá perfeitamente com a senhora que a acompanha diariamente, a auxiliar, os professores penso que são simpáticos, é o primeiro ano que ela está aqui nesta escola, portanto eu conheço pouco, mas penso também que os coleguinhas a aceitaram bastante bem na turma (...) (...) Bem a nível de apoios nós achamos sempre que é pouco eles estão a tentar retirar os professores de apoio e ai é que eu acho que ela necessitava mais um pouco ao nível de estudo o número de horas com os professores de apoio (...) (...) Ela usa o computador para trabalhar e isso é também uma dificuldade pois ela é lenta, os professores têm dificuldade em estar a acompanhá-la e ao mesmo tempo os outros alunos todos, a nível de livros aquilo vem tudo no E- Book e tenho muita dificuldade pois aquilo não abre na página tal que se quer temos de estar a abrir na página 1 e ir por ali à procura até chegar à página determinada e isso ai leva imenso tempo,(...) (...) então agora também lhe comprei livros em suporte papel embora ela não consiga escrever cm a mão as vai fazendo no computador . e os professores têm adaptado os testes e isso , fazem e é assim que têm resolvido o problema</p>	<p>Manifesta necessidade de méis tempo de apoio no estudo dado pela escola</p> <p>Manifesta dificuldades próprias no apoio que tem de dar utilizando os equipamentos ao dispor</p>
	<p>B1 – Identificar a quê e a quem recorre para superar as dificuldades sentidas</p>	<p>Sim, na outra escola conversávamos, ela era convidada para ir aos anos das amiguinha, enfim ...aceitaram sempre bem a B ela sempre foi bem aceite pelos colegas, mas claro havia situações em que ela não podia ir , devido principalmente às casas, umas não tinham elevador, outras eram pequenas ,</p>	<p>Refere algumas dificuldades de deslocação/socialização com os colegas por obstáculos físicos</p>

	<p>B2 – Descrever as soluções que encontra e as que pensa que os outros encontram</p>	<p>enfim... mas naquelas casas onde havia possibilidade dela ir ela ia sempre. (...) em casa , recorro ao pai os avós a mana, normalmente é assim, quando é uma dificuldade mais técnica recorro ali ao centro de reabilitação do sul ...(...) Sim, ela foi lá inaugurar a parte da pediatria, faz lá sessões duas vezes por semana. (...) (...) ela a nível de escola é muito preguiçosa prefere estar com atenção noutras coisas do que propriamente nos livros , mas a nível de reabilitação sim, tenho notado algumas melhoras . (...) daquilo que ouvi na reunião de pais tudo se baseia no mesmo, eles são adolescentes e tem esses problemas todos da adolescência que estão a atravessar agora. (...) (...) pois se calhar sim... ela por exemplo pergunta-me, mãe achas que eu vou ter um namorado? Se alguém vai gostar de mim? ... e eu tenho de lhe dizer que sim, até lhe digo então não conheces o ditado de que “cada panela tem uma tampa” ... também há-de haver uma tampa para ti... a preocupação dela agora vai nesse sentido ... se saber que a condição dela lhe dá a condição de ter um namoradinho ... e a família dá-lhe apoio, inclusivamente já falámos se houver alguma ida à discoteca um de nós vai a leva e acompanha se for preciso (...) (...) Procurar informação, sim, sinto que isso me faz falta, ali no centro perguntei umas coisas sobre as ajudas técnicas mas é mais no sentido das alterações da casa, vou ter de fazer umas coisas na casa de banho ...noutros aspectos não perguntei, sobre o computador não perguntei, de facto se calhar saberão alguma coisa ... na escola foi-me dito que ela trabalharia no computador portátil da escola e</p>	<p>Os elementos próximos da família são recurso para o apoio que é necessário dar</p> <p>O recurso às sessões de fisioterapia têm tido efeitos positivos</p> <p>Contatação de que embora com diferenças as problemáticas do desenvolvimento são iguais para todos os jovens/famílias</p> <p>Reconhecimento de pouco contacto e pouco esforço na procura de informação de apoio à resolução de problemas .</p>
--	--	--	---

		<p>que iriam ter lá os programas adequados mas isso nunca aconteceu. Depois eu comprei-lhe o computador da E- escolinhas e ela tem trabalhado só com algumas coisas. A professora de apoio não tinha muito e embora na direcção regional tivessem dito que os professores de apoio sabem e podem fazer isso com os alunos e ter acesso aos programas , nós sabemos que não é bem assim, muitas vezes até os professores desconhecem com o que os alunos trabalham. Muitas vezes os professores de apoio não estão habilitados para o que deviam dar de apoio às crianças , têm de der uma outra formação para isso e essa lacuna tem se vindo a arrastar desde sempre.</p>	
	<p>C1 – Averiguar soluções para os problemas diários</p>	<p>(...) Eu acho que ela precisava de ter programas específicos para o computador, porque ela leva muito tempo à procura das coisas para fazer , por exemplo ao nível da matemática imaginemos que ela está a fazer uma equação com uma raiz quadra e mais não sei que ... ela tá a fazer ali e depois tem de para e clicar para ir buscar a raiz quadrada e põe e depois ás tantas já se perdeu no exercício e já não sabe onde e que estava ... eu não sei, não sei se existem outros programas ..mas penso que nesse aspecto a escola devia tentar investir um pouco mais , tentar saber o que é que se pode fazer, eu noto na matemática principalmente . (...)</p> <p>(...) que outros elementos, entidades, parceiros que acha poderiam auxiliar a escola num apoio maior?</p> <p>Mãe B- ...bem tirando a direcção geral de educação não tou assim a ver quem mais ... nunca pensei nisso.</p> <p>Por acaso até foi interessante ... foi pela primeira vez que eu vi uma reunião de pais</p>	<p>Necessidade de mais recursos de apoio técnico/especifico</p> <p>Desconhecimento de parceiros para dar apoio, fraca motivação para procurar por meios próprios</p> <p>Fracos contactos com escola/outras famílias</p>

	<p>C2 – Recolher propostas para a resolução de problemas</p>	<p>em que estavam todos os professores , nas outras escolas normalmente vai só o director da turma que transmite tudo , aqui por acaso achei muito engraçado que cada um falou da sua disciplina . E eu pareceu-me que eles não têm dificuldade em lidar com a B . Provavelmente o professore de matemática sim, é de todos o que poderá ter mais dificuldades pois é onde ela também tem. Eu tou muito satisfeita com a escola tive oportunidade de a acompanhar numa visita de estudo pois não havia ninguém que a pudesse acompanhar da escola e perguntaram se eu não queria ir e logicamente a B também tem direito a ir e eu fui com ela e todos foram muito correctos e sempre a ajudar, os professores os colegas, até o próprio motorista da Câmara que cada vez que eu vinha com ela já tinha a cadeirinha aberta e preparada para ela se sentar, vi que toda a gente tava interessada em apoiar e ajudar o máximo. Gostei bastante.</p> <p>(...) Esteve na APPC quando era mais pequena. Tinham lá alguns computadores com alguns joguinhos para a idade dela, mas agora já é complicado lá estar... bem eu não sei disseram-me que há uma equipa na direcção regional de educação que está preparada para isso, bem se calhar é o que eu tenho de ver ali com a a escola , com a directora de turma ou a professora de apoio no sentido de se saber se realmente existe essa equipa ali que possa dar apoio ao computador da B e aos programas que ela tem e que lhe facilitem a vida ... (...)</p> <p>(...) não conheço muitas outras, conheço uma que tem, mas o ecrã é um ecrã táctil e acho que também tem dificuldades, todos os miúdos que têm necessidade de utilizar o computador têm todos o mesmo problema</p>	<p>Do pouco que conhece Escola/Famílias mostra-se contente com os resultados</p> <p>Desconhecimento de situação sobre apoios na escola</p> <p>Demonstra alguma dificuldade na procura de informação útil de apoio e ajuda junto de outros</p> <p>As respostas institucionais são morosas e complexas, desmotivam a procura de mais respostas</p>
--	---	--	--

	<p>C3 - Auscultar sugestões de trabalho consideradas adequadas e inovadoras</p>	<p>(...) talvez em relação às ajudas técnicas poderei dizer que a B está à espera de uma cadeira nova há 3 anos e a segurança social diz que não tem dinheiro, não tem verba , a cadeira é caríssima a miúda está a crescer e tem mesmo de mudar já experimento 3 modelos e a cadeira todos os anos tem de ser adaptada e em cada ano quando chega a altura dos pagamentos na segurança social são recusados .. e bem continuamos à espera... eu acho que há poucos apoios a nível de ajudas técnicas, também de circulação os passeios estão mal feitos , muitos edifícios também , é muito difícil andar por ai , nunca sei muito bem como fazer e por onde ir , às vezes levo a cadeira de empurrar que embora mais cansativa às vezes é melhor de manejar do que a cadeira eléctrica , há zonas onde não se consegue passar ou entrar (...) por exemplo nesta visita de estudo que fizemos a Lisboa isso notou-se bastante, embora tivesse tido ajuda de toda a gente é uma coisa terrível o circular na cidade ... a maior parte das vezes é sempre preciso ter mais alguém a segurar numa porta para conseguir entrar , viajar com ela sozinha eu nunca o faria ... é muito difícil andar por ai ainda há muito para fazer, dizem que será até 2017 que tudo estará bem ... vamos ver se assim será , duvido muito, há muito para fazer no nosso país. (...) ... telefonei para saber se sempre lhe será atribuído subsídio de deficiência disseram-me que o processo dela ainda está a ser estudado, portanto essa pequena segurança que uma pessoas devia ter de saber que ela ia ter esse subsídio ainda não tenho ... quanto ao resto comprei uma carrinha com apoio da segurança social e a cadeira de rodas fui eu que a</p>	<p>Revela as dificuldades existentes nas cidades, nos acessos e transportes, nos serviços , etc...</p> <p>Revela também as dificuldades na obtenção dos apoios institucionais legais existentes</p> <p>Reflecte a vontade de conseguir proporcionar ao filho todos os ciclos de ensino até ao grau do ensino superior</p>
--	--	--	---

		<p>comprei, a outra cadeira de rodas eléctrica deram-ma na APPC e é a que já não lhe serve bem ... e se tiver de fazer as tais obras em casa terei de faze-las eu, não sei se há algum apoio para isso terei de ir procurar.</p> <p>Eu faço votos para que ela consiga tirar um curso com licenciatura, com mais tempo ou menos tempo mas espero que sim dentro das possibilidades aqui da região porque ela é uma criança que não se pode deslocar sozinha, mas aqui penso que sim, gostaria que ela tirasse uma licenciatura.</p> <p>(...) não conheço muito, conheço bem a APPC que foi onde ela esteve ... e agora aqui nada... bem conheci a associação IN LOCO, mas também foi só para saber algumas coisas pois, pois sabiam que tinha assim uma menina com necessidades especiais ... não conheço mais nada (...)</p> <p>(...) Sim gostava, de partilhar duvidas com outras famílias , não me importava nada de conversar ... talvez seja difícil arranjar o tempo, mas talvez se consiga uns bocadinhos ... e se calhar é importante aprender uns com os outros(...)Penso que seria bom com todos os pais , de alunos normais também, porque outros pais também deveriam saber o que é o dia-a-dia de uma família com uma criança destas. As pessoas nem imaginam sequer o que é a angustia, ... quando nos deitamos como vai ser o dia de amanhã, se eu faltar como vai ser ... ? Ficam sempre muitas coisas na nossa cabeça ...</p>	<p>Identifica como uma actividade que gostava de praticar a partilha de experiencias parentais, no entanto menciona o factor Tempo/disponibilidade como algo impeditivo</p>
--	--	--	---

Análise de Entrevista nº 6- Auxiliar A

CATEGORIA	SUB CATEGORIA	UNIDADE DE SIGNIFICADO	INDICADORES
A- Dificuldades no apoio e acompanhamento de crianças com	A1 - Averiguar que dificuldades sente cada um dos intervenientes na sua ação	Acho que devíamos ter um pouco mais de formação porque cada dia é um dia e todos os	

<p>NEE's</p>	<p>diária com crianças com Nee's</p> <p>A2-Identificar dificuldades na acção dos outros intervenientes</p> <p>A3 – Descrever que tipo de dificuldades sente e o que pensa que os outros sentem</p>	<p>dias temos problemas diferentes (...)</p> <p>(...) no primeiro ano que peguei com um menino não tinha conhecimentos, só alguns, e tive de arranjar estratégias para o acalmar , para tentar que ele se fixasse num determinado jogo ... e pronto os técnicos ajudaram-me nesse aspecto (...)</p> <p>(...) se bem que há uns e outros(pais) , mas no geral aceitam isto já não é de agora já há meninos especiais há muito tempo na sala que são especiais, são diferentes mas não são assim tanto e eles aceitam no geral a ideia que tenho é que os pais aceitam estes casos na sala e em casa falam com os colegas porque nos colegas não se nota que façam diferenciação entre qualquer um dos casos ...</p> <p>(...) por exemplo na sala de aula temos situações em que a criança está muito bem e de repente por qualquer motivo ...há um menino que diz que é amarelo e ele acha que não é amarelo e nós temos de o tentar acalmar se for preciso ás vezes até tirá-lo um bocadinho da sala, teremos que o fazer e voltarmos outra vez até que a criança se sinta calma e possa tomar atenção ...</p>	<p>Falta de formação específica para trabalho com estas crianças</p> <p>Fraco apoio familiar</p> <p>Necessidade de mais estratégias de actuação</p>
	<p>B1 – Identificar a quê e a quem recorre para superar as dificuldades sentidas</p> <p>B2 – Descrever as soluções que encontra e as que pensa que os outros encontram</p>	<p>(...) pronto... temos casos e casos, no geral eu penso que são meninos apoiados em casa (...)</p> <p>(...) bem aqui na unidade sim trabalhamos em equipa e tentamos transmitir ... as técnicas tentam transmitir o que sabem para que nós na ausência delas possamos utilizar ... portanto trabalhamos mesmo em equipa ... precisamos se calhar de mais tempo, mais tempo para estar com eles ,se calhar o tempo que temos é pouco podíamos ter mais tempo para fazer mais ... (...)</p> <p>(...) Estou ali mas tenho de fazer com que não pense que sou só dele...que não pense que</p>	<p>Recorre-se aos técnicos e aos pais que estão disponíveis para apoiar</p> <p>Falta de tempo</p>

		<p>é assim tão diferente porque ele tem e os outros não têm (...)</p> <p>(...)no primeiro ano que peguei com ele foi muito complicado...tive que agir na hora e tentar ver qual era a melhor maneira porque ele era um menino muito agitado, era um menino que não aceitava o toque, eu pessoalmente sou uma pessoa que ando sempre a dar beijinhos a fazer festinhas e abraços... e a mãe, nós falava-mos muito que a mãe é uma pessoa muito presente e ajuda...e a mãe dizia-me não, não faça isso ...mas eu tentei ir com a minha e a meio do ano ele já me dava a cara para eu lhe dar um beijinho ...este ano tem sido fácil, no ano passado tive ajuda das técnicas .. fui sempre tentando e agora consegui que ele mudasse...</p> <p>(...) bem... em questão de apoios eu penso que as nossas escolas, o nosso agrupamento, a nossa câmara oferece muito boas condições porque foi criada uma sala especial para receber estes meninos onde trabalhamos com eles individualmente o que é muito bom ...embora tenhamos casos que realmente o escrever ou ler nós façamos cá... e depois tem outra parte que também temos facilitado , o prático trabalhar o prático com os meninos(...)</p> <p>(...) eu penso que estamos muito bem ...pronto acho que estamos bem apoiados ...</p>	<p>Estratégias pessoais de bom senso e de relacionamento</p> <p>Existência de materiais/ espaço de trabalho e equipamento</p>
	<p>C1 – Averiguar soluções para os problemas diários</p>	<p>(...) por vezes nós tentamos fazer, recorrer de uma mesma forma que fizemos de outra vez que deu resultado, mas agora não está, tenta-se sempre arranjar técnicas, maneiras de acalmar a criança que é sempre o mais importante... porque a criança pode ficar também mais agitada por insistirmos naquele assunto, aí tentamos mudar de assunto para que a criança “ esqueça” , para que possamos</p>	<p>Utilizar técnicas já conhecidas, resultados já obtidos para replicar noutras situações .</p>

Análise Entrevista nº 7 - Auxiliar B

CATEGORIA	SUB CATEGORIA	UNIDADE DE SIGNIFICADO	INDICADORES
<p>A- Dificuldades no apoio e acompanhamento de crianças com NEE's</p>	<p>A1 - Averiguar que dificuldades sente na sua acção diária com crianças com Nee's</p> <p>A2- Identificar dificuldades na acção dos outros intervenientes</p> <p>A3 – Descrever que tipo de dificuldades sente e o que pensa que os outros sentem</p>	<p>A dificuldade maior que senti..., não agora mas no início deste trabalho para que fui escolhida foi a formação ... agora actualmente, já tenho alguma formação, mas continuo nessa área ... é onde me falta mais alguma coisa é na formação.</p> <p>(...) às vezes a dificuldade que me surge é mesmo na altura em que tenho de trabalhar com eles , temos de resolver as situações e não sabemos como, mas temos que as resolver com eles próprios. E isso eu não sei explicar isso muito bem ... eu actuo na altura e pronto ...(...)</p> <p>(...) uma dificuldade é talvez saber como “chegar até eles” porque neste trabalho a gente quer dar o nosso melhor e às vezes sinto que ... ahh... que eles me perguntam alguma coisa e eu às vezes não tenho bem, bem , bem a... logo a resposta para eles tenho de pensar um bocadinho (...)</p> <p>(...) os pais por vezes o que eles me dizem é que ... da parte dos pais também tem alguma dificuldade em resolver essa situação , as dificuldades que vão aparecendo no dia a dia ...há pais e pais ...há pais que ignoram um bocadinho não é , alguns ... tenho conhecimento de alguns que às vezes ignoram um bocadinho a situação dos filhos e aí passam ao lado não é ... os outros que tentam resolvervão tentando resolver pouco a pouco as dificuldades dos filhos , esses dizem-me a mim é um bocadinho difícil(...)</p> <p>(...) O Trabalho do professor, é difícil, muito difícil ... eu por exemplo estou n uma</p>	<p>Falta de formação específica para trabalho com estas crianças</p> <p>Necessário recorrer a competências próprias para a resolução de problemas</p> <p>Encontra dificuldades no apoio dos pais. Fraco apoio familiar em muitos casos</p> <p>Verifica que também existem dificuldades para os professores, de estratégias, de tempo e formação</p>

	<p>C3 - Auscultar sugestões de trabalho consideradas adequadas e inovadoras</p>	<p>nas turmas, tanto eu como a minha colega , dar apoio num lado, dar apoio no outro ... e depois fazer material para a sala , temos sempre que ir fazendo coisas novas e dar apoio aos miúdos e dar apoio ás terapeutas ...Isto ás vezes é assim um bocadinho complicado ...e acabamos por não falar.</p> <p>(...) ...uma coisa que eles deveriam ter todos era todos participarem numa aula de natação, uma aula de natação mas todos ...mas sem serem inseridos ... bem inseridos na turma tudo bem ... porque fazem todos juntos ... mas algo mais só para eles ... para eles desenvolverem movimentos que precisam ... trabalhar com cavalos também é espetacular... (...)</p> <p>(...) talvez algo das terapeutas específico ... o que tá aqui elas esforçam-se ...fazem o melhor e são muito boas ...mas se for outras coisas e mais específicas ainda para melhorar a capacidade deles de aprendizagem, de desenvolvimento , tudo .. (...)</p> <p>Acompanhar os meninos na mudança de ciclo de ensino sem duvida , fazia falta ... era importante e muitas vezes isso não acontece ...aliás já se passou uma coisa comigo ...em que eu quis... ou seja pedi para acompanhar um menino que passou de ciclo, mas havia este com que estou agora .. e não me foi possível segui-lo foi para a primária ... e era a minha vontade tê-lo seguido e estar com ela , não foi possível , disseram-me logo que não que Haia outros que iam entrar e precisavam de mim ...</p>	<p>Diversificar a oferta do apoio específico com terapêuticas diferentes</p> <p>Poder proporcionar-se um acompanhamento mais prolongado no tempo e evolutivamente em todos os ciclos de ensino que a criança vai passando</p>
--	--	--	---

ANEXO 2 – Documentos de registo

2.1 – Modelo de fichas de avaliação das sessões

FICHA DE AVALIAÇÃO – Tese de Mestrado “Meninos especiais, Pais diferentes”

SESSÃO DE ____/____/____ Por favor assinale com X as suas respostas

1 – Porque decidiu participar no grupo de investigação?

2-Considera que a sessão foi Interessante?

Pouco ___ Medianamente ___ Muito ___

3-Gostou da metodologia utilizada e da forma como se apresentaram os conteúdos?

Gostei pouco___ Gostei ___ Gostei muito ___

4 -Gostou da participação dos elementos do grupo?

Gostei pouco___ Gostei ___ Gostei muito ___

5-Como considera que foi a sua participação na sessão/grupo?

Pouca___ Mediana ___ Muita ___ Pode explicar Porquê?

6-Gostou da apresentação/mediação/ participação da investigadora?

Gostei pouco___ Gostei ___ Gostei muito ___

7-Hoje senti _____

8 -Gostaria de mudar / acrescentar (em mim, no grupo, nos conteúdos)

9-Outras sugestões/opiniões

2.2 – Modelo de ficha de avaliação da sessão final de IP

FICHA DE AVALIAÇÃO – Tese Mestrado “Meninos especiais, Pais diferentes” SESSÃO final ____/____/____ por favor assinale respostas com X

1-No global considera que as sessões foram interessantes?

Pouco ___ Medianamente ___ Muito ___

2-Gostou da metodologia utilizada e da forma como se apresentaram os conteúdos?

Gostei pouco___ Gostei ___ Gostei muito ___

3-Gostou da participação dos elementos do grupo?

Gostei pouco___ Gostei ___ Gostei muito ___

4-Como considera que foi a sua participação no grupo?

Pouca___ Mediana ___ Muita ___

Pode explicar Porquê?

5-Gostou da apresentação/mediação/ participação da investigadora?

Gostei pouco___ Gostei ___ Gostei muito ___

6-Face às expectativas do início quando decidiu participar acha que foram atingidas?
Explique como e porquê?

7- Que resultados gostaria que esta participação pudesse vir a ter ?

Gostaria de continuar a trabalhar com este grupo e/ou de alarga-lo a outras participações de outras mães/enc. Educação; Porquê?

8- Se possível faça um balanço de aspetos positivos e menos positivos deste trabalho;
acrescente sugestões/ideias que gostaria de realizar.

Obrigada por toda a colaboração prestada!

2.3 – Tabela de transcrição de perguntas abertas – ficha avaliação da sessão final

**TABELA DE TRANSCRIÇÃO DAS PERGUNTAS ABERTAS
FICHAS DE AVALIAÇÃO DAS SESSÕES**

PERGUNTA	RESPOSTAS – sessão de 29/04/2011	Sessão de 06/05/2011	Sessão de 13/05/2011
<p><i>Como considera que foi a sua participação na sessão/grupo? Pode explicar porquê?</i></p>	<p>Participação Mediana. No meio de problemas muito mais graves do que eu tenho senti que pouco podia fazer, também porque sou pouco comunicadora.</p> <p>Mediana. Por ter chegado atrasada e ainda não conhecer bem todos os participantes. Sou em geral um pouco inibida.</p> <p>Muita participação. Por achar o projecto interessante.</p> <p>Mediana, porque só dei algumas opiniões.</p>	<p>Mediana. A minha timidez atraiçoame muitas vezes. Acho sempre que os meus problemas são muito pequenos ao pé dos outros</p> <p>Mediana. Participo o suficiente dentro do tema que se falou e lembrei alguns problemas que surgem no dia-a-dia.</p> <p>Mediana. Eu por vezes tenho alguma dificuldade em expressar-me</p> <p>Mediana. Tentei de alguma forma dizer algumas das minhas opiniões e experiências e espero que tenham sido uteis.</p> <p>Muita. Porque dei testemunho das minhas vivências e experiências</p> <p>Mediana. Cheguei tarde e houve muitas outras participações</p>	<p>Mediana. Acho que o tempo não chega para dizermos aquilo que achamos importante .</p> <p>Mediana. Embora hoje tenha conseguido falar e deixar sair o que me ia na alma , ainda me falta muito para me soltar mais .</p> <p>Mediana. Porque apesar de contar o meu caso da semana da parentalidade positiva, considerei que a mais valia foi ouvir as outras mães e as questões colocadas.</p> <p>Mediana. Porque participei quando necessário e dei testemunho de vivência .</p>
<p><i>Hoje senti ...</i></p>	<p>...que se olharmos para o lado vemos sempre problemas mais graves que os nossos. Mas que mesmo pensando que somos “normais”, todos somos diferentes e temos limitações, e que as diferenças devem e podem ser 2 normais” se todos nos unirmos para uma sociedade mais igualitária.</p>	<p>..que não tenho olhado para os problemas dos outros da mesma maneira que vejo os meus. Que os meus problemas com a M são menores do que algumas pessoas do grupo.</p> <p>...que se falou de coisas muito importantes. A preocupação dos pais com as crianças na adolescência e após a</p>	<p>...muita solidariedade em relação aos problemas e a frustração que isto por vezes causa nas mães.</p> <p>...que não estou só, que todas do grupo me deram a força que me está a faltar, que afinal não sou aquela mãe tão falhada. A minha menina é a luz da minha casa e dos nossos corações .</p>

	<p>... que se está a criar uma equipa, ou mais propriamente uma "pequena família"</p> <p>... que não estou sozinha na "Holanda", tenho muitas pessoas com quem partilhar os meus sentimentos, as minhas dúvidas e as minhas fraquezas .</p> <p>...a solidariedade de outras mães com problemas parecidos como os meus e a possibilidade de juntos podermos desenvolver um projecto que ajude os nossos filhos.</p> <p>...que é bom partilhar experiências e reflectir sobre vários assuntos.</p> <p>Todos juntos poderemos ajudar-nos a enfrentar melhor a vida .</p>	<p>escolaridade obrigatória, o que vão fazer ? para onde vão ? muitas perguntas sem resposta...</p> <p>...que estamos a trabalhar mas também a dialogar, a trocar ideias com pessoas que têm as mesmas dificuldades que nós, "todos diferentes, todos iguais"</p> <p>...que foram colocados muitos aspectos importantes e úteis para melhor nos conhecer-mos e assim ser mais fácil falar "desabafar" sobre as nossas preocupações e problemas.</p> <p>...que é muito importante partilharmos as nossas preocupações e podermos ajudar e até tentar resolver algumas das ansiedades. Senti que é bom reflectir sobre os assuntos que nos preocupam e podermos arranjar algumas estratégias para melhorar.</p> <p>...que de certa forma estamos todos no "no mesmo barco" e se calhar precisamos desenvolver uma ou várias ideias para melhorar alguns aspectos da vida dos nossos filhos .</p>	<p>...que a partilha dos casos das nossas vidas, a partilha dos "medos" e inseguranças que sentimos na educação mas principalmente nas orientações e acompanhamento dos nossos filhos, no tempo que dispomos para eles é uma questão que se coloca a todas as mães. Tal como é a insegurança na nossa missão...</p> <p>...senti-me pequena sem poder ajudar mais .</p> <p>... que a sessão foi interessante e me fez pensar em diferentes assuntos que nos preocupam a todas. Foi rica a troca de experiências e até já pensamos em fazer alguma coisa para ajudar os que nos rodeiam. Foi bom ! Ainda que só com palavras confortámos quem precisava.</p>
<p>Gostaria de <i>Mudar/acrescentar</i> (em mim, no grupo, nos conteúdos) ...</p>	<p>Em mim gostaria de mudar para ser mais activa e participativa. Ser capaz de contribuir para que o resultado final deste trabalho seja ponto de partida para um projecto em que as "diferenças" sejam cada vez mais compreendidas e aceites.</p> <p>...neste momento acho que me distanciei um pouco da minha filha, dedicando-me muito ao meu trabalho, tenho de mudar esta atitude.</p>	<p>Deixar de ser tão emotiva com o que se passa comigo e com a minha filha .</p> <p>Em mim gostaria de conseguir expressar-me melhor e dizer , flar mesmo o que muitas vezes me passa pela cabeça, mas que depois não "sai" pela boca .</p>	<p>Eu acho que devíamos prolongar o tempo das sessões com mais meia hora.</p> <p>Ser mais participativa e deixar os meus receios de lado.</p> <p>Não sei se há algo a mudar, a acrescentar haverá sempre certamente... porque cada caso são experiências a acrescentar sempre algo positivo. Gostaria de certamente acrescentar com a minha participação alento e coragem às mães que</p>

			<p>com tantos e tão grandes problemas se debatem no dia a da e no futuro.</p> <p>Gostaria que pudéssemos pensar num projecto para melhor a qualidade de vida dos jovens com alguma deficiência. Estes meninos e jovens especiais têm o direito de se sentirem integrados na comunidade e sentirem que afinal são capazes de participar, pelo menos em algumas coisas.</p>
<p><i>Porque decidiu participar no grupo de investigação?</i></p>	<p>Porque acho um trabalho muito interessante, porque tenho 3 filhos que não tendo grandes “necessidades especiais”, um deles tem dislexia e foi um processo difícil de diagnosticar e de ser limitativo no meio escolar.</p> <p>Porque estou em contacto com esses meninos diferentes e este tipo de investigação penso que se vai tornar útil para o meu dia-a-dia.</p> <p>Talvez para partilhar a minha experiencia e aprender a corrigir os meus erros.</p> <p>Por curiosidade.</p> <p>Para poder em conjunto debater vários problemas e tentar arranjar algumas soluções.</p>		
<p><i>Outras Sugestões ou opiniões</i></p>		<p>Todos juntos vamos conseguir mudar.</p> <p>Continuar a trabalhar assim em equipa, só assim se consegue alguma coisa .</p> <p>Acho que está a funcionar bem.</p>	<p>A partilha, a solidariedade, o apoio mutuo e o amor são a base de uma sociedade mais justa e aberta a todos .</p>

**TABELA DE TRANSCRIÇÃO DAS PERGUNTAS ABERTAS
DAS FICHAS DE AVALIAÇÃO DAS SESSÕES (CONT.)**

PERGUNTA	Sessão de 20/05/2011	Sessão de 27/05/2011	Sessão de 23/06/2011
<p><i>Como considera que foi a sua participação na sessão/grupo? Pode explicar porquê?</i></p>	<p>Muita. Foi um grupo participativo. Vieram ao “de cima” problemas do dia a dia... fizeram-se questões e reflectiu-se sobre os assuntos que surgiram.</p> <p>Mediana. Por vezes tenho um pouco de dificuldade em exprimir o que penso.</p>	<p>Mediana. Hoje já consegui mostra mais de mim.</p> <p>Muita. Porque parece que vamos conseguir fazer mudar alguma coisa.</p> <p>Mediana. Eu gosto mais de ouvir do que falar.</p> <p>Muita. Dei o meu contributo com algumas ideias para a carta de apresentação ao agrupamento.</p>	<p>Muita. Éramos poucos elementos por isso foi possível falar bastante.</p> <p>Muita. Éramos somente 3 pessoas falamos sempre.</p>
<p><i>Hoje senti ...</i></p>	<p>...que fiquei muito mais sensibilizada a certos pormenores aos assuntos que foram surgindo.</p> <p>...que há muita vontade de se fazer alguma coisa. É um grupo pequeno mas unido e com vontade de trabalhar.</p> <p>...que aprendi mais e mais.</p> <p>...uma certa hostilidade no grupo... terá sido impressão minha? Não me senti muito há vontade ...</p> <p>...que temos de sintetizar mais os nossos pensamentos, as nossas participações, pois senão acabamos por dispersar e acaba simplesmente em conversa... mas as opiniões obre práticas a desenvolver foram interessantes.</p> <p>...que ainda temos muito medo de</p>	<p>...que cada vez nos estamos a unir mais e conhecer melhor. E que importa no grupo não ser só as mães, mas também quem trabalha o dia-a-dia com os nossos filhos. Pena é os pais não participarem também.</p> <p>...que pouco a pouco podemos se calhar melhorar alguma coisa.</p> <p>... que foi bom, aprendo sempre muito.</p> <p>...que apesar de maneiras diferentes de olhar para as situações, os diversos pontos de vista ajudam-nos a ter novas perspectivas sobre as diversas questões.</p>	<p>...Que juntas conseguimos ter uma iniciativa conjunta. Vamos mesmo fazer algo para a comunidade.</p> <p>...que somos um grupo unido que temos como objectivo “ melhorar as condições de vida e aprendizagem” dos nossos meninos especiais, muito especiais.</p> <p>...satisfação porque conseguimos desenvolver e realizar um projecto.</p>

	<p>mostrar os nossos meninos como eles são, as suas limitações e algumas deficiências. Temos de pensar que são eles que nos dão força para tentar melhorar as condições deles. Eles são o melhor de nossas vidas.</p>		
<p><i>Gostaria de Mudar/acrescentar (em mim, no grupo, nos conteúdos) ...</i></p>	<p>Devemos encontrar uma forma de evitar que as pessoas se percam nos temas e que não perdemos tempo com coisas insignificantes. Se calhar dar u certo tempo de falar a cada um, porque há membros no grupo que não participam muito, será porque não têm oportunidade?</p> <p>Penso que talvez os assuntos tratados tenham que ser mais objectivos para não haver dispersão e não se acabr sempre por ficar no “ Contar as nossas histórias”</p> <p>Ter mais tempo disponível para aprofundar conhecimentos para poder dar mais ao grupo. Sinto que dou muito pouco.</p>	<p>Devemos encontrar uma forma de evitar que as pessoas se percam nos temas e que não perdemos tempo com coisas insignificantes. Se calhar dar u certo tempo de falar a cada um, porque há membros no grupo que não participam muito, será porque não têm oportunidade?</p> <p>Penso que talvez os assuntos tratados tenham que ser mais objectivos para não haver dispersão e não se acabr sempre por ficar no “ Contar as nossas histórias”</p> <p>Ter mais tempo disponível para aprofundar conhecimentos para poder dar mais ao grupo. Sinto que dou muito pouco.</p>	
<p><i>Outras Sugestões ou opiniões</i></p>		<p>Acho que devemos aumentar o tempo para mais meia hora no mínimo.</p> <p>Não podemos deixar morrer este grupo e precisamos de mais pais e educadoras.</p>	<p>Espero que este grupo se mantenha depois das férias.</p>

2.4 – Tabela de transcrição de perguntas abertas – ficha de avaliação final

PERGUNTAS	SESSÃO FINAL EM 05/07/2011
<p><i>Como considera que foi a sua participação no grupo? Pode explicar Porquê?</i></p>	<p>Mediana. Intervim quando achei que tinha de fazer, dei opiniões próprias.</p> <p>Muita. Gostei do grupo e a maneira como desenvolvemos os assuntos que tocam a todos nós. Senti solidariedade.</p> <p>Mediana. Pela minha parte tentei de algum modo mostrar/dar a minha opinião sobre estes “meninos especiais”. Dentro do pouco que sei acho que partilhar experiências e pontos de vista é útil para que todos entendamos que uns com problemas pequenos, outros com um grande, é na partilha, na compreensão e tolerância que nos podemos ajudar uns aos outros.</p> <p>Mediana. As outras colegas eram mães e tinham experiências valiosas, por isso sabiam mais que eu.</p> <p>Mediana. A participação do grupo foi boa embora eu mantenha a vontade de fazer mais, mas o tempo é pouco.</p> <p>Mediana... uma vez que não consegui estar presente em todas as sessões (por motivos familiares). No entanto acho que a minha participação no grupo foi activa. Dei testemunho das minhas vivências, tentei consolar algumas participantes mais ansiosas e sugeri a elaboração de alguns projetos futuros.</p>
<p><i>Face às expectativas do início quando decidiu participar, acha que foram atingidas? Explique como e porquê?</i></p>	<p>Sim. Porque “trabalhar” diretamente com os pais destas crianças torna interessante, aprende-se muita coisa, desta maneira alargam-se horizontes.</p> <p>Eu não tinha experiência com um trabalho de grupo assim e então não tinha expectativas nenhuma, somente curiosidade. E assim fique admirada que conseguimos desenvolver e acabar um projeto. Acho que a investigadora conseguiu “Guiar” muito bem as ideias para concretizar pelo menos uma delas que era realista.</p> <p>Acho que sim. Como referi antes, acho que a partilha de pontos de vista de experiências pessoais, de sugestões foi muito positiva e compensadora.</p> <p>Aprendi mais do que estava á espera porque as outras senhoras tinham histórias</p>

	<p>muito bonitas.</p> <p>Face ás minhas expectativas acho que foram atingidos alguns dos nossos objectivos, este tema é controverso, daí que tem de ser tratado com cuidado.</p> <p>Quando decidi participar neste trabalho a minha expectativa era que se conseguisse elaborar um projecto que tivesse como objectivo principal a criação e um “ Centro de Ocupações” para os “Meninos Especiais”. Agora podem ser meninos mas mais tarde serão jovens adultos. Enquanto meninos felizmente que o Ministério da Educação tem vindo a preocupar-se com este problema e até consegue fazer a inclusão destes meninos/ jovens. Mas depois? Como fazer destes jovens/adultos cidadãos participantes?</p> <p>No entanto os nossos encontros tiveram também um outro caminho importante. A sensibilização dos outros, da comunidade para com os “Meninos Especiais”. Foi elaborada uma carta que será lida por todos os encarregados de educação no sentido de os fazer reflectir um pouco sobre esta temática, foi um bom início.</p>
<p><i>Que resultados gostariam que esta participação pudesse vir a ter? Gostaria de continuar a trabalhar com este grupo e/ou alarga-lo a outras participações? Porquê?</i></p>	<p>Sim. Penso que era muito positivo; e o facto de se alargar o número de participantes penso que seria muito benéfico para todos os intervenientes.</p> <p>Sim, gostaria porque gostei desta experiencia de poder mudar alguma coisa para melhor de todos. Acho que se continuarmos com um grupo deste género devemos ser abertos também para mães e pais de crianças que não são tão especiais e pessoas que estão interessadas de se juntar por exemplo auxiliares, professoras, educadoras ...</p> <p>Poderíamos pensar um nome para dar ao grupo: “ Pais e amigos de crianças com NEE’s de S.Brás de Alportel “ .</p> <p>Sim.Penso que este grupo talvez possa vir a ser alargado a outras mães/educadoras e que possam vir a ser desenvolvidos projectos ou iniciativas com vista a divulgar e esclarecer em geral e também as crianças, sobre esta temática.</p> <p>Sim, gostaria de continuar a trabalhar com este grupo. Porque era muito bom por em prática algumas das coisas que aprendemos e discutimos. Todas temos muito a dar. È uma área em que há muito pouca ajuda. Era pena que este grupo acabasse porque foi forte e há muito para fazer.</p> <p>Sim. Gostaria de continuar a trabalhar com este grupo e se possível alarga - lo a mais algumas mães e educadoras. Este tema tem muito a trabalhar.</p> <p>Sim. Na verdade gostaria que este ou outro grupo tivesse a possibilidade e vontade</p>

	<p>de continuar a lutar pelos direitos dos nossos “ Meninos especiais” pois eles precisam que alguém se preocupe e que na realidade usufruam dos seus direitos. Se ficarmos por aqui é uma pena. Iniciamos bem, deveríamos continuar. No entanto sei que por vezes é difícil conciliar vida particular, o trabalho e ainda sessões de voluntariado, mas se formos muitas e dividir-se tarefas talvez consigamos atingir alguns objectivos a que nos propusemos. Seria maravilhoso se conseguíssemos um espaço equipado e com pessoas com alguma formação onde jovens/adultos especiais fizessem diferentes actividades, se sentissem úteis, capazes de fazer qualquer coisa e integradas na nossa comunidade. Aqui em S.Brás temos um grande número de “Meninos especiais” com diferentes patologias. Porque não pensar em criar um centro de ocupação para este meninos? ... Começo a sentir a preocupação do futuro das pessoas diferentes tal como o meu filho....</p>
<p><i>Se possível faça um balanço de aspectos positivos e menos positivos deste trabalho, acrescente sugestões/ideias que gostaria de realizar.</i></p>	<p>Até agora só consigo ver aspectos positivos, gostei de conhecer os diferentes pontos de vista das outras mães. Ideias que eu gostaria de ajudar a realizar (algumas a longo prazo)</p> <ol style="list-style-type: none">1- Criar um site na internet para colocar informação sobre este tema2- Criar projectos junto com as escolas relacionando com a integração de crianças com NEE's Exp. Teatro por exemplo os alunos do 8º e 9º ano fazer teatro para os do 5º 6º e 7º3- Fazer uma exposição sobre este tema a tentar mostrar as dificuldades de como as crianças NEE's vêm o mundo. Com fotos de uma caminhada na rua em cadeira de rodas, um passeio de autocarro, numa sala tentar ouvir uma explicação do professor de matemática com sons altos e ao mesmo tempo... muito confuso para um autista ...etc...4- Criar um centro para jovens para melhor integração numa idade difícil para eles5- Criar um serviço, Voluntário? de acompanhamento para jovens com NEE' s em concertos e festivais etc... <p>Para mim o balanço positivo foi a partilha de ideias e experiências que no fundo também nos reconfortaram. Pensar e perceber que talvez “ na porta ao lado “ há alguém com os mesmos problemas ou com outros mais graves e poder e confortar ou ajudar a entender que todos somos frágeis, mas que somos capazes de superar cada pequena dificuldade é muito bom. É sentir que podemos apoiar outras mães quando se sentem mais abatidas, é reconfortante. O menos positivo é talvez o facto de que nos tenhamos “perdido” em muita conversa e que talvez o trabalho não tenha sido o suficiente ou eficaz para o trabalho da investigadora.</p>

	<p>Gostaria de ajudar mais as crianças com problemas, ensinar algumas das coisas que sei e dar-lhe alguma da minha atenção para que fossem mais felizes.</p> <p>Sobre este trabalho os aspetos são positivos mas muito a fazer. Por exemplo, ver os passeios arranjados para que possamos passear com as cadeiras de rodas, e outras necessidades que estas crianças com NEE têm para acesso a algumas coisas.</p> <p>Este trabalho foi muito positivo. Fez-nos refletir em grupo. Perceber as diferentes preocupações que surgem a cada pessoa/família. O quanto é importante partilhar experiências vividas.</p> <p>Desabafar e ser ouvida. Tentar ajudar as outras na resolução dos seus problemas dando sugestões ...</p> <p>Não tenho a referir pontos menos positivos.</p> <p>Ficam-me algumas interrogações: Como fazer para por em prática os nossos projetos? A quem devemos dirigir para que possamos resolver alguns dos nossos problemas? Quem poderá ajudar?</p> <p>Queremos realmente os pais activos e participantes mas precisamos de ajuda.</p> <p>Dora, sinto que és capaz de nos ajudar. Obrigada!</p>
--	---

2.5 – Fichas de organização de sessões de IP

Ficha de Sessão: 29/04/2011

Local: Escola Poeta Bernardo de Passos – auditório das 18h30 às 20h25

Nº de presenças 6

Objectivos: Apresentação inicial da investigadora, apresentação dos elementos do grupo, apresentação do trabalho de tese/investigação, definição de dias/horas de sessões e sua calendarização, definição de regras de funcionamento do grupo, apresentação de propostas de avaliação de trabalho individual e de grupo.

Metodologia	Logística
<p>> Boas vindas,</p> <p>>Apresentação oral da investigadora; (nome, Idade, resumidamente percurso profissional e de vida, formação académica, principais assuntos de interesse e hobbies),</p> <p>>Apresentação dos diversos elementos presentes c/ dinâmica de grupo “ A entrevista” (dá-se uma folha e caneta a cada elemento, formam-se pares de pessoas que não se conheçam entre elas, pede-se a cada uma que em 2 minutos se apresente á pessoas à sua frente e tome nota das informações, fazendo perguntas rápidas concretas e objectivas. Depois cada elemento deverá tb em dois minutos apresentar para o grupo, com base nas notas que recolher a pessoa que entrevistou da melhor forma que souber para que os elementos do grupo possam ficar a conhecer essa pessoa),</p> <p>>Apresentação do trabalho de tese/investigação, usar o PP já feito para a apresentação pública à comunidade escolar. Debater as questões lá colocadas e respectivos objectivos,</p> <p>>Definição de regras de funcionamento (dias, horário, duração das sessões, como fazer as sessões? elementos reflectem e trazem questões? aceitam usar o “ Caderno diário” ?</p> <p>>Aplicação da ficha de avaliação da sessão.</p>	<p>Disponer cadeiras/mesas em formato U para que todos possam olhar-se entre si e juntar-se a pares com facilidade</p> <p>Distribuir folhas de papel e canetas Ter relógio para cronometrar o tempo</p> <p>Registos na grelha de observação</p> <p>Ter apresentação PP na pen, ter vídeo projector e tela</p> <p>Discussão/debate Distribuição dos “Cadernos diários”</p> <p>Distribuição das fichas</p>

Ficha de Sessão: 06/05/2011

Local: Centro de Artes e Ofícios 18h30 às 20h00

Nº de presenças 6

Objetivos: Apresentações de novos elementos que não puderam estar presentes na 1ª sessão. Apresentação dos registos feitos no “Caderno Diário, discussão das questões apresentadas. Listagem de ideias para trabalho conjunto/atividades.

Metodologia	Logística
<p>>Boas Vindas,</p> <p>> Resumo da sessão passada; distribuição de doc's de PP apresentado, recolha das fichas de avaliação da sessão anterior ,</p> <p>>Apresentação oral dos novos elementos ao grupo;</p> <p>>Leitura dos registos dos “Cadernos Diários”, Explicação aos novos elementos, discussão conjunta sobre as questões apresentadas,</p> <p>> Listagem de ideias e/ou actividades a realizar, hierarquização de pontos de reflexão,</p> <p>>Avaliação da sessão com exercício oral de resumir numa palavra como foi a sessão, mais preenchimento da ficha de avaliação.</p>	<p>Fazer cópias do doc .de apresentação,</p> <p>Levar restantes cadernos diários para novos elementos</p> <p>Anotações da discussão de ideias, registo na grelha de observação</p> <p>Ter fichas de avaliação, anotar a avaliação oral</p>

Ficha de Sessão: 13/05/2011

Local: Centro de Artes e Ofícios 18h30 às 20h00

Nº de presenças: 6

Objectivos: Apresentação dos registos feitos no “Caderno Diário, discussão das questões apresentadas. Listagem de ideias para trabalho conjunto/actividades.

Metodologia	Logística
<p>>Boas Vindas ,</p> <p>> Resumo da sessão passada; recolha das fichas de avaliação da sessão anterior,</p> <p>>Leitura dos registos dos “Cadernos Diários”, verificar quais as 3 evidências de parental idade positiva registadas durante a semana, discussão conjunta,</p> <p>> Listagem de ideias e/ou actividades a realizar, hierarquização de pontos de reflexão,</p> <p>>Avaliação da sessão com exercício de dinâmica de grupo “ O ponto quente “, Mais preenchimento da ficha de avaliação.</p>	<p>Anotações da discussão de ideias, registo em grelha de bservação e grelha de tipologia de participações</p> <p>A Dinâmica consiste em formar um círculo com todos os elementos e um a um vai ao centro dizendo uma palavra que resuma a sessão, quem estiver de acordo avança até à pessoa se estiver em desacordo recua.</p>

Ficha de Sessão: 20/05/2011

Local: Centro de Artes e Ofícios 18h30 às 20h00

Nº de presenças: 6

Objetivos: Apresentação dos registos feitos no “Caderno Diário, discussão das questões apresentadas. Listagem de ideias para trabalho conjunto/atividades.

Metodologia	Logística
<p>Boas Vindas,</p> <p>> Resumo da sessão passada; recolha das fichas de avaliação da sessão anterior,</p> <p>>Leitura dos registos dos “Cadernos Diários”, verificar</p> <p>> Listagem de ideias e/ou atividades a realizar, hierarquização de pontos de reflexão,</p> <p>>Avaliação da sessão com exercício de dinâmica de grupo “ Hoje senti-me ...”, mais preenchimento da ficha de avaliação.</p>	<p>Anotações para grelha de tipologia de intervenções</p> <p>Anotações na grelha de observação</p> <p>Pergunta-se a cada elemento do grupo para numa frase curta resumir o que sentiu nesta sessão.</p>

Ficha de Sessão: 27/05/2011

Local: Centro de Artes e Ofícios 18h30 às 20h00

Nº de presenças: 6

Objetivos: Apresentação dos registos feitos no “Caderno Diário, discussão das questões apresentadas. Listagem de ideias para trabalho conjunto/atividades.

Metodologia	Logística
<p>Boas Vindas,</p> <p>> Resumo da sessão passada; recolha das fichas de avaliação da sessão anterior,</p> <p>>Leitura dos registos dos “Cadernos Diários”, verificar</p> <p>> Listagem de ideias e/ou actividades a realizar, hierarquização de pontos de reflexão,</p> <p>>Avaliação da sessão com preenchimento de ficha</p>	<p>Anotações para grelha de tipologia de intervenções</p> <p>Anotações para grelha de observação</p>

Ficha de Sessão: 23/06/2011

Local: Centro de Artes e Ofícios 18h30 às 20h00

Nº de presenças: 3

Objetivos: Apresentação dos registos feitos no “Caderno Diário, discussão das questões apresentadas. Redação de carta e proposta para agrupamento

METODOLOGIA	LOGISTICA
<p>Boas Vindas ,</p> <ul style="list-style-type: none">> Resumo da sessão passada; recolha das fichas de avaliação da sessão anterior,>Leitura dos registos dos “CADERNOS DIÁRIOS”, verificar> Redacção de carta e proposta para agrupamento a ser distribuída no próximo ano lectivo sobre as crianças com nees e seu processo de avaliação>Avaliação da sessão com preenchimento de ficha de avaliação	<p>Anotações para grelha de tipologia de intervenções</p> <p>Anotação da redação de documento a ser entregue</p>

2.6 – Modelo de grelha de observação das sessões de IP

Unidade: Sala de sessões no CAO (modelo)

ÁREA DE OBSERVAÇÃO	Categoria	Acções
Sessão de grupo	Dinâmica Participação	Número de participantes Número de intervenções Satisfação dos participantes
Interações	Relacionamento intergrupar	Relação entre participantes Relação entre participantes e investigadora

2.7 – Modelo de grelha de observação registos / tipologia de intervenções

Tipologia das Intervenções	29/04/2011	06/05/2011	13/05/2011
DESCRITIVA (Sobre seu próprio caso)	<p>Sessão de apresentação. Apresentou-se os objectivos do trabalho de investigação e sua metodologia.</p> <p>Cada elemento apresentou -se individualmente revelando logo aos demais qual o caso da sua criança, o ambiente criado foi informal e cordial permitindo uma fluência de discurso de cada um de forma agradável.</p>	<p>A questão levantada por uma das mães em não dar a conhecer ao filho, nem querer que outros pois saibam muito sobre a sua problemática, levou a uma discussão de partilha de opiniões sobre como é que cada uma já fez com seu próprio filho para lhe dizer que ele é diferente e para dizer a colegas, pais, prof e auxiliares as suas particularidades.</p> <p>Haverá a realçar duas afirmações feitas. “ Eles têm de saber as diferenças que têm, sabendo que todos somos diferentes” , “ A necessidade da aceitação é fundamental e eles só podem defender-se de algo/algum se souberem e sentirem quais as suas diferenças” , “ Saber qual a sua diferença é importante para manter alguma auto-estima da criança”</p>	<p>Nesta sessão devido ao que tinha sido pedido como exercício para fazer em casa (anotar no caderno 2 ou 3 exemplos de acções de parentalidade positiva praticadas durante a semana) a sessão foi fértil em exemplos de cada uma das participantes , todas leram as suas anotações.</p>
DE PARTILHA (para ajuda ao outro)	<p>Todos os elementos mostraram motivação para a partilha das problemáticas, grande vontade de fazer relatos.</p>	<p>Uma das mães que tomou a palavra sobre a temática foi muito explícita em pormenores de partilha do seu caso , como um caso em que foi sempre bem sucedida ao falar com todos sobre as dificuldades diferenças do mesmo. Deu apoio e encorajamento para esta outra mãe que pelo facto da NEE que o seu filho têm não ser visível logo à primeira vista , opta por não a revelar e vai lidando com a situação “passo a passo” com o próprio filho cada vez que ele lhe coloca alguma questão sobre isso . Outros elementos do grupo também colaboraram nessa partilha sugestiva de se falar abertamente com as crianças desde cedo e de as fazer aceitar essas suas</p>	<p>Ao darem os seus exemplos acrescentaram na conversa sugestões de ajuda para uma ou outra problemática falada e novamente houve um reforço de motivação e partilha entre todas.</p> <p>Também houve um sentimento de satisfação por estarem ali partilhando entre casos tão distintos uns dos outros o que dá uma perspectiva de como não estamos assim “tão sozinhas” e de que afinal “há quem tenha mais problemas do que eu”</p>

Meninos Especiais, Pais Diferentes

		diferenças.	
DE PROPOSTAS (para actividades locais)		<p>Foi referida a necessidade dos pais/famílias destas crianças terem de ser eles próprios a terem de pedir à escola alterações nos edifícios e equipamento dos mesmos para facilitar a inclusão das suas crianças na escola.</p> <p>A conversa tb sugeriu ideias de se poder vir a ter em S.Brás um Centro de Juventude com workshops e ateliês para estas crianças com necessidades educativas juntamente com outros jovens; se possível até dinamizadas por jovens locais e/ou voluntários</p>	<p>Foi novamente retomada a ideia da necessidade de um lugar de convívio e actividades multidisciplinares e lúdicas com recurso a professores/educadores e/ou voluntários</p>
PROPOSTAS FUTURAS (para trabalho médio/longo prazo)		<p>Mostram muita preocupação na fase da adolescência entrada na idade adulta para estas crianças que saindo da escola (geralmente do ensino básico 9º ano ou secundário) ficam sem qualquer apoio ou resposta pois o mercado de trabalho não tem respostas. As famílias ficam de novo com um jovem em casa sem lhe poder dar ocupação, as respostas sociais são inexistentes; exprimiram vontade de se poder fazer algo no sentido de respostas a este problema, junto de IEFP ou entidades locais e empresas.</p>	
OUTROS ASSUNTOS	<p>Aceitaram a proposta do uso do “Caderno Diário” como instrumento de trabalho de registo e anotações para reflexão entre sessões.</p> <p>Falaram de questões de sigilo e ética a cumprir por todas para que se possam sentir à vontade para partilhar pormenores dos seus casos.</p> <p>Marcou-se dia e hora da semana mais conveniente para a realização das sessões. Ficou estabelecido a sexta-feira das 18h30 às 20h00 nas instalações do CAO</p>	<p>Nesta sessão fez-se um exercício de dinâmica de grupo de avaliação oral na qual se pedia a cada elemento que resumisse numa palavra o que tinha sido a sessão deste dia; as palavras expressas foram:</p> <p>Reconfortante Familiar Positiva Desabafo Interessante Partilha</p>	<p>Nesta sessão houve recuso a mais uma dinâmica de grupo avaliativa e o registo oral foi o seguinte:</p> <p>Desabafos Amiga Partilha de experiencias Saber ouvir Rica para trabalhar Emotiva</p>

Meninos Especiais, Pais Diferentes

		<i>A orientadora esteve presente nesta sessão na primeira meia hora</i>	
--	--	---	--

Continuação...

Tipologia das Intervenções	20/05/2011	27/05/2011	23/06/2011
DESCRITIVA (Sobre seu próprio caso)		3 Elementos trouxeram e dispuseram-se a ler ao grupo as suas mensagens para difundir a outros pais sobre a problemática das aprendizagens e avaliação de crianças com Nee's	
DE PARTILHA (para ajuda ao outro)	Como a tarefa que o grupo tinha decidido fazer em casa era a de pensar actividades que vissem serem importantes ou necessárias e possíveis de fazerem promovidas ou dinamizadas pelo grupo, foram descritas várias ideias com as respectivas argumentações		
DE PROPOSTAS (para actividades locais)	<p>Apresentar para outros pais na comunidade sob a forma de teatro o que é uma família com uma criança com NEE's .</p> <p>Falar a outros pais, professoras e auxiliares porque é que estas crianças têm um plano curricular diferente e são por isso avaliadas de forma diferente.</p> <p>Houve quem disse-se no grupo poder ser voluntária para ir à escola falar sobre esta questão, fazer uma apresentação para a comunidade escolar se fosse possível.</p> <p>Proposta de uma sessão para pais/ mães com o testemunho real de uma destas mães sobre como é a sua vivência.</p> <p>Proposta de colocar na caderneta escolar de todos os alunos uma informação que dê a conhecer aos outros pais de que nessa turma existe uma criança diferente e que trabalha de forma diferente e por isso tb tem de ser avaliada de maneira diferente.</p>	<p>Após a leitura dos textos e uma vez que um deles estava redigido em forma de carta na voz de uma criança, todas gostaram muito e votaram ser essa uma boa proposta para fazer ao agrupamento de escolas para ser colocada essa carta na contra capa da caderneta escolar a ser distribuída no início do próximo ano lectivo.</p> <p>Uma vez que tb havia bons parágrafos escritos nos outros textos ficou o compromisso de tratar de se juntarem os textos todos e de na próxima sessão haver um texto novo, único e final a prepara. Acordaram entre eles trocaram fotocópias dos mesmos para poderem reflectir sobre a nova redacção a fazer .</p>	<p>Releram-se os textos e elaborou-se em conjunto uma proposta de texto tipo carta dirigido a todos os pais encarregados de educação para vir a ser colocada e distribuída em formato A% na contracapa das cadernetas escolares no início do ano lectivo 20011/2012.</p> <p>Redigiu-se a carta com o pedido por parte deste grupo de trabalho para o agrupamento de escolas, tendo ficado o mesmo destinado às cadernetas dos alunos do 1º ao 3º ciclo de ensino.</p>

DE PROPOSTAS (para trabalho futuro)	Reflectir para a sessão seguinte como se poderiam realizar algumas das propostas sugeridas, de que forma, com que metodologia de trabalho, contando com que recursos ??	Proposta de realizar uma exposição em fotos/Texto ou áudio vídeo se houvesse possibilidade sobre como é um dia na vida de um autista, ou de uma criança com mobilidade reduzida. Promover reuniões com outras mães sobre opinião de se dar ou não a conhecer as NEE's da criança à na comunidade e à sociedade em geral.	Foi avançada a necessidade de não se perder a vontade e de verificar como será possível fazer-se pedidos de estágios às empresas locais para crianças e jovens com NEE's que já tenham deixado a escola
OUTROS ASSUNTOS	Porque a sessão foi tão rica em sugestões e discussão das mesmas, não existiu tempo para a dinâmica de grupo oral que estava preparada para a sessão, pelo que todas pediram para não a realizar e que fariam a mesma nas fichas de avaliação escrita .		

2.8 - Transcrição dos registos das grelhas de observação por sessão de grupo de IP

<p>29/04/2011</p> <p>Dinâmica Participação</p>	<p>e Estiveram presentes 5 elementos. Todos fizeram a sua apresentação individual incluindo a investigadora que apresentou através de um Power point o trabalho de investigação que pretende fazer.</p> <p>Todas as presentes puderam intervir mais do que uma vez, dando a conhecer o porquê da sua vontade de participar e apresentando o seu caso próprio sobre o acompanhamento de crianças com NEE's.</p> <p>Como assunto que mais sobressaiu nesta primeira sessão saliento as questões de ética e sigilo manifestado pelas participantes na vontade de permanecerem anónimas e de não se gravarem as sessões. Aceitaram que das mesmas a investigadora fizesse registos escritos e que pudesse utilizar fichas de avaliação individuais. Aceitaram ainda a sugestão de uso como instrumento de registo um “caderno diário” individual para cada uma que irá servir como o seu instrumento de anotação e reflexão.</p> <p>Todas as participantes se mostram atentas e disponíveis às informações apresentadas.</p> <p>Todas foram ficando há vontade à medida que cada uma delas ia fazendo a sua apresentação. Verificou-se uma vontade grande de fazer relatos e o ambiente foi de partilha. Foi fácil chegar a acordo sobre as regras de funcionamento, definição de dia, hora, duração e local para a realização das sessões do grupo.</p>
<p>Interacções</p> <p>06/05/2011</p> <p>Dinâmica Participação</p>	<p>e Estiveram presentes 6 elementos.</p> <p>Como neste dia chegou um elemento novo que não tinha podido comparecer na primeira reunião e também esteve presente a orientadora da tese, as participantes voltaram a fazer uma ronda de apresentação.</p> <p>Essas apresentações levaram a comentar mais uma vez os seus casos e experiências próprias. A conversa rondou à volta de aspectos de auto-estima que é muito necessária a estas crianças. Também a necessidade de aceitação que é necessária sentirem enquanto diferentes. Foram sugeridas várias ideias para uma melhor integração destas crianças e para fazer face a algum apoio que as famílias sente que necessitam.</p> <p>Sugestão de um centro de ocupação juvenil. Manifestada também a preocupação de que quando estas crianças deixam a escola e qual as soluções existentes? Praticamente nada existe, voltam a tempo inteiro p a família ou vão para instituições, que também não são fáceis de encontrar.</p> <p>Avaliação oral da sessão com exercício de grupo dizer numa palavra como sentiu a sessão: Reconfortante, Familiar, Positiva, Desabafo, Interessante, Partilha.</p> <p>Esta sessão teve um ambiente muito harmonioso e reconfortante com um sentimento forte de partilha. Enquanto investigadora voltei a explicar alguns dos objectivos do trabalho explicando a necessidade de não intervir no conteúdo das sessões, as quais deverão ser desenvolvidas pelo próprio grupo no sentido que for escolhido por este.</p>
<p>Interacções</p> <p>13/05/2011</p> <p>Dinâmica Participação</p>	<p>e Estiveram presentes 6 elementos. 3 Mães deram-se como voluntárias para lerem dos seus cadernos, os seus exemplos de parental idade positiva.</p> <p>Essas leituras levaram a conversa ao assunto de como é que as crianças diferentes são avaliadas de forma diferente por terem os seus planos individuais e conteúdos também diferentes e como isso não é entendido por outros pais das crianças na turma e que faz gerar mau ambiente e discriminação entre as próprias crianças. Foi sugerido ver se seria possível desenvolver-se junto de professores e na escola fazer algo para explicitar melhor como é que estas crianças estão na escola e que “não é nenhum favor” ser feita uma avaliação diferente. A continuidade da conversa voltou a</p>

tocar as questões da ocupação dos jovens, houve sugestões de se conseguir uma equipa de voluntários que pudessem vir a desenvolver actividades dirigidas a jovens com Nee's.

Esta sessão foi muito participada e com muita vontade de argumentação, muita partilha de ideias e sugestões. A avaliação oral da sessão juntou como opção as palavras: Desabafos, amiga, partilhar experiencia, saber ouvir, rica para trabalhar, emotiva.

Interacções

20/05/2011

Dinâmica Participação

Estiveram presentes 6 elementos. Foi retomada a conversa da sessão anterior sobre as actividades já sugeridas por todas no sentido de analisar qual delas poderá ser posta em prática desde já e o que será necessário equacionar para que outras possam vir a ser desenvolvidas. Mais uma vez se discutiu a volta da necessidade de informação das outras crianças e pais na escola, assim como da importância das próprias crianças com Nee's saberem a sua condição para que elas próprias se "defendam" de insultos, agressões ou discriminações. Surgiram sugestões de no próximo ano lectivo se fazerem sessões para mães/pais com o testemunho de uma destas mães sobre como é acompanhar na escola uma criança destas. Essa vontade de informar outros pais ficou bem expressa por todas como sendo uma necessidade urgente e talvez possível deste grupo fazer, colocar por escrito esta mensagem e distribuir aos pais. Ficaram de pensar e realizar o texto.

Sente-se cada vez mais a cumplicidade entre os elementos do grupo, uma vontade colectiva de arranjar soluções para necessidades comuns.

Embora também se sinta alguma discordância em certos pontos de vista sobre como abordar estes temas com terceiros e até com as próprias crianças. Todas demonstram muita satisfação nestes momentos de partilha.

Interações

27/05/2011

Dinâmica Participação

Estiveram presentes 6 elementos. 3 das mães foram voluntárias para ler os seus textos de "Carta" para ser distribuída aos encarregados de educação. Discutiu-se então sobre fazer um texto único reescrito de novo aproveitando ideias e parágrafos dos textos apresentados por uns estarem melhores do que outros. Concordou-se em solicitar ao agrupamento de escolas que pudesse distribuir a mensagem colada na conta capa da caderneta escolar das crianças do 1º ao 3º ciclo de ensino. Temas como fazer um teatro filmar e colocar no site da escola assim como outra informação foram mais uma vez abordados como ideias para continuar a pensar para virem a ser postas em prática. Também ideias de exposição.

O clima de trabalho é muito bom com entusiasmo e vontade de fazer mais coisas.

No entanto há também um sentimento de alguma dificuldade em como vir a concretizar essas suas vontades.

Interacções

Sessão
FINAL

Estiveram presentes 3 elementos. Concretizaram a finalização da tarefa de ter um texto e uma carta de apresentação para o agrupamento de escolas, solicitando a divulgação da mensagem sobre as crianças com Nee's para os outros encarregados de educação. Assinaram a carta e a mesma será entregue nesta semana. Identificou-se que esta seria a penúltima sessão a realizar até ao final da elaboração do trabalho de tese uma vez que as pessoas vão de férias e só regressarão nos finais de Setembro quando a mesma já deverá estar concluída para entrega. No entanto todas selaram compromisso de se voltarem a reunir de novo em Outubro.


O sentimento de interrupção ficou patente entre todas, com um pouco de tristeza, estavam a gostar de partilhar estes momentos sempre no final de cada semana. Ficaram de falar com as colegas e confirmar a data para a sessão final.

Interacções

ANEXO 3 – Documentos de apoio

3.1 - Convite

CONVITE PARA SESSÃO INFORMATIVA NA COMUNIDADE ESCOLAR



SESSÃO DE INFORMAÇÃO



CONVITE AOS ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO

24 de Março 2011 pelas 18h30 Auditório da Escola Poeta Bernardo de Passos

“ MENINOS ESPECIAIS, PAIS DIFERENTES”

Com a participação de representantes da Associação – PAIS EM REDE – Núcleo Distrital de Faro

Apoio
Agrupamento de Escolas José Belchior Viegas



3.2 - Apresentação Power Point do trabalho de investigação



MENINOS ESPECIAIS PAIS DIFERENTES

TESE DE Mestrado em
Educação Social

Sessão de Informação - 24 de Março 2011
Auditório da Escola Poeta Bernardo de Passos
Apresentação de Dora Barradas

METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO- ACÇÃO

A Investigação Participativa “...é mais comumente descrita como uma actividade integral que combina investigação social, trabalho educativo e acção “

Hall e Kassam (1985)

“A IA busca intervir na realidade investigada de maneira mais directa, tratando de contribuir para que os grupos de base se movam na realidade podendo alcançar as suas metas “

Léon Zamosc (1987)

“O fim explícito da IAP é conseguir uma sociedade mais justa onde não haja pessoas que sofram por não ter modo de satisfazer as necessidade essências da vida”

Peter Park (1989)



PODE A PARENTALIDADE POSITIVA PROMOVER CIDADANIA PARTICIPATIVA ?

- **Objectivos**
- Identificar processos de reflexão sobre formação de adultos através das práticas do envolvimento parental
- Relatar experiências parentais adoptadas para a promoção da participação cidadã
- Seleccionar opções partilhadas de envolvimento parental que possam contribuir para o maior envolvimento da comunidade educativa

O QUE É PARENTALIDADE POSITIVA ?

Parentalidade orientada para um desenvolvimento integral e equilibrado das criança, proporcionando-lhes todos os instrumentos necessários, no sentido de que estas se venham a tornar adultos socialmente integrados e responsáveis .

Recomendação 16 (2006) do Conselho da Europa

A PARENTALIDADE... NÃO É UM DESTINO MAS UM CAMINHO...

Que estilo de pai/mãe sou eu?

Sei ouvir ?

Como comunico com o meu filho?

Estimulo a sua auto-estima e individualidade?

Que limites discutimos juntos ?

Conversamos sobre cada um de nós como membros de uma família?

Sou um modelo de identificação e figura de suporte para os filhos?

Eu e a escola somos parceiros da estruturação de desenvolvimento da criança?

E COMO QUALQUER CAMINHO, É PRECISO PREPARAR-SE...

O QUE É PARTICIPAÇÃO CIDADÃ ?

Uma noção de “*cidadania responsável*” que levanta questões que dizem respeito à **consciência** e **ao conhecimento dos direitos e deveres**. Está estreitamente ligada a **valores cívicos** como a **democracia** e os **direitos humanos**, **igualdade**, participação, **parceria**, **coesão social**, **solidariedade**, tolerância com a diversidade e justiça social.

Inn: Estudo Eurydice- Educação para a Cidadania nas Escolas da Europa

EDUCAR PARA A CIDADANIA faz parte das mais actuais directivas Europeias

O DESAFIO AQUI E AGORA É ?

Querer reflectir sobre
parentalidade

Vontade de Partilhar
experiências

Disponibilidade para
discutir conjuntamente

Ser um
cidadão
participante

Ser pró-activo na
educação dos filhos

Promover maior inclusão

Como pai/mãe... **QUER FAZER PARTE DESTE GRUPO DE
TRABALHO ?**

Obrigada pela atenção dispensada !



3.3 – Ficha de avaliação de sessão pública

SESSÃO DE INFORMAÇÃO- AVALIAÇÃO

“MENINOS ESPECIAIS, PAIS DIFERENTES”

24 MARÇO 2011, AUDITÓRIO ESCOLA POETA BERNARDO DE PASSOS

Por favor assinale as suas respostas com X

1- Como teve conhecimento da realização da sessão?

.Recebeu convite levado pelo seu filho _____

.A professora convidou _____

.Outros pais convidaram _____

. Outra forma, qual? _____

2- Já conhecia a Associação “Pais em Rede”? sim _____ não _____

3- Gostou da sessão? sim _____ não _____

4- Está interessado em associar-se a esta associação? sim _____ não _____

5- Mesmo não sendo sócio acha de interesse seguir e/ou participar com o trabalho desta associação? Sim _____ não _____

6- Entendeu a apresentação da tese de Mestrado “meninos especiais, pais diferentes”? sim _____ não _____

7- Gostaria de ser voluntário no grupo de investigação? Sim _____ não _____

8- Se respondeu sim por favor deixe seus contactos para que possamos enviar informação e confirmar datas de encontro.

Nome _____ Telf. _____

e.mail _____

Obrigada pela colaboração!

3.4 – Carta para o órgão de gestão do agrupamento escolar

S.Brás de Alportel, 5 de Julho, 2011

Ex.ª Sr.ª Directora do Agrupamento de escolas de S.Brás de Alportel

Prof. Violantina Hilário

O grupo de investigação participativa de mães e auxiliares da comunidade escolar de S. Brás, da tese de mestrado “Meninos Especiais, Pais diferentes”, discutiu nas suas sessões de trabalho a necessidade de prestar informação e solicitar colaboração de outros pais/encarregados de educação, das crianças nas escolas entre o 1º e 3º ciclo de ensino.

Nomeadamente sobre as diferenças de currículos e avaliação das crianças com NEE’s em relação aos colegas.

Sentida a necessidade de um aprofundamento esclarecedor a todos os encarregados de educação sobre as diferenças de estudo/aprendizagem, que este meninos têm, o qual se reflecte na forma de avaliar dos professores.

Sobre o assunto exposto e numa forma colaborativa vimos por este meio solicitar o apoio desse agrupamento na transmissão da referida informação ser possível de facultar no próximo ano lectivo 2011/2012 em todas as cadernetas escolares (agrafado na capa) do 1º ao 3º ciclo sob a forma de missiva de uma criança. (em anexo)

Certas de vosso melhor acolhimento sobre o exposto,

Com os melhores cumprimentos,

(assinaram os elementos do grupo e investigadora)

3.5 – Cronograma de atividades do trabalho de investigação

CRONOGRAMA DE ATIVIDADES
Projecto de investigação “ MENINOS ESPECIAIS, PAIS DIFERENTES “

TAREFA/DATA	SET. 2010	OUT. 2010	NOV. 2010	DEZ. 2010	JAN. 2011	FEV. 2011	MAR. 2011	ABR. 2011	MAI. 2011	JUN. 2011	JUL. 2011	AGT. 2011	SET. 2011
Pesquisa	■	■	■	■	■	■	■	■	■				
Observação	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■			
Entrevista/Inquéritos			■	■	■								
Actividades						■	■	■	■	■			
Reflexão /Análise						■	■	■	■	■	■		
Redacção da tese			■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■

3.6 – Texto da Associação “Pais em rede”

Bem-vindo à Holanda”

Frequentemente pedem-me para descrever a experiência de dar à luz uma criança com deficiência – uma tentativa de ajudar pessoas que não têm com quem compartilhar essa experiência única, a entende-la e a imaginar como é vivenciá-la. Seria como ...

Ter um bebê é como planejar uma fabulosa viagem de férias – para Itália!

Você compra monte de giz, faz planos maravilhosos. O Coliseu. O David, de Miguel Ângelo. As Gôndolas de Veneza. Você aprender algumas frases em Italiano. É tudo muito excitante ...

Após meses de excitação, chega o grande dia, finalmente. Você arruma as suas malas e embarca. Algumas horas depois você aterriza. O Comissário de bordo chega e diz:

“ Bem - vindo à Holanda”!

“Holanda!?” “ diz você – “o que quer dizer com Holanda? “ Eu escolhi Itália! Eu devia ter chegado à Itália. Toda a minha vida sonhei em conhecer a Itália. Mas houve uma mudança no plano de voo – diz o comissário. Eles aterraram na Holanda e é lá que você deve ficar.

A coisa mais importante é que eles não o levaram a um lugar horrível, desagradável, cheio de pestilência, fome e doença. É apenas um lugar diferente. Logo você deve sair e compara novos guias aprender uma nova linguagem; e você irá encontrar todo um novo grupo de pessoas que nunca encontrou antes. É apenas um lugar diferente. É mais baixo e menos ensolarado do que a Itália. Mas após alguns minutos, você pode respirar fundo e olhar ao redor... e começa a notar que a Holanda tem moinhos de vento, tulipas e até Rambrants e Van Goghs.

Mas, todos aqueles que você conhece estão ocupados indo e vindo da Itália... e comentam a toda a hora, o tempo maravilhoso que lá passaram. E por toda a sua vida você dirá: “ Sim, lá era onde eu deveria estar. Era tudo o que eu tinha planejado” E a dor que isso causa nunca, nunca desaparecerá... Porque a perda desse sonho é uma perda extremamente significativa.

Porém... se você passar a sua vida toda remoendo pelo facto de não ter chegado à Itália, nunca estará livre para apreciar as coisas belas e muito especiais ... sobre a Holanda. (Emily Perl Knisley, 1987)

Associação Pais em rede - www.paisemrede.net; peralgarve@paisemrede.net telf.916983957